

A dinâmica expansiva da globalização econômica, juntamente com a primazia do capitalismo e o ajuste estrutural sob o regime neoliberal, tem provocado uma transformação espacial sem precedentes, tanto em partes visíveis – sejam elas paisagens, cidades, povos, edifícios ou infra-estrutura –, quanto em componentes mais intangíveis, mas essenciais à organização socioespacial – sejam eles memórias, saberes, práticas e/ou conhecimentos. A cidade contemporânea é por si mesma um laboratório de tensões que busca dirimir o ordenamento territorial, a maioria das vezes em função das disposições e ideários do Estado-nação constrangido pela dinâmica de intervenção e exercício do poder provenientes de escalas supranacionais. Na cidade de hoje, aparecem desordens múltiplas, formas incompreensíveis de luta que se colocam como absurdas espacialidades que recusam o enquadramento em moldes predispostos pela entelúquia espacial do planejamento urbano. Com as contradições suscitadas pelo crescimento econômico emergem espacialidades de fuga, formas criativas de reafirmar o direito à cidade que transgridem fronteiras e fazem com que os espaços vazios e obsoletos da área urbana cobrem sentido ao serem reclamados e apropriados como lugares de vida pelos sem-teto, migrantes, desempregados, apóstatas, libertários ou, simplesmente, excluídos. No presente volume contém os resultados do Terceiro Congresso Internacional de Estudos Espaciais, que se manteve nesta edição a convicção de que a cooperação e o intercâmbio acadêmico são os caminhos viáveis para fortalecer a proposição de formas de pensamento pertinentes para a conformação de uma comunidade transdisciplinar e transnacional, ponto de partida para a transição a uma forma criativa de ação acadêmica na qual estão envolvidos os centros de investigação integrados na Rede de Estudos Sócio-espaciais.



UFAM

La dinámica expansiva de la globalización económica, aparejada con la primacía del capitalismo y el ajuste estructural bajo el régimen neoliberal, ha provocado una transformación espacial sin precedentes, tanto en porciones visibles, llámense paisajes, ciudades, pueblos, edificios o infraestructura; como en componentes más intangibles pero esenciales de la organización socioespacial, sean estos memorias, saberes, prácticas y/o conocimientos. Esta dinámica de transformación socioespacial reclama por sí misma la validez y urgencia del “giro espacial” en el pensamiento social, el cual para la década del noventa del siglo XX fue visto como una “novedad” y sobre el que hoy queremos volver críticamente como posibilidad de transformación epistémica de la ciencia social occidental. El pensamiento crítico espacial va más allá de las fronteras disciplinares, aboga por la interdicción, el diálogo de saberes y la apuesta por la generación de esquemas de intervención que emerjan de problemas comunes a los que se aplica reflexivamente una perspectiva espacial. Son por ellos bienvenidos al debate los aportes de la geografía, la economía, la lingüística, la arquitectura, la historia del arte, la antropología o la sociología, sin excluir otros más que provinieren de disciplinas afines y, por supuesto, del acumulado de prácticas y saberes con el que comunidades, colectivos y grupos sociales han elaborado la experiencia histórica de configuración de su espacio social. En este volumen se recogen los resultados del Tercer Congreso Internacional de Estudios Socioespaciales, que ha mantenido en esta edición la convicción de que la cooperación y el intercambio académico son el camino viable para fortalecer la proposición de formas de pensamiento pertinentes para la conformación de una comunidad transdisciplinar y transnacional, punto de partida para la transición a una forma creativa de acción académica en la que estamos involucrados los centros de investigación integrados en la Red de Estudios Socioespaciales.

www.redrese.wordpress.com



III Congresso Internacional de Estudos Socioespaciais: Cidades, Fronteiras y Movilidad Humana
III Congresso Internacional de Estudos Sócio-espaciais: Cidades, Fronteiras e Mobilidade Humana



José Exequiel Basini
Vladimir Montoya Arango
Marcia Calderipe Farias Rufino
(Directores)

III Congresso Internacional de Estudos Socioespaciais: Cidades, Fronteiras y Movilidad Humana

III Congresso Internacional de Estudos Sócio-Espaciais: Cidades, Fronteiras e Mobilidade Humana

***CIDADES, FRONTEIRAS E MOBILIDADE
HUMANA. MANAUS. Brasil 23, 24, 25 DE
NOVEMBRO DE 2011.***
**CIUDADES, FRONTERAS Y MOVILIDAD
HUMANA. MANAOS. Brasil 23, 24, 25 DE
NOVIEMBRE DE 2011.**



UFAM

Créditos

PRODUÇÃO/PRODUCCIÓN:

Universidade Federal do Amazonas e Rede Internacional de Estudos Sócio-espaciais. 2012.
Universidad Federal de Amazonas y Red Internacional de Estudios Socioespaciales. 2012.

DIRETORES DA PUBLICAÇÃO/DIRECTORES DE LA PUBLICACIÓN:

José Exequiel Basini, Vladimir Montoya Arango, Marcia Calderipe Farias Rufino.

PROJETO GRÁFICO/DISEÑO GRÁFICO:

Alicia Fernández-Caballero Moreno-Manzanaro

III Congresso Internacional de Estudos Sócio-espaciais: cidade, fronteiras e mobilidade humana

ISBN: 978-85-7401-637-5 Manaus. 2012

© *DOS TEXTOS: Seus autores/DE LOS TEXTOS: Sus autores.*

© *DA EDIÇÃO: Universidade Federal do Amazonas e Rede Internacional de Estudos Sócio-espaciais. Manaus, Brasil*
DE LA EDICIÓN: Universidad Federal de Amazonas y Red Internacional de Estudios Socioespaciales. Manaus, Brasil

A responsabilidade dos argumentos expostos neste livro corresponde a seus autores, assim como o emprego de suas imagens/La responsabilidad de los argumentos expuestos en este libro corresponde a sus autores, así como el empleo de sus imágenes.

CRÉDITOS DO CONGRESSO/CRÉDITOS DEL CONGRESO

CIDADES, FRONTEIRAS E MOBILIDADE HUMANA. MANAUS. Brasil 23, 24, 25 DE NOVEMBRO DE 2011.
CIUDADES, FRONTERAS Y MOVILIDAD HUMANA. MANAUS. Brasil 23, 24, 25 DE NOVIEMBRE DE 2011.

DIRETORES/DIRECTORES:

José Basini, Marcia Calderipe y Raimundo Nonato Pereira da Silva. (U. Federal de Amazonas, Brasil)

COMISSÃO CIENTÍFICA/COMISIÓN CIENTÍFICA:

José Basini (Universidade Federal do Amazonas, Brasil)
Vladimir Montoya, (Universidad de Antioquia, Colombia)
Carlo Emilio Piazzini Suárez (Universidad de Los Andes, Colombia)
Carlos Tapia Martín (Universidad de Sevilla, España)
Nelson Matos de Noronha, (Universidade Federal do Amazonas, Brasil)
Alfredo Wagner Berno de Almeida (Universidade Federal do Amazonas, Brasil)
Marcia Calderipe Farias Rufino. (Universidade Federal do Amazonas, Brasil)

Estas obras estão baixo uma licença de Creative Commons: Reconhecimento-Compartilhar baixo a mesma licença 3.0 Unported
<http://creativecommons.org/licenses/by-sa/3.0/deed.es>

Estas obras están bajo una licencia de Creative Commons: Reconocimiento-Compartir bajo la misma licencia 3.0 Unported
<http://creativecommons.org/licenses/by-sa/3.0/deed.es>

A Rede RESE autoriza a reprodução total ou parcial dos textos produzidos neste III Congresso sempre que se cite a sua procedência/La Red RESE autoriza la reproducción total o parcial de los textos resultados de este III Congreso siempre que se cite su procedencia.

COMISSÃO ORGANIZADORA/COMISIÓN ORGANIZADORA

Andre Zumak, Aquiles Pinheiro, Daniel Tavares, Enily Viera, , Israel Matos, Jose Basini, Kalinda F de Souza, Marci a Calderipe, Marcos Veras, Maur icio Schwade, Michelle B d e Paula, Rafael Amorim, Raimundo P da Silva, Regiane Magalhães, Rosilene Gomes, Taciana Magalhães, Tatiane Mota, Terezinha Amazonense, Thaline Fontes, Valentina Oliveira, Victoria Evia, Wender Araújo.

REALIZAÇÃO CONGRESSO/REALIZACIÓN CONGRESO



UFAM



LEPAPIS - Laboratório Pan-Amazônico
Departamento de Antropologia - DAN

APÓIO CONGRESSO/APOYO CONGRESO



ÍNDICE.

Comunicaciones debatidas en el Congreso. Comunicações discutidas no Congresso.

Conferencia Inaugural y conclusiones del III Congreso. Conferência Inaugural e conclusões do III Congresso

- [pág. 09] Los estudios socioespaciales en los desafíos contemporáneos.
Carlo Emilio Piazzini. Doctorado en Historia, Universidad de Los Andes. Grupo Estudios del Territorio, INER, Universidad de Antioquia. Colombia.

Conferencia temática para el III Congreso. Conferência temática ao III Congresso.

- [pág. 28] As metodologias sócio-espaciais e a descentralização do conhecimento. MAO-MON: Cidades em perspectiva.
José E. Basini. Universidade Federal do Amazonas, Brasil.
- [pág. 52] Sobre socio-espacialidades, territorios y fronteras.
L. Nicolás Guigou. Prof. Agr. PIAVIC-Dpto. de Antropología Social (FHUCE, UDELAR), Núcleo de Antropología de la Contemporaneidad, Dpto. de Ciencias Sociales y Humanas, LICCOM, UDELAR/SNI, ANII, Uruguay.
- [pág. 64] Cartografias da Mobilidade Urbana nas Fronteiras Amazônicas: Geopolítica dos Grandes Projetos e Prelúdio das Redes Socioinstitucionais em Marabá.
Andréa de Carvalho Alvim. Relações Internacionais PUC, Minas, **Felipe Castelo Branco.** Economista PUC, Minas, Geógrafo em Université Vincennes/Saint Denis Paris VIII, Esp. Geoprocessamento UFMG, **Guilherme Saltini Leite.** Agrônomo UnB; Esp. Meio Ambiente e Sustentabilidade FAAP, **Marcio Bahia Labruna.** Doutorando em Geografia Humana FFLCHUSP, Mestre em Geografia em Université Toulouse, Turismólogo (PUC-Minas/ UFMG), **Valnei Pereira.** Doutor em Arquitetura e Urbanismo FAUUSP, Mestre em Planejamento Urbano e Regional IPPUR/ UFRJ, Geógrafo UFMG.
- [pág. 81] Políticas Públicas de Integração Física da Amazônia e a Fronteira Internacional do Amapá.
Eliane Superti, Jadson Luís Rebelo Porto, Carmentilla das Chagas Martins. Universidade Federal do Amapá, Brasil.
- [pág. 97] Las interconexiones territoriales (flujos) como objetos de política pública. El caso de la zona central del departamento de Antioquia (Colombia).
Eulalia Hernández Ciro. Guberney Muñetón Santa. Santiago Gómez Cardona. Universidad de Antioquia – Alcaldía de Medellín, Colombia.
- [pág. 110] Anistia no Brasil: uma Questão a Ser Discutida.
Jacqueline Lobo de Mesquita. Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo, Brasil.
- [pág. 118] Em Busca do Habitar e do Espaço do Lugar.
Rakel Bozza Gomez. Instituto de Arquitetura e Urbanismo - Universidade de São Paulo, São Carlos, Brasil.
- [pág. 129] Relatos, trayectorias y estrategias habitacionales en el espacio barrial de las villas (favelas) de la Ciudad de Buenos Aires.
María Cristina Cravino. Universidad Nacional de General Sarmiento, Argentina.
- [pág. 141] Foucault e a Governamentalidade.
Nelson Matos de Noronha. Doutor em Filosofia pela UNICAMP, Professor do Departamento de Filosofia da UFAM. Brasil.
- [pág. 149] Cidade Contemporânea, Cidade do Empresariamento: aspectos da produção socio-espacial do urbano.
Alves, Manoel Rodrigues; Rizek, Cibele Saliba. Universidade de São Paulo, Instituto de Arquitetura e Urbanismo, Brasil.
- [pág. 162] Espacios negativos: contra y anti como partículas reveladoras en el espacio.
Carlos Tapia Martín. Departamento de Historia, Teoría y Composición Arquitectónicas. Universidad de Sevilla, España. Escuela Técnica Superior de Arquitectura.

Comunicaciones aceptadas para la publicación.

Artigos aceites para publicação.

- La Frontera del Miedo Global: Proteger Para Ser. **Natália De' Carli**. Grupo de Investigación OUT_Arquías, Universidad de Sevilla, España. [pág. 175]
- Movilidad e Incertidumbre de las Fronteras: Sobre La Separación y la Unión en las Sociedades Contemporáneas. **Mariano Pérez Humanes**. Escuela de Arquitectura, Universidad de Sevilla, España. [pág. 183]
- Los espacios subversivos. Refugios y oposiciones frente al poder establecido. **Marta López Marcos**. Investigadora en formación, dpto. HTCA, Universidad de Sevilla, España. [pág. 195]
- Lugares, Utopías y Paisajes de la Desestabilización Sobremoderna. **Jesús Oliva Serrano**. Departamento de Sociología, Universidad Pública de Navarra, España. [pág. 207]
- La visibilización del conocimiento. Mapeado conceptual de redes de investigación. **Carmen Guerra de Hoyos**, Profesora del Departamento de Historia, Teoría y Composición Arquitectónicas. Universidad de Sevilla, España. Escuela Técnica Superior de Arquitectura. **David Soria Pedraza**. Arquitecto. [pág. 211]

***CONFERÊNCIA INAUGURAL E CONCLUSÕES DO
III CONGRESSO/CONFERENCIA INAUGURAL Y
CONCLUSIONES DEL III CONGRESO.***

Los estudios socioespaciales: campo de tensiones y caminos recorridos

Carlo Emilio Piazzini Suárez¹

¹ Doctorado en Historia, Universidad de Los Andes. Grupo Estudios del Territorio, INER, Universidad de Antioquia

Resumen: Conferencia que luego ha sido convertido a texto de conclusiones y expectativas para el III Congreso RESE y la preparación del IV Congreso. Como nodo operador y principal responsable de la RED RE SE, el profesor Piazzini desglosa los términos constituyentes que aglutinan a investigadores de distintas instituciones en cinco países, aporta presupuestos inequívocos para la futura organización y diserta al mismo tiempo sobre la problemática actual de los Procesos Socio-Espaciales.

Palabras claves: Procesos Socio-Espaciales, RESE, Decolonialidad, Espacio.

El Tercer Congreso Internacional de Estudios Socioespaciales: Ciudades, fronteras y movilidad humana, realizado en Manaus en noviembre de 2011, del cual se derivan los textos que componen el presente libro, hace parte de una dinámica de diálogo y trabajo conjunto cuyo motor es la Red de Estudios Socioespaciales-RESE. En este sentido, he considerado pertinente ofrecer en este texto algunas claves que permitan situar esa dinámica, tanto en lo que se refiere a las principales características que permiten definir el campo de los estudios socioespaciales como a la manera en que se ha venido conformando la Red.

Es necesario en primer lugar señalar que no hablo *in abstracto* o desde ninguna parte. La postura que ofrezco es aquella que se ha venido elaborando al ritmo del diseño y consolidación de la Maestría en Estudios Socioespaciales de la Universidad de Antioquia, de las investigaciones del Grupo de Estudios del Territorio que la acompañan, de mi formación de posgrado en las Universidades Nacional de Colombia y de Los Andes y del diálogo con colegas que han avanzado en iniciativas afines de escritura, formación e investigación en España, Brasil, Estados Unidos y Colombia, quienes conforman los nodos de RESE. Tal lugar de enunciación, situado en la periferia pero no al margen de los centros de producción teórica de América del Norte y Europa, puede tener la virtud de advertir y propiciar reelaboraciones, debates y articulaciones a partir de diálogos y trayectorias académicas que, de otra forma, podrían quedar confinadas en tradiciones nacionales o continentales. Resulta cuando menos curioso que aquellos espacios en los que se conformó y desde donde se catapultó la figura de la voz académica que habla “desde ninguna parte” (Shapin 1998) como estrategia para otorgar autoridad epistemológica a un conocimiento “universal”, sean justamente aquellos en los cuales particulares trayectorias nacionales o regionales de producción de conocimiento dificultan a menudo el establecimiento de diálogos que trasciendan las geografías tradicionales de producción de conocimiento.

Walter D. Mignolo (2003) y otros teóricos de la decolonialidad latinoamericana, han planteado que desde los lugares fronterizos de enunciación se pueden ver los dos lados de la diferencia colonial: de una parte las dinámicas, protocolos y contenidos de los ámbitos académicos metropolitanos, y de otra, la manera en que los enfoques, teorías y metodologías allí producidas entran en tensión con los procesos, prácticas y saberes de las periferias. Pero es necesario advertir que el filo de navaja por el que transitan los pensamientos fronterizos no es fácilmente localizable en la diferencia entre el “primer” y el “tercer” mundo o entre regiones desarrolladas y en vías de desarrollo. La jerarquía epistémica funciona de conformidad a una topología más compleja que implica que, el “adentro” y el “afuera” se encuentren localizados tanto en las geografías metropolitanas como en las periferias. Así entendido, ese caminar por las experiencias fronterizas, puede generar condiciones apropiadas para la producción de pensamientos y diseños más pertinentes a las complejas realidades que se encuentran localizadas en medio de intersecciones locales, regionales y planetarias.

Hablo pues desde esos lugares de tan difícil tránsito, en los cuales se propician encuentros como el que nos convocó en Medellín en 2007, en Sevilla en 2009 y en

Manaus en 2011, todos, a su manera, espacios situados en el borde de las redes primordiales del poder global, desde donde hacemos notar las diferencias, las contradicciones, las anomalías que representan esos espacios lisos, que en realidad lo que poseen es su propio estriamiento (sensu Deleuze y Guattari), el cual debemos comprender y hacer visible como condición para crear lugares, paisajes y territorios más equitativos y propicios para habitar.

Lo socioespacial: un campo de tensiones.

La etiqueta de estudios socioespaciales no es convencional. No si se la compara con los campos que conforman el mapa disciplinar de los conocimientos modernos: geografía, antropología, sociología, arquitectura, historia, filosofía, etc. Pero esa comparación es tal vez inapropiada, puesto que la primera característica de los estudios socioespaciales es que son transversales, es decir, que se interesan por problemas de investigación que requieren muchas veces dejar las certezas de los territorios disciplinares y aún académicos para abrirse al diálogo y a la transformación subsecuente de nuestras miradas previas (Piazzini 2004). En este sentido, los estudios socioespaciales comparten con los estudios culturales esa convicción de que lo cultural –y para el caso lo espacial- no son ámbitos de trabajo que se acomoden bien dentro de alguno de los compartimentos disciplinares, ni siquiera de la antropología que en cierto momento se había abrogado el derecho sobre lo cultural, o para el caso, de la geografía como proclamada ciencia de lo espacial.

Resulta necesario diferenciar nuestra perspectiva socioespacial frente al campo de referencia que desde la década de 1980 se ha definido en el medio anglosajón como “enfoque socioespacial”, fundamentalmente orientado al estudio de las problemáticas urbano-regionales que para su tratamiento exigen reconocer la interdependencia de los factores espaciales y sociales, así como la necesidad de adoptar para tal efecto tanto escalas locales como globales. En esta perspectiva Mark Gottdiener, en su trabajo sobre la producción social del espacio urbano, indicaba que “la importancia del enfoque sobre la producción social del espacio es que busca unificar los diversos campos del análisis urbano partiendo de la observación de que los problemas contemporáneos de la sociedad parecen estar crecientemente articulados con o aspectos de naturaleza espacial” (Gottdiener 1985/1995: 19). Basado en la obra pionera de Henri Lefebvre, Gottdiener planteaba como concepto clave de una “nueva sociología urbana” que el espacio es tanto un medio de las relaciones sociales como un producto material que puede afectar las relaciones sociales (Gottdiener 1993: 132).

Esta acepción de los estudios socioespaciales como ámbito de una sociología urbana es la que ha predominado en los medios anglosajones y ha sido exportada a otras geografías durante las dos últimas décadas. Pero aun cuando comparte con el enfoque socioespacial aquí propuesto una preocupación por analizar, de ida y de venida, las relaciones entre espacio y sociedad, así como el interés por las miradas multiescalares, difiere de éste en dos aspectos: en primer lugar, porque la orientación promovida por Gottdiener es claramente disciplinar al delimitar el estudio de esas relaciones dentro del ámbito de la sociología y, en segundo lugar, porque se dirige

fundamentalmente a la problemática urbano-regional, que, si bien es cierto constituye un área de investigación de gran relevancia, no agota, ni mucho menos, el abanico de tensiones y problemáticas que define el campo de acción desde una perspectiva no disciplinar de lo socioespacial.

Podemos decir que son las relaciones, no necesariamente de complementariedad sino sobre todo de tensión entre lo social y lo espacial, las que definen en primer lugar el campo de los estudios socioespaciales. Pero ambos términos de la ecuación son complejos, por lo cual no haríamos mucho diciendo que estamos reclamando mayor atención a los *espacios sociales*, como algo diferente de los *espacios físicos*. Hablar del “espacio social” es a menudo una salida fácil para un problema complejo, pues no se trata simplemente de decir que lo espacial posee una dimensión social, que es una suerte de re-presentación o expresión superflua de lo que en el fondo es una cuestión física. Tampoco se trata de decir, como se hace a nombre de algunos enfoques constructivistas de última generación, que el espacio es siempre el resultado de interpretaciones sociales, prácticas discursivas y significaciones culturales.

Los estudios socioespaciales no deberían tomar partido por una u otra de las vertientes positivistas o subjetivistas que fortalecen y reproducen el largo juego de oposiciones modernas entre lo natural y lo social. Es por ello que la apuesta de los estudios socioespaciales no se agota en una cuestión heurística o de método, en una operación de localización del campo de las espacialidades dentro de las parcelas de las ciencias sociales. Definitivamente no se trata simplemente de ganar el tema del espacio para el pensamiento social. Tampoco de la actualización de un determinismo espacial. En su lugar, se trata de realizar una deconstrucción del orden ontológico y epistemológico que subyace a los esquemas desde los cuales se han definido las categorías de espacio y sociedad, sus relaciones entre sí y los saberes que se han considerado autorizados para dar cuenta de esas entidades, como condición para avanzar en la edificación de nuevas ontologías y epistemologías de lo espacial. Y esta tarea se amplía y complejiza necesariamente con el análisis de las relaciones entre espacio y tiempo.

Como es bien sabido Michel Foucault (1986) realizó una crítica temprana a la concepción del espacio como lo fijo, lo inerte, lo dado, por contraposición a lo dinámico, lo vivo y lo humano del tiempo y de la historia. Una buena genealogía de este primado del tiempo sobre el espacio ha sido realizada por José Luis Pardo (1992) encontrando en la tradición occidental del hermetismo y la interioridad, el origen de esa estrecha correlación entre alma, espíritu y tiempo, que determinó para las materialidades y el espacio un lugar secundario y acaso abyecto. David Harvey (1989), Milton Santos (2000) y Edward Soja (1989) han avanzado en la formulación de lo que serían esas nuevas ontologías y epistemologías en las cuales el tratamiento de lo espacial se realiza de manera simétrica a la cuestión del tiempo, y más ampliamente, comienza a introducirse la categoría espaciotiempo para tratar la mutua interdependencia e incluso el borramiento de la diferencia entre esas categorías (i.e., Harvey 1990, Massey 1999, May y Thrift 2001, Wallerstein 1998).

Una tarea semejante es necesaria en relación con las categorías de sociedad y espacio. Mientras ha sido relativamente frecuente desnaturalizar la categoría de naturaleza (p.e. Smith 1994/2008), no ocurre lo mismo con el ejercicio paralelo de desnaturalización de “lo social”, categoría en relación con la cual se han desarrollado tesis básicas sobre el espacio como producción social (Lefebvre 1974/1991). No obstante, existen indicios que permiten plantear que dicha tesis no conduce en última instancia a sostener que el espacio es simplemente una expresión de las dinámicas sociales, sino que las espacialidades pueden llegar a provocar determinadas dinámicas sociales. La producción social del espacio, operando mediante una dialéctica que comprende los espacios percibidos, concebidos y vividos, no se refiere tanto a la imagen de instituciones, grupos sociales o sujetos que producen espacios como consecuencia de su existencia, funcionamiento, necesidades o intenciones, sino a diferentes prácticas espaciales que son tanto el resultado como la causa de las dinámicas sociales.

El riesgo de reducir lo espacial a una simple expresión o epifenómeno de lo que en el fondo sería una cuestión política, económica o cultural fue advertido por Lefebvre cuando planteó el problema de las ilusiones de opacidad y transparencia. Mientras la ilusión de opacidad hace referencia a aquellas miradas propias del materialismo mecanicista o naturalista, que han considerado el espacio como algo natural y dado que podría ser comprendido mediante un lenguaje científico neutral que habla como si fuese la voz de la naturaleza, la ilusión de transparencia, propia de las filosofías idealistas, se refiere a aquellas otras miradas que han puesto el acento en los espacios mentales como instancia desde la cual se puede dar cuenta de la lógica esencial que rige todas las expresiones espaciales (Lefebvre 1991: 28).

Vale la pena detenerse un momento en este ámbito de los espacios mentales, por cuanto ha sido desde esta concepción que muchos de los discursos elaborados desde las ciencias sociales y humanas han tratado la cuestión del espacio. La presunción fundamental es aquí que “una realidad encriptada se vuelve inmediatamente descifrable, gracias a la intervención, primero del discurso y luego de la escritura”, con lo cual “el fetichismo del mundo de las palabras, o la ideología del discurso, son reforzadas por el fetichismo y la ideología de la escritura” (Lefebvre 1991: 28). Aquí Lefebvre está advirtiendo sobre el logocentrismo de la filosofía y las ciencias en Occidente, y el riesgo que tiene el que, en nombre de la importancia del lenguaje, el discurso, la escritura y la comunicación, se concluya que lo que no puede ser abarcado por las prácticas discursivas, o bien no existe o para todo efecto práctico resulta insignificante.

Desde una postura crítica del logocentrismo no se desconoce que el lenguaje de la ciencia dista mucho de ser una reproducción fiel de la realidad. Por el contrario, se acoge en principio la tesis básica del giro lingüístico, según la cual el lenguaje, lejos de ser un simple medio de comunicación, interviene él mismo en la producción de realidades. Pero el asunto aquí es hasta dónde se puede llevar esa tesis sin caer en un fetichismo lingüístico que finalmente plantea que el mundo es sólo lo que se puede decir (o escribir) sobre él. Ello sería un nuevo solipsismo que, como lo hace notar

José Luis Pardo (1992), implica el cierre del pensamiento a las exterioridades; la clausura de las miradas doctas ante lo que bulle por fuera del lenguaje.

Edward Soja (1989) ha reelaborado la dupla opacidad/transparencia de Lefebvre, empleando una metáfora que contrasta las miradas miopes e hipermétricas del espacio, señalando que mientras la primera quisiera detenerse en las superficies y extensiones cuantificables y medibles del espacio físico, la segunda corresponde a aquella que en la búsqueda de explicar las espacialidades las penetran, desmaterializan y traspasan para encontrar, en última instancia, que éstas se deben a modelos mentales que residen en los ámbitos psicológicos, sociales o culturales, frente a los cuales, las espacialidades son sólo manifestaciones, re-presentaciones o epifenómenos. Este es el lugar de no pocos antropólogos, sociólogos y lingüistas que han hecho del espacio nada más que una construcción simbólica y discursiva, con lo cual retornan de alguna manera al solipsismo kantiano.

La dialéctica espacial de Lefebvre busca superar esa larga oposición entre espacios físicos y mentales al considerar un tercer término: el espacio vivido, que no obstante no anula los anteriores. Las percepciones del espacio físico y las concepciones del espacio, aun cuando no permiten dar cuenta integral de las espacialidades, hacen parte de la producción social del espacio, lo cual se hace visible en ese tercer momento de los espacios vividos. Con ello, se reconocen dos asuntos fundamentales: primero: que las percepciones y concepciones del espacio como una entidad “natural”, son en realidad producciones sociales, y segundo, que las elaboraciones discursivas del espacio tienen un límite y que por lo tanto no pueden pretender reemplazar las espacialidades por su representación en el mundo del lenguaje. No obstante, prevalece aquí un problema y es que el ámbito “social” del espacio como producción parece darse por sentado y no requerir, como en el caso de lo “natural” una explicación.

Así, aun cuando la concepción de lo social en Lefebvre no es convencional, pues el espacio no se reduce por una parte a lo que se pueda decir de él, y por otra parte se reconoce que las espacialidades mismas pueden transformar las dinámicas sociales, es necesario avanzar hacia una mayor precisión de lo que se entiende por “lo social” en el enunciado básico del espacio (social) como producción (social). Una perspectiva que puede contribuir en esta tarea está en reconceptualizar lo social, no como una categoría dada que antecede lo espacial mismo, sino como una entidad que emerge en determinadas situaciones de relacionamiento/distanciamiento entre actores humanos y no humanos. Por ejemplo, Bruno Latour ha efectuado un ejercicio en esta dirección, indicando en primer lugar que las categorías de naturaleza y sociedad emergen en el proceso de purificación mediante el cual el pensamiento moderno ha pretendido separar lo humano de lo no humano, pese a la proliferación de híbridos que no se acomodan bien en ninguna de esas dos categorías (Latour 1993). Segundo, que una re-significación de lo social desde su acepción de “socius”, como alguien que está siguiendo a alguien más, un seguidor, un asociado (Latour 2005: 108), introduce una perspectiva diferente de la sociedad, desde la cual ya no se trata de identificar relaciones de causalidad entre un fenómeno y las fuerzas sociales (económicas, políticas, ideológicas, culturales) que lo producen, sino entre actores que devienen

como tales en la medida en que se relacionan entre sí. Por lo tanto, lo social, entendido como estas asociaciones resultantes, no explican sino que deben ser explicadas: “no hay sociedad, no hay dominio social, no hay relaciones sociales, sino traducciones entre mediadores que pueden generar asociaciones detectables” (Latour 2005: 108).

Entonces, pese a que los académicos y los políticos hacen a menudo como si en efecto existiera una naturaleza de lo social, como si el mundo estuviera dividido entre lo natural y lo social, estos no son dominios dados de la realidad. En el medio académico, antes de iniciar una investigación, antes de elegir un campo del conocimiento en el cual formarse o en el cual desempeñarse, se parte a menudo de la existencia indiscutida de una parcela natural o social del mundo en donde esos ejercicios deberían inscribirse. Entonces somos científicos naturales o sociales. Pero ¿qué pasa si lo que uno quiere conocer, comprender o explicar se localiza en medio de esas parcelas, en el territorio fronterizo en donde habitan aquellos híbridos que son vástagos del pensamiento dual de la modernidad? ¿Qué hacer si lo que se quiere es abordar las espacialidades conformadas simultáneamente por la relación entre materialidades, y prácticas discursivas y no discursivas? ¿Qué camino tomar si de lo que se trata es de explicar la manera en que las tecnologías se ensamblan con los cuerpos y dispositivos cibernéticos, o cómo agencian la existencia simultánea e interdependiente de lo físico y lo virtual? ¿Cómo afrontar, en fin, aquellas realidades en donde las voluntades, las conciencias y los afectos humanos, en lugar de resultar determinantes, se encuentran mediados, afectados o por lo menos son tan importantes como aquellas otras existencias que, perteneciendo al ámbito de lo no-humano, resultan no obstante ejerciendo una agencia en el mundo?

La respuesta puede estar justamente en aquellos pensamientos y diseños fronterizos, que tienen lugar en los intersticios de las cartografías disciplinares y los bordes de los pensamientos metropolitanos. Allí es donde se sitúan los estudios socioespaciales. En general, teniendo en cuenta una crítica simétrica de lo natural y de lo social como dominios dados y preexistentes en virtud de los cuales se ha pretendido explicar el espacio, pero también el tiempo y las materialidades como simples subproductos, expresiones o reflejos de esos dominios, es necesario reconocer entonces que el ámbito de los estudios socioespaciales demarca menos un área de trabajo sobre el espacio como categoría social, que un campo en el que se localizan relaciones problemáticas entre espacio (y materialidades) y sociedad (y tiempo).

Así entendidos, los estudios socioespaciales se encargan no sólo de llamar la atención acerca de la importancia de incorporar las espacialidades en el ejercicio de comprender las realidades pasadas y contemporáneas, sino también de repensar las cartografías disciplinares y comprender las geografías del conocimiento. En esta tarea se impone, consecuentemente, una reconceptualización de categorías que tradicionalmente han estado ligadas a la geografía, tales como territorio, lugar, localización, red, paisaje, región, escala, frontera y urbe, entre otras, tratándolas como formaciones espaciales específicas que deben ser comprendidas simultáneamente en sus aspectos materiales y discursivos.

Otra apertura se hace en la perspectiva de un tratamiento nuevo de las categorías del tiempo. La máquina de producción de espacios que ha descrito Lefebvre en su ejercicio dialéctico, da pie para concebir así mismo una máquina del tiempo. Ya no aquella que, como en H. G. Wells viaja por un tiempo dado, cronológico y lineal desde el pasado hacia el futuro, sino a aquella que produce mediante sus engranajes determinadas formaciones temporales. Entre ellas, la historia, la memoria, la planeación y las modas constituyen dispositivos que sirven al ordenamiento de las percepciones del devenir de los sujetos y las instituciones. Pero esta apertura no estaría completa si no se involucraran las categorías espaciales en el asunto, para poder en última instancia hablar de espaciotiempo.

Así, desde los estudios socioespaciales se comienzan a trabajar en una perspectiva diferente, crítica y más integrada los modelos de planeación y ordenamiento territorial, urbano y regional, así como prácticas sociales e institucionales relacionadas con las memorias y la consagración de los patrimonios. Incluso la forma en que las hibridaciones tecnológicas y cibernéticas, así como la destrucción creativa de las modas, nos hacen percibir que vivimos en un “tiempo real” o creer que el tiempo es ahora más veloz que antes. Por lo demás, resultan absolutamente pertinentes los ejercicios en torno a la comprensión de los procesos de configuración geohistórica de lugares, regiones y territorios, las geobiografías y más ampliamente las geografías del tiempo y de la historia.

La Red de Estudios Socioespaciales: caminos recorridos.

Así entendida, la agenda de trabajo para las investigaciones que se propician desde los estudios socioespaciales es muy amplia. Una muestra representativa del camino recorrido hasta ahora, lo constituyen la serie de seminarios y congresos en los que se ha ido conformando la Red de Estudios Socioespaciales. En 2004, se realizó el congreso *(Des)territorialidades y (No)lugares* en Medellín, suscitado por la apertura de la Maestría en Estudios Socioespaciales que desde el Instituto de Estudios Regionales de la Universidad de Antioquia se venía diseñando un año atrás. En él participaron conferencistas que venían trabajando de forma independiente temas pertinentes en España, Brasil, Venezuela, Estados Unidos, Escocia y Colombia (Herrera y Piazzini 2006). El tema definido para el evento puede ser considerado como una prueba de fuego: cómo justificar la pertinencia y relevancia de los estudios socioespaciales en presencia de tesis acerca de la muerte de los espacios de la mano de la globalización del capital, la cultura y la información.

El título *(Des)territorialidades y (No)lugares*, quería poner en duda dos pares de oposición referidos a nociones que se han vuelto lugares comunes en la literatura social de las últimas décadas. Ideas de territorio y lugar antecedidas por prefijos que denotan negación o deconstrucción, los cuales no obstante fueron puestos entre paréntesis para extender el debate, desde los conceptos positivos, también hacia la negación de los mismos. En última instancia, este juego de palabras quería desnaturalizar tanto las ideas de territorio y lugar como su negación por parte de tesis que pretenden de forma implícita o explícita dar a entender la muerte o paulatina

desaparición de los territorios y los lugares en las dinámicas contemporáneas de globalización. De acuerdo con ésta últimas tesis, podría decirse que frente a los lugares tradicionales estaban emergiendo no-lugares globalizados, mientras que la soberanía y las fronteras estatales estaban siendo desterritorializadas de la mano de flujos migratorios e integraciones económicas a gran escala.

Pero en las diferentes conferencias se puso de manifiesto que dichas percepciones se debían fundamentalmente a la contrastación entre viejas y nuevas concepciones espaciales, más que a la muerte efectiva de las dinámicas espaciales. En efecto, concepciones antropológicas de lugar como espacio cerrado, eran las que habían habilitado planteamientos como el de Marc Augé (2000) al hablar de “no lugares”, mientras que concepciones del espacio reducidas al factor de la fricción por distancia o del territorio y las fronteras como espacialidades de contenido y demarcación de la soberanía estatal, eran las que permitían hablar a otros autores de procesos de desterritorialización, deslocalización y muerte de los espacios y de la geografía por efecto de la velocidad del mundo contemporáneo y los flujos de comunicaciones, especialmente los de tipo virtual (i.e. Virilio 2000).

Con todo, era preciso reconocer que las dinámicas de producción de espacialidades estaban sufriendo profundas transformaciones en las últimas dos o tres décadas. Incluso en la hipótesis de que los espacios territoriales se refirieran fundamentalmente a los estados nacionales, éstos, sin pretender que transitaran hacia una disolución, sí han venido experimentado un cambio notable en su funcionalidad respecto al bienestar de las poblaciones, su papel en la regulación de la economía y su participación en la geopolítica internacional (Cf. Agnew 1994).

La idea de constituir una red que propiciara encuentros y relaciones entre estudiosos de la cuestión socioespacial surgió en el Primer Seminario Internacional de Estudios Socioespaciales, realizado en 2007 también en Medellín. Esta vez, la convocatoria se hizo a propósito de analizar la cuestión de las relaciones entre espacio y poder (Piazzini y Montoya 2008). Una reconceptualización de la geopolítica, que atendiendo a lo planteado por John Agnew (2003) y Gearoid Ó Thuatail (1998), no se limita a los análisis tradicionales sobre tensiones políticas, diplomáticas y militares entre estados o bloques internacionales, sino que trasciende hacia el tratamiento de otras formas de jerarquización y manejo político de las diferencias espaciales, permitió una apertura a varios análisis acerca de la potencia de los espacios. En este tránsito desde lo que sería la Geopolítica hacia las geopolíticas a cualquier escala (los territorios, los cuerpos, las memorias, los conocimientos), las espacialidades fueron abordadas como agentes relevantes para la definición y transformación de las relaciones de poder y no sólo como dispositivos que reproducían relaciones de poder que las antecedían. También se realizaron sugestivas articulaciones entre los estudios socioespaciales y elaboraciones recientes sobre geografías del conocimiento (Agnew 2007), geopolíticas del conocimiento (Mignolo 2002), y sobre biopolítica y ecológica (Cairo 2008, Leff 2006).

En esta ocasión, entre conferencistas que venían tra bajando en Esta dos Unidos, México, España y Colombia y en comunicación con quienes habían participado en la reunión de Medellín en 2004, se propuso la definición de unos nodos iniciales para la conformación de la Red, correspondientes a departamentos universitarios o centros de investigación. El objetivo se orientaba a desarrollar conjuntamente programas, proyectos y actividades académicas, investigativas, de docencia y divulgación, que contribuyeran de manera explícita a la formación y conocimiento en materia de las múltiples relaciones que vinculan los procesos espaciales y las prácticas sociales. Como temas centrales de trabajo estaba dar continuidad a los seminarios o conferencias internacionales cada dos años y la creación de una revista de estudios socioespaciales.

En cuanto al primer propósito, el grupo Outarquías de la Universidad de Sevilla, liderado por Carlos Tapia, Carmen Guerra y Mariano Pérez, organizó el Segundo Congreso Internacional de Estudios Socioespaciales, realizado en Sevilla en 2009. Esta vez la convocatoria fue provocada a propósito del tratamiento del territorio como “demo”, es decir, como “acto” que se produce y que a veces quisiéramos borrar oprimiendo la tecla “deshacer” (Guerra, Pérez y Tapia, 2011). Sin embargo, como se mencionaba en la convocatoria, “que el territorio sea un acto, casi innombrable, una acción, por su conciencia y necesidad, tampoco lo libre de ser es puramente reconocido. Al territorio lo hicimos mapa y pretendimos que al modificar éste, aquel obedeciera. Lo hicimos paisaje y nos excluimos de poder estar dentro. Lo hicimos red y nos atrapó dentro. Ni dentro ni fuera, sólo podíamos ordenarlo, nombrarlo, para ver si alguna vez nos localizábamos en él. Y en la búsqueda del curso de nuestros pasos lo hicimos re-curso. Como no lo encontramos, nos olvidamos de qué buscábamos y creímos que los recursos eran inagotables con tal de seguir buscando. Y de *pagus*, que era un trozo de tierras para cultivar, no inventamos página, que era un trozo de papel para hacerlo propiedad”.

También empleando la metáfora de demo como “piloto” o “demostración”, se trabajaron algunas apuestas desde el pensamiento socioespacial que ya no podrían ser calificadas de utopías: avanzar en el mapeo de geografías del conocimiento, en el reordenamiento de las jerarquías espaciales del poder y la crítica de la inequidad territorial. Asimismo, Sevilla no solo fue la sede del congreso sino también el espacio en donde se pusieron en marcha laboratorios urbanos con participación de los asistentes, de tal suerte que las problemáticas y apuestas del evento conversaron con las territorialidades urbanas.

Es importante anotar que de forma paralela a las actividades propiciadas desde la Universidad de Antioquia en Colombia, en España se venían estableciendo por lo menos desde 2005 iniciativas afines por parte de la Universidad de Sevilla, la Universidad Nacional de Educación a Distancia-UNED y la Universidad de Navarra, en la perspectiva de explorar la posibilidad de poner en marcha un programa conjunto de posgrado en estudios socioespaciales. Varias reuniones tuvieron lugar en Madrid y Sevilla a esos propósitos, entre las cuales cabe destacar el Seminario titulado *El presente de los Procesos Socioespaciales, soportes para lo común e identitario*,

realizado en Sevilla en 2008 bajo la coordinación del grupo Out_arquías (Guerra, Pérez y Tapia 2009).

El grupo Out_arquías constituye un nodo muy importante de la Red, en cuanto ha diseñado y administra la página web de RESE (<http://redrese.wordpress.com>) a cargo de Carlos Tapia, ha elaborado un mapa de las investigaciones publicadas de la Red efectuadas entre 2007 y 2011 (Guerra 2011) y ha promovido publicaciones sobre temáticas relacionadas con el tema socioespacial (p.e. Guerra, Pérez y Tapia 2012).

De otra parte, Heriberto Cairo de la Universidad Complutense de Madrid logró poner en marcha en 2010 una publicación seriada de carácter semestral titulada *Geopolítica(s) Revista de estudios sobre espacio y poder*. En la editorial, se plantea que el propósito de la misma es “publicar artículos originales e inéditos de investigadores, dando preferencia a trabajos que aporten una contribución teórica o metodológica genuina al estudio de la relación entre espacio y poder, especialmente en América Latina y los países ibéricos. Para ello publicará artículos procedentes de varios de los campos de investigación propios de la Geografía Política y de las demás ciencias sociales en tanto desarrollen una perspectiva espacial de análisis. Así mismo, *Geopolítica(s)* aboga por el pluralismo científico, tanto en lo que se refiere a ámbitos de investigación de la Geografía Política, como a perspectivas epistemológicas, metodológicas y técnicas” (<http://portal.ucm.es/web/publicaciones/geopolitica-s-revista-de-estudios-sobre-espacio-y-poder>).

La presencia en el congreso de Sevilla de colegas de Brasil, Estados Unidos, España y Colombia, fortaleció la idea de la Red de Estudios Socioespaciales, que ahora se proyectaba hacia la realización del Tercer Congreso en Manaus, organizado por José Basini y sus colegas de la Universidad Federal del Amazonas, cuyos resultados son presentados en este libro. En Brasil se venían adelantando iniciativas afines, con lo cual la vinculación del nodo Manaus a la RESE permitió una vinculación entre procesos de investigación que ya se encontraban en marcha. Así, por ejemplo, en 2010 la Fundación CAPES/Brasil aprobó un proyecto de cooperación internacional entre Brasil y Uruguay titulado “Ciudades en Perspectiva. Un estudio socioespacial sobre las ciudades de Manaus y Montevideo”. Y en el 2011, antecedendo al Tercer Congreso de RESE, profesores de la Universidad Federal del Amazonas conjuntamente con colegas de la Universidad de la República de Uruguay y la Universidad Federal de Pernambuco, coordinaron grupos de trabajo sobre temas socioespaciales en la Reunión de Antropología del Mercosur, celebrada en Curitiba y en la Reunión Ecuatorial de Antropología, realizada en Boa Vista. De otra parte, el Laboratorio de Estudios Pan-amazónicos –LEPA PIS del Departamento de Antropología de la Universidad Federal del Amazonas, ha venido trabajando en una línea de investigación sobre Estudios Socioespaciales.

El Tercer Congreso de RESE, realizado en 2011, bajo el título *Ciudades, Fronteras y Movilidad humana*, fortaleció la propuesta de los laboratorios urbanos iniciada en Sevilla, con lo cual los eventos de la Red tienden a complementar los espacios académicos con las vivencias que tienen lugar en las ciudades en las que éstos se

realizan. Esta vez la temática giró en torno a las transformaciones de los espacios urbanos y fronterizos, asociados a los movimientos de población. En la convocatoria al congreso se planteaba que “las ciudades contemporáneas son por sí mismas un laboratorio de tensiones que busca dirimir el ordenamiento territorial, la mayoría de las veces en función de las disposiciones e idearios del estado-nación, constreñido por la dinámica de intervención y ejercicio de poder proveniente de escalas supranacionales. La ciudad- proyecto se desvanece e incluso los ordenamientos hegemónicos más acérrimos se tambalean en medio de relaciones geopolíticas que han puesto en primer plano asuntos que escapan al control de la “inteligencia” estatal del antiguo régimen moderno. En la ciudad de hoy, aparecen desordenes múltiples, formas incomprensibles de lucha que se antojan como absurdas espacialidades que se resisten a encajar en los moldes predispuestos por la entelequia espacial del planeamiento urbano. Con las contradicciones suscitadas por el crecimiento económico emergen espacialidades de fuga, formas creativas de reafirmar el derecho a la ciudad que trasgreden las fronteras y hacen que los espacios vacíos de la trama urbana cobren sentido al ser reclamados y apropiados como lugares de vida por los sin techo, migrantes, desempleados, apóstatas, libertarios o, simplemente, excluidos”.

No es gratuito que esta convocatoria se hiciera desde Manaus, lugar que resume bien algunas de las más interesantes dinámicas espaciales de hoy. Ya sea emulando la mirada divina que proveen los mapas satelitales, o caminando por sus calles, avenidas y mercados, Manaus aparece como huella y como artefacto a la vez, dibuja una trama reticular que se impone al sinuoso devenir de los ríos amazónicos, producto de tensiones entre territorialidades ancestrales y estatales signadas históricamente por la economía extractiva y la esclavitud, y más recientemente, por la forma particular en que el estado se ha insertado en la dinámica global del capital. Manaus: globalización de Brasil desde las entrañas del Amazonas; ciudad enigmática, en donde chocan y se ensamblan de una manera sorprendente lo planetario y lo local. Fábrica de gadgets que se ha creado en el pulmón del mundo, espacio estriado por el estado como condición para jugar más eficientemente en la dinámica global de la economía y los flujos de información.

Las dinámicas urbanas incorporan cada vez más factores económicos, políticos y culturales que escapan a la lógica de ordenamiento estatal, ya sea por incidencia de procesos de globalización del capital, por los efectos inesperados y muchas veces perversos que éstos producen en los espacios urbanos o por formas de ajuste y resistencia de carácter local que de manera espontánea o planeada buscan mantener o crear nuevos sentidos de lugar. A lo anterior se suma que en la dinámica de crecimiento de las ciudades, las movildades, debidas tanto a flujos de migración internacional como nacional, constituyen un reto enorme, en la medida en que representan la incorporación de lógicas divergentes de apropiación del espacio que pueden entrar en tensión o articularse con las percepciones y conceptos locales. El espíritu de la planeación urbana que orienta las actuaciones de las autoridades locales requiere entonces reconocer y comprender esos otros imaginarios de ciudad, esas otras arquitecturas que los migrantes llevan consigo, como condición para hacer de la ciudad un lugar incluyente. De lo contrario, las fronteras que tradicionalmente habíamos concebido como límites entre entidades políticas y culturales que

transcurrirían por espacios exteriores a las ciudades, se estarían estableciendo al interior de éstas, para demarcar, ya no las soberanías nacionales sino las inequidades y exclusiones territoriales urbanas.

La pertinencia y urgencia de pensar y actuar en relación con los temas que propuso el congreso de Manaus, se hace visible si tenemos en cuenta que de acuerdo con las estadísticas de las Naciones Unidas, a partir de 2011 más de la mitad de la población mundial, calculada en unos 7.000 millones de habitantes, vivirá en espacios urbanos (UNFPA 2011). Las ciudades globales, entendidas como aquellas más populosas y mejor interconectadas, que ayudan a establecer los programas mundiales, que estarían en condiciones de enfrentar los peligros transnacionales y sirven como centros de integración mundial (Foreign Policy 2008) seguirán creciendo de manera importante, implicando mayor conurbación. Para Latinoamérica y España este efecto se espera con toda seguridad para Ciudad de México, Sao Paulo, Madrid, Buenos Aires, Bogotá, Lima y Caracas, pero de acuerdo con un informe reciente de las Naciones Unidas, sobre estado y tendencias del crecimiento urbano (UNFPA 2007), en donde más crecerá la población urbana en las próximas décadas no es en las megaciudades sino en las medianas y pequeñas urbes. En ese sentido, y para poner un ejemplo, Manaus, Sevilla y Medellín estarían entre las ciudades con mayor crecimiento en los años siguientes, con los efectos que es de imaginar tendrá ello en relación con sus regiones. Más que ciudades, serán regiones dependientes de conglomerados urbanos, con una huella ecológica enorme sobre las mismas. Ello desafía la forma, no sólo de hacer la planeación urbano-regional, sino la política, las cuales han girado durante décadas, bien en torno al paradigma de hacer de los pueblos y ciudades “grandes ciudades”, o bien tras la búsqueda del crecimiento económico sin calcular la dimensión espacial que ello implica. Sería necesario que cada vez más los programas de gobierno se trazaran sobre la base de un ideario menos utópico (a-espacial), situando la problemática espacial en todas su complejidad en el centro de las agendas políticas. Son necesarias alianzas regionales basadas en acuerdos programáticos entre movimientos políticos de diferentes territorios para dar tratamiento a las múltiples dinámicas espaciales que trascienden las fronteras locales.

De otra parte, es importante decir que, de acuerdo con los mismos estudios (UNFPA 2007), a nivel planetario la tendencia general de crecimiento de la población urbana no está ligada a la inmigración como factor preponderante. La reproducción de la población local sigue siendo la causa principal del crecimiento demográfico en las ciudades, sobre todo en los países con economías emergentes. No obstante, es preciso llamar la atención sobre dinámicas específicas, como la española y la brasilera, en donde la inmigración de personas extranjeras sí ha sido un factor importante del crecimiento urbano. Lamentablemente también tenemos que hacer una salvedad para Colombia, cuyos índices de desplazamiento forzado por efecto de la guerra y las violencias están entre los primeros del mundo (IDMC 2011).

Otro fenómeno que se ha desatado en los últimos años, ligado al crecimiento de la población mundial y la globalización del capital, se refiere al usufructo, en calidad de renta o compra, de grandes extensiones de tierra productiva, sobre todo en países

africanos, por parte de empresas o gobiernos de otros países, entre los cuales se destacan algunos con economías emergentes y altos índices de población como China, India, Corea y los países del Golfo Pérsico, pero también tienen una participación importante las inversiones norteamericanas y europeas. Esta estrategia, que hace un gran negocio con el cubrimiento de la demanda por alimentos y biocombustibles de unas regiones del planeta a expensas de la seguridad alimentaria de otras, cubría en 2009 aproximadamente 60 millones de hectáreas (Oakland Institute 2011). Esta situación, que ha estado antecedida por la creciente explotación de recursos naturales (sobre todo petróleo y minerales) por parte de empresas estatales o privadas en países diferentes a los de su domicilio, resulta aún más preocupante porque se trata del suelo y los alimentos que son a menudo, la fuente única de subsistencia de las comunidades locales. Recientemente, en Latinoamérica se han encendido las alarmas frente al interés de inversionistas norteamericanos y europeos por adquirir o alquilar grandes extensiones de tierra para esos mismos propósitos, e incluso, en relación con el riesgo de que Brasil, como la economía emergente más importante y el país más poblado de la región, esté haciendo lo propio en su vecindario.

Es en relación con estas y otras realidades contemporáneas, que las temáticas tratadas en el congreso de Manaus resultan pertinentes para aportar, desde los estudios socioespaciales análisis, reflexiones, diálogos y comunicaciones como base para promover alternativas y soluciones. El congreso ha partido de la “convicción de que la cooperación y el intercambio académico son el camino viable para fortalecer la proposición de formas de pensamiento pertinentes para la conformación de una comunidad transdisciplinar y transnacional, punto de partida para la transición a una forma creativa de acción académica en la que estamos involucrados los centros de investigación integrados en la Red de Estudios Socioespaciales”. De allí la importancia de ampliar y fortalecer la Red que aún se ofrece como una iniciativa precaria en términos de su cobertura, la solidez de los vínculos entre sus nodos y el campo de acción que todavía se encuentra muy restringido a lo académico. En la parte final del congreso de Manaus, se hizo una reunión de los miembros de la red, en donde se llevó a cabo un balance de la misma, a cuatro años de su constitución. En términos generales, se vislumbró la necesidad de ampliar las actividades de la RESE, hoy enfocadas fundamentalmente en la realización de eventos y publicaciones, a los ámbitos de la investigación, la formación y la vinculación con movimientos sociales. En el primer caso es deseable que se pueda avanzar en la formulación y realización de investigaciones conjuntas, que permitan efectuar análisis comparados en clave socioespacial. En el segundo caso, las alternativas son varias, no necesariamente excluyentes: desarrollo de posgrados conjuntos, movilidad de docentes y estudiantes para garantizar su participación en cursos y pasantías y mayor participación de los miembros de la red como asesores y evaluadores de tesis. En tercer lugar, es necesario transformar aún más los formatos de los congresos y eventos que realiza la Red, en la perspectiva de maximizar la idea de los laboratorios urbanos para incluir las percepciones y concepciones de los habitantes locales y hacerlos partícipes de los estudios, reflexiones y conclusiones que en cada caso se logren.

Finalmente, el mapa actual de las relaciones entre los nodos de RESE indica que éstas se han establecido fundamentalmente de facto, mediante la participación de sus

miembros en eventos, publicaciones y cursos. Si bien es cierto que ya se encuentran establecidos algunos convenios de cooperación interinstitucional, se identifica claramente la necesidad de reforzar las relaciones existentes, reactivar las que se han debilitado y ampliar la RESE a otros nodos. Actualmente la RESE es coordinada desde el Instituto de Estudios Regionales de la Universidad de Antioquia, en donde tienen lugar dos dinámicas que retroalimentan permanentemente el campo de referencia: las investigaciones del Grupo Estudios del Territorio (cf. García y Aramburo 2009) y la formación de posgrado que ofrece la Maestría en estudios Socioespaciales. La RESE está compuesta por investigadores pertenecientes a universidades y centros de investigación de Brasil, Colombia, España, Estados Unidos y Uruguay (ver Tabla 1).

País	Centro o Universidad	Contactos	Correo
Brasil	Universidad Federal del Amazonas, Departamento de Antropología	José Exequiel Basini	lupusesteparium@hotmail.com
		Alfredo Wagner	awager@ufam.edu.br
	Instituto de Arquitectura y Urbanismo de la Universidad de São Paulo en São Carlos.	Cibele Saliba Rizek	cibelesr@uol.com.br
		Manoel Rodrigues Albes	mra@sc.usp.br
	Universidad de Pernambuco, Departamento	Renato Athias	renato.athias@gmail.com
Colombia	Universidad de Antioquia, Instituto de Estudios Regionales, INER	Vladimir Montoya Arango	vladimir@iner.udea.edu.co
		Carlo Emilio Piazzini Suárez	cepiazzini@gmail.com
	Universidad Nacional de Colombia-Sede Medellín,	Luis Carlos Agudelo Patiño	lcagudel@unalmed.edu.co
	Pontificia Universidad Javeriana	Santiago Castro Gómez	scastr@javeriana.edu.co
		Amalia Boyer	amaliaboyer@yahoo.com
Instituto Colombiano de Antropología e Historia,	Fernando Montejo	fmontejo@icanh.gov.co	
España	Universidad de Sevilla, Escuela Técnica Superior de Arquitectura	Carlos Tapia Marin	tava@us.es
		Carmen Guerra de Hoyos	cguerrah@us.es
		Mariano Pérez Humanes	marianoperez@us.es
	Universidad Nacional de Educación a Distancia	Luis Alfonso Camarero Rioja	lcamarero@poli.uned.es
		Luis Castro Nogueira	lcastro@poli.uned.es

		Emmanuel Lizcano	elizcano@poli.uned.es
	Universidad Complutense de Madrid, Departamento	Heriberto Cairo Carou	hcairoca@cps.ucm.es
	Universidad Pública de Navarra	Jesús Oliva Serrano	jos@unavarra.es
		Josetxo Beriain Razquín	josetxo@unavarra.es
	Instituto de Desarrollo Regional de Andalucía	Francisca Ruiz/Gabriel Cano	fruiz@us.es
Estados Unidos	Florida International University, Department of	Ulrich Oslender	uoslender@fiu.edu
	University of California-Los Angeles	John Agnew	jagnew@geog.ucla.edu
Uruguay	Universidad de la República, Departamento	Nicolás Guigou	lelionicolas.guigou@gmail.com

Tabla 1. Nodos de la Red de Estudios Socioespaciales-RESE

Bibliografía

Agnew, John (1994) “The Territorial Trap: The Geographical Assumptions of International Relations Theory”. En: *Review of International Political Economy*, 1 (1): 53-80.

_____ (2003) *Geopolitics: Re-Visioning World Politics*. New York: Routledge.

_____ (2007) “Know-Where: Geographies of Knowledge of World Politics”. En: *International Political Sociology* 1: 138-148.

Augé, Marc (2000) *Los “no lugares”, espacios del anonimato. Una antropología de la sobremodernidad*. Barcelona: Gedisa.

Cairo, Heriberto (2008) “Transformaciones de la geopolítica y la biopolítica de la soberanía: soberanía restringida y neoprotectorados formales”. En: Emilio Piazzini y Vladimir Montoya eds. *Geopolíticas: espacios de poder y poder de los espacios*. Medellín: Editorial La Carreta-Instituto de Estudios Regionales de la Universidad de Antioquia. Pp. 71-88.

Foreign Policy (2008) *The 2008 Global Cities Index*. Noviembre/Diciembre de 2008.

Foucault, Michel (1986) “Of Other Spaces”. En: *Diacritics* 16 (1): 22-27.

García, Clara Inés y Clara Aramburo eds. (2009) *Universos socioespaciales. Procedencias y destinos*. Medellín: Siglo del Hombre Editores-Iner de la Universidad de Antioquia.

Guerra, Carmen (2011) *Mapeado de publicaciones de la Red de Estudios Socioespaciales*. Sevilla: Grupo Out_arquías, Escuela Técnica Superior de Arquitectura de la Universidad de Sevilla. Disponible en: <http://www.unomasarquitecturas.es/wp-content/uploads/2011/10/mapa-completo-v3.swf>

Guerra, Carmen, Mariano Pérez y Carlos Tapia coord. (2009) *El presente de los Procesos Socioespaciales, soportes para lo común e identitario*. Sevilla: Universidad Internacional de Andalucía.

- _____ (2011) *El Territorio como "demo": demo(a)grafías, demo(a)cracias y epidemias*. Sevilla: Universidad Internacional de Andalucía.
- _____ (2012) *Temporalidades contemporáneas: incluido el pasado en el presente*. Sevilla: Instituto Andaluz de Patrimonio Histórico PH Cuadernos 29.
- Gottdiener, Mark (1985/1995) *The Social Production of Urban Space*. Austin: University of Texas Press.
- Gottdiener, Mark (1993) "A Marx for Our Time: Henri Lefebvre and the Production of Space". *Sociological Theory*, 11 (1): 129-134.
- Harvey, David (1989) *The condition of Postmodernity: An Inquiry into the Origins of Cultural Change*. Oxford: Blackwell.
- _____ (1990) "Between Space and Time: Reflections on the Geographical Imagination". En: *Annals of the Association of American Geographers*, 80 (3): 418-434.
- Herrera, Diego y Emilio Piazzini eds. (2006) *(Des)territorialidades y (No)lugares: procesos de configuración y transformación social del espacio*. Medellín: Editorial La Carreta-Instituto de Estudios Regionales de la Universidad de Antioquia.
- Internal Displacement Monitoring Centre-IDMC (2011) *Internal Displacement: Global Overview of Trends and Developments in 2010*. Ginebra: IDMC- Norwegian Refugee Council.
- Latour, Bruno (1993) *We Have Never Been Modern*. Brighton: Harvester Wheatsheaf.
- _____ (2005) *Reassembling the social: an introduction to Actor-Network-Theory*, Oxford: Oxford University Press.
- Lefebvre, Henri (1991) *The Production of Space*. Oxford: Blackwell Publisher.
- Leff, Enrique (2006) "La ecología política en América Latina. Un campo en construcción". En: Alimonda, Héctor ed. *Los tormentos de la materia. Aportes para una ecología política latinoamericana*. Buenos Aires: CLACSO. Pp. 21-39.
- Massey, Doreen (1999) "Space-Time, 'Science' and the Relationship between Physical Geography and Human Geography". En: *Transactions of the Institute of British Geographers*, 24 (3): 261-276.
- May, Jon y Nigel Thrift (2001) "Introduction". En: May, Jon y Nigel Thrift, eds. *Timespace: Geographies of Temporality (Critical Geographies)*. New York/London: Routledge, pp. 1-46.
- Mignolo, Walter (2002) "The geopolitics of knowledge and the colonial difference". En: *South Atlantic Quarterly* 101 (1): 56-96.
- _____ (2003) *Historias locales/diseños globales. Colonialidad, conocimientos subalternos y pensamiento fronterizo*. Madrid: Akal.
- Ó Tuathail, Gearoid (1998) "Postmodern Geopolitics? The Modern Geopolitical Imagination and Beyond". En: G. Ó Tuathail y S. Dalby Eds. *Rethinking Geopolitics*. New York: Routledge. Pp. 16-38.
- Oakland Institute (2011) *Understanding Land Investment Deals in Africa. FAQs on Food Security & Western Investors*. Oakland: Oakland Institute. Disponible en: <http://www.oaklandinstitute.org/faqs-food-security-western-investors>
- Pardo, José Luis (1992) *Las formas de la exterioridad*. Valencia: Pre-textos.

- Piazzini, Emilio (2004) "Los estudios socioespaciales: hacia una agenda de investigación transdisciplinaria". En: *RegionEs* 2: 151-172.
- Piazzini, Emilio y Vladimir Montoya eds. (2008) *Geopolíticas: espacios de poder y poder de los espacios*. Medellín: Editorial La Carreta-Instituto de Estudios Regionales de la Universidad de Antioquia.
- Santos, Milton (2000) *La naturaleza del espacio: técnica y tiempo, razón y emoción*. Barcelona: Ariel.
- Shapin, Steven (1998) "Placing the View from Nowhere: historical and sociological problems in the locations of science" En: *Transactions of the Institute of British Geographers* 23: 1-8.
- Smith, Neil (1994/2008) "The production of nature". En: Harald Bauder y Salvatore Engel-Di Mauro eds. *Critical Geographies: A Collection of Readings*. Kelowna: Praxis (e)Press. Pp. 368-401.
- Soja, Edward (1989) *Postmodern Geographies: The Reassertion of Space in Critical Social Theory*. Londres/Nueva York: Verso.
- United Nations Population Fund-UNFPA (2007) *State of world population 2007. Unleashing the Potential of Urban Growth*. New York: UNFPA.
- _____ (2011) *State of World Population 2011. People and possibilities in a world of 7 billion*. New York: UNFPA.
- Virilio, Paul (2000) *The Information Bomb*. Londres: Verso.
- Wallerstein, Immanuel (1998) "The time of space and the space of time: the future of social science". En: *Political Geography*, 17 (1): 71-82.

CONFERÊNCIA TEMÁTICA AO III CONGRESSO.
CONFERENCIA TEMÁTICA PARA EL III
CONGRESO.

As metodologias sócio-espaciais e a descentralização do conhecimento. MAO-MON: Cidades em perspectiva

Jose Exequiel Basini Rodriguez¹

¹ Departamento de Antropologia e Programa Pós-graduação em Antropologia Social. Laboratório de Estudos Pan-amazônicos - Pesquisa e Intervenção Social - LEPAPIS Universidade Federal do Amazonas, Brasil.

Resumo. “Manaus – Montev idéu”, ou “Montevideo - Manaus” vincula-se ao mundo possível da pesquisa sistemática, através da perspectiva multifocal, como metodologia comparativa. Os contextos de alteridade, e as escalas diversas em questão, podem ser confrontadas em laboratórios abertos ou *demos*, onde as topologias avançam sobre territórios emblemáticos da *civilization* e das civilizações, dentro e fora dos nodos e enclaves de duas importantes bacias continentais, isto é, a bacia do rio Amazonas e do rio de la Plata. Trata-se de apresentar sucintamente os desafios do projeto binacional CAPES/UEDELAR *Cidades em perspectiva. Um estudo sócio-espacial sobre as cidades de Manaus e Montevidéu* que atualmente coordenamos. A sua relevância baseia-se na posição descentralizada para comparar duas cidades diferentes desde o ponto de vista temporal e espacial, mas, com formas recorrentes de pensar os processos civilizatórios.

Palavras-chave: Cidades – Perspectiva – Escala comparativa- Manaus- Montevidéu

1 Introdução

1.1 Projeto cidades em perspectiva

Cidades em perspectiva. Um estudo sócio-espacial sobre as cidades de Manaus e Montevideú constitui um projeto binacional (018/2010) entre Brasil e Uruguai, no marco do Programa de Cooperação Internacional da Fundação CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento do Pessoal de Nível Superior, MEC- Brasil) e a UDELAR, Universidad de la República – Uruguai. O mesmo iniciou-se em 2010 e tem uma duração de dois anos com renovação para mais dois. Ele está sendo implementado através de missões de trabalho e de estudo entre pesquisadores brasileiros e uruguaios, professores e alunos de pós-graduação da Universidade Federal do Amazonas e da Universidad de la República, correspondendo a cada equipe uma coordenação nacional. Em suma, os membros de ambas as equipes acham-se desenvolvendo atividades conjuntas e articuladas nas duas cidades, através de uma metodologia antropológica comparativa, interinstitucional e transdisciplinar, com foco no conceito de sócio-espacialidade, e nos campos analíticos que derivam desta matriz (BASINI & GUIGOU, 2010)

1.2 Os tópicos em questão

Alguns dos assuntos abordados neste estudo referem-se,

1. A dimensão estética dos espaços de socialização. Em outras palavras como é referenciada a espacialidade a partir das memórias e modelos de socialização dos habitantes urbanos, e as diversas políticas introduzidas no *corpus* sócio-ambiental. Também, o imaginário urbano produzido em enclaves (simbolismo emblemático), e as estratégias de fuga a esses enclaves, nas cidades de Manaus e Montevideú. Outro aspecto são as diferentes visões inscritas em lógicas habitacionais e sócio-ambientais, e os empreendimentos urbanísticos de grande porte desenvolvido pelas políticas públicas com incentivos federais. Os processos civilizatórios vinculados ao exotismo e a exacerbação da exterioridade européia. As categorias analíticas do pensamento do estado vinculadas ao ordenamento territorial, assepsia social, saúde focal e os correlatos de desenvolvimento social, sustentabilidade, etc. Por outra parte, outros modelos, combativos e/ou des-acelerativos de compreensão/intervenção dos espaços sociais e de intromissão estética e de demarcação do estigma sócio-territorial.

2. A cooperação das interfaces analíticas entre pesquisadores de diferentes instituições. Elas incluem, dentro de ações programáticas interinstitucionais, as experiências de estranhamento e familiaridade, dinamizadas pelos percursos de mobilidade e adaptabilidade das equipes dentro de universos culturais diferenciados. Neste sentido são confrontadas e re-avaliadas as trajetórias vitais dos pesquisadores (antropologia reflexiva) e as

práticas empreendidas dentro das comunidades acadêmicas (*habitus academicus*) dentro de uma dimensão crítica, construtiva e coletiva do conhecimento. (Ghasarian, 2008; Bourdieu, 2008; Bourdieu & Wacquant, 1992).

3. A produção de uma cartografia indicadora de espaços diferenciados, com elementos de análise e compreensão, adequados para integrar distintos campos significativos. A cidade, sua topologia, a automobility e a relação com outras mobilidades, a paisagem sonora, os conjuntos arquitetônicos, os espaços públicos de lazer, praças, parques, bares, beira rio, calçadão, feiras, monumentos históricos; a cidade contemporânea com suas múltiplas temporalidades estéticas, a relação social diferenciada inter-cidades e intra-cidade, a relação cidade-rio, rio-cidade e cidade-cidadão (natureza urbanizada). Finalmente o estudo do universo da pesca, as redes sociais, a movimentação dos “peixes” na cidade, em suma a *imersão da sócio-espacialidade cidadã nas fluvialidades* do rio Negro e Rio de la Plata.

4. As narrativas dos habitantes e visitantes de ambas cidades. As iconografias, os fluxos, a mobilidade territorial, os grupos religiosos, étnicos, étnicos; a polivalência e polissemia de identidades e alteridades.

5. O estudo das memórias coletivas plurais, fragmentadas e dilaceradas das cidades contemporâneas, considerando ao mesmo tempo, as narrativas que conectam e desconectam, as polifônicas e espectrais dimensões multi-temporais e multi-espaciais cidadinas.

2 Os desafios metodológicos

O desafio apresentado coloca a pertinência de estratégias de pesquisa e instrumentos analíticos dinâmicos para compreender movimentos que se originam em contextos cambiantes das duas cidades (Manaus/Montevidéu).

Em suma é um exercício permanente de *martelar*¹ o *anti-inventário*, e de expor as limitações do método comparativo através de uma vigilância epistemológica e perceptiva dos discursos do idêntico e do UM. É uma opção que nos conduz irremediavelmente a uma desconstrução das identidades vernáculas e das mitologias urbanas, que implica, na amplitude temporal (os diversos usos e percursos da memória), em perspectiva com a irreduzibilidade das subjetividades sócio-espaciais, e em atenção às expressões heterotópicas, distópicas e utópicas na produção dos espaços sociais e dos sujeitos sociais.

¹ Crepúsculo dos ídolos ou como filosofar com martelo (1888). Roberto Art (1924) também refere a uma forma de escrever como quem usa o martelo.

memória), em perspectiva com a irreduzibilidade das subjetividades sócio-espaciais, e em atenção às expressões heterotópicas, distópicas e utópicas na produção dos espaços sociais e dos sujeitos sociais.

Nesta instância, a produção do conhecimento se valida dentro de processos de subjetividade, ou dito de outro modo, na qualidade relacional entre atores sociais, agências, tecnologias, redes, nós e enclaves através da cidade. Os contextos que ali são enunciados resultam de manifestações urbanísticas que expressam formas de habitar o espaço e formas de pensamento que definem escolhas e também conflitos cartográficos ou guerras de mapas a respeito dos estilos de habitar e circular, que grupos de interesses diferenciados se dispõem e posicionam em variados campos de tensão e negociação. Como ser, povos tradicionais, minorias étnicas e raciais, grupos religiosos, planejadores urbanos, empresários, agentes estatais, de marcações periféricas, entre outros. Esta situação gera, e/ ou conforma um tensa montagem, implícita em formas de inscrições e re-inscrições que estimulam estratégias, promovem táticas e derivam em confrontos sócio-culturais e sócio-econômicos constantes e decisivos. (GUIGOU & BASIN I, 2011)

3 As fronteiras do conhecimento e os abusos teóricos

Outro desafio de caráter metodológico repara na crítica disciplinar antropológica (a concepção de um único método – o clichê do etnográfico). Continua sendo freqüente escutar em alguns centros de ensino o abuso do UM, a partir da concentração categórica e manualística do método etnográfico. Outras dimensões emergem de um culturalismo que sustancia campos ou linhas como trincheiras, as etnologias indígenas, as antropologias urbanas ou rurais, e os cronótopos camponeses, ribeirinhos, indígenas e caboclos que espacializam um aglomerado hipnótico, um rebanho de especialistas.

“Trata-se de deslocar a narrativa evolucionária, ou desconstruir seu enredo” disse Giddens (1991), em referência à visão histórica unificante do evolucionismo social. Essa teoria manteve uma eficácia espaço-temporal em longo prazo. Dito de outra forma vai aplicar um alongamento mítico em contextos variados, filtrando e recalitrando cosmologias unidimensionais, com evidente apelo aos rótulos e designações fixas da identidade social, sempre definidas unilateralmente. Esta linha de *pensamento único* exhibe uma teleológica que se projeta nas intervenções de captura pública e privada de matriz estatista, conseguindo obliterar e inibir qualquer reflexão em relação à descontinuidade espaço-temporal no contexto da modernidade.

Um co-relato da visão do idêntico é o culturalismo como um grande projeto de integração cultural que atinge a postura caleidoscópica, combinatória do b oasismo, passando por Talcott Parsons², o grande “caçador de perturbações”: com o programa de

² “Segundo Parsons, o objetivo preeminente da sociologia é resolver o problema da ordem. O problema da ordem é central à interpretação da limitação dos sistemas sociais, porque é definido

“integrar aos negros e expulsar a os italianos” (Bastide, 1974), as configurações socioculturais do neo-evolucionismo marxista de Darcy Ribeiro.

Nas fronteiras da disciplina, lidamos também com a banalização da interdisciplinaridade e a transdisciplinaridade. Seja uma interdisciplinaridade que é confundida com a *indistinguibilidade disciplinar*, e uma transdisciplinaridade reduzida a um *exercício de intermediação* dentro de um movimento de deslocamento disciplinar. Fazendo uma avaliação a respeito dos estudos sobre cidades, Reynoso (2010) refere que:

um conjunto de estudos clássicos de impacto social e cultural da re-localização das comunidades mencionam autores como Lawrence Crissman, A.L.Epstein, Herbert Gans, William Mangin, Peter Marris, Lisa Peattie, Peter Wilmott e Michael Young. Mais tardios, mas, quase tão significativos temos os estudos de David Epstein (1973) sobre Brasília, os ensaios transculturais de Castells (1977, 1978, 1983) sobre a questão urbana ou tangencialmente as pesquisas latino-americanas sobre re-localização (Bartolomé, 1985) (...) Porém, com o transcurso dos anos o trabalho seria mais narrativo e fenomenológico, entanto as contribuições da antropologia se transformariam em indistinguíveis em relação as outras disciplinas, e seu papel no trabalho interdisciplinar acabara desmanchando-se(...) (Reynoso, 2010:17-18).

Conclui o autor, que as raras vezes que mencionam-se antropólogos, estes, além de serem sempre os mesmos, são apresentados de forma pasteurizada, e como agentes de uma visão intelectual ecumênica.

A respeito da transdisciplinaridade, Reynoso (2010) enfatiza um exercício de intermediação, mais como uma replica sintomática, que como roubo semântico, sentido que Barthes associa à construção das mitologias.

No han sido pocos los antropólogos urbanos que se han convertido en portavoces epigonales de sociólogos como Pierre Bourdieu o Zygmunt Bauman, filósofos como Michel Foucault o Jacques Derrida, semiólogos como Ronald Barthes, Umberto Eco o Tzvetan Todorov o intelectuales genéricos como Walter Benjamin o Michel de Certeau (...)” (Reynoso, 2010:18)

Em suma, essas considerações criticam por um lado, o fenomenalismo e/ou descritivismo intra-disciplinar que exagera no uso do gênero narrativo. Por outro lado, o absentismo e a falta de usadia para de bater antropologicamente a interdisciplinaridade e a transdisciplinaridade, fora dos cânones autorizados por determinadas comunidades acadêmicas, agências nacionais de pesquisa, e os repliques pasteurizantes dos centros de estudos. Uma tendência notória é a despreocupação com os empréstimos teóricos, tanto em estudos de teoria indígena que falam de

perspectivismo sem referenciar – pelo menos como faziam os culturalistas pro-macarthistas-, as tipologias gregas exprimidas por Nietzsche no “Nascimento da Tragedia”, ou de estudos urbanos, onde os “não lugares” e a “sobremodernidade” são apresentados como fatos consumados, e sem menção para autores como Emmanuel Lévinas (1977) e Jean Duvignaud (1977) (apud Reynoso, 2010).

4 A perspectiva como metodologia comparativa

A perspectiva que queremos despejar não surge de uma visão que se deixa estranhar pela relação entre humanos e não humanos (que são muito mais que plantas e animais), e/ou de uma experiência de adensamento xamânico. Ela tem sua *potência de poder* na possibilidade de enxergar o *mundo da vida* despojado de *centralidades*. Em suma, estima-se que a *assimetria* sempre existe neste tipo de construção, e a *simetria* apenas pode se pretender numa teleologia que oblitera as relações de classe, de sexos e de poder. “Cunhado pela dominação, o perspectivismo é, inseparável das forças e dos conflitos de campo” (Kossovitch, 2004; 46; Marques, 2003).

4.1 O poder é a perspectiva

O perspectivismo em Nietzsche está associado a um campo de diferenças, cada perspectiva é definida pela intensidade atingida, mas, ao mesmo tempo, ela se liga às possibilidades em função da intensidade atual: todo aumento de vigor e de potência abre perspectivas novas e faz crescer em horizontes novos. Nesse sentido, o perspectivismo nietzschiano não é nem uma contemplação no sentido de Platão, nem uma visão ampla heideggeriana. Tampouco é um ponto de vista tal como é compreendido por Leibniz, conduzido ao plano da representação. Pelo contrário, Nietzsche insiste nas forças e nos conflitos de campo, e na índole ativa da interpretação. Mas, a interpretação “não é acrescentada à força, como algo que lhe poderia faltar, ao contrário, ela é a própria força inserida no campo de dominação.” (Kossovitch, 2004;47-480).

Desde nossa apropriação metodológica, a perspectiva é muito mais que uma técnica ou uma estratégia de pesquisa, ela remete à importância de avançar na discussão do poder e o conhecimento sobre os humanismos, ou, em outras palavras, de sair da mania de “falar de” e “falar por” outros (Foucault, 1971; Appadurai, 1988). Em breves palavras, perspectiva constitui a *saída de um lugar para enxergar as coisas desde outro lugar. Lugar que sempre é crítico e conflituoso.*

Nas palavras de Reynoso (2010:) os antropólogos não estudam cidades senão em cidades. A crítica coloca-se no fato que quando se nomeia uma cidade é apenas como

um cenário (um local onde acontecem coisas) e não como um foco com direito próprio. (Hannerz, 1986 apud Reynoso, 2010)³ ⁴.

“o porque es más sencillo pensar las viejas categorías de la antropología (la territorialidad en primer lugar) en los modos convencionales (un territorio = un enclave cultural), o en clave posmoderna (territorios atomizados, rizomáticos o multisituados sin patrón alguno), o la manera situacionista (particularizando no ya cada territorio como un lugar distinto, sino cada visión de él como un sentimiento individual incomparable) en vez de repensar la espacialidad dinámica, colectiva, material, porosa y compleja de las cosas humanas como la ciudad nos contamina a hacerlo” (Reynoso, 2010:17.)

A antropologia deve sair disciplinarmente, mais que duma crise de referências, como alguns prontificam, duma postura autômata e auto-referenciada, talvez se achando na porosidade, nos movimentos de entrada e saída, e at ravessando a fronteira cognitiva que lhe permita receber outros enfoques, com uma postura descentrada e sujeita a uma reformulação radical de seus fundamentos metodológicos.

4.2 Traslado e perspectiva

Serres (1990) apresenta algumas noções do pensamento geométrico de Tales de Mileto enquanto *idealidades espaciais*. Elas são perspectiva, escala, medida, comparação, modelo e traslado. O modelo possibilita o transporte do visível para o tangível, leva o afastado ao próximo. Em suma constitui uma gênese sensorial que permite organizar a representação visual daquilo que desafia o tato. A medida nos possibilita referir, criar referências para a visão, a partir da sombra, o *gnômon* que transporta o essencial de toda forma. A idéia de relógio esta aí, na pirâmide que é um *gnômon* e cujo *rastro* diz a hora. Em outras palavras, a medida “marca” escalas, deixa *rastros*, um escalonamento das variações da sombra que ritmam a trajetória do sol. Mas, aqui está a inflexão, porque o *gnômon* fixo é qualquer, é simplesmente um intermediário, as variantes se entre-respõem” (Serres, 1990: 39). Nesta geometria a-

³“Entiendo por *humanismo* el conjunto de discursos mediante los cuales se le dice al hombre occidental: si bien tú no ejerces el poder, puedes, sin embargo, ser soberano. Aún más; cuanto más renuncies a ejercer el poder, y cuanto más sometido estés a lo que se te impone, más serás soberano” ... En suma, el humanismo es todo aquello a través de lo cual *se ha obstruido el deseo de poder* en Occidente. Prohibido querer el poder, excluida la posibilidad de tomarlo.... (“Más allá del bien y del mal” (Entrevista a Michel Foucault realizada por revista *Actuel*, nº 14, 1971)

⁴É consensual a dificuldade de poder definir uma cidade. Disse Reynoso (2010) que “já nenhum acredita que a cidade possa ser definida em termos demográficos, e cada vez menos existem os que pensam que possa ser definida em termos absolutos (...). A complexidade contemporânea conduz a compreender que a cidade não é susceptível de se definir em termos de conjuntos clássicos ou de rasgos composicionais, e ainda, dada a urgência de uma definição deveria se dar uma formulação em base a categorias prototípicas, políticas, difusas ou reticulares no sentido de Ludwig Wittgenstein” (Reynoso, 2010:13-14)

heliocêntrica questiona-se o ponto fixo, o centro, e trocam-se as funções do variável e o invariável, a certeza do sólido e o vaporoso da sombra. Trata-se em definitiva de um transporte, de transportar o sólido a partir da opacidade da sombra. Neste sentido, o arquétipo da pirâmide nos coloca epistemologicamente ante *uma teoria das sombras*, assim como frente a uma *geometria da perspectiva*. Dito de outro modo, a pirâmide manifesta-se como a sombra essencial dos sólidos. “O segredo enterrado na profundidade do volume”, disse Serres, o mesmo que mostra que “o verdadeiro saber das coisas do mundo jaz na sombra essencial do sólido, em sua compacidade opaca e escura” (Serres, 1990: 46).

Esse oxímoro enuncia um problema epistemológico sobre a observância límpida dos “objetos de estudo”, e/ou a centralidade concedida aos “sujeitos de estudo”, um a obcecada tentativa culturalista de homologar a identidade ao idêntico (Levi Strauss, 1981). A geometria de Tales demonstra que nada sei de um volume, a não ser o que dizem os planos em que ele se projeta. Daí a dificuldade da comparação, de estabelecer escalas para a semelhança e a diferença. Já desde as técnicas do discurso antropológico, existem algumas tendências preocupadas na captura do variável, da própria diferença. Voltando para a teoria de Tales, as sombras das pirâmides de Egipto transportam o invariante: a própria pirâmide, e o movimento aparente do sol transformam-se num variante. Trata-se de uma gênese conceitual – disse Serres –, a pagar o tempo para metrificar o espaço. Os transportes constituem para Tales as primeiras gênese que proliferam e confluem em vários movimentos como a redução, a passagem ao tato, inversão da função gnomônica, troca entre estável e variante, substituição do espaço pelo tempo.

Esse tipo de operação é realizada de forma inversa por Taussig (1993a) quem a partir da técnica da montagem leva a perspectiva ao topo crítico da criação imagética, liberando a subjetividade da continuidade historiográfica, dando chance para que as semelhanças e diferenças contribuam a dinamizar o campo da estética e a teoria crítica do poder. Essa localização conceitual frente ao conhecimento e ao poder, surte um efeito duradouro sobre a teoria antropológica e os caminhos das práticas de pesquisa, impacta sobre os fundamentos da etnografia logocêntrica, descentra associando as potências, e as forças que produzem as imagens; deste modo referencia-se temporalidades distantes e cenários singulares, seja o ciclo da borracha e a escravatura entre os Huitoto do Putumayo em 1910, e a Doutrina de Segurança Nacional e a “banalidade do mal” durante a ditadura militar argentina na década dos 70 do passado século⁵. A perspectiva, recurso para pular o espaço e tempo em favor do conhecimento amplo, é o recurso das semelhanças e as diferenças que no caso da etnografia taussiana focaliza nos regimes autoritários e na constituição estética dos “espaços de terror”. A saída a essa tautocracia, Taussig a exprime dentro de outras expressões estéticas, os contra-espacos figurados dentro de uma sócio-espacialidade comparada, onde achamos tanto o poder das plantas medicinais e o complexo xamânico indígena, e doutro, a vanguarda do jornalismo crítico e suas elaborações; tudo isso, em meio da repressão, a tortura e as desaparecimentos forçados. A respeito dos desvios e descontinuidades históricas menciona Serres (1990) a produção de vários tipos de temporalidades, entre as quais,

⁵ A respeito do conceito “banalidade do mal” veja Arent, Hannah, 2008.

destacasse a *descontinuidade da temporalidade inventiva* como mais prolífera e profunda, mais profunda que a continuidade da tradição.

A variabilidade é um dado metodológico muito apreciado na pesquisa antropológica. Daí as formas que capturam registros, muito mais que instrumentos que registram. As enquetes e os questionários, as entrevistas, os relatos e histórias de vida, técnicas todas que recolhem. As mesmas que podem ser questionadas em termos de uma apreciação estética rigorosa quando trata-se de perceber e compreender as transformações sócio-espaciais. Um método mais assertivo da memória, como o bergsoniano poderia se interessar na intuição como visão direta do real, tomando o melhor do instinto como velocidade, e a inteligência como movimento analítico. Dito de outra forma, parar de perguntar para começar a escutar, dar lugar a estética, metrificar o espaço a partir do movimento, mostrar o deslocamento das formas por meio do transporte. (Bergson, 2003; Deleuze & Guattari, 1995; Derrida, 1991; Serres, 1990).

O transporte questiona as centralidades, as in-mobilidades espaciais, criando sócio-espacos para a variabilidade.

1. Onde está o ponto de vista?

Em qualquer lugar. Isto é, na subjetividade e fora dela também, e não apenas na metrificação temporal dos métodos quanti – qualitativos referidos anteriormente.

Tornar o invisível tangível é uma preocupação estética que pode ser reconstituída a partir de dramas sócio-espaciais como os impactos ou as transformações urbanas que melhoram a posição de um morador. Por exemplo, uma moradora idosa do bairro Aparecida de Manaus reage diferente as transformações de seu habitat – memória que um rapaz jovem que mora numa casa desajeitada, o dito de outro modo, sem referências nemo- espaciais, frente a um mesmo programa social com o é o PROS AMIM – Programa – Programa Social e Ambiental dos Igarapés de Manaus⁶.

2. Onde está o objeto?

3. Disse Serres que o objeto deve ser transportável tanto pela sombra que transporta como por o modelo que o imita. Podemos acrescentar que não há objeto *per se*, que temos ante nos, métodos, formas para aceder a níveis de compreensão do que aparece. Daí que se apresenta uma terceira questão

4. Onde está a fonte de luz? Ela varia, pode estar dentro ou fora do objeto. Pode ser transportada pela sombra, produzindo o *gnômon*, o também pode estar no próprio objeto. Questão que nos coloca frente a certas prerrogativas do conhecimento implícito, um saber geométrico segundo os egípcios harpedonaptas⁷, um teorema para Tales de Mileto, ou um mistério para Serres?

⁶ <http://www.prosamim.am.gov.br/site> Acessado 19/02/2012.

⁷ A inundação fazia desaparecer os marcos de delimitação entre os campos percorridos pelo rio Nilo no alto Egito. Para demarcar novamente os limites existiam os "puxadores de corda", os

5 Idealidades espaciais: a cumplicidade entre segredo e estética

Esta terceira questão desde uma abordagem antropológica, ou mais precisamente desde certas estruturas antropológicas do imaginário, pode ser pensada a partir de uma captura ou cumplicidade entre a estética e o segredo, um jogo ou estética do desaparecimento⁸ que da conta da relação entre o visível e invisível⁹, como a própria produção artística ou o próprio organismo animal¹⁰. (DURAND, 1990; VIRILO, 1988; BASINI, 2010).

A estética para Benjamin (2007), Taussig (1993), entre outros se aproxima ao modelo perceptivo de Serres sobre a geometria pré-matemática, a intuição bergsoniana¹¹ que a partir da memória cultural apreende os “mistérios” presentes no mundo da vida (pedras, sol, luz, sombras...).

De certa forma Foucault (1971a), Serres (1990) e Bergson (2003) confluem na crítica à ilusão biográfica que a historiografia ostenta a partir do discurso da continuidade ensablada.

“(...) não te percas nos meandros, no negro profundo das diagonais (...) desvia-te (...) Puxa com os pés juntos por cima dos cálculos, pula com os pés juntos por cima do grafo platônico, esquece o mundo que dantes precisavas lembrar, corta a continuidade tradicional, e este esquecimento levar-te-á a uma origem mais longínqua, mais profundamente dissimulada,

"harpedonaptas" que baseavam a sua arte essencialmente no conhecimento de que o triângulo de lados 3, 4 e 5 é retângulo. As construções das pirâmides e templos pelas civilizações egípcia e babilónica são o testemunho mais antigo de um conhecimento sistemático de geometria. Essa tradição passou para os gregos ao ponto tal que na entrada da academia grega estava escrito *Medeis eisito ageometretos*, o que poderia ser traduzido por "não entra quem não souber geometria". Em: <http://www.educ.fc.ul.pt/icm/icm2000/icm27/historia.htm>. Prototype of JavaSketchpad, a World-Wide-Web component of *The Geometer's Sketchpad*. Copyright ©1990-1998 by Key Curriculum Press, Inc. All rights reserved. Portions of this work were funded by the National Science Foundation (awards DMI 9561674 & 9623018).

⁸ Uma “estética do desaparecimento” é molecular, penetra no corpo e no espírito, encalha, cria marcas mais além da superfície. Se o fenomênico é o que se vê como aponta Derrida é porque revela, ocorre pela atração e pela força que visões e alma estabelecem. E o que se vê não está necessariamente ligado ao olho como órgão da visão, e sim, aos processos de subjetivação. (Basini, 2010)

⁹ Campo ligado aos processos de subjetivação do mundo. Instância molecular que liga o visível e não visível, não se restringindo ao sentido da visão. Sugere um todo sem necessariamente mostrá-lo. (Ferry, 1994).

¹⁰ Assim como toda a superfície do corpo humano revela a presença e as pulsações do coração, do mesmo modo a arte expressa-se em todos os pontos da sua superfície. (Derrida, 1991).

¹¹ BORELLI, Silvia H *Memória e temporalidade: diálogo entre Walter Benjamin e Henri Bergson* São Paulo: Revista Margem, PUC, P. 80- 90, 1992.

*para um mundo novo e ainda apagado pelo esquecimento”
(Serres, 1990:13).*

Para o Tales de Serres, o segredo é um complexo geométrico, uma idealidade espacial compartilhada num coletivo enquanto saber implícito, mas também um saber apreendido, aprofundado e transmitido pelos mestres construtores, dentro da experiência de lidar com as potencialidades da luz e das sombras.

“O segredo do talhador de pedras e do construtor; segredo para Tales e para nos; e a cena da sombra. Sob a sombra das pirâmides (...) toda a questão da relação entre o saber implícito e a prática operária será colocada em termos de sombra e sol (...) A origem do saber a partir da prática, e do saber encontrar-se do lado da luz (...) A sombra designa exatamente as dobras do saber oculto. Na atividade técnica primeira, o saber está à sombra e nós estamos agindo, tentando colocar a teoria sobre a luz (...) A pirâmide tem a sombra transposta, e cada um de nós tem a sua, sob o Sol de Egipto” (Serres, 1990: 42 - 43).

Nosso interesse é em tender a estética d este complexo como modelo conceitual e recurso metodológico que nos permita desenvolver uma idéia sobre a comparação para o caso Manaus - Montevidéu; atender as semelhanças e diferenças no quadro de discontinuidades espaço – temporais, e de transformações sócio-espaciais reguadas e regimentadas dentro de unidades culturais diferentes, mas com implicâncias civilizatórias similares. Aproximando o longíquo para o próximo, descentrando o exótico dos enclaves, e usando a perspectiva como um platô amplo de fluxos, conexões e dê-centralidades. Trata-se também de desenvolver uma teoria crítica frente à tentativa de comparar a partir de opostos fenomenológicos ou de inventários culturais.

6 Os efeitos do des-centramento

Descentrar do centro e também descentrar da periferia, das práticas institucionalizantes; desnaturalizar as margens. Em realidade trata-se de sair d esse sistema classificatório – descritivo baseado em antinomias colonialistas/ evolucionistas e difusionistas. A metrópole, Roma. As colônias. As metrópoles coloniais – Portugal e Espanha. França metrópole da cultura universal. Inglaterra metrópole vitoriana: grande frota náutica. Alemanha, projeto do III Reich; os diversos colonialismos internos; entre eles o que emerge do campo acadêmico contemporâneo, eles são alguns desses correlatos.

Mais também urge sair de certos pensamentos urbanos, como pensar as cidades em termos folclóricos dependentes, ou em termos civilizatórios universais como

moralização de hábitos axiológicos. Sair desse centro e dessa periferia é incursionar na mobilidade humana e nas estéticas produzidas na produção de imaginários, imaginações, espaços de sujeitos e objetos socialmente re-ensamblados.

Agora, compreender essas conectividades exige abandonar a assepsia do “adentro” e “afora” – como o “programa Newton – Kant” postulava para a física moderna e a filosofia transcendental. Também as teorias de Boyle e de Hobbes que desde a física e a política postularam laboratórios “no vácuo” para isolar “ruídos”, “desvios”, e assim produzir fatos científicos supostamente puros. Os laboratórios abertos desafiam as epistemologias fascistas por meio da contaminação bacteriana dos espaços não regulados ou ordenados. (Latour, 2007).

O ordenamento territorial é um invento geopolítico frente ao *horror ao vazio demográfico*, oximoro da peste, em suma, uma *deriva* que outorga poder à construção de enclaves ancorados num modelo anti-séptico. Apropria-se do recurso sanitista para produzir grandes impactos espaciais e sociais (o enterramento ou desvio dos igarapés é o “vencimento” dum obstáculo natural, “um acidente geográfico”, para a ciência, mas acaba “transpirando” os interesses da elite ordenadora, distribuindo favores político-empresariais, e impactando as estéticas da classe média através dos novos ricos, embrião da especulação habitacional.¹² (Castro, 2010; Almeida & Marin, 2010).

A objetivação dos interesses não públicos dos atores públicos, a partir de estudos que mostram as intrincadas (e/ou viscerais) relações e alianças, entre ações empresariais e políticas públicas questiona qualquer abordagem sócio-espacial com viés comparativo que desatenda de sua análise uma reflexão sobre o poder e os contextos onde este se movimenta. Também nos conduz a repensar velhas e novas formas de legitimidade do Estado *não convencional* (incluindo diferentes perfis, como por exemplo, o autoritário), para acreditar e atribuir eficácia a suas ações de controle social e o ordenamento espacial, e ao abuso temporal dos *leiv motif* do aceleração tecnológica, o desenvolvimento social (ou a sustentabilidade), e a segurança privada global.

Desde outro ângulo, o exercício comparativo expõe também limites perceptíveis no cenário da complexidade contemporânea urbana: a cidade não é suscetível de se definir em termos de conjuntos clássicos ou de rasgos composicionais, e ainda, de assustadores problemas vinculados ao crescimento demográfico dos humanos e dos não humanos (neste caso os carros). A profecia de Benjamin que um dia os homens se olhariam impávidos, e sem consolo algum abandonariam seus carros, nas ruas das cidades, tarda em chegar (Bolle, 2008). O contrário, o significam os espaços de mobilidades sujeitas ao padrão maquinal que ordenam humanos e não – humanos

¹² “En esta suerte de París se levítico hiperreal que supo ser Manaus, el teatro Amazonas sigue constituyendo una tarjeta postal de ese periodo. Una obra monumental pues de Eduardo Ribeiro, quien fuera el gran transformador de la topología manauara al iniciar una urbanización aséptica consumada en el “enterramiento” de los arroyos. Esta tradición urbanística de larga duración, perdura hasta el día de hoy a través del Programa Social y Ambiental de los Igarapé de Manaus – PROSAMIM, conducido por el Gobierno del Estado de Amazonas. (GUIGOU & BASINI, 2011:142)

domésticos, que como vimos ontem durante o laboratório urbano do bairro Coroado disputam e limitam possibilidades de outras mobilidades devido ao alto risco físico no espaço público.

Comparam-se estéticas que marcam uma descontinuidade espaço-temporal, mas que associam-se em um tropos temático. Podemos citar duas qualidades aparentadas: a beleza e o terror, que Willi Bolle (2008), dentro da elipse benjaminiana captura como “documentos da barbárie e documentos da civilização”, os teatros, o máximo ícone desta sorte de civilização: o Teatro Amazonas. Esse teatro como mito constitui uma das conclusões monumentais do projeto de colonização iniciado por Orellana e Carvajal, um acoplamento de imaginários fantásticos como os poderes extraordinários das guerreiras Amazonas. Força do mito, força do convencimento nos esquemas conceituais dos conquistadores europeus de realizar apenas um roque, e substituir as prerrogativas de um poder por outro. Francisco de Orellana acreditava que “o sistema de colonização com as dominadoras de terras férteis e mão de obra local já se encontrava preestabelecido, e bastava apenas tirar o comando das mãos das Amazonas”. (Bolle et al, 2010:8-9). O período da borracha colocou a Amazônia no cenário do mercado mundial como principal produtor desse produto. Esteticamente disse Bolle (Bolle et al, 2010) foi um período de *expressões espetaculares* que gerou monumentais construções como o Teatro Amazonas “em plena selva”, uma mistura de extravagâncias e delírios da elite colonizadora junto com a infâmia escravista de “encobrir a labuta cotidiana dos milhares de trabalhadores que produziam o látex no fundo das selvas na condição de escravos” (Bolle et al, 2010: 12).

Os espaços do terror ensaiam técnicas diversas dentro dos processos civilizatórios, outra pauta para uma comparação espaço-temporal descentralizada, no entanto, atrai espécies e substâncias, vegetais e animais, a borracha em Amazonas e o gado no rio da Plata. Os ciclos do ciclo civilizatório, com as interioridades/exterioridades da “Belle Epoque” e “os barões da borracha” e “Como el Uruguay no hay” de entre guerras mundiais e mundiais de futebol; “os efeitos do racionalismo acérrimo” da hiper-integração a-subjetiva. “Daí a cidade”, ou como reparou um professor indígena do alto rio Negro, “isto é cidadania”, se referindo ao exercício consciente de botar cascas de banana nas lixeiras da cidade, inexistentes nas trilhas das aldeias. Outro processo civilizatório... No entanto, poderíamos riscar o processo, e avançar sobre a noção que observa a réplica, de um mimetismo cíclico nas ações predatórias na senzala dos neo-extrativismos, fenômeno a sua vez regional e global. A *silicolonização*, modelo épico do centro-oeste brasileiro na tríplice fronteira: soja, madeira, gado; e o correlato rio-platense: celulose – mineiro – soja¹³.

Des-centrar impele um olhar descolonizado das referências que estamos acostumados. A fronteira, neste sentido constitui uma saída ao encurralamento

¹³ Alguns de estes neo-extrativismos ou atividades de continuidade predatória incluem a extração desenfreada de madeiras, às grandes queimadas para a formação de pastagens, o garimpo, as usinas hidroelétricas e a agricultura esterilizante e devastadora, como o constituem algumas monoculturas tais como o cultivo da soja. A silicolonização é o negócio redondo de colonizar uma área de floresta e transformá-la em praderia, um silicone para atrair gado e soja. (Basini, 2009)

centro/periferia; as províncias do conhecimento, e ao *estatismo*. As fronteiras não oferecem dificuldades para medir as distâncias entre cidades, sejam aéreas ou rodoviárias. Mas, quais são as referências de nossos itinerários e os ornamentos das agências do conhecimento? Aí surgem os enclaves, as colônias, a metrópole, as bandeiras e os emblemas, a auto-referencialidade nacional, *os espíritos do Estado*, ou os falsos cosmopolitismos regionais. Estabelecimento de instrumentos de fixação, o inventário, o plano de vôo, as máquinas de orientação. (Bourdieu, 1989).

7 A des- aceleração e o des- enrolamento

Hegel ignorava a espacialidade da população pobre na Alemanha do século XIX. Enquanto fora do sistema, não era real nem racional, apenas marginal a qualquer possibilidade de integração ao espírito nacional. Esse legado toma força no socialismo real, no integrismo proletário desenvolvimentista. Tardiamente com Mariátegui (1988) achava a possibilidade de des- enrolar outra temporalidade sobre a invisibilidade histórica das margens: os indígenas peruanos¹⁴. E será o triunfo da geografia, das regiões diferenciadas sobre a casta costeira. As estéticas do des- aparecimento estabelecem até hoje uma agenda costeira dos planejadores urbanos e do culturalismo acadêmico. Sair dos estratos e entrar no paradoxo é um exercício explorado desde a transversalidade de Gregory Bateson até o pós-estruturalismo formalista.

Chegamos então à outra qualidade da *potencia de poder comparativa*. O paradoxo que se levanta sobre os jogos do visível/invisível. Os “sem índios”, do processo civilizatório radical uruguaio. Também estrato do imaginário hegemônico nacional. Mas este será na década dos 70 do passado século, questionado pela chegada de índios guarani. Um paradoxo estrato “Índios num país sem índios”. E que tipo de cidade é Manaus?: uma cidade indígena apenas por ser habitada por indígenas?; por incorporar o estigma dos indígenas frente ao centro/periferia?, ou por estar no *cronótopo*¹⁵ Amazônia?

Mas qual é a qualidade oculta pela descrição, ou melhor dito, do congelamento da descrição que significa um “país sem índios”, mas, que significa desde outra perspectiva, desde o outro lado “uma cidade indígena”?

Os processos civilizatórios dos povos nativos das Américas nos remetem a uma imaginação que ainda não tem sido apreendida, e isto deve-se, em parte, a estar longe de uma acirrada luta entre a metafísica cristã e a razão iluminista. Ainda mais, são

¹⁴ MARIÁTEGUI, J. C. *Siete ensayos de interpretación de la realidad peruana*. México: Serie Popular Era, 1988.

¹⁵ Compartilhamos a acepção de Vicent Crapanzano (1991), quando define cronótopos como um tempo e espaço fixo, próprio do estilo das etnografias monológicas. No entanto sabemos que esse conceito é mais complexo e tem origem na preocupação teórica de Mijail Bajtin para caracterizar aspectos do contexto e da interação lingüística. (Reynoso, 1996).

outras as preocupações comunicativas que empenha a historiografia, pela qual entrou nos mapas cognitivos duma parcela do mundo denominada ocidente. Os efeitos dela mostram o mesmo erro do nominalismo cultural, universalizar desde o singular as rotinas coletivas dos povos. Cultura e processo civilizatório serão o espelho roto que vaticinara Hegel através de sua história da filosofia, do Espírito Absoluto encarnando-se na história de outra parcela: o estado alemão.

Porém ser índio é um estigma que movimenta um reconhecimento. Ser índio através do contra-estigma das nomenclaturas silenciosas. Ser civilizado também é um estigma, igual que charrua¹⁶, igual que “pais suavemente ondulado”¹⁷.

A des- aceleração é talvez um movimento silencioso, uma nomenclatura silenciosa que pode ter o mesmo nível de velocidade que uma revolução simbólica.

“os dominados nas relações de forças simbólicas entram na luta em estado isolado, como é o caso nas interações na vida cotidiana, não tem outra escolha a não ser a da aceitação (resignada ou provocante, submissa ou revoltada) da definição dominante da sua identidade ou a busca da assimilação a qual supõe um trabalho que faça desaparecer todos os sinais destinados a lembrar o estigma (no estilo de vida, no vestuário, na pronúncia, etc) e que tenha em vista propor, por meio de estratégias de assimilação ou de embuste, a imagem de si o menos afastada possível da identidade legítima (...) A revolução simbólica contra a dominação simbólica e os efeitos de intimidação que ela exerce tem em jogo não, como se diz, a reconquista ou a reapropriação coletiva desse poder sobre os princípios de construção e de avaliação da sua própria identidade de que o dominado abdica em proveito do dominante enquanto aceita ser negado ou negar-se (e negar os que, entre os seus, não querem ou não pode negar-se) para se reconhecer (...) O estigma produz a revolta contra o estigma, que começa pela reivindicação pública do estigma, constituído assim em emblema e que termina na institucionalização do grupo (mais ou menos totalmente) pelos efeitos econômicos e sociais da estigmatização” (BOURDIEU, 1989:124 – 125).

¹⁶ Povo indígena emblemático dos mitos civilizatórios de Uruguai, no paradoxo da canibalização do próprio estado nacional. Os grupos históricos deste povo estavam localizados na Banda Oriental, a Mesopotâmia Argentina e o Sul do Brasil.

¹⁷ A escola pública uruguaia, a través dos textos escolares reforçou um novo idealismo alemão na australidade americana, a *predestinada diferenciação* que fosse a marca da geração intelectual da geração dos 900' (XX). Vale dizer, um país sem contrastes no meio de seus vizinhos gigantes: Argentina e Brasil. A teoria dos fatores de Bauza (clima temperado, geografia não acidentada, composição étnica homogênea, homogeneidade sócio- econômica) foi responsável por este mito sócio-espacial do país mesocrático, apenas com pequenas elevações sobre uma pampa suavemente ondulada. Veja Real de Azua, 1991; Basini, 2003.

A resistência, elaborada a partir de diversos níveis simbólicos, acha na burla, uma resposta silenciosa e eficaz aos modelos estigmatizantes como o evolucionismo e o culturalismo. Essa burla é o *rastro do estigma*, o próprio estigma que aparece como perda ou descaracterização, mas que cresce como evidencia, entanto de- sossega, e causa uma moléstia estética.

Por outra parte, Bourdieu (1997) acometendo contra o culturalismo retrátil enfatiza:
“*se eu fosse japonês, acho que não gostaria da maior parte das coisas que os não japoneses escrevem sobre o Japão*”
(Bourdieu, 1997: 13).

Bourdieu (1997) investe contra os particularismos exóticos, os provincianismos acadêmicos e a justificativa colonial de invasão espacial. Contrário a essa abordagem comparativa, herança do culturalismo histórico e do regionalismo folclórico, o autor coloca a urgência de atender o potencial teórico das categorias analíticas com aplicabilidade as diversas situações. O colonialismo acadêmico inteligível ainda dentro do campo de poder do *homo academicus*,

“*objetiva apreender estruturas e mecanismos que, ainda que por razões diferentes, escapam tanto ao olhar nativo quanto ao olhar estrangeiro, tais como os princípios de construção do espaço social ou os mecanismos de reprodução desse espaço e que ele acha que pode representar em um modelo que tem a pretensão de validade universal*” (1997:15).

Em suma, trata-se de sair dos particularismos exóticos, seja Japão ou Amazonas, e abordar a pesquisa a partir da atuação dos atores dentro das estruturas coloniais, e os mecanismos de reprodução do espaço social que ali se produzem. Para nosso caso, o modelo segue as implicações de Bourdieu de verdade e método, da *vigilância epistemológica* enquanto abandono do exercício substancialista, do congelamento das imagens espaço temporais, como por exemplo “a Amazônia indígena”, “Uruguai, país sem índios”, para atender as práticas intercambiáveis dessa “Amazônia indígena” como fluxo multicultural e desaceleração do urbano, e também desse “país sem índios”, por “índios num país sem índios” (BASINI,2003). Em suma sair do real como racional, e passar ao real como relação, à percepção das descontinuidades históricas.

Outra saída exigida pelo pensamento descentralizado é o abandono das estratégias dos *espíritos do estado* que usa seu capital político para ordenar espacial e temporalmente territórios, por meio de uma apropriação privada dos bens e serviços públicos, assim como o favorecimento das agro-estratégias produzidas dentro do modelo dos agronegócios.

A saída ao substancialismo da fórmula o real é racional se estabelece a partir de outro tipo de conceitos que são os funcionais ou relacionais. Também pelas práticas intercambiáveis que percebe regimes de transformações dinâmicas nos diversos setores sociais. Neste sentido, os processos civilizatórios são observados a partir das condições

históricas onde os estilos e gostos de classe superam estatutos fixos e localizações regionais. Pelo contrário percebem-se nas práticas sociais de certos grupos metropolitanos, tendências, mudanças e intercâmbios nos gostos e estilos destes. Por exemplo os imaginários que determinados grupos sociais produzem sobre a cozinha internacional, e o abandono e adesão de certos esportes considerados nobres.

A relevância de uma teoria que a porte para uma metodologia comparativa não substancialista poderia ter com o foco “fazer ver uma realidade que não existe inteiramente” (Bourdieu, 1997:26). Ou, dito de outro modo, mostrar as diferenças, a diferença como uma qualidade que existe e persiste, e, finalmente a compreensão que um espaço social é sempre um espaço de diferenças.

8 Sair por meio da reflexividade

A reflexividade constitui uma saída ao “campo observado”. Um bom campo disse Erikson & Ghasarian (in: Ghasarian, 2008) combina o olhar *insider* e *outsider*. O dilema permanente que oscila entre o pensamento livre e o pensamento estrito como falava Bateson nos *Experimentos no pensar sobre o material etnológico observado* (1972), ou também entre a abordagem objetivo científico (rigor) e as subjetividades seletivas, a intuição e a presença contínua dos imprevistos em sentido amplo (o próprio campo) e em sentido estrito (o fator surpresa ou o cisne negro).

“Antes del descubrimiento de Australia, las personas del Viejo Mundo estaban convencidas de que todos los cisnes eran blancos, una creencia irrefutable pues parecía que las pruebas empíricas la confirmaban en su totalidad. La visión del primer cisne negro pudo ser una sorpresa interesante para unos pocos ornitólogos (y otras personas con mucho interés por el color de las aves), pero la importancia de la historia no radica aquí. Este hecho ilustra una grave limitación de nuestro aprendizaje a partir de la observación o la experiencia, y la fragilidad de nuestro conocimiento. Una sola observación puede invalidar una afirmación generalizada derivada de millones de visiones confirmatorias de millones de cisnes blancos. Todo lo que se necesita es una sola (y, por lo que me dicen, fea ave negra” (Taleb, 2010:23).

O vínculo entre as práticas de pesquisa e a intervenção social explica que o etnógrafo não é somente aquele que registra, também é aquele que tem um estatuto (idade, sexo, cultura) que determina a subjetividade. George Devereux (apud Ghasarian, 2008) notou a importância dos desejos do pesquisador para a eleição do campo e a construção de seus dados. Desde outro ângulo, Pierre Bourdieu (apud Ghasarian, 2008) falou de objetivação participante, a objetivação da relação subjetiva muito necessária para sair de uma “etnografia conveniente”, e confiante no recurso

exclusivo de informantes privilegiados. Aprofundando nessas idéias Ghasarian (2008) aprova a necessidade duma atitude reflexiva que considere as estruturas cognitivas do pesquisador, a sua relação subjetiva com o objeto de estudo, e o processo de objetivação da realidade. Desvela-se nesta triangulação, a noção de “observação participante” como um modelo falso da produção da vida social, e da pesquisa que acha-se nela imbricada. É praxe que os etnógrafos vão e voltam em torno à observação e a participação, trata-se duma situação polar, instável e paradoxal. Esta tensão entre visões do dentro e fora é particularmente tratada pela literatura da antropologia reflexiva (BOURDIEU & WACQUANT, 1992; BOURDIEU, 2008; GHASARIAN, 2008). O etnólogo não é um objeto que observa outros objetos, senão um sujeito que observa a outros sujeitos. Neste sentido, Erikson, citando a Serres (Ghasarian, 2008) sinala que dentro dos direitos humanos deveria existir também o direito de não ser pesquisado.

“En suma, siempre hay que sacarse de encima la alternativa del etnólogo como “delincuente, vidente o mirón”. Delincuente para los sindicalistas, que piensan que el etnólogo está pagado por la patronal, que lo emplea para que los explote mejor; vidente para los cuadros, que a veces confían en los talentos extralúcidos de los investigadores; mirón, por último para los que piensan que un etnólogo Es una especie de ojo de Moscú, un poco perverso... Pero por qué no vecino?” (Erikson apud Ghasarian, 2008: 115).

O trabalho de campo é complexo, e também complicado, porque significa interagir com pessoas que não conhecemos e que talvez não voltaremos a ver jamais. Neste sentido torna-se insubstituível entender a etnografia como processo e negociação que deriva no vínculo social como chave da produção do conhecimento.

9 Conclusão

A inflexão comparativa nos estudos sócio - espaciais configura desafios extra-disciplinares e epistemológicos que foram apresentados desde o modelo da perspectiva como potencia do poder e como geometria intuitiva que percorre o espaço do desaparecimento como jogo estético; o des- centramento antropológico; os efeitos suscitados pelo traslado das diferenças, e a variabilidade e as descontinuidades espaço – temporais.

Destacamos a qualidade como foco para o exercício comparativo. Ela envolve uma rede extensa de percepções e imagens a partir das possibilidades de continuar sendo a mesma e diferente (a variável e o invariável de Tales de Mileto, e o eterno retorno de Nietzsche). Ponto de partida diferente quando trata-se de com parar desde padrões estabelecidos ou a partir de um inventário cultural.

Outra consideração importante de caráter metodológico, e que fosse precisada por Boas (2004) para seus contemporâneos evolucionistas, nos alertam a respeito das limitações do método comparativo, da certeza da não-comparabilidade. Sabemos que algumas coisas não podem ser submetidas a uma comparação porque não temos instrumentos para avaliar coisas tão diferentes, ou porque devemos “apreender a apreender” cognitivamente a chegada dos imprevistos, ou os “cisnes negros” que refere Nassim Taleb.

Já, o uso de escalas é relevante no *exercício de saída* ou des-centramento. Elas nos permitem sair de uma idéia historiográfica e evolutiva das instituições, ou de mitologias construídas em virtude de determinados cortes (sincronias) sobre um determinado assunto. Assim é que podemos colocar um tipo de escala estética, a montagem benjaminiana que Taussig explora para os espaços e regimes do terror. Outro tipo de escalas visualiza-se no intercâmbio de posições entre grupos com certa simetria no capital cultural, e nos aspectos relacionais associados registrados por Bourdieu. Este tipo de escala posiciona-se contra os particularismos exóticos e os processos substantivos que a teoria culturalista sustenta.

Comparar de forma descentralizada é o desafio de pensar dentro e fora das dobras de dois estados nacionais geograficamente vizinhos e geomorfologicamente polares, e que se pensam como “o maior do mundo” e “a predestinada diferenciação”. As escalas na fronteira são complicadas porque se geram a partir de pressupostos geopolíticos, e são justificados por antropologias nacionais ou ethos-teorias que determinam *a-priori* certa imunidade ética refrendada pelos gêneros corriqueiros das piadas folclóricas e os mitos de estado¹⁸.

Mas, desde as não-escalas que polarizam Brasil como “o mais grande do mundo”, e Uruguai, como “o país a não” surge a inversão turística, quase lidando entre a ironia, a banalidade e o absurdo, na legenda *in off* da Warner Bros: “Uruguai, um grande país para os brasileiros”.

A propaganda da Warner do verão 2011 colocou o olhar recalcitrado da pequena escala uruguaia: “todos nos conhecemos”, para mostrar um grupo de brasileiros afortunados e bacanas, em contexto de férias, num balneário uruguaio chique. Enumerava-se uma série de virtudes costumeiras dos brasileiros: simpáticos, sociáveis, gentis, cordiais, bem humorados, para finalizar em “pelo menos assim é como eles se comportam quando estão em Uruguai”. A moral da história concluía na legenda “Uruguai um grande país para os brasileiros”...

Quem ordena a quem, quando não existe uma ampla base de conhecimentos que permitem prescrever políticas de planejamento urbano melhor que as que propõem um cidadão inteligente comum? Ainda, se consideramos conceitos acunhados e naturalizados para designar atitudes de “desvio social” como aglomerado, invasão,

¹⁸ Sobre ethos-teorias veja BASINI, Jose Alteridades agónicas: el cordialismo y el agresivismo como ethos-teorias en el sur de América Em: VIII RAM, Buenos Aires, 2009a.

passividade, marginais, próprios de esquemas preconceituosos e racistas promovidos desde os setores políticos e midiáticos. No entanto, se desconsiderássemos o dito poderíamos arguir que muitos dos problemas urbanos (como tantos outros) são estruturalmente intratáveis. Mas, os políticos como foi dito ontem, não reconhecem aforismos filosóficos, menos a Wittgenstein, o pós-político por excelência, que mata a promessa clientelista do [paragrafando] “sobre o que não pode ser feito é melhor não falar”. Mas, os limites do mundo não são necessariamente os limites de minha linguagem, por tanto, as formas indizíveis estão aí, não sumiram, estão nos espaços que não foram aniquilados, nos espaços silenciosos que gritam para o mundo das percepções, como os pés desnudos das crianças e as pessoas solitárias do Bairro Coroado de Manaus que Carlos Tapia percebera durante o laboratório urbano de ontem.

BIBLIOGRAFIA

Almeida, Alfredo; W Berno de & Marin, Rosa A. 2010, *Campanhas de desterritorialização na Amazônia e agronegócio e a reestruturação do mercado de terras* p. 141 – 160. Em: (Orgs) Bolle, W; Castro, E & Vejmelka, M, *Amazônia. Região universal e teatro do mundo* Editora Globo, São Paulo.

Appadurai, Arjun 1988, *Cultural Anthropology*.

Arent, Hannah 2008, *Um pensamento que assumiu o amor pelo mundo* (Dossiê) . Em: 129 ano. 11. Outubro *Revista Brasileira de Cultura - Cult*. Editora Bregantini, São Paulo.

Art, Roberto 1993, *El juguete rabioso* Espacio Editorial, Buenos Aires.

Basini, Jose 2003, *Índios num país sem índios. A estética do desaparecimento. Um estudo sobre imagens índias e versões étnicas no Uruguai* (Tese de doutorado) PPGAS – UFRGS. Porto Alegre.

_____ 2009, *Alteridades agônicas: el cordialismo y el agresivismo como ethos-teorías en el sur de América* Em: (Cords) Basini, J; Lopez, E; Perez, C *Globalización y Análisis Comparado de las Antropologías del Norte y del Sur. Perspectivas Dialógicas y Abordajes Teóricos para América Latina VIII RAM Diversidad y Poder en América Latina*, UNSAM, Buenos Aires.

_____ 2009, *Fugar da peste: America Latina, entre velhos e novos modelos de capturas. O extrativismo visceral*. Em: *Tensões territoriais e lutas pelo reconhecimento em América Latina* UFPE, Pre-ALAS – Recife.

_____ 2010, *Estéticas territoriais e alteridades cosmológicas indígenas na Amazônia*. Em: (Orgs) Silva, S & Mendes, G. *Amazônia e outros temas* EDUA, Manaus.

Basini, Jose & Guigou, Nicolas 2011, *Projeto 018/2010 Cidades em perspectiva. Um estudo sócio-espacial sobre as cidades de Manaus e Montevideú. Programa de Cooperação Internacional CAPES/UDELAR*, Manaus.

Bastide, Roger 1979, *Antropologia Aplicada* Perspectiva, São Paulo.

Bateson, Gregory 1998, *1980[1972] Steps to an Ecology of Mind* New York, Ballantine Books. *Pasos hacia una ecología de la mente* Lohlé – Lumen, Buenos Aires.

_____ 1998, *Experimentos en el pensar sobre material etnológico observado* p.99 -113 e *Forma, sustancia y diferencia* p.479 – 498. Em: *Pasos hacia una ecología de la mente*. Título original: *Steps to an ecology of mind [1972]* Lohlé – Lumen, Buenos Aires.

Benjamin, Walter 2007, *Paris, capital do século XIX* p.53-67); *Paris antiga, catacumbas, demolições...* p.121 – 139 *Passagens*: Editora UFMG/Imprensa oficial do Estado de São Paulo, São Paulo.

Bergson, Henri 2003, *Matéria e memória* Martins Fontes, São Paulo.

Boas, Fran 2004, *As limitações do método comparativo em antropologia*. Em: (Org) Celso Castro Boas, Franz. p. 109 *Antropologia Cultural [1896]* Jorge Zahar, Rio de Janeiro.

Bolle, Willi 2008, *Os autores e suas obras. Entrevista a Willi Bolle. Apresentação das Paissagens de Walter Benjamin. Prof. Renán* TV UFAM, Manaus.

Bolle, Willi; Castro, E; Vejmelka, M *Introdução*. Em: (Orgs) Bolle, W; Castro, E & Vejmelka, M, *Amazônia. Região universal e teatro do mundo* Editora Globo, São Paulo.

Borelli, Silvia H 1992, *Memória e temporalidade: diálogo entre Walter Benjamin e Henri Bérghson* p. 80- 90, Revista Margem, PUC, São Paulo.

Bourdieu, P 1989, *A identidade e a representação. Elementos para uma reflexão crítica sobre a idéia de região* Cap. V Em: *O poder simbólico* Bertrand Brasil/DIFEL, Lisboa.

_____ 1997, *Espíritos de Estado. Gênese e estrutura do campo burocrático*. Em: *Razões Práticas* Papirus, Campinas.

_____ 2008, Cap 1 e 2. Em: *Homo academicus* p. 11-96. S.XXI Editores, Buenos Aires.

Bourdieu, P & Wacquant 1992, *Introduction; Lês fins de la sociologie réflexive* Em: Bourdieu, P. Réponses. p. 13 – 70. *Pour une anthropologie réflexive*, Éditions du Seuil, Paris.

Castro, Edna 2010, *Política de Estado e atores sociais na Amazônia contemporânea* p. 105 – 122 Em: (Orgs) Bolle, W; Castro, E & Ve jmelka, M, *Amazônia. Região universal e teatro do mundo* Editora Globo, São Paulo.

Crapanzano, Vicent 1991, *Dialogo* Em: *Anuário Antropológico 188*. Editora Universidade de Brasília, Brasília DF.

Deleuze, Gilles & Guattari, Félix 1995, *Tratado de nomadologia*. Vol.1. Em: *Mil Platôs*. Trad. Aurélio Guerra Neto e Celia Pinto Costa. Editora 34, Rio de Janeiro.

Derrida, Jacques – *Posições* 1977, Pre-textos, Valencia.

Durand, Gilbert 1990, *As estruturas antropológicas do imaginário*. Introdução à arquetipologia geral. Introdução e Cap.1. *As fases do tempo*. Editorial Presença, São Paulo.

Ferry, Lucy 1994, *Homo aestheticus*. Ensaio, São Paulo.

Foucault, Michel 1971, *Sobre a arqueologia das ciencias. Resposta ao círculo epistemológico*. Em: *Estruturalismo e teoria da linguagem* p. 19-55, Vozes, Petrópolis.
_____ 1971, *Entrevista a Michel Foucault*. Revista Actuel. n. 14, Paris.

Ghasarian, Christian 2008, *Por los caminos de la etnografía reflexiva* p. 9 - 42 Em: (Org) Ghasarian, C *De la etnografía a la antropología reflexiva. Nuevos campos, nuevas prácticas, nuevas apuestas*. Ediciones del Sol, Buenos Aires.

Giddens, Anthony 1991, *As conseqüências da modernidade*. Unesp, São Paulo.

Guigou, L. & Basini, J. 2011, *Ciudades en perspectiva. Un estudio socio-espacial sobre las ciudades de Manaus y Montevideo*. En: S, Ro mero (Org.) *Anuario de Antropologia Social*. Universidad de la República. DAS- Nordan, Montevideo.

Kossovitich, Leon 2004, *Signos e poderes em Nietzsche*. Azougue, Rio de Janeiro.

Latour, Bruno 2007, *Nunca fuimos modernos*. Ensaio de antropologia simétrica. Siglo XXI Editores, Buenos Aires.

Lévi - Strass, Claude (Co ord) 1981.[1977] *Prólogo; Facetas de la Identidad ; Discurso y recorrido* p. 7-51 e *Conclusiones* p. 353-376 Em: Pretel, Paris, Traducc. Beatriz Dorriots *Seminario Interdisciplinario "L'Identité"*. Grasset, Barcelona.

Mariátegui, J. C. 1998, *Siete ensayos de interpretación de la realidad peruana*. Serie Popular Era, México.

Marques, Antonio 2003, *A filosofia perspectivista de Nietzsche*. Discurso Editorial, São Paulo.

Nietzsche, Friedrich 1986, *O nascimento da tragédia ou helenismo e pessimismo*[1886], Bertrand Brasil, Rio de Janeiro.

_____ 2009, *Friedrich. O crepúsculo dos ídolos ou como filosofar com martelo* [1888], L & PM, São Paulo.

Prosamim – Programa Social e Ambiental dos Igarapés de Manaus.
<http://www.prosamim.am.gov.br/site> Acessado 19/02/2012.

Real de Azua, Carlos 1991, *Los orígenes de la nacionalidad uruguaya*_ARCA SRL, Montevideo.

Reynoso, Carlos 1996, *Presentación*. Em: Carlos Reynoso (Org) C. Geertz, J. Clifford y otros. *El surgimiento de la antropología posmoderna*. Gedisa, Barcelona.

_____ 2010, *Análisis y diseño de la ciudad compleja. Perspectivas desde la antropología urbana*. SB, Buenos Aires – Montevideo – México DF.

Seres, Michel 1981, *Discurso y recorrido* In: (Org) Claude Lévi – Strauss, Seminario *La identidad*. Título original *L'Identité*. Petrel, Barcelona.

_____ 1990, *Hermes Uma filosofia das ciências*. Graal, Rio de Janeiro.

Taleb, Nassim Nicholas 2010, *El Cisne Negro. El impacto de lo altamente improbable*. Paidós, Barcelona – Buenos Aires – México.

Taussig, Michael 1993, *Xamanismo, colonialismo e o homem selvagem. Um estudo sobre o terror e a cura*. Paz e Terra, São Paulo.

_____ 1993, *Mimesis and alterity. A particular history of the senses*. Routledge, New York.

Warner Bross 2011, *Que pensamos de los brasileiros en el Uruguay. Campanha Uruguai Natural*. Video Clip 3,3 mim www.cieloesverde.com.uy.

Virilio, Paul 1988, *A estética do desaparecimento*. Anagrama, Barcelona.

_____ 1996, *Dromología: la lógica de la carrera* Em: 5 Cyberconf – Quinto Congreso Internacional sobre el Ciberespacio. Telefónica, Madrid.

COMUNICAÇÕES/COMUNICACIONES

Sobre socio-espacialidades, territorios y fronteras

L. Nicolás Guigou¹

¹ Prof. Agr. PIAVIC-Dpto. de Antropología Social (FHUCE, UDELAR), Núcleo de Antropología de la Contemporaneidad, Dpto. de Ciencias Sociales y Humanas, LICCOM, UDELAR/SNI, ANII, Uruguay

Resumen: El presente artículo está interesado en problematizar la socio-espacialidad sin espacio, esto es, sin lugar; que bien puede parecer un gesto vacío, pero que nos remite a los límites de la transmutación entre lo empírico y lo transcendental. La dimensión empírica se muestra en general como una demostración fáctica de lo real, abandonando así la matriz simbólica que la construye. La imposibilidad de este ejercicio de des-simbolización vuelve casi vengativamente, de manera contundente y voraz, para constituir y de-constituir esa realidad fáctica, mediante los vericuetos y espacios de la fantasía. Una re-simbolización plena, fértil en fantasías. Entre ellas, la fantasía del Otro, que también es una apuesta a la salida, al exilio, a la huida de esos universos hórridos y atormentados. Abordar algunas de esas socio-espacialidades imaginadas, utópicas, fantaseadas, generadas a partir de una suerte de pensamiento crítico fuertemente cargado de ingenuidad, permite ingresar en algunos aspectos claves de nuestro contemporáneo horizonte de subjetividad. Pasada la época del pensamiento crítico totalizador – por veces totalitario- e inmersos en una red de singularidades reificadas y multiculturalismos de corte liberal de todo calibre, los espacios fuera-del-mundo- o bien, el fin del espacio (las imágenes del fin del mundo), resultan una dimensión especular y atinada.

Palabras claves: Socio-espacialidad - Territorios - Fantasías - Ciudades - Movimientos

1 Sobre socio-espacialidades

Nos proponemos abordar las dimensiones de la socio-espacialidad desde el lugar de los modos de producción de la misma. Desde allí –y considerando interaccionismos y performatividades en marcha–, nuestros perspectivismos deberían ahondar en la mirada que considera el lugar, el locus, en tanto producción de los agentes envueltos en luchas, alianzas, expansiones, choques, imbricaciones y guetos socio-culturales. Obviamente, éste sería un análisis incompleto: deberíamos también agregar sendas determinantes sociales, para lograr de esta manera un contenido cierto y verosímil. Desde este corpus teórico, la socio-espacialidad sería advertida en tanto mero gesto que tiende a una visión propia a los ambientalismos críticos, a las manidas interpelaciones (o a los “más allá”) de la complejidad humano-tecno-natural, a la socio-espacialidad en tanto superficie de inscripción de la conflictividad y coexistencia social (los modos de habitar). En este trabajo, trataremos de realizar otro recorrido, atraer otros territorios, que por inexistentes o bien por sugerir su inexistencia, parecen al inicio, resultar menos reales. En medio de unas antropologías y sociologías que tienden a estar cada vez más vinculadas a las supuestas “buenas causas” (en general, ropajes de agentes interesados en promoverse en determinadas áreas del campo académicos) o bien subsumidas al callar y el otorgar de las políticas públicas, la socio-espacialidad sin espacio, esto es, sin lugar, puede bien parecer un gesto baladí y vacío. Sin embargo, debemos recordar los límites de la transmutación entre lo empírico y lo transcendental. La dimensión empírica se muestra en general como una demostración fáctica de lo real, abandonando así la matriz simbólica que la construye. La imposibilidad de este ejercicio de des-simbolización vuelve casi vengativamente, de manera contundente y voraz, para constituir y deconstituir esa realidad fáctica, mediante los vericuetos y espacios de la fantasía. Una re-simbolización plena, fértil en fantasías. Entre ellas, la fantasía del Otro.

2 Espacios de fantasías

Es así que en nuestra contemporaneidad, el gran divisor se compone del envío de parte de la humanidad al mundo de los Otros irreconocibles. La producción social de la marginalidad, de las exclusiones de todo orden, define los límites del espacio contemporáneo. En este sentido, debemos tener presente las condiciones de producción de salida del espacio. Modalidades de inclusión, de interconexión, de articulación en un mundo desgarrado por la fragmentación, cada día más vulnerable y en pleno goce de imágenes destructivas y apocalípticas, llama a la salida, al éxodo. Una apuesta a la salida, al exilio, a la huida de esos universos horribles y atormentados. Abordar algunas de esas socio-espacialidades imaginadas, utópicas, fantaseadas, generadas a partir de una suerte de pensamiento críticamente cargado de ingenuidad, permite ingresar en algunos aspectos claves de nuestro contemporáneo horizonte de subjetividad. Pasada la época del pensamiento crítico

totalizador – por veces totalitario- e inmersos en una red de singularidades reificadas y multiculturalismos de corte liberal de todo calibre, los espacios fuera-del-mundo- o bien, el fin del espacio (las imágenes del fin del mundo), resultan una dimensión especular y atinada.

3 Imágenes del fin del mundo

Acerca de las imágenes del fin del mundo, cabe indicar a las mismas en calidad de manifestación práctica de una cultura cada vez más tanática o bien post-humana en sus atributos de final definitivo e irreversible. No hay vuelta atrás pues para un mundo sin gente, para un planeta librado a sí mismo, sin humanidad que cuide de la materialización de los procesos civilizatorios varios. Es la ciudad sin gente, el habitar sin habitantes, que se nos muestra e inscribe en el espacio de esa ciudad imaginada en su transitar despoblado. Aunque ese transitar sea a través del tiempo. Liberada la ciudad a sí misma, liberada esa construcción socio-espacial sin los agentes de producción de socio-espacialidad, ¿hacia dónde se dirige? Allí somos invitados a asistir a un escenario particular: las consecuencias de un mundo no-humano, en la cual la naturaleza, el azar revierte lo cercado y domesticado volviendo (con la fuerza de retorno de lo reprimido) por sus fueros. ¿Qué sucederá con la energía eléctrica, los edificios y puentes famosos de las grandes ciudades, los diques, las casas, las grandes construcciones? El ejercicio propuesto es asistir a la gradual destrucción del tiempo humano, espacializado en narrativas materializadas particularmente en todos los dispositivos de expulsión de la naturaleza de la propia trama urbana. Libros como “Un mundo sin humanos” (Weisman, 2007) o bien la emergencia de corrientes como el Movimiento por la Extinción Humana Voluntaria (Voluntary Human Extinction Movement, VHEMT), resultan bastante vehementes al respecto. El re-encantamiento (secularizado y secularizante) de esta naturaleza que re toma su espacio, resulta el claro revés del desencantamiento ya no del mundo, sino de la naturaleza en sí, en la medida que parte del proceso de secularización de las culturas, puede ser entendido en tanto desencantamiento – no del mundo- sino de la citada naturaleza. La naturaleza desencantada, exterior, silenciosa –prácticamente la naturaleza del mito de La Caída-, o bien la imagen clásica que teníamos de la diferenciación entre naturaleza y cultura se ha visto a todas luces, trastocada. A los filosofemas y mitemas antropológicos que proponían dar a la naturaleza el lugar de los universales culturales, o meramente de los universales -todo lo universal es parte de la naturaleza, lo singular, un producto de la cultura-, se le opusieron procesos teóricos cada vez más secularizantes (como el giro derridiano) llegándose en la contemporaneidad a proponerse cambios radicales en nuestra perspectiva de la naturaleza, la cultura, la percepción y las diferentes formas de entrelazamiento entre inteligencias humanas y no humanas. La selva – la naturaleza- se vuelve inteligente, al decir de Déscola, mostrándonos así todas las aristas de una antropología no-humana (post-humana) en la cual la naturaleza ya no es objeto inteligible, sino sujeto inteligente. Es en este espacio discursivo del reencantamiento de la naturaleza –re encantamiento paradójico,

secularizado y secularizante – que colocamos la conformación de las imágenes del fin del mundo. La sinuosidad del citado proceso de reencantamiento secularizado y secularizador, se expresa en la salida- entrada, entrada-salida de los pasajes urbanos, oníricos, en los espacios – fragmentados, liminares y transformacionales- de las dimensiones imbricadas de lo sagrado y profano en nuestra cultura.

Un mundo post-humano, un mundo que gradualmente vuelve a naturalizarse a través de la obliteración de la humanidad. Imágenes de una salida del espacio humanizado, del tiempo humano, después del final de los tiempos. Pero también a este mundo más allá de la humanidad que se nos propone a nuestra mirada tan humana, se le aproxima otra salida del espacio, ya no dada por la desaparición o la ausencia, sino por el éxodo en la creación de otros mundos, otras espacialidades. Y, claramente, por la invención de ese Otro fantaseado y objetivado en ciudades varias.

4 Saliendo del espacio (I)- Zeigeist Addedum

La invención de ciudades imaginarias, han estado en buena parte siempre a la tentativa de superar la “incondición de extranjeros” (Levinas, 1995) en el mundo. Esto es, la gestación de un espacio de hospitalidad en el cual la superación del yo y el otro, no descansa en vacías estructuras inconscientes (Lévi-Strauss, 1969) sino en la creación de una tentativa de hospitalidad por la vía de la eliminación de las condiciones de producción del Otro-enemigo (Guigou, 2011a, 2011b, Guigou y Basini, 2010, Guigou, 2005). Las relaciones de sentido en una ciudad imaginaria de hospitalidad deberían basarse entonces en la superación y fundamentalmente, en la solución de las condiciones que gestan lo inhóspito, en la eliminación de la desigualdad, las relaciones de poder y en fin, todo el conjunto de actos de injusticia que hacen a la conformación de nuestro mundo social. La superación del capitalismo tardío, ya no tendría lugar mediante anticuadas revoluciones ni rediseños de las relaciones entre capital y trabajo. En términos globales, las superficies de inscripción de las subjetividades epocales son por cierto variadas, teniendo como soporte la gestación de una subjetividad maquínica en la cual la integración de los medios de comunicación en Internet y la multiplicidad de agenciamientos entre sujetos y objetos – que superan la mera interactividad- se encuentra en su plenitud. Es el espíritu de la época. Y a propósito del film que trata de mostrar críticamente ese espíritu -Zeigeist Addedum¹- bastará indicar que el mismo atrae un proyecto post-capitalista y post-político, en el cual un posible mundo social derivado de esta criticidad, no precisaría de la política y la religión, en tanto manifestaciones propias a

¹ Fuente: Joseph, P.(2008) Zeigeist Addedum. Obtenida El 9 de setiembre de 2011, de <http://www.zeitgeistaddendum.com/> El Film Zeigeist Addedum fue dirigido por Peter Joseph y presentado al público en el año 2008. La base de difusión de la película fue básicamente Internet.

un sistema equivocado. Desde la criticidad de Zeigeist Addedum, la política carecería de sentido por inconsistente y la religión por ser básicamente falsa. La singularidad de la crítica, habita en precisamente una subjetividad basada en la autenticidad:

“...el negocio de quien soy, y en que soy bueno o malo, lo logrado y lo no, todo lo que es aprendido a lo largo del camino. Es solo un paseo y podemos cambiarlo cuando queramos. Es solo una decisión, sin esfuerzo, sin trabajo, sin ahorrar dinero”; “...el juego era descubrir lo que yo ya era..” (Joseph, 2008).

Resulta por lo demás sugerente que el Film haya colaborado a generar un movimiento social con amplias repercusiones mundiales², y con su incidencia en América Latina. Surgido a finales del 2008, el Movimiento Zeitgeist, atrae principalmente a capas medias y grupos universitarios en todo el mundo y también en las arenas latinoamericanas. Si bien su presencia en activistas (miembros), como la de cualquier otra organización internacional está lejos de ser masiva, el Movimiento Zeitgeist se encuentra presente en Argentina, Brasil, Chile, Guatemala, Colombia, Costa Rica, Perú, Venezuela, Uruguay. El movimiento Zeitgeist es presentado de la siguiente manera:

“Presentación³: Fundado a fines del 2008, el Movimiento Zeitgeist existe fundamentalmente como el brazo activista y de comunicación de una organización llamada El Proyecto Venus. El Proyecto Venus fue fundado hace varias décadas por el Diseñador Industrial y Social, Jacque Fresco. El trabajo de toda su vida ha sido dedicado a superar y resolver los problemas de la falta de sustentabilidad que existen actualmente en todo el mundo y comenzar a incorporar nuevos métodos y valores antes de que sea demasiado tarde. La meta principal del Movimiento Zeitgeist es comenzar la transición hacia un nuevo diseño social sustentable llamado Economía Basada en Recursos. Éste término fue acuñado por Jacque Fresco del Proyecto Venus y se refiere a una estructura económica basada exclusivamente en la gestión estratégica de los recursos como el punto de partida para todas las decisiones”.

² De acuerdo a varias Fuentes, el film fue visto por 50 millones en todo el mundo, on line, a través de DVD, en reuniones, y diferentes modalidades de circulación más allá del circuito comercial.

³ Fuente: Movimiento Zeitgeist Colombia (n.d). Obtenida el 3 de julio de 2011, de <http://www.zeitgeistcolombia.com/acerca-de/zeitgeist/>

5 Saliendo del espacio (II)- El Proyecto Venus



Fig.1. *The Venus Project* (Fresco,J. & Meadows, R. 2011)

“Los problemas que enfrentamos hoy en el mundo son básicamente provocados por nosotros mismos. Debemos aceptar que nuestro futuro depende de nosotros. Si bien, a través de los siglos, algunos de los valores representados por algunos líderes religiosos han inspirado a muchos a actuar en una manera socialmente responsable, ha habido otros tantos cuyas influencias y diferencias religiosas han sido la causa principal de muchas guerras. Las esperanzas depositadas en las intervenciones divinas de personajes míticos no son más que ilusiones que no pueden resolver los problemas del mundo moderno. El Futuro del mundo es nuestra responsabilidad, y depende de las decisiones que tomemos hoy. Somos nosotros mismos nuestra propia salvación o condenación” (Fresco, 2007: 13)



Fig.2. *The Venus Project* (Fresco,J. & Meadows, R. 2011)

"La toma de decisiones se basa en el método científico. Como cualquier nuevo enfoque, requiere de algo de imaginación y la disposición para evaluar ideas poco convencionales para poder apreciarlo en su real dimensión. Recuerde que casi todos los nuevos conceptos fueron ridiculizados, rechazados y considerados irrisorios la primera vez que fueron presentados, especialmente por los expertos de la época" (Fresco, 2007:13).

El Proyecto Venus, matriz de ciudad es imaginarias, parte de un conjunto relativamente verosímil de diagnósticos para promover la transformación de nuestros procesos civilizatorios mediante la conformación de una polis de carácter diferente. Partiendo de la dimensión crítica y llegando a la propositiva, su “motor de búsqueda” estriba en la autopoiesis reflexiva bajo una perspectiva tecnocrática, tanto en la colocación del método científico como estilo de ordenamiento del discurso, así como en los efectos prácticos del mismo objetivado en la supuesta toma de decisiones. Los agentes políticos –agentes de la polis- y el saber político son sustituidos por el conocimiento y el método científico, superior en todos sus órdenes a éste. Asimismo, la dimensión religiosa u otras formas de trascendentalidad, son también colocadas o bien como falsas o bien en tanto incompletas.

¿Cuál sería entonces, la sociodicea correspondiente a estos nuevos mundos culturales, a estas nuevas polis?

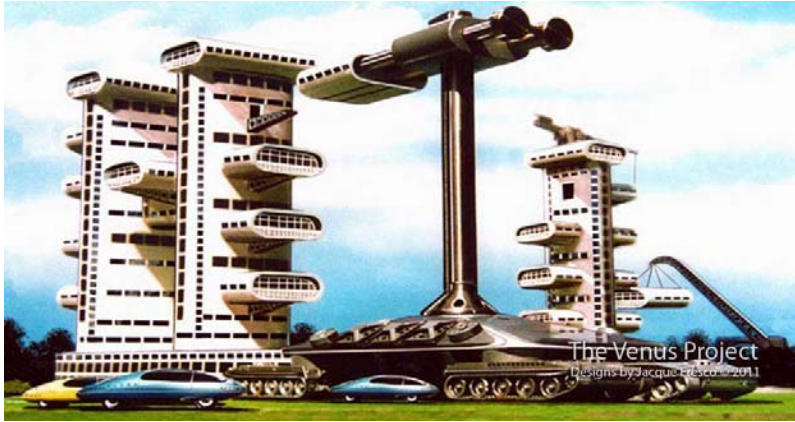


Fig.3. *The Venus Project* (Fresco,J. & Meadows, R. 2011)

“Si a veces la vida le parece apabullante—si se siente empujado en muchas direcciones, si encuentra que sin importar lo que haga, aún seguirá teniendo problemas, si encuentra que nuestra economía, política y formas sociales de hacer las cosas a veces crean más dificultades de las que logran resolver—entonces, piense que simplemente le ha tocado vivir la presente fase transitoria de nuestra sociedad, y Usted no hace más que cumplir con su rol en ella”(Fresco, 2007:16).



Fig.4. *The Venus Project* (Fresco,J. & Meadows, R. 2011)

“Para comenzar a implementar una economía basada en recursos, los diseñadores sociales deberán utilizar los métodos

científicos y preguntarse: “¿Qué tenemos acá?” Con el requisito de que todo será suministrado de la forma más eficiente, confortable y duradera posible, la primera prioridad será hacer una evaluación netamente técnica de las necesidades básicas de toda la población de la Tierra. Necesidades tales como número de viviendas, cantidad de comida, agua, centros médicos, transporte, educación y otras deberán ser comparadas con los recursos disponibles que el planeta Tierra tenga para ofrecer. Deberá, además, estar equilibrada con las necesidades de otras formas de vida que son parte del ecosistema. El principal objetivo debe ser superar la escasez y proveer las necesidades de toda la gente del mundo. Para lograr, tan pronto como sea posible, una civilización factible y sostenible, necesitaremos enormes cantidades de energía. En consecuencia, lo que se necesita con suma urgencia es una estrategia para el desarrollo energético a escala global, lo cual requerirá de la cooperación internacional para consolidar una planificación global a una escala sin precedentes” (Fresco, 2007: 32).



Fig.5. *The Venus Project* (Fresco, J. & Meadows, R. 2011)

“Innovadoras ciudades circulares multifuncionales combinan los recursos disponibles con las más sofisticadas técnicas de construcción. La configuración circular, geoméricamente elegante y rodeada de parques y jardines, está diseñada para funcionar con un mínimo de energía y proveer el más alto estándar de vida posible para todos sus habitantes. Este diseño

de ciudad utiliza la más alta tecnología no contaminante, en armonía con la ecología local” (Fresco, 2007:37).

La salida del espacio, el éxodo, es aquí trazado por medio de cooperaciones internacionales, evaluaciones planetarias y planificación internacional. En su sede en Florida, el Proyecto Venus elabora una maqueta del futuro mundo, del mundo futuro, confiando en las posibilidades de la crítica, en las reflexiones sobre las crisis que vivimos, y en la elaboración de consensos pos-políticos.

Existen al menos tres ejes que nos pueden interesar para ahondar en estas cosmologías contemporáneas:

- a)- la salida simbólica de lo social elaborada entonces como salida del espacio.
- b)- La construcción de un espacio que todavía no tiene lugar, aunque existe potencialmente en sus atributos de viabilización y concreción.
- c)- La concreción de dicho mundo a partir de la autopoiesis reflexiva y la anulación imaginaria de las determinantes que nos rigen.

6 Salidas, desvíos y conclusiones

Desde el lugar de la salida de lo simbólico de lo social, el Proyecto Venus implica una posibilidad de éxodo que requiere de la salida de un espacio realmente existente, cosificado desde la diagnosis, y en esta cosificación, perdidos para siempre no únicamente los conocimientos sociales sobre el mundo social, sino también – y como base fundamental de los mismos- las diferentes dimensiones simbólicas e imaginarias en todas sus tramas. A cambio, la diurnidad de este régimen imaginario en extremo iluminado que nos ofrece una metodología de vida (un nuevo reavivamiento trascendentalista de la racionalidad del método científico) y trata de llevarla a cabo mediante un diseño social bondadoso, que como un buen producto de la modernidad surgiría de una ruptura con el plano de racionalidad existente, pero también y sin duda con la polis, con la ciudad. Un espacio meta-ciudadano, acuoso, nos muestra a través de diferentes imágenes de las ciudades del Proyecto Venus un imaginario raído, que refleja apenas las huellas del acto traumatizante de la salida de lo simbólico de lo social, reanimando antiguas escenografías de ciencia-ficción, utopías de todo orden y espacios iluminados in extremis, de manera de conjurar (toda una ingenuidad) la nocturnidad de nuestros imaginarios, las inversiones y ambigüedades simbólicas, los dobles o triples vínculos y toda señalización que indique que hay una no-racionalidad – o tal vez una racionalidad más profunda- que escapa por todos lados a la percepción del Mal como mera exterioridad –en estas modalidades de gestión de sociospatialidades- y por tanto, extirpable apenas con nuevos diseños sociales mejorados, ya que el ser humano es un puro producto (bueno, malo, más o menos) de la exterioridad. De allí que modificando exteriores, trayendo nuevas escenografías y nuevas luces ¡Ops! los humanos cambiarán, ya que dichas escenas del Venus Project

son o serán construidas por seres imbuidos del método científico, más allá de la política (¿pero cómo llevarán sus acuerdos adelante?), más allá de todo trascendentalismo metafísico. En cuanto a la construcción de un espacio que todavía no tiene lugar, aunque existe potencialmente en sus atributos de viabilización y concreción, su versión más radical se encuentra en las fantasías de un mundo sin humanidad. Liberada a sí misma, la naturaleza se adentra en la ciudad, muestra la inevitable fragilidad urbana y un notable no-espacio, un espacio que como dioses avistamos en Series Televisivas, libros, películas. Un no-espacio humano (el espacio como radicalmente Otro), que se adentran en propuestas tan particulares como movimientos voluntarios para la extinción de la especie humana en el planeta. En tiempos de la Alta Modernidad, la autopoiesis reflexiva y la anulación imaginaria, nos lleva a diferentes ejercicios espirituales, en la cual la praxis individual e individualizada parece resumir la última estrategia frente a socio-espacialidades descontroladas e impositivas. El último ejercicio: la desaparición.

BIBLIOGRAFÍA:

Fresco, J. 2007, *Diseñando el futuro*, Proyecto Venus, Florida

Fresco, J. & Meadows, R. 2011, *The Venus Project*, Proyecto Venus, Florida

Guerra de Hoyos, C; Pérez Humanes, M; Tapia Martín, C. 2011, *El territorio como "demo": demo(a)grafías, demo(a)cracias y epidemias*, Universidad Internacional de Andalucía, Sevilla

Guigou, L. N. 2011, *Por una antropología de la vulnerabilidad* en Revista Sociedad y Religión vol. 21, pp.201-211. Area Soci edad, Cultura y Religión C EIL-PIETTE, Buenos Aires

_____ 2011, *Diversidad cultural, narrativas y representaciones sociales: hacia un estudio de la TV abierta en Uruguay*. En Kaplún, G. (Org.). Políticas, discursos y narrativas en comunicación. LICCOM, UDELAR, Montevideo

Guigou, L. N. y Basini J. (2010). *Ciudades en perspectiva: un estudio comparativo Montevideo-Manaus*. En: Romero, S. (comp.) Anuario de Antropología Social y Cultural. Montevideo: DAS, FHCE, UDELAR.

Guigou, L. N. 2005, *Sobre cartografías antropológicas y otros ensayos*. Hermes Criollo, Montevideo

Joseph, P. 2008, *Zeigeist Addendum*. Obtenida El 9 de setiembre de 2011, de <http://www.zeitgeistaddendum.com/>

Levinas, E. 1995, *Totalidad e infinito: ensayo sobre la exterioridad*. Sígueme, Salamanca

Lévi-Strauss, C 1969, *Las estructuras elementales de parentesco*. Paidós, Barcelona

Movimiento por la Extinción Humana Voluntaria (n.d.). Obtenida el 4 de octubre de 2011, de <http://www.freewebs.com/vehemente/INDEX.htm>

Movimiento Zeitgeist Colombia (n.d.). Obtenida el 3 de julio de 2011, de <http://www.zeitgeistcolombia.com/acerca-de/zeitgeist/>

Weisman, A. 2007, *The World Without Us*. St. Martin's Thomas Dunne Books, New York

Cartografias da mobilidade urbana nas fronteiras amazônicas: Geopolítica dos grandes projetos e prelúdio das redes socioinstitucionais em Marabá

Andréa de Carvalho Alvim¹, Felipe Castelo Branco², Guilherme Saltini Leite³,
Marcio Bahia Labruna⁴ y Valnei Pereira⁵

¹ Relações Internacionais PUC, Minas,

² Economista PUC, Minas, Geógrafo em Université Vincennes/ Saint Denis Paris VIII, Esp.
Geoprocessamento UFMG

³ Agrônomo UnB; Esp. Meio Ambiente e Sustentabilidade FAAP

⁴ Doutorando em Geografia Humana FFLCHUSP, Mestre em Geografia em Université
Toulouse, Turismólogo (PUC-Minas/ UFMG)

⁵ Doutor em Arquitetura e Urbanismo FAUUSP, Mestre em Planejamento Urbano e Regional
IPPUR/ UFRJ, Geógrafo UFMG

Resumo. A idéia de fronteira é uma categoria socioespacial que permite analisar a transitividade e mobilidade dos fluxos enquanto reprodução socioespacial ampliada e emergente do mundo e da vida social. Em regiões de rápida transformação por processos econômicos e decisões políticas em ebulição como é o caso do sudeste paraense, Amazônia Brasileira, forjada por rápidos, cambiantes e incompletos fenômenos sociais, surgem fragmentárias e múltiplas memórias, formas de luta e resistência socioinstitucional sob a forma de redes de empoderamento que ressignificam a concepção de lugar e território. Marabá, terceiro maior pólo urbano do Estado, depois da RM Belém e de Santarém, consiste em estranha e mutante espacialidade, reflexo e resultado de decisões geopolíticas, da mobilidade de fluxos demográficos e dos contrastes de processos socioespaciais herdados e novos. Nosso enfoque busca entender como decisões econômicas e geopolíticas, ilustradas a partir da instalação de grande pólo siderúrgico, em torna da “Alumínios do Pará (Alpa)” tem gerado novas formas de reinvenção urbana e reflexão sobre sua história recente com novos e oportunos papéis das redes socioinstitucionais. Neste contexto, situamos os programas convergentes da implantação do projeto em termos das Licenças Socioambientais e suas compensações socioterritoriais das quais emergem ações e programas relacionados à apropriação sociocultural e política destas oportunidades e interpretados como cartografias da mobilidade, prelúdio para a análise da vulnerabilidade socioterritorial, perfil migracional, desterritorialização, reconversão urbana e dos circuitos socioespaciais de produção e reprodução das centralidades urbana e regional de Marabá.

Palavras-chaves: Grandes projetos minero-metalúrgicos - Empoderamento socioinstitucional - Redes socioespaciais - Migrações amazônica - Marabá

1 Geopolítica dos Grandes Projetos da Amazônia e nexos com a produção do espaço urbano em Marabá

A origem do processo de povoamento de Marabá está na fundação do Burgo Agrícola, estabelecido pelo coronel Carlos Gomes Leitão junto com famílias provenientes de Goiás, em 1895. A idéia inicial era a de estabelecer um núcleo dedicado à agropecuária, porém, logo após a fundação do Burgo Agrícola, ocorreu a descoberta do caucho¹ nas matas em torno da bacia do rio Itacaiúnas (ALMEIDA, 2009). A notícia da lucratividade do caucho se espalhou rapidamente atraindo migrantes de Goiás, Ceará, Maranhão e outros Estados nordestinos (MATTOS, 1996 *apud* DIAGONAL URBANA, 2006). Para controlar o acesso às matas das quais era extraído o látex, alguns comerciantes iniciaram a ocupação da área na confluência dos rios Tocantins e Itacaiúnas, conhecida como “pontal”. Em 1898, Francisco Coelho, um desses comerciantes, fundou um entreposto comercial denominado Marabá, nome que posteriormente iria batizar o novo município. A fama do entreposto comercial de Marabá cresceu e outras casas comerciais foram se estabelecendo no local onde hoje se encontra o bairro Cabelo Seco, na extremidade do pontal (ALMEIDA, 2008), hoje denominado de Marabá Pioneira. Uma parte da população deslocava-se na entressafra do caucho e outra permanecia dedicando-se a serviços temporários, praticando uma agricultura de subsistência ou roçado. A extração predatória do caucho prosseguiu até 1919 quando sua importância econômica foi abalada pelo fim da Primeira Guerra Mundial e pela concorrência asiática que derrubou os preços no mercado internacional. No entanto, uma alternativa foi encontrada na castanha do Pará, fruto da castanheira que em 1920 passou a ser exportada em larga escala para países como Inglaterra e Estados Unidos. Por várias décadas, o extrativismo da castanha determinou o ritmo da evolução urbana de Marabá de forma semelhante à do extrativismo do caucho, já que ambas eram atividades sazonais, que atraíam população somente durante a época de safra.

¹ Árvore produtora de látex semelhante à seringueira.



Fig.1. Partida de pessoas do Porto de Marabá para os castanhais em 1926
(Prefeitura Municipal de Marabá)

Quando em 1938 o engenheiro civil Américo Leônidas Barbosa de Oliveira percorreu a região a fim de elaborar um relatório sobre a viabilidade da navegação nos rios Tocantins e Araguaia, esteve em Marabá e descreveu a economia local ressaltando o cenário na época da entressafra, “quando as embarcações paravam, os bares se fechavam e os prostíbulos se esvaziavam”. Segundo o autor, apenas o Palácio da Prefeitura, na época em construção, estava orientado para uma ocupação mais definitiva do solo. A cidade tinha sido arrasada pela grande enchente de 1926, mas

“ressurgiu imprevidentemente no mesmo local, com seus caracteres próprios, ditados por fatores humanos de ordem econômica e geográfica”.



Fig. 2. *Enchente de 1926 em Marabá* (Prefeitura Municipal de Marabá)

Foi em 1928, dois anos após a enchente, que um processo de reconstrução e requalificação urbana marcou a concordância, em função de questões econômicas, de se conviver com o fenômeno periódico das cheias e inundações (PNUD, 2010):

“a estrutura da cidade modificou-se com a abertura de novas vias, asfaltamento, construção de prédio escolares, hospitalares, comerciais e residenciais segundo um padrão acima do que existia na cidade” (PNUD, 2010).

Durante a Segunda Guerra Mundial (1939 a 1945), a extração da castanha sofreu pela primeira vez uma quebra de continuidade, em função da retração do mercado internacional. Por outro lado, outra atividade, também extrativista, ganhava destaque: o garimpo de diamantes, que ainda apresentava a vantagem de poder ser explorado de forma intercalada com a castanha, no período de maio a outubro, quando a vazante dos rios facilitava o acesso aos depósitos de aluvião (ALMEIDA, 2008). Surgiu assim um importante fator de fixação de mão de obra na região. Em 1950 a área si tuada dentro do pontal caminhava para o esgotamento. As perspectivas criadas a partir da abertura da rodovia Belém -Brasília no fi nal da década e posteriormente, com a abertura da PA-70, facilitaram a chegada de migrantes para a área m ais próxima de Marabá. Na cidade, o bairro Santa Rosa já estava adentrando a área do varjão, limite da possibilidade de assentamento de novos moradores. Em 1960 o crescimento populacional pressionava por formas alternativas de expansão da cidade, resultando no surgimento do núcleo São Félix, na outra margem do rio Tocantins: uma fuga das áreas mais vulneráveis às enchentes, uma vez que a cida de já chegava aos chamados “varjões”, áreas permanentemente ou facilmente alagadas. (ALMEIDA, 2008)

A população de maior poder aquisitivo vivia na parte central do pontal, onde estavam as casas mais bem construídas e o comércio mais ativo. Era nessa área que também se encontravam os órgãos institucionais e de serviços. Já em meados da década de 1950, ali já existia uma infraestrutura básica, com rede de água, luz e telefone (ALMEIDA, 2008). Entre 1950 e 1960 a cidade registrou um considerável crescimento populacional, passando de 4.920 para 8.772 habitantes. No início da década de 60 o crescimento urbano de Marabá, o garimpo e a pecuária provocaram uma diminuição no retorno das populações para suas regiões de origem e a vida urbana ganhou impulso com novos espaços modernizados, como bancos, escritórios, agências além de serviços já existentes como a delegacia, a Prefeitura e a loja maçônica. No entanto, segundo Almeida (2008), as características urbanísticas e o padrão das edificações pouco mudaram até meados da década de 1970, quando surgiram os planos do governo militar de construção da Nova Marabá, uma nova cidade para onde seria transferida a população atingida pelas enchentes dos rios Tocantins e Itacaiúnas.

No início da década de 1970, relatórios apontavam o bairro Amapá como uma continuidade natural do processo de expansão da cidade. Ali estavam localizados o aeroporto e órgãos federais como INCRA e DNER. Era para lá também que apontava o fluxo migratório vindo do nordeste, em função da facilidade de ocupação dos lotes mais baratos oferecidos pela Prefeitura. Como aponta Almeida (2008),

“em 1974, a área do bairro Amapá contava com 1.610 casas e 4.456 pessoas. Um ano depois, a SUDAM estimou que o bairro já teria em torno de 6.000 habitantes”.

O já citado bairro Jarbas Passarinho ou Vila Transamazônica também continuava a crescer, impulsionando o surgimento de bairros vizinhos como o Novo Horizonte, Laranjeiras e Agrópolis do INCRA, que acabaram formando o Complexo Integrado da Cidade Nova.

Apesar da existência desse vetor natural de expansão, o Governo Federal optou pela escolha de outro local para a instalação da Nova Marabá, justificando tal opção pelo fato do bairro Amapá já se encontrar em fase de ocupação, o que iria dificultar a adaptação de um projeto urbanístico. Segundo Almeida (2008),

“a imposição por parte do Governo Federal do projeto da Nova Marabá criou um problema futuro para o Poder Público Municipal, ou seja, de arcar na prática com a implantação de dois núcleos: Cidade Nova, que surgia de forma espontânea e a Nova Marabá.”

A Nova Marabá se estruturou, mas acabou não agregando os moradores do núcleo pioneiro e sim uma população migrante atraída pela implantação dos grandes projetos governamentais da década de 1980, entre os quais a construção da Hidrelétrica de Tucuruí e o Projeto Grande Carajás. Muitos dos lotes da Nova Marabá foram retidos de forma especulativa pelos moradores que se desfaziam dos mesmos e retornavam à

Marabá Pioneira. Assim, com o crescimento populacional, a ocupação da área do pontal até se intensificou e o antigo núcleo acabou tendo um maior adensamento populacional, o que trouxe uma dimensão ainda maior para o problema das enchentes. No início dos anos 80 a Marabá Pioneira ainda concentrava a maior parte do comércio e da oferta de serviços, sendo caracterizada como a parte mais dinâmica da cidade. Esse núcleo e a Cidade Nova acabaram por absorver a população excedente que não conseguiu se fixar na Nova Marabá, em função da dificuldade de se obter lotes ou emprego. A Cidade Nova apresentava deficiências de infraestrutura e serviços públicos. No então núcleo mais populoso da cidade, a rede de energia elétrica atendia os bairros locais de forma parcial, não havendo rede de abastecimento de água. A Nova Marabá tinha nas Folhas 27 e 28 a ocupação mais consolidada. Existiam outras folhas com ocupação parcial como as 15, 16, 20, 21 e 22, sendo que as demais não estavam completamente implantadas. A valorização imobiliária se fez presente principalmente nos lotes próximos ao sistema viário principal e na Folha 32, a mais valorizada (ALMEIDA, 2008). Essa expansão urbana associada aos ciclos econômicos e elevadas taxas de crescimento populacional acabou levando à formação de quatro núcleos urbanos com dinâmicas territoriais distintas, a saber: Marabá Pioneira, Cidade Nova, Nova Marabá e São Félix.

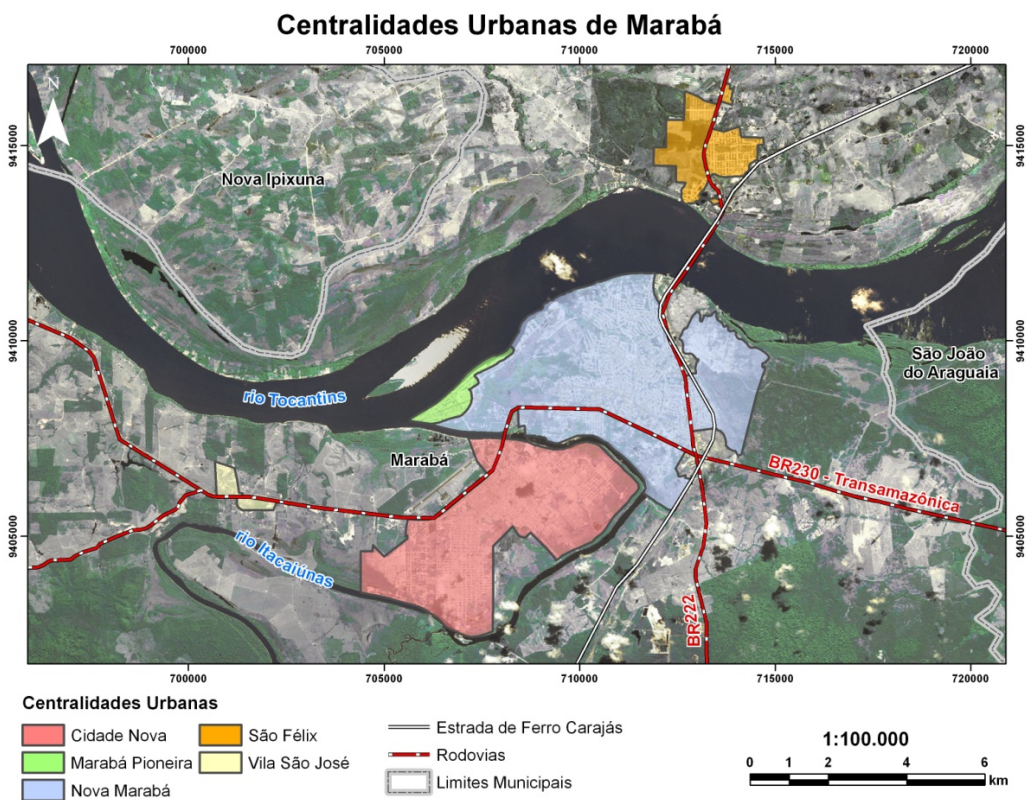


Fig. 3. Centralidades Urbanas de Marabá

Contemporaneamente a cidade constitui um importante eixo nodal de conexão da Amazônia Oriental com o restante do país, fronteira de mobilidade de fluxos e intercâmbios entre as regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste, além de cidade pólo do Sudeste Paraense, região detentora de fortes contrastes e dilemas. Demograficamente a população urbana de Marabá passou de 59,53% em 1970 para 79,72% em 2010, sendo o período de maior crescimento 1970-1991, quando a participação da população urbana aumentou 39,14%, resultando numa taxa de urbanização de 79,72%.

Em seu território de influência localiza-se a maior província mineral de minério de ferro do planeta, materializada pela presença de Carajás, com novos e grandes projetos minero-metalúrgicos, como as Minas de Salobo e S 11-D, além da Siderúrgica Alumínios do Pará (Alpa). Somada a isso uma complexa rede logística formada pelos Rios Tocantins e Araguaia e suas conexões com portos (Barcarena, Belém e São Luís), rodovias (Transamazônica e Transbrasiliana ou Belém-Brasília), e ferrovia (Estrada de Ferro Carajás) consolidaram seu papel de articulador de novos e decisivos projetos de desenvolvimento nos fronts da Amazônia de ocupação consolidada. Apesar de tantos projetos, a cidade detém grandes déficits e gargalos em termos de infraestrutura, sobretudo as sociais, em termos de saúde, saneamento, educação, habitação, segurança pública, lazer, cultura e direitos humanos, além de outros que a figuram como uma paisagem muitas vezes que não corresponde às perspectivas econômicas que detém. Muitas destas assimetrias sociais são capturadas por projetos políticos, como a constituição do Estado do Carajás, forjada pelo discurso do desenvolvimento regional e pela urgência em reivindicações e processos de empoderamento sócio-institucional que reorganizam redes sociais, conflitos e amplos dissensos.

2 Vulnerabilidades Socioterritoriais alteradas pela migração e a primazia das redes sócio-institucionais em Marabá

O trabalho foi desenvolvido a partir de um amplo diagnóstico de vulnerabilidade socioterritorial de Marabá cujo objetivo foi o de reconhecer e analisar os processos socioeconômicos e a dinâmica territorial que interagem em um complexo universo de relações macrossociais endógenas e exógenas moldadas pelos processos históricos de ocupação e formação das identidades nesta região da fronteira Amazônica. É possível observar nestes territórios uma série de fenômenos sociais revelados em territórios cuja ocupação encontra-se em franco processo de constituição. Dentre estes fenômenos estão: a ausência de vínculo identitário com o lugar por parte da grande massa colonizadora, especialmente a de mobilidade recente ou atual; conflitos socioculturais entre novos migrantes e comunidades pioneiras e tradicionais; relações frágeis e cambiantes entre as redes sociais; constantes transformações nos padrões de relação entre a produção e a terra; e a reestruturação das vocações e padrões de crescimento urbano e socioeconômicos locais. Com efeito, invariavelmente estes fatores culminam em alguns problemas sociais complexos como estruturas tradicionais de poder modernizadas sob a tutela do coronelismo, a grilagem de terras,

dos conflitos entre os padrões socioambientais herdados e novos, a ocupação irregular e o aliciamento moral de jovens e adultos, além da apropriação injusta dos recursos produzidos.

A concepção de rede é compreendida neste trabalho mediante análise dos *players* e espaços de fluxos, que vêm sendo transformados sob efeito combinado do paradigma da tecnologia da informação e das formas e processos sociais induzidos pelo processo de transformação sociocultural e histórica. Em cada país, a arquitetura de formação de redes se reproduz em centros locais e regionais, de forma que todo o sistema fique interconectado em termos globais (CASTELLS, 2000). Partindo do pressuposto de que a teoria social do espaço é o suporte material de práticas sociais de tempo compartilhado, o espaço de fluxos pode ser visto, segundo Castells (2000) como a organização material das práticas sociais de tempo compartilhado que funciona por meio dos fluxos, que são combinados em diferentes camadas de suporte material envolvendo centros de importantes funções estratégicas e de redes de comunicação, além da organização espacial das elites gerenciais dominantes. Nesse sentido, as pessoas vivem em lugares, mas, como o poder e as funções estão organizados em fluxos, o significado e a dinâmica dos lugares são alterados, o que sugere:

“um horizonte de espaço de fluxos aistórico em rede, visando impor sua lógica nos lugares segmentados e espalhados, cada vez menos relacionados uns com os outros, cada vez menos capazes de compartilhar códigos culturais. A menos que, deliberadamente, se construam pontes culturais e físicas entre essas duas formas de espaço, poderemos estar rumando para ávida em universos paralelos, cujos tempos não conseguem encontrar-se porque são trabalhados em diferentes dimensões de um hiperespaço social”. (CASTELLS, 2000, p.452)

Embora o capital flua com liberdade nas redes, o trabalho é ainda muito limitado por instituições, culturas, fronteiras e xenofobia, o que pode ser facilmente verificado na realidade específica de Marabá onde as instituições comunitárias, embora possuam forte apelo por mudanças sociais e integração das redes socioinstitucionais, esbarram em resistências construídas poder público e privado, além das próprias relações de xenofobia constituídas pelo processo migratório na constituição de suas fronteiras. Contudo, há uma tendência para a interdependência da força do trabalho em escala global devido às migrações proporcionadas por grandes empreendimentos no sudeste paraense e também pelos efeitos da concorrência global e pelos impactos do comércio internacional sobre o emprego.

Em Marabá, as novas relações de trabalho e mão de obra constituem um modelo tecido pela interação histórica entre migrações, transformação tecnológica, política das relações industriais e ação social conflituosa, que constituem diferentes cenários de vulnerabilidade social. Desta maneira, a lógica das redes gera uma determinação social em nível elevado, constituindo fontes de dominação e transformação de uma sociedade. Isto faz com determinados grupos não conectados às redes sociais, ou que não compartilhem os mesmos códigos de comunicação com os grupos dominantes,

constituam movimentos pela reorganização e reestruturação da rede. Em Marabá, a construção social das novas formas dominantes de espaço e tempo desenvolve uma rede que ignora determinados grupos sociais subordinados e os territórios desvalorizados que constituem as áreas de vulnerabilidade socioterritorial. Com isso, gera-se uma distância social muito grande entre a rede e a maioria das pessoas, atividades e locais na região. Cada vez mais, esta nova ordem social parece uma metadesordem social para a maior parte das pessoas em Marabá.

A vulnerabilidade social de Marabá está diretamente atrelada aos processos excludentes de formação das redes socioterritoriais. No entanto, é preciso atentar-se ao contexto sociocultural e à escala territorial ou espacial dos grupos vulneráveis. Assim, em um primeiro momento, determinado grupo social pode ser considerado vulnerável quando se analisa, por exemplo, a facilidade de acesso aos recursos necessários para a sua sobrevivência e os fenômenos ambientais aos quais estão sujeitos. Comunidades ribeirinhas, por exemplo, necessitam empenhar-se na atividade pesqueira para garantir uma fonte de renda e alimentação e o sucesso deste recurso está associado, dentre outros fatores, à relação cotidiana destes com a natureza. Sem querer sugerir a primazia do ambiental sobre o econômico, a pauta da análise é a de que os temas da vulnerabilidade são relativos aos contextos espaço temporais e suas mudanças. Além disso, comunidades ribeirinhas aprenderam a lidar com estas variações ao longo dos anos, tendo estabelecido fortes vínculos de identidade com estes recursos e meios de sobrevivência. Portanto, a vulnerabilidade deve ser compreendida a partir de uma perspectiva ampla, que considere os elementos econômicos, sociais, políticos e culturais da sociedade na sua relação com a apropriação sociocultural da natureza. Estes elementos devem estar orientados para a prevenção do desemprego, do risco à saúde humana, das condições precárias e degradantes de trabalho, da pobreza e da falta de proteção à dignidade, ao compartilhamento equitativo do bem-estar social, ao livre arbítrio, aos valores e à integridade física e cultural das sociedades. Em outras palavras, devem prezar pela garantia dos direitos humanos e a qualidade de vida das pessoas. Nossa perspectiva assume o processo atual de vulnerabilidade socioterritorial como *background* inicial à implantação do projeto da Alpa como condicionante à nova dinâmica de reestruturação socioespacial.

Outro princípio da vulnerabilidade que deve ser considerado é sua natureza conotativa de risco. Neste sentido, este termo não caracteriza necessariamente um estado de exclusão social, para o que determinado grupo estaria totalmente desvinculado dos valores de pertencimento com o meio social em que transita (CASTEL, 1997), mas sim uma zona intermediária entre a plenitude de direitos e de bem-estar social e o referido estado de exclusão. Este estado de exclusão seria motivado pela organização voluntária de indivíduos em grupos cuja restrita interação com outros grupos sociais, formados a partir do compartilhamento involuntário dos bens e serviços, os levariam a sentirem-se isolados e desmotivados de participar da experiência social coletiva (KOWARICK, 2003). A vulnerabilidade representa, portanto, a faixa de transição entre a inclusão e a exclusão cuja dinâmica de desigualdade varia no tempo de acordo com o risco a que estão sujeitos os grupos sociais quanto à perda ou redução das oportunidades de emprego, preservação de

valores e participação social. Segundo Katz man (1999; 2001), as ferramentas de que dispõem estes grupos sociais para combaterem tais riscos compreendem os recursos físicos das famílias, tanto o capital físico quanto o financeiro, os recursos humanos, cuja robustez se dá pelo investimento em saúde e educação, e os recursos sociais, compreendidos pelas redes de relacionamento e níveis de abertura social resultantes dos contatos e do acesso à informação. Desta forma, observa-se que a vulnerabilidade aumenta ou reduz de acordo com a apropriação destes fatores pelas famílias, bem como das conjunturas socioeconômicas e políticas ao longo do tempo.



Fig.4. Centro Comercial Nova Marabá



Fig. 5. Centro Comercial Marabá Pioneira

Para elaboração do diagnóstico de Vulnerabilidade Socioterritorial, a técnica de levantamento de dados primários em campo foi fundamentada em pesquisa qualitativa para análise dos micros e macros processos socioterritoriais por centralidades urbanas de Marabá, a saber: Marabá Pioneira, Cidade Nova, Nova Marabá e São Félix através do estudo das representações socioinstitucionais. A opção da pesquisa qualitativa em detrimento da quantitativa se deu principalmente pelo fato de grande parte dos dados secundários existentes serem provenientes do último Censo-2010, além dos já fornecidos pela ALPA, constituindo-se em fontes já atualizadas e detalhadas sobre o perfil socioeconômico e cultural do município de Marabá. Além disso, o município de Marabá já se constitui em uma municipalidade institucionalizada onde os principais processos socioeconômicos e culturais são mapeados ou coordenados por representações político-institucionais, que já possuem, portanto, visão espacial dos processos e conjunturas sociais, econômicas, políticas, facilitando o entendimento da mobilidade espacial da população no contexto dos padrões demográficos, além dos cenários de vulnerabilidade por centralidades, elementos importantes da nossa análise. Recorreu-se à análise dos fluxos de mão de obra corroborados à de população urbana em idade ativa (PIA) de Marabá, ou seja, o volume de habitantes com 10 anos ou

mais de idade que vive na zona urbana é 101.808 habitantes, segundo dados do Censo (2000). Destes, 55.550 habitantes encontram-se economicamente ativos (PEA), o que significa que estão dispostos a trabalhar, enquanto 52.999 constituem a população ocupada (POC), ou seja, que possuem alguma ocupação.

De acordo com dados do Ministério do Trabalho (MTE, 2010), existem 27.590 empregos formais em Marabá, o que corresponde a 11,81% da população total e 14,91% da população com 10 anos ou mais de idade no município (IBGE, 2010). Corrobora com este quadro a situação da pobreza em Marabá, para o qual analisamos o Índice de Desenvolvimento da Família (IDF), em termos de: composição familiar; acesso ao conhecimento e ao trabalho; disponibilidade de recursos; desenvolvimento infantil e condições habitacionais.

Existem ainda comunidades de pescadores que dependem da pesca artesanal e habitam a zona urbana de Marabá, principalmente nos bairros Cabelo Seco, São Felix Pioneiro, Independência, Amapá, Santa Rosa e Folha 8. A maior parte destas comunidades, além de constituírem comunidades tradicionais, cujo legado de Vulnerabilidade Socioterritorial diante da economia e cultura capitalistas é pronunciado no Brasil, é composta por pessoas analfabetas ou com poucos anos de instrução formal, além de renda familiar de até um salário mínimo. Em algumas existem famílias com mais de 20 pessoas, onde a mulher e os filhos menores atuam na pesca, caso da comunidade Porto do Tacho. Neste contexto, as pressões do desenvolvimento socioeconômico de Marabá devem ser monitoradas de forma que seja assegurado o direito sobre os recursos naturais que historicamente fazem parte do cotidiano e da sobrevivência destas comunidades tradicionais, cujos territórios cumprem a função social precípua de organização e manutenção dos laços sociais.



Fig. 5. Antigas Habitações no Cabelo Seco, Marabá Pioneira



Fig. 6. Comunidade de pescadores Porto do Tacho, bairro Independência, Cidade Nova

Apesar de, como visto, grande parte dos crimes relacionados aos Direitos Humanos em Marabá estarem associados ao acesso à terra e ao processo de justiça fundiária brasileiro e, portanto, serem mais evidentes nas áreas rurais, é preciso ressaltar que o fenômeno da migração pode causar grandes transformações neste cenário, aumentando a incidência e a complexidade da violência. De fato, os efeitos do processo de desenvolvimento industrial na migração incidirá principalmente na zona urbana de Marabá, porém caso o poder público não se organize para atender à demanda crescente por infraestrutura, serviços públicos e, principalmente, inclusão social, o excedente da população marginalizada poderá migrar para as áreas rurais, potencializando o cenário da violência no campo. Por outro lado, o excedente marginalizado do campo também será atraído pelo desenvolvimento urbano de Marabá, o que poderá exercer influência sobre as práticas que infringem os direitos humanos decorrentes, sobretudo, do tráfico e uso de drogas, da exploração sexual de menores e da intensificação da geração de postos de trabalho e possíveis formas de exploração da mão de obra.



Fig. 6. *Precariedade do Saneamento Básico no bairro Liberdade*



Fig. 7. *Esgoto a céu aberto no bairro Jardim União*

A conjuntura socioeconômica atual do município de Marabá é fruto de um processo histórico marcado por distintos momentos sociais, formas de poder e ciclos econômicos desde a fundação do Burgo Agrícola, em 1895. Desde então, a cidade passou por períodos de ocupação intensa, porém desordenada, que consolidaram uma paisagem urbana e cultural heterogênea, revelada no seu próprio formato de centralidades autônomas, em núcleos espalhados e interrompidos pelos rios Tocantins e Itacaiúnas. As perspectivas criadas a partir da abertura das rodovias Transamazônica e Belém-Brasília e posteriormente com a PA-70, facilitaram a chegada de migrantes para a área mais próxima de Marabá e consolidaram ainda mais seu papel como pólo de migração intensa, agora já conectada com novas infraestruturas rodoviárias e mais recentemente aeroportuárias que interligam a Amazônia a outras regiões brasileiras. O forte crescimento demográfico contrasta com a grande dependência que a economia do município possui em relação ao setor industrial que, apesar de menor que os

serviços, alavanca a circulação de renda e a dinamização dos componentes dos serviços como a logística, a construção civil e o comércio, advindo de sua posição estratégica como grande entreposto regional. O que contrasta em termos de vulnerabilidade na relação entre migração e emprego é o forte peso da economia informal já que apenas 11,81% da população total e 14,91% da população com 10 anos ou mais de idade no município possuem vínculos empregatícios formais.



Fig. 7 e 8. moradora retirando água de um poço em um assentamento informal e paisagem típica da ocupação recente migrante em assentamento informal, ambos na Folha 6

Estes processos de ocupação conformaram um assentamento urbano que sempre se pautou pela ideia de provisoriedade e pouca condição de habitabilidade urbana e conformação da paisagem arquitetônica, revelados pelos seus contrastantes aspectos habitacionais. Ao compreender os aspectos de status da propriedade da terra; déficit habitacional; abrigabilidade e acesso a abastecimento de água, energia elétrica, saneamento, e coleta e tratamento de lixo, o seu desempenho é mediocre na medida em que é baixa a cobertura de abastecimento de água, inexistência total de redes de coleta e tratamento de esgoto, além da precariedade de muitas das habitações e construção domésticas e civis. Os dados de acesso à educação são também expressivos para o baixo índice de escolarização já que identificam a existência de 19.717 pessoas analfabetas com mais de 15 anos na zona urbana de Marabá, o que corresponde a 16,92% dos residentes urbanos com esta faixa etária. Esta proporção é significativamente maior que a verificada para a população com as mesmas características no Brasil, que é de 12,50%, apesar de ser expressivamente abaixo da verificada para o Estado do Pará (26,24%). A vulnerabilidade em relação à saúde em Marabá está ligada à fraca capacidade de ampliação social dos programas de saúde pública e coletiva, o que faz com que o município não cumpra metas de atendimento, como o da cobertura do ESF atribuídas pelo pacto da Saúde, associados à carência de profissionais, além da ausência de investimentos na ampliação de postos de saúde nos assentamentos humanos dispersos e em franca expansão social e espacial. É também flagrante o elevado número de internações por acidentes de transporte, responsáveis por 4,28% das internações e atribuídos ao grande número de

motocicletas e das conexões rodoviárias. São alarmantes os dados de saúde referentes à violência, responsáveis por 30,75% de participação no quadro de mortalidade por causas externas de Marabá, exercendo grande pressão sobre o sistema de saúde. Estes dados são confirmados nos indicadores de Segurança Pública não só expressivos em termos de violência e delitos, mas na alta população carcerária e nos históricos índices de que são notícias os municípios do interior do Pará, ou seja, a pistolagem, os assassinatos por interesses econômicos ou de poder e o aliciamento de jovens para a criminalidade, resultando em muitos casos no homicídio juvenil, motivados principalmente pelo uso de entorpecentes e o aumento e disseminação do tráfico de drogas, em particular do crack. Esses dados, por si só representam limites e ameaças aos direitos humanos. É comum a segurança privada no lugar do Estado prover e assegurar a interesses privados a garantia do uso da força.

A violação dos direitos humanos no Estado do Pará ocorre de forma bastante evidente nas áreas rurais, onde são comuns episódios de violência contra comunidades tradicionais, ativistas e organizações da sociedade civil cujos interesses se opõem ao de grandes latifundiários e grileiros de terra, além do emprego de trabalho escravo, infantil e sob condições degradantes. No ano de 2009 mais de 600 famílias estiveram envolvidas em conflitos de terra em Marabá, 1.340 famílias em processos de ocupação irregular de terras e 120 famílias acampadas em áreas de terceiros, além de terem sido registrados 324 denúncias de trabalho escravo no campo, contando também com o município de Paraupabas, e nove denúncias de superexploração do trabalho em Marabá (CPT, 2010). Na zona urbana, por outro lado, os crimes envolvendo as condições de trabalho são, de fato, mais camuflados. Apesar da prevalência doméstica, a exploração sexual de menores em casas noturnas, bares e, principalmente, nas rodovias, é eminente em uma cidade com as características de Marabá, com poucas opções de lazer para a população, locais com fiscalização dificultada (assentamentos informais) e localização em meio à BR-230 (Transamazônica), onde existem 47 pontos de exploração sexual de menores em toda sua extensão (CHILDHOOD BRASIL, 2010).

O medo social, por fim revela-se como grande constituinte na violação dos direitos humanos na medida em que tolhe a liberdade de ser. Ainda em termos de vulnerabilidade socioterritorial incluímos a capacidade e necessidades adicionais que uma família possui por compreender membros em situação de maior vulnerabilidade como idosos, gestantes, crianças e pessoas com deficiência, o valor razoável de 0,70 se justifica pela alta taxa de natalidade de Marabá, que em 2009 foi de 26,13%. Esta taxa é expressivamente superior à do Brasil, que em 2009 foi de aproximadamente 15,05%, aproximando-se de países bastante pobres como Camboja (25,53%) e El Salvador (26,13%), o que termina por refletir também no número de crianças e gestantes na família, tornando-as mais vulneráveis.

Por fim, devem-se relacionar todas estas análises temáticas ao foco da migração e da mobilidade dos fluxos demográficos que muito além de repercutirem sobre estoques atuais e futuros de população, expressam a preocupação com a diferença e sua capacidade de convivência. Neste contexto a diferença é entendida como conflito

contínuo e inerente que deve ser monitorado para além dos números, em seus sentidos agonísticos, já que:

“o sentido agonístico constitui-se numa das interfaces das interpretações de migrantes sobre suas experiências em situações de trânsitos e impermanências, nas quais haja a predominância do tempo da ação, a falta de sedimentação de identidades e a imprevisibilidade do processo. A itinerância ou a mobilidade das pessoas no território ou nas atividades desenvolvidas, não significam falta de identidade e projeto de vida. Significam que a vida é movimento. Mudar ou mover-se é uma necessidade e um aprendizado de quem precisa lutar pela vida. A provisoriedade que parece caracterizar esse modo de sentir-se e estar no mundo em movimento deve ser vista como um posicionamento – de atenção e abertura – que possibilita construir pontes para muitos lugares e apreciar taticamente os horizontes e as possibilidades” (SILVA, 2006: 114).

Ou seja, a migração coloca em movimento não só os fluxos demográficos e econômicos, mas o descentramento da identidade do sujeito e seus projetos de vida, objeto de negociação permanente e potencialmente geradora de conflitos. Entender os processos de vulnerabilidade socioterritorial em Marabá, portanto, implica reconhecer estes processos também de natureza simbólica e política. De acordo ainda com Silva (IBID Ibidem 2006), a migração deve ser analisada em termos práticos e teóricos a partir dos processos que mobiliza e protagoniza, gerando constantemente experiências de significação e identidade agonísticas (e antagonísticas), tradutórias e performáticas que merecem análise conjunta. Neste cenário dinâmico é também rápida a atuação das redes sócio-institucionais reconhecidas pelas instituições comunitárias e algumas do terceiro setor, formadas pelas Associações de Moradores em cerca de mais de 40 associações civis que organizadas pela luta social evidenciam um forte empoderamento sobre as estruturas oficiais e a mudança social.

BIBLIOGRAFÍA:

Beltrammi, D.G.M. 2008, *Descentralização: o desafio da regionalização para Estados e Municípios*. RAS, Vol. 10, Nº 41

Castel, R. 1997, *A dinâmica dos processos de marginalização: da vulnerabilidade à “desfiliação”*. Cadernos CRH, nº 26 e 27, pp. 19-40

Castells, M. 2000, *A sociedade em rede*. Ed. Paz e Terra p. 698, São Paulo

Childhood Brasil 2010, *Mapeamento dos pontos vulneráveis à exploração sexual de crianças e adolescentes nas rodovias federais brasileiras* p. 32

CPT – COMISSÃO PASTORAL DA TERRA 2010, *Conflitos no campo Brasil 2009 / CPT*; Coordenação: Antonio Canuto, Cássia Regina da Silva Luz, Isolete Wichinieski. Expressão Popular, pp. 2010- 200, São Paulo

Da Matta, R. 1991, *Relativizando: uma introdução à Antropologia Social*. Rocco, Rio de Janeiro

DATASUS – DEPARTAMENTO DE INFORMÁTICA DO SUS 2011, *Cadastro nacional dos estabelecimentos de saúde (CNES)*. Disponível em: <<http://www2.datasus.gov.br/DATASUS/index.php?area=0204>>. Acessado em: Julho de 2011

DTA ENGENHARIA 2010, *Plano de controle ambiental Aços Laminados do Pará – ALPA socioeconomia*. Programa de Capacitação, Qualificação e Aperfeiçoamento Profissional. DTA Engenharia

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E EST ATÍSTICA 1970, *Censos demográficos de 1970, 1980, 1991 e 2010*. Disponível em: <<http://www.metadados.ibge.gov.br/>>. Acessado em: Julho de 2011

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E EST ATÍSTICA 1996, *Contagens Populacionais 1996 e 1997*. SIDRA. Disponível em: <<http://www.sidra.ibge.gov.br/cd/cd2010sp.asp>>. Acessado em: Julho de 2011

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E EST ATÍSTICA 2009, *Matrículas e Infraestrutura da rede de ensino básico*. Coordenação-Geral de Sistema Integrado de Informações Educacionais, 2009. (Dados enviados pelo INEP por meio eletrônico).

KAZTMAN, R. (Coord.) 1999, *Activos y estructura de oportunidades. Estudios sobre las raíces de la vulnerabilidad social en Uruguay*. PNUD-Uruguay e CEPAL-Oficina de Montevideo, Uruguay

KAZTMAN, R. (Coord.) 2001, *Seducidos y abandonados: el aislamiento social de los pobres urbanos*. Revista de la CEPAL, N° 75, pp.171-189. Santiago do Chile

KOWARICK, Lúcio 2003, *Sobre a vulnerabilidade socioeconômica e civil*. RBCS. Vol. 18 N° 5 . Estados Unidos, França e Brasil

MDS – MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO SOCIAL 2011, *Relatório de Informações Sociais do Bolsa Família e do Cadastro Único*. Índice de Desenvolvimento Familiar (IDF). Disponível em: <<http://aplicacoes.mds.gov.br/sagi/ascom/index.php?cut=aHR0cDovL2FwbGljYWVvZlZlZmVudmVldi5ici9zYWdpL2FzY29tL3NlbnFyYw==&loc=mdsSenarc>>. Acessado em: Julho de 2011.

PNUD 2000, *Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil*

SILVA, Idelma Santiago Da., 2006, *Migração e Cultura no Sudeste do Pará: Marabá (1968-1988)*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Goiás, p. 181. Goiânia

UNICEF 2009, *Índice de homicídios na adolescência*. Secretaria Especial de Direitos Humanos, p.53

Políticas Públicas de Integração Física da Amazônia e a Fronteira Internacional do Amapá

Eliane Superti, Jadson Luis Rebelo Porto y Carmentilla das Chagas Martins 1

1 Universidade Federal do Amapá, Brasil

Resumo. As políticas de integração física entre os países sul-americanos provocaram mudanças substanciais no uso e dinâmicas das fronteiras internacionais da Amazônia. Outrora periféricas e desconectadas elas passam para a condição de estratégicas e centrais para a proposta de desenvolvimento econômico. Este artigo tem por objetivo discutir as políticas públicas de integração internacional através da infraestrutura de desenvolvimento econômico destinadas a Amazônia brasileira e seus reflexos na área de fronteira internacional amapaense. O caminho de reflexão por corredor envolveu a discussão sobre as políticas de desenvolvimento econômico e promoção da integração infraestrutural da região ao mercado sul americano, análise da condição fronteira do estado do Amapá diante da ligação física com a Guiana Francesa e apresentação dos impactos e tendências na área de fronteira internacional no Oiapoque/BR.

Palavras Chave: Amazônia - Fronteira Internacional - Integração Física - Políticas Públicas - Desenvolvimento Econômico

1 Introdução

A análise sobre dinâmica econômica, política e social vivenciada atualmente nas áreas de fronteira internacional da Amazônia brasileira não pode prescindir da discussão sobre as políticas públicas implementadas pelo Estado na região. Isso porque, nos últimos 60 anos a ação do Estado foi determinante para promoção de processos de ordenamento territorial, reestruturação produtiva, espacial, exploração de novos mercados, e integração nacional. No final do século XX e início do século XXI, essas ações ganham novo significado e colocam a Amazônia na condição de espaço central e estratégico através das iniciativas de integração física do Brasil ao mercado sul americano.

A centralidade da região amazônica, dentre outros motivos, se dá pelo fato de que dos 10 países da América do Sul com os quais o Brasil faz fronteira, 7 estão geograficamente na Amazônia. Parte importante dos Planos Plurianuais (PPA) de meados da década de 1990 e do primeiro decênio do século XXI e, ainda, no projeto Integração das Infraestruturas Regionais Sul-Americanas (IIRSA), as estratégias de integração supranacional do espaço amazônico baseiam-se em grandes projetos de políticas públicas nas áreas de infraestrutura, transporte e comunicação.

O potencial de dinamização e reorientação dos usos econômicos e políticos das áreas de fronteira internacional amazônica presentes em tais políticas públicas coloca sua problemática como chave para o debate sobre a mudança de cenário de regiões até então periféricas, em zonas importantes de cooperação e sinergia. Importa compreender os atores e as correlações de forças políticas atuantes no seu processo de elaboração e implementação e seus impactos econômicos e sociais.

Este artigo trata das políticas públicas estatais de integração internacional através da infraestrutura de desenvolvimento econômico destinadas à Amazônia e seus reflexos na área de fronteira amapaense. O objetivo é participar do debate sobre o que significam essas políticas, quais interesses as viabilizam e analisar seus efeitos e tendências sobre a fronteira setentrional amazônica. O caminho de reflexão percorrido envolveu a discussão sobre as políticas de desenvolvimento econômico e promoção da integração infraestrutural da região ao mercado sul americano, a análise da condição fronteiriça do estado do Amapá diante da ligação física com a Guiana Francesa e os impactos e tendências na área de fronteira internacional no Oiapoque/BR.

2 Políticas Públicas e Integração Física da Amazônia

A partir da Constituição de 1988, os Planos Plurianuais (PPA) tornaram-se obrigatórios e passaram a compor o arcabouço constitucional pelo qual as políticas públicas estatais de médio e longo prazo voltaram a ser discutidas. Contudo, foi apenas no governo FHC, que o Estado brasileiro, pós-regime militar, retomou efetivamente o papel de planejamento das ações governamentais para o território nacional com PPA Brasil em Ação (1996-1999).

Envolto pelo contexto da globalização, das reformas liberais e estruturação dos blocos econômicos, o plano Brasil em Ação, assim como o Avança Brasil (2000/2003) que o sucedeu, buscava, no âmbito da economia internacional, assegurar a inserção competitiva do país via modernização produtiva. Na análise de Monié (2003), durante os anos 1990, a necessidade em reduzir o custo Brasil, ou seja, de minimizar o conjunto de pontos de estrangulamento da cadeia produtiva e comercial que encareciam e afetavam a competitividade dos produtos nacionais, foi decisiva para retomada dos grandes investimentos de infraestrutura.

Mas, não se tratava apenas de eliminar os gargalos, melhor preparar e interligar a infraestrutura econômica interna, algo que não era novidade nas ações do Estado. Em um cenário de comércio mundializado, em que as estratégias de mercado se voltavam para a articulação de blocos econômicos, tornava-se imperativo a promoção da integração física do país às nações sul-americanas. No Brasil, assim como na América do Sul, a ampliação do comércio regional e o aumento da participação no comércio global passaram a ser entendidos como elementos indispensáveis para o desenvolvimento econômico. A integração representava a ponte de ligação entre a regionalização e a globalização das economias sul-americanas. Isto, por sua vez, exigia um sistema de infraestrutura eficiente capaz de garantir competitividade e permitir a exploração de novos espaços de acumulação de capital.

Os PPA's elaborados no governo Fernando Henrique Cardoso eram, assim, portadores de uma diferença importante em relação às políticas territoriais do período anterior: traçavam linhas de intervenção com a pretensão de integrar o país à América do Sul, abrindo mercados do Atlântico ao Pacífico. As estratégias de integração internacional desenhadas no governo FHC foram incorporadas e aprofundadas no governo Lula e se fizeram presentes no PPA de 2004/2007 e no Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) de 2007/2010.

O enfoque da integração de mercados fez com que a Amazônia ocupasse uma posição central diante das estratégias do Estado brasileiro. Primeiro, porque é através da região amazônica que o país tem conexão física com seis¹ outros Estados sul-americanos e com a Guiana Francesa. Isso torna suas fronteiras internacionais

¹ Através de seu espaço amazônico, o Brasil faz fronteira com: Bolívia, Peru Colômbia, Venezuela, Guiana, Suriname, além do Departamento Ultramarino Francês.

importantes espaços estratégicos. Segundo, a região amazônica, mais uma vez, é encarada como fronteira de recursos que apresenta grande potencial para exploração econômica, apesar de, e mesmo considerando suas especificidades ambientais. Aberta a múltiplas possibilidades por conta de seus estoques incomparáveis de biodiversidade, bens culturais imateriais e materiais, assim como recursos naturais inexplorados, a região desperta interesse do grande capital e das redes internacionais por seu forte potencial de capitalização.

A retomada da concepção de fronteira de recursos e dos projetos de infraestrutura econômica na região amazônica surgiu em contraste à luta de movimentos locais de preservação ambiental e melhoria das condições de vida das comunidades extrativistas, à atuação de ONG's ambientalistas nacionais e internacionais. Contrastava, também com a tendência crescente de políticas públicas estatais preservacionistas que marcaram o período imediato pós-regime militar. Se a atuação de importantes forças políticas foi capaz de abrir espaço na agenda política externa e interna para as questões ambientais e de qualidade de vida das comunidades extrativistas amazonidas na década de 1980, a partir de meados dos anos de 1990, outro imperativo passa a ser o refinador das políticas públicas estatais, o macroeconômico. A participação do país no sistema internacional, marcado pelas reformas econômicas neoliberais, tornou-se a pedra de toque do planejamento estatal. Essa participação dependia da capacidade do país em alcançar novos mercados e incrementar competitividade externa de seus produtos.

O planejamento do Estado incluiu a Amazônia na perspectiva macroeconômica de inserção do país no mercado supranacional. Sua forma de organização e articulação das ações deu-se através dos Eixos Nacionais de Integração (ENID). Os ENID balizaram a organização espacial das ações estatais considerando o território nacional com um espaço geoeconômico aberto, delimitando regiões de planejamento que não respeitavam necessariamente o recorte político-administrativo. Diferentemente dos polos de desenvolvimento que haviam marcado a década de setenta e estimulavam o crescimento polarizado, os eixos priorizaram as redes capazes de promover integração e modernização da infraestrutura econômica comercial em amplas áreas. Os projetos, de acordo com documento do BNDES², que participou do estudo de formulação dos eixos, deveriam ser atrativos para investimentos do setor privado através de parcerias e não pretendiam englobar todos os investimentos necessários ao país, mas aqueles estruturantes, capazes de alavancar outros investimentos e dinamizar a economia das regiões.

Ao se concluir os estudos de estruturação dos eixos, já no final dos anos 1990, eles apontavam as possibilidades de investimentos do capital nacional e internacional.

² Consultar: BNDES. Estudo dos Eixos de Integração e Desenvolvimento, s/d. Versão editada em:
http://www.wisetel.com.br/biblioteca/doc_de_referencia/governo_brasileiro/eixos_integracao_desenvolvimento.htm

Divulgadas em um portfólio com 952 oportunidades, para o período de 2000-2007, as ações seriam financiadas pelos Governos Federal e Estaduais, iniciativa privada e parcerias, envolvendo investimentos totais na ordem de R\$ 317 bilhões, sendo que o maior volume de recursos, R\$186,1 bilhões, eram voltados para obras de infraestrutura econômica organizados em 494 projetos (Brasil 2002). As parcerias público-privadas se apresentavam como um condicionante importante da efetivação do programa, diante da posição Estado que alegava não deter a soma dos recursos necessários para viabilizar a totalidade dos investimentos (Becker 1999). Além disso, o papel do Estado, face ao planejamento era o de indutor, coordenador e regulador do processo.

A função principal da execução das ações previstas no estudo dos eixos era a “integração entre as economias regionais e destas com os mercados internacionais, aspecto elevado à condição de peça fundamental para o desenvolvimento e o crescimento econômico do país” (Curado 2010, p. 84). A lógica que orientou a formulação dos eixos estava fundada na inserção competitiva do país na economia mundial apontando para o incremento do comércio exterior como a principal alavanca de desenvolvimento. Para a integração e avanço do comércio internacional, as obras de transporte, energia e telecomunicações ganharam destaque como forma de garantir aumento da produtividade, acessibilidade do capital e o escoamento da produção.

Construídos, resumidamente, a partir dos critérios: malha multimodal de transportes; hierarquia funcional das cidades; identificação dos centros dinâmicos e os ecossistemas existentes, os eixos totalizam em nove grandes cortes espaciais. São eles: Arco Norte; Araguaia – Tocantins; Madeira – Amazonas; Oeste; Rede Sudeste; Sudoeste; Sul; São Francisco e Transnordestino.

Na análise de Becker (1999), os Eixos da forma como foram definidos e aplicados, contemplavam parcialmente os interesses das elites regionais para melhoramentos pontuais em termos de logística, mas não levaram em conta suas estratégias de inserção produtiva. Atendiam aos interesses vinculados ao agronegócio com a abertura de corredores de exportação de grãos do Centro-Oeste através da Amazônia para os países do hemisfério Norte e de maneira decisiva considerava a intenção de estreitar relações econômicas com os países amazônicos.

Todavia, a integração proposta tem limites claros definidos pela vinculação comercial, ou seja, a construção de redes infraestruturais que permitam o escoamento da produção para o mercado nacional e internacional, principalmente do agronegócio e a acessibilidade do capital a espaços específicos de interesse de acumulação sem garantias de que exerça efeito multiplicador do desenvolvimento. Para Santana (2009, p.105), “por não considerar as estruturas econômico-produtivas regionais anteriores, o modelo de desenvolvimento provoca desagregação interna à região (fragmentação), atomizando-a em subáreas articuladas a espaços nacionais e/ou internacionais”. Além disso, o discurso de sustentabilidade e as questões ambientais, como as ligadas a abertura de estradas em regiões de densas florestas, são desarticulados e restam como equações a ser resolvidas.

A proposta de desenvolvimento presente nos ENID se estendeu em linha contínua, dos governos de FHC a Lula, marcando no período de 1996 a 2010 e tende a se manter como diretriz de ação do governo Dilma Rousseff. A concepção de que a integração física nacional e supranacional, sob a lógica do mercado, é peça essencial para fazer avançar o desenvolvimento do país orientou, na primeira década deste século, as políticas públicas estatais para a Amazônia.

O novo contorno de atuação do Estado Nacional nas regiões de fronteira internacional se deu, também, pela articulação política dos países da América do Sul para a implantação do projeto Integração das Infraestruturas Regionais Sul-Americanas (IIRSA). A IIRSA, lançada em 2000 em reunião organizada por iniciativa brasileira, tem relação direta e complementar com a concepção dos Eixos Nacionais de Integração e Desenvolvimento e está atrelada às ambições da política externa brasileira para América do Sul.

Tanto o IIRSA quanto as políticas internas deste primeiro decênio foram construídos com a mesma orientação, qual seja, promover a integração competitiva a partir de volumosos investimentos em infraestrutura organizados em eixos de integração e desenvolvimento. A IIRSA em nível sul-americano, como bloco regional, e os PPA's e o PAC em nível nacional, acelerando a economia e colocando o Brasil em situação vantajosa em relação ao mercado sul-americano.

A IIRSA é um projeto pan-americano de doze países da América do Sul, que projeta a integração da região para formar uma unidade. A estrutura sistêmica e logística para essa integração é o desenvolvimento da telecomunicação, do transporte e energia através de políticas territoriais ao longo da América do Sul. O Projeto prevê a formação de corredores de exportação através da construção de infraestruturas interligadas com o objetivo de superar os gargalos históricos de conectividade entre os países e viabilizar o aumento dos fluxos comerciais no mercado sul americano e deste com o mercado mundial. O comércio se configura como elemento aglutinador para composição da unidade regional.

Concebida com base do conceito de regionalismo aberto elaborado pela Comissão Econômica para América Latina e Caribe – CEPAL na década de 1990³, a IIRSA focaliza o continente Sul-Americano com o espaço geoeconômico integrado onde, para o avanço do crescimento econômico, é preciso reduzir ao mínimo as barreiras internas ao comércio e os estrangulamentos infraestruturais. O conjunto dos projetos de investimento foi organizado a partir de dez eixos de integração que são: Eixo Andino; Eixo Peru-Brasil-Bolívia; Eixo de Capricórnio; Eixo Mercosul-Chile; Eixo

³ Ver CEPAL. O Regionalismo Aberto na América Latina e no Caribe: A Integração Econômica a Serviço da Transformação Produtiva com Equidade. In Bielschowsky, R (org.). Cinquenta Anos de Pensamento na CEPAL. Conselho Federal de Economia- COFECON/Ed. Record. Rio de Janeiro. 2000.

Andino do Sul; Eixo Escudo das Guianas ; Eixo do Amazonas; Eixo Interoceânico Central; Eixo Hidrovia Paraguai-Paraná; e Eixo do Sul.

A Amazônia é cruzada diretamente por três eixos, o do Amazonas, do Escudo das Guianas e eixo Peru-Brasil-Bolívia, tanto na direção leste-oeste quanto norte a sul. Para Thery (2005, p.46), com o IIRSA, a '[1] Amazônia torna-se o centro do continente, em vez de ser a periferia dos países que a compõem, mesmo não sendo a parte do continente onde passam os fluxos mais densos, (...)'.⁴

Nos eixos amazônicos do IIRSA, a pavimentação de rodovias, a abertura de vias navegáveis, permitindo inclusive a união bi-oceânica – Atlântico/Pacífico - no eixo do Amazonas, a interconexão de portos, e o incremento de infraestrutura de integração entre os países nas áreas de tríplexes fronteiras, são elementos definidores do que eles significam. Todos t em foco no esc oamento da p rodução, no aproveitamento do potencial hidroelétrico e na exploração dos recursos minerais e florestais da região.

Os volumosos projetos do IIRSA contam com o financiamento de Instituições Financeiras Multilaterais (IFMs), especi ficamente com a Corporação Andina de Fomento (CAF), o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) e com o Fundo Financeiro para o Desenvolvimento da Bacia do Prata (Fonplata)⁴. Destas instituições, apenas o F onplata não at ua diretamente nos ei xos amazônicos. As IFM's são importantes porque apoiam os investimentos que cada país executa a seu custo em seu território, e, também, porque são capazes de influenciar a implementação de políticas públicas dos seus países-membros condicionando os empréstimos à re alização de políticas que adotem diretrizes econômicas por elas estabelecidas.

Como se trata de instituições dotadas de recursos advindos do dinheiro público de seus países-membros, a correlação de forças no seu interior está definida pelo poder econômico exercido por cada país de acordo com sua participação na composição do capital do banco (Curado 2010). O direcionamento dos investimentos realizados pela instituição e sua relação com os Estados-membros tem em sua base essa correlação de forças. A definição e viabilidade da agenda de projetos prioritários para execução é, também, configurada sob os impulsos do jogo político travado no interior das IFM's.

O importante papel desempenhado pelas instituições de financiamento e as diretrizes estabelecidas pela política externa brasileira para América do Sul, fizeram com que o presidente Lula incluísse o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) ente os financiadores do IIRSA em 2003. O BNDES, em convênio com a CAF, passou a ser o primeiro banco nacional a financiar os projetos do IIRSA ao lado das agências multilaterais. Com isso, o Estado brasileiro assumiu papel de i mportante protagonista na definição da agenda e e xecução dos

⁴ Consultar www.iirsa.org, acesso em 14/06/2011.

projetos prioritários no continente. Além disso, segundo Curado (2010) alavancou a expansão em outros países de grandes empresas nacionais, tais como Odebrecht, Camargo Correa, Queiroz Galvão, ao incluir como exigência do financiamento a contratação de pelo menos uma empresa brasileira.

O processo de integração sul-americano pelo incremento da infraestrutura econômica tem potencial transformador das relações que historicamente marcaram os países da América do Sul. Contudo, assim como a proposta de desenvolvimento presente nas políticas internas brasileiras, seus limites estão definidos pelas relações de mercado. O desenvolvimento proposto tem o comércio com elemento central, via o aumento dos fluxos de riquezas produzidos e consumidos na América do Sul. Não se projeta a integração na área social e a discussão sobre a imigração, mesmo nas cidades gêmeas das regiões de fronteira, ou a gestão ampliada do meio ambiente, ainda que projetos de grande impacto afetem zonas de importante biodiversidade da Amazônia continental.

No caso específico da Amazônia brasileira, os limites são percebidos, também, pela ausência de políticas efetivas que minimizem graves problemas internos já existentes e que tendem a se acirrar como a concentração fundiária ao longo das redes de transportes rodoviários, os conflitos sociais advindos da intensificação da migração e da grilagem de terras, o avanço da pressão antrópica sobre as Terras Indígenas e as Unidades de Conservação e o desmatamento pela expansão da fronteira agrícola e exploração desordenada dos recursos florestais.

O processo de integração das infraestruturas físicas dos países sul americanos mobilizado pela globalização e pelas estratégias mundiais de mercado forçou a produção de redefinições sobre as áreas de fronteiras internacionais. Espaços político-econômicos outrora periféricos são transformados em locais centrais e estratégicos, cujo entendimento exige a somatória entre os conceitos de espaço geoeconômico e geopolítico em uma equação de análise das relações de poder, desenvolvimento econômico e espaço geográfico. Isso significa que, as políticas públicas brasileiras de integração supranacional não descartaram o aspecto geopolítico de defesa e segurança das áreas de fronteira, mas obrigou a incorporação da questão do desenvolvimento econômico.

3 A Condição Fronteiriça Amapaense

No estado do Amapá, os impactos das políticas públicas de integração física com a Guiana Francesa se constituem em mais um capítulo na construção da sua condição fronteiriça. Essa construção teve maior efetividade após a instalação do ente Território Federal, em 1943. A Unidade Federativa, representada pelo território

federal não se resumiu, contudo, somente às suas experiências administrativas ou às suas políticas públicas. Há também outros fatores de análise que devem ser considerados para o melhor entendimento de sua participação nos cenários nacional e regional (Porto et. al. 2011), dentre elas as pertinências, as transformações e as permanências daquelas ações no espaço amapaense e na fronteira.

Após a instalação do novo ente federativo, novos dinamismos territoriais efetivados após a entrada de novos atores, elementos e categorias econômicas e políticas ao seu cotidiano, modificando o seu espaço e suas relações espaciais; e estimulando novas organizações socioeconômicas com a inserção de infraestrutura (rodovia, ferrovia, porto, Usina Hidrelétrica).

Contudo, por mais que os Territórios Federais tivessem existido por 84 anos na realidade brasileira (1904-1988), não conseguiram estabelecer uma visão clara sobre o que significou essa experiência na organização espacial da região e muito menos sobre as suas atuações no federalismo brasileiro. Mas as permanências deixadas nesses espaços, visando o fim das precariedades política, econômica, institucional e político-administrativo para que se tornassem autônomas, estimulou o crescimento e o desenvolvimento dessas novas entidades federativas.

Foi a partir desses “Estados em embrião” que os investimentos foram estimulados e orientados para a reestruturação da fronteira setentrional. A região limreira deixa de ser isolada, para ser articulada, organizada e conectada a novas redes sociais e econômicas.

Gradativamente esta fronteira se torna mais articulada e mais dinâmica; deixa de ser periférica para se tornar estratégica (Porto B2010), embora não tenha perdido aquela condição fronteiriça de periferia. Neste sentido, dependendo do foco de análise da fronteira da Amazônia, esta pode ser considerada ora como periférico/estratégica, ora como estratégico/periférica. Esta apresenta suas orientações embasadas nas ações propostas, em execuções, em articulações e investimentos do capital neste espaço. Aquela apresenta forte reprodução de elites tradicionais e políticas que não querem mudar o status quo.

Por outro lado, para o caso amapaense, a fronteira setentrional não se refere somente à fronteira continental. Pois a articulação efetiva que ocorre com a Guiana Francesa vai além da sua articulação física via infraestrutura (estimulada após meados da década de 1990). Esta conexão representa: interação com a zona do Euro; conexão imediata com o espaço da OTAN; proximidade com área científica de ponta, pela estação espacial de Kouru (e esta estação que é integrante de estratégias científicas da União Europeia).

Acrescente-se, nesta reflexão acima, que o Amapá é um espaço litorâneo, com um sistema portuário capaz de receber embarcações de 11 metros de calado (semelhante aos principais portos da América do Sul). Considerando que a partir dos portos o mundo é o limite, as relações entre os espaços transcontinentais ocorrem sem que haja

a conectividade imediata; ou seja, há uma conectividade relacional. Pelo Porto de Santana, o espaço relacional do Amapá chega à China.

Seja qual for a construção da configuração da fronteira da Amazônia setentrional, as ações de políticas de investimentos e de planejamento executadas pelo Estado foram e são fundamentais para as (re)construções deste espaço limdeiro. Neste sentido, percebe-se que a condição fronteiriça amapaense é decorrente de pelo menos três fatores (Porto & Silva 2009, p. 259): da participação do Governo Federal criando condições para a mobilidade e reprodução do capital; da articulação das redes criadas/construídas em um espaço poroso e; na atuação do capital internacional na exploração de commodities, com o estímulo do Estado, e no uso do território fronteiriço.

Porto (A2010), por sua vez, entende que a condição fronteiriça amapaense está diretamente ligada aos movimentos de (des)construção e (des)territorialização; à grande atuação do Estado, porém com fraca fiscalização; à criação/construção de próteses dos mais variados modelos; à existência, configuração e intensidade de articulação das redes existentes, as quais expressam reflexos de cenários internacionais; às expectativas de integração com a Guiana Francesa; às suas restrições espaciais e; sua posição na economia-mundo como fornecedora de commodities e consumidora de produtos industrializados.

Com as expectativas da integração física do Amapá com o platô das Guianas, pela ponte sobre o rio Oiapoque, tem-se a perspectiva da mudança do eixo de conectividade da Guiana Francesa do Caribe para usar o sistema portuário de Santana; a relação fronteiriça com o vizinho francês será uma relação inversa, pois o Brasil, pelo Amapá, é vizinho à zona do Euro (moeda mais valorizada em relação ao Real), ou seja, as mercadorias são mais baratas neste lado da fronteira.

4 Perspectivas da Integração na Fronteira Setentrional Amazônica

Face o reconhecimento da complexidade e diversidade que caracteriza a realidade amazônica seria incoerente ambicionar uma análise em uma escala ampliada. Ou seja, pretender a apropriação de todas as transformações políticas e sociais em curso na Amazônia contemporaneamente por meio da reflexão sobre as políticas públicas estatais que lhe vêm sendo destinadas nas duas últimas décadas. A intenção é, então, refletir em escala local, sob as perspectivas da integração física na fronteira internacional do Amapá.

Em relação à constituição dos espaços de integração econômica internacional, Roberto Cardoso de Oliveira⁵ (1997) ressalta a importância da reflexão sobre a

⁵ Relação feita pelo autor ao tratar dos espaços de integração no Mercosul

situação de fronteira. Para ele, a situação de fronteira finaliza superar a concepção superficial desse conceito como limite entre soberanias distintas. A premissa suscitada é de que na fronteira há elementos sociais e culturais que precisam ser tomados em conta, de modo que as análises contemplem a transnacionalidade que esses lugares apresentam. Essa se deve ao reconhecimento de que as fronteiras são lugares marcados por características definidas pela contiguidade, diferença e divisão na relação entre sociedades nacionais soberanas.

Também é preciso ressaltar que as regiões de fronteira na Amazônia se caracterizam por uma biodiversidade excepcional, contudo enfrentam problemas sociais e importante pressão antrópica sobre os recursos naturais, em função dos intensos deslocamentos de pessoas de um lado a outro da fronteira. Além do mais, no contexto planetário da biodiversidade, as riquezas amazônicas representam os maiores anseios sociais, econômicos e culturais. O cenário para a criação de programas de cooperação para esta região é, portanto, particularmente pertinente.

Nos PPA's 1996-1999 e 2000-2003 foi possível identificar o foco do campo estatal brasileiro com a questão do desenvolvimento sustentável e a reorganização dos usos do território a partir de uma geografia econômica. Em ambos a fronteira do Amapá com a Guiana Francesa ganha destaque por um lado por estar situada entre duas unidades de conservação ambiental: Parque Nacional Montanhas do Tumucumaque e o Parque Nacional do Cabo Orange; por outro lado, sob a lógica da integração, os espaços que potencializam isso são considerados estratégicos. Contudo, uma política de desenvolvimento econômico em bases sustentáveis se mostra contraditória em face da ausência de infraestrutura observada na fronteira internacional do Oiapoque.

Acredita-se que o processo de integração entre países fronteiriços na América do Sul ganha maior dinamismo com a institucionalização da cooperação transfronteiriça. Trata-se de uma modalidade localizada de cooperação internacional e finaliza uma área específica: as zonas fronteiriças. Seus princípios mais relevantes concernem à identificação de necessidades, constrangimentos e potencialidades dos respectivos territórios, na idealização de estratégias concertadas de ação, na troca de informações e experiências, na realização de encontros regulares, na socialização de conhecimento com interações sociais entre os parceiros.

No âmbito dessas colocações apresenta-se uma reflexão mais específica sobre as políticas públicas de integração física. Apesar de sua elaboração se processar em escala macro, suas implicações e desdobramentos operam em escala micro. Essa afirmação ganha, ainda, mais força quando focalizamos os efeitos e as tendências dessas políticas na cidade de Oiapoque/AP. O objetivo é demonstrar que não é correto acreditar que a integração física através de fronteiras seja um processo natural devido à globalização e a regionalização se constituírem em suas interfaces.

Na Europa, por exemplo, mesmo que as regiões fronteiriças se apresentassem densamente povoadas e suas relações se desenvolvessem em um quadro regional economicamente estruturado, a cooperação transfronteiriça europeia exigiu um esforço de coordenação aprimorado capaz de superar tanto o significado político de

fronteira como divisão, quanto às questões ligadas aos efeitos gerados pelas configurações territoriais dos Estados europeus após as duas grandes guerras mundiais.

Em 1996 o estado do Amapá foi visitado pelo então presidente da república Fernando Henrique Cardoso e pelo presidente francês Jacques Chirac, e em uma cerimônia simbólica na Fortaleza de São José de Macapá, anunciaram a celebração do Acordo-Quadro de Cooperação Brasil-França, assinado em Paris, o qual viria a inaugurar uma modalidade inédita de cooperação entre as nações: a cooperação transfronteiriça. O acordo previa (Brasil 1997) que:

[2] As Partes Contratantes realizarão a cada ano consultas visando ao favorecimento da cooperação transfronteiriça em todos os domínios de interesse comum e ao exame dos projetos desenvolvidos pelas coletividades locais dos dois países, no quadro das legislações nacionais. Representantes dessas coletividades locais poderão estar associados a esses trabalhos.

Na perspectiva do Amapá, a cooperação transfronteiriça é o mecanismo institucional que pode viabilizar a abertura de um eixo de integração física – a partir do Amapá – do Brasil com o Platô das Guianas e mais a Venezuela, através da rodovia Transguianense. Essa rodovia – contemplada tanto nos Eixos de Integração e Desenvolvimento dos PPA's, quanto na IIR SA – foi idealizada em 1997, pelo governo do estado do Amapá e, de acordo com Lia Osório Machado (1998), alude à mudança de perspectiva para as fronteiras contemporaneamente: a perspectiva a partir do lugar.

O pressuposto de que a cooperação transfronteiriça faz parte de uma política de integração física com vistas ao desenvolvimento econômico não encontra correspondência quando se trata da sociedade local, ou seja, durante a pesquisa de campo realizada na cidade de Oiapoque (Martins 2008) observou-se que os procedimentos e estratégias organizados pelos atores estatais no âmbito da integração física – cuja materialização pode ser constatada na construção da ponte binacional sobre o rio Oiapoque – se desenvolveram alheios à participação dos atores sociais.

De ambos os lados do rio Oiapoque, que separa Amapá e Guiana Francesa e as cidades gêmeas de Oiapoque/BR e Saint Georges/FR, as instituições brasileiras e francesas enfrentam sérios problemas de criminalidade. No mapa dos crimes⁶, à área de fronteira amapaense aparece marcada principalmente pelo contrabando, evasão de divisas, tráfico de pessoas, exploração sexual infantil, turismo sexual, crime

⁶ Ver: O GLOBO. Mapa dos Crimes. Forças Armadas: modernização custa R\$38 bi. Sistema para proteger fronteiras começa pela Amazônia; número de homens do Exército na região vai aumentar. 04/06/2011.

ambientais dentre outros. Esses crimes associados às debilidades do poder local em combatê-los deixam explícito a fragilidade da fronteira, cuja porosidade torna essas cidades elos na cadeia de rotas ilícitas que se distribuem pela Amazônia.

Argumenta-se que isso se constitui em um desafio aos esforços de integração e cooperação empreendidos pelos países fronteiriços e acentua-se na região do Oiapoque – a exemplo das demais fronteiras amazônicas – pois a diversidade de grupos presentes nesses espaços demanda a promoção de estratégias específicas, orientadas por princípios como parceria e participação. O sucesso dessas políticas de integração e cooperação transfronteiriça está condicionado por um lado pela ação efetiva do Estado, mas por outro pelo envolvimento e engajamento dos atores sociais diretamente atingidos por esse processo.

Essa ambiguidade explícita, ainda, o fato de que os valores sociais, culturais e necessidades locais não apresentam nenhuma ascendência na organização do poder. Esse fato impede a percepção dos atores estatais quanto à premissa de que as ações localizadas que impliquem em mudanças significativas quanto ao uso do território devem pressupor não apenas ajustes institucionais, mas, sobretudo romper com padrões hierárquicos, vigentes e importantes na sociedade brasileira.

As ideias que sustentam a nova arquitetura no campo estatal nacional em relação às fronteiras, no caso aqui a fronteira Amapá-Guiana Francesa, não remetem ao desenvolvimento efetivo de novas estratégias e mecanismos participativos que contemplem os atores sociais locais. Persiste, portanto, uma das ambiguidades constitutivas de nossa tradição social e política: o Brasil legal e o Brasil real.

5 Considerações Finais

As colocações feitas neste artigo pretenderam subsidiar o debate sobre o significado das políticas públicas estatais para a Amazônia brasileira, elaboradas a partir da perspectiva que se apresenta com o processo de institucionalização da integração transnacional sul-americana. Como anteriormente exposto as fronteiras apresentam-se como espaços potenciais a esse processo, isso acabou por exprimir a concepção de que as fronteiras deslocaram-se da condição de periferia do território e economia nacionais, para uma posição, no mínimo estratégica na elaboração de políticas públicas destinadas a infraestrutura de desenvolvimento econômico, a qual segundo nomenclatura presente nos Planos Plurianuais contempla os setores de energia, comunicações e transportes (Brasil 1996).

A regionalização, cessada a ordem bipolar da Guerra Fria, instaura-se com a nova ordem mundial emergente das configurações do processo de globalização, aqui entendida como ideia força a impulsionar ações políticas e econômicas calcadas em avanços científicos e tecnológicos que patrocinaram uma transformação na morfologia da comunicação e relacionamentos humanos, garantindo êxito na transnacionalização de circuitos produtivos, sistemas financeiros e mercados. Considerando a condição fronteiriça amapaense nesse contexto, a fronteira setentrional da Amazônia está diretamente ligada aos movimentos de (des)construção e (des)territorialização, com elevada participação do Estado na sua economia e nas políticas públicas; também possui uma intensa articulação com o cenário internacional, notadamente como fornecedor de commodities.

Na escala local, no Platô das Guianas, as expectativas da integração física, tem-se a perspectiva da mudança do eixo de conectividade da Guiana Francesa do Caribe para usar o sistema portuário de Santana (Amapá); a relação comercial fronteiriça com o vizinho francês será uma relação inversa, pois as mercadorias são mais baratas neste lado da fronteira. Tal condição reforça a ideia da fronteira amapaense é multiescalar, em constante transformação e apresentando novos usos e novas dinâmicas no primeiro decênio do século XXI.

REFERENCIAS:

Becker, B 1999, *Os eixos de integração e desenvolvimento e a Amazônia*, Revista Território, vol 6, n. 4 , pp. 29-42. [on line]. Visitado em 20 de maio 2011 www.revistaterritorio.com.br/pdf/06_4_becker.pdf.

Becker, B 2005, *Geopolítica da Amazônia* Estudos Avançados, ano 19, vol.53, pp.71-86.

BNDES 2002, Estudo dos Eixos de Integração e Desenvolvimento, visitado em 09 de junho de 2011 [HTTP://www.wisetel.com.br/biblioteca/doc_de_referencia/governo_brasileiro/eixos_integracao_desenvolvimento.htm](http://www.wisetel.com.br/biblioteca/doc_de_referencia/governo_brasileiro/eixos_integracao_desenvolvimento.htm)

BRASIL 2002, Eixos Nacionais de Integração e Desenvolvimento, visitado em 12 de abril de 2011, http://www.planalto.gov.br/publi_04/eixosnacionais.pdf

BRASIL 1997, Ministério das Relações Exteriores. Divisão de Atos Internacionais. Acordo-Quadro de Cooperação entre o Governo da República Federativa do Brasil e o Governo da República Francesa. Decreto nº 2.200, de 08 de Abril de 1997, visitado em 20 de novembro de 2011, <http://www2.mre.gov/dai/francoperacao.htm>

Castro, E 2008, *Amazônia e seu lugar central na Integração Sul-Americana*, in Nascimento, D M 2008, *Relações Internacionais e Defesa na Amazônia*, NAE/UFAP, Belém

CEPAL 2000, *O Regionalismo Aberto na América Latina e no Caribe: A Integração Econômica a Serviço da Transformação Produtiva com Equidade* in Bielschowsky, R (org.) 2000, *Cinquenta Anos de Pensamento na CEPAL*. Conselho Federal de Economia- COFECON/Ed. Record. Rio de Janeiro

Coelho, P M P 1 992, *Fronteiras na Amazônia: Um Espaço Integrado*, Fundação Alexandre de Gusmão, Brasília

Curado, P R F 2010, *O Estado brasileiro e a integração física e produtiva da Amazônia continental (1996-2006)*, Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro

Ferreira, A S 2010, *Programa Calha Norte: política Pública de segurança, defesa e de desenvolvimento regional no norte do Brasil*, in Nascimento, D M (org) 2010, *Amazônia e Defesa. Dos Fortes às Novas Conflitualidades*, NAEA/UFPA, Belém

FREY, K 2000, *Políticas Públicas: um debate conceitual e reflexões referentes à prática da análise de políticas públicas no Brasil*, Planejamento e Políticas Públicas, n 21, junho.

Heidmann, F G 2009, *Do sonho do progresso às políticas de desenvolvimento*, in Heidmann, F G & SALM, J. F. (orgs.) 2009, *Políticas Públicas e Desenvolvimento*. Editora UNB, Brasília

Kohlhepp, G A 20 01, *Amazônia frente a um novo desafio: o desenvolvimento sustentável e o programa Avança Brasil*, Cadernos Adeunauer. ano II, Nº 4, pp. 9-38.

Machado, L O 1998, *Limites, Fronteiras e Redes*, in Strohaecker, TM (org) 1998, *Fronteiras e Espaço Global*, AGB-Porto Alegre, Porto Alegre

Martins, C C 2008, *Relações Bilaterais Brasil-França: a nova perspectiva brasileira para a fronteira Amapá-Guiana Francesa no contexto global*. Dissertação de Mestrado, Universidade de Brasília, Brasília

Monié, F 2003 , *Planejamento territorial, modernização portuária e logística: o impasse das políticas públicas no Brasil e no Rio de Janeiro*, in Monié, F & Silva, G 2003, *A mobilização produtiva dos territórios: instituições e logística do desenvolvimento local*, DP&A, Rio de Janeiro

Oliveira, R C 1 997, *Identidade, etnicidade e nacionalidade no Mercosul*, Revista Brasiliense de Políticas Comparadas, ano I, Nº 2 pp. 45-57.

Porto, J L R A 2010, *A Condição Fronteiriça Amapaense: Da Defesa Nacional à Integração (Inter)Nacional*, In Nascimento, D M A2010, *Amazônia e Defesa: dos fortes às novas conflitualidades*, NAEA/UFPA, Belém

Porto, J L R B2010, *A Condição Periférico-Estratégica da Amazônia Setentrional: A Inserção do Amapá no Platô das Guianas*, In Porto, J L R & Nascimento, D M B2010, *Interações Fronteiriças no PI atô das Guianas: novas construções, novas territorialidades*, Editora Publit, Rio de Janeiro

Porto, J L R & Silva, G V 2009, *Novos usos e (re)construções da condição fronteiriça amapaense*, *Novos Cadernos NAEA*, Vol 12, Nº 2, pp. 253-297.

Porto, J L R, Superti, E, Tostes, J A & Sotta, E D 2011, *A Reformatação da fronteira amapaense: das políticas públicas aos planos diretores e ambientais*, in Porto, J L R & Sotta, E D 2011, *Reformatações Fronteiriças no PI atô das Guianas: (re)territorialidades de cooperações em construção*. Publit, Rio de Janeiro

Ribeiro, J. C & Santos, J F 2002, *Cooperação transfronteiriça: motivações, contribuições teóricas e experiências*, in Aliseda, J, *Colectividades territoriais, financiamento e cooperação transfronteiriça*, APDR, Coimbra

Santana, M A 2009, *A Experiência de Planejamento Regional do Brasil: O caso da Amazônia (1985-2003)*, Tese de Doutorado, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro

Ribeiro, J. C & Santos, J F 2002, *Cooperação transfronteiriça: motivações, contribuições teóricas e experiências*, in Aliseda, J, *Colectividades territoriais, financiamento e cooperação transfronteiriça*, APDR, Coimbra

Santana, M A 2009, *A Experiência de Planejamento Regional do Brasil: O caso da Amazônia (1985-2003)*, Tese de Doutorado, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro

Las interconexiones territoriales (flujos) como objetos de política pública. El caso de la zona central del departamento de Antioquia (Colombia) – Versión preliminar octubre 15 de 2011

Hernández Ciro, Eulalia¹, Muñetón Santa, Guberney², Gómez Cardona, Santiago³

^{1,2,3} Universidad de Antioquia – Alcaldía de Medellín, Colombia.

Resumen. Comprender el territorio como una producción social, resultante de una red de relaciones sociales extendidas en el espacio (Massey, 1998), permite superar su consideración como simple contenedor a través de la cual los actores gubernamentales, con sus técnicas y métodos, “ubican” a las poblaciones en límites jurídico-administrativos, pero poco se preguntan por las relaciones de doble vía que se generan entre éstas y sus espacialidades. La caracterización de las dinámicas del territorio a partir de las conexiones que se provocan por flujos de personas, bienes, capitales y servicios, que toma como objeto la zona central del departamento de Antioquia, propone integrar la perspectiva socioespacial a los debates sobre la planeación y la administración del espacio, pero, de manera complementaria, materializar, en un ejercicio práctico, los debates teóricos dentro del campo de los Estudios Socioespaciales, que se han quedado en discusiones abstractas (Jessop et al. 2007).

Palabras Clave: Antioquia (Colombia), territorio, relaciones sociales, flujos, metodología.

1 Introducción¹

El departamento de Antioquia está ubicado en el extremo noroccidental de la República de Colombia. En las dos últimas décadas, la zona central del departamento ha sufrido un fuerte proceso de regionalización, que ha incrementado la conectividad entre tres zonas geográficas adyacentes: los valles de Aburrá (en el cual se ubica la capital del departamento y la segunda ciudad del país: Medellín), a su oriente el valle de San Nicolás (una de las primeras zonas de ocupación española durante la conquista, y un altiplano que presenta gran fuerza en dinámicas industriales y de producción de alimentos), y, por último, en dirección occidental el valle del río Cauca (lugar de las primeras fundaciones del territorio en la época colonial, pero que rápidamente quedó relegada a un lugar marginal en la historia regional).



Fig. 1. Ubicación del territorio de referencia

¹ Esta ponencia es derivada de la investigación: “Dinámicas de articulación regional entre el Valle de Aburrá y los municipios cercanos de los valles de San Nicolás y el Cauca. Segunda Fase” (Mayo- Diciembre 2011), en ejecución por el **Instituto de Estudios Regionales, INER de la Universidad de Antioquia** y financiado por el **Departamento Administrativo de Planeación**, Alcaldía de Medellín, Interventora Nora Elena Moreno Rave, y en el cual participan las siguientes personas: Santiago Gómez Cardona, Jorge Cano, Guberney Muñeton, Eulalia Hernández, Doris Rueda, Ángela Álzate, Sonia Marcela Galeano, Osmar Loiza, Johan Zapata, Iván Darío López y Johana Pérez Palacio.

Entre otras cosas, la construcción de nuevas infraestructuras como el Túnel de Occidente (conexión vial entre los valles de Aburrá y del río Cauca, que reduce el tiempo de desplazamiento entre el centro del departamento con las zonas de Urabá y el occidente antioqueño); la proyección de otras, como el Túnel de Oriente y Autopistas de la Montaña (que, a través de túneles y puentes pretende conectar a Antioquia con el Pacífico y el Atlántico); el avance en tecnologías de la información que permiten la comunicación y el trabajo remoto (generalmente mano de obra calificada); la presión que ejerce el Área Metropolitana -casi totalmente conurbada- sobre suelos y calidades ambientales y paisajísticas de territorios vecinos, han acentuado en las últimas dos décadas las interdependencias e interconexiones entre los municipios que conforman la zona central del departamento.

Estas dinámicas, afianzadas en años recientes pero que tienen importantes antecedentes históricos, han cambiado las vocaciones y usos del suelo de los municipios cercanos. Cambios que, desde el punto de vista de diversos actores, han generado impactos positivos y negativos.

A propósito de estas realidades, la nueva Ley de Ordenamiento Territorial para Colombia, sancionada en junio del presente año, plantea un modelo de integración regional que promueve las alianzas estratégicas de entidades territoriales para generar economías de escala, proyectos productivos y competitivos, pero, también, permite invertir recursos públicos en otros entes territoriales. En este contexto, el municipio de Medellín -consciente de una deuda social acumulada², a través de su Departamento Administrativo de Planeación, viene realizando varias investigaciones que apuntan a la comprensión y conocimiento de las dinámicas territoriales de la región y que se conviertan en la base para realizar ejercicios prospectivos de planeación territorial y económica para proponer políticas públicas de articulación regional.

En una de estas investigaciones, el Instituto de Estudios Regionales -INER-, de la Universidad de Antioquia, incorpora herramientas teóricas y metodológicas propias de las perspectivas de análisis socioespacial, en la cual los territorios, más que constituir espacios geográficos continuos que contienen comunidades humanas, son entendidos como producto de las relaciones sociales que se extienden de manera discontinua sobre las superficies geográficas. Bajo esta perspectiva la idea de flujo, como la(s) conexión(es) entre lugares producto de las interacciones sociales, adquirió particular relevancia. En última instancia referidos a la idea que el territorio debe ser concebido como el resultado de las interacciones sociales de los agentes sociales.

² Hablando sólo de los servicios públicos y ambientales, puede decirse que Medellín depende de otros territorios: el alcantarillado y las plantas de tratamiento de aguas negras, así como la disposición y procesamiento de basuras de la ciudad están ubicados fuera de la jurisdicción. También, el agua y la energía que se consume, se produce en otros territorios, generando valorizaciones y desvalorizaciones que pocas veces se cuantifican.

2 Elementos teórico conceptuales

Para la construcción de esta metodología de lectura territorial nos basamos en la analogía de la red, entendiendo que estas interacciones sociales crean territorio en la medida que se expresan en una serie de fijos y flujos. Los cambios en la infraestructura, los equipamientos sociales y, en general, todos los objetos producto de la elaboración social y la dotación intrínseca del territorio, se distribuyen en el espacio para conformar un conjunto de fijos que permiten la modificación de los lugares por medio de las acciones que se instalan sobre ellos [5]. En cuanto los flujos, son la respuesta a las acciones humanas que atraviesan y se alojan en los objetos, cambian su significado al tiempo que los mismos flujos van sufriendo cambios. Los fijos son todos aquellos objetos técnicos y geomorfológicos que si bien presentan una transformación dinámica por el volumen y velocidad de los flujos, tienen la condición de estar localizados geográficamente; ahora bien, los flujos presentan una espacialidad soportada por los fijos y expresada en redes y conectividades.

Esto nos lleva a la idea del territorio como sistema, es decir del espacio geográfico como lugar y expresión de la interrelación de las diferentes dimensiones de la vida social (económica, sociocultural, ambiental, política). Los territorios se conciben como espacios significados por las relaciones sociales, culturales y económicas, relaciones que se estructuran de manera discontinua y conforman territorios con fronteras difusas, con lugares de concentración y articulación que generan dinámicas de interconexión entre sí.

Así, las relaciones se manifiestan y visibilizan a través de los flujos en las redes producto de los diferentes campos de interacción social de los agentes, expresados en movimientos de población, mercancías, capital, servicios, etc. que conectan diferentes lugares y espacios. Es la interacción de estas redes la que conforman los territorios o regiones en una perspectiva general.

Caracterizar estas redes y sus flujos implica identificar tanto su tipología (función), su volumen, su intensidad y sus escalas territoriales, como las dinámicas y razones que los movilizan; esto es, comprender las dinámicas territoriales del espacio geográfico en el cual se insertan. Identificar sus nodos, espacios y tiempos de interacción. La interacción entre las redes propias de diferentes ámbitos sociales de actividad dará como resultado la estructura relacional en el territorio. Dicha estructura viene acompañada de la identificación de aquellos factores que restringen o potencian las conexiones entre territorios en miras de inferir las tendencias en el corto plazo. En la medida que nuestro objeto no son los municipios como entidades político-administrativas sino aquellos puntos nodales en el proceso de articulación con otros territorios, es necesario caracterizarlos. Los nodos se refieren a puntos de transición o transferencia de los flujos, son unidades espaciales que emergen en el análisis, dada la importancia como puntos de relevancia en la estructura del territorio. En general, bajo éste enfoque se eliminan las fronteras político-administrativas, no obstante, para efectos metodológicos se parte de la conceptualización de lugares nodales definidos empíricamente por las prácticas sociales y posteriormente se identifican las formas en las cuales están relacionados entre ellos [1]

La noción de región de Allen, J. et al. [1] es de pertinencia para el estudio pues la considera como una construcción de relaciones y no una derivación por oposición a otros lugares. El planteamiento, al interior de la perspectiva funcional o nodal, logra avanzar en la propuesta metodológica al proponer analizar la región con una perspectiva espacial en términos de relaciones sociales, donde se advierte un binomio indisoluble entre tiempo-espacio. La importancia de la perspectiva radica en la apuesta por construir una región propia de las dinámicas sociales, interesa la variabilidad interna y la porosidad de las estructuras, según Allen et al. [1]: “Pensar al espacio en términos de relaciones sociales es útil porque la atención no se centra en el grado de similitud entre lugares constituidos sino en la naturaleza y grado de sus interconexiones”. Así, una región es el producto de contextos particulares y formaciones específicas que bien puede obedecer a una pregunta de investigación o al énfasis en procesos particulares.

3 Proceso metodológico

En la construcción de esta propuesta, varios retos se hicieron evidentes de entrada. Primero, se trata de regiones administrativas separadas, cuyos indicadores y lecturas territoriales tienden a estarlo igualmente. Segundo, los ejercicios de lectura territorial, han estado en su gran mayoría derivados de procesos de planeación que privilegian la lectura de espacios territoriales contiguos, pero no son tan efectivos para determinar la dinámica de relaciones que se instauran sobre ellos. Tercero, el tiempo para desarrollar la investigación limitó la capacidad para la recolección de la información de campo (seis meses con un equipo de 7 profesionales y 3 estudiantes para cubrir un territorio que cubre 29 municipios y cerca de 4.800 kilómetros cuadrados).

Se partió de una revisión general de estudios previos con una pregunta guía: ¿qué es aquello que se mueve entre los espacios geográficos? A partir de ello se realizó una primera caracterización de las principales conectividades o flujos presentes en el territorio. Tres formas de los flujos fueron identificados: personas, capital, mercancías y servicios ambientales. La caracterización de cada uno de ellos se realizó teniendo en cuenta 7 aspectos: ámbito del proceso, actores involucrados, espacialidad, temporalidad, indicadores, interacciones, impactos sobre el bienestar de las poblaciones.

Ámbito del proceso: se trata de identificar el proceso social en el cual se enmarca un flujo específico, se busca describir el ámbito específico de relaciones sociales dentro de los cuales se ocasiona un flujo particular (i.e. educación, alimentación, vivienda). Y dentro de esto describir aquello que se mueve (i.e. personas, alimentos, inversiones, etc.).

Actores involucrados: personas, instituciones y/o organizaciones que están involucradas en el flujo particular.

Espacialidad: anclajes territoriales sobre los cuales ocurre el flujo, esto incluye identificar los sitios de llegada y salida, y los lugares de tránsito teniendo en cuenta que no son necesariamente iguales para todos. Cada tipo de flujo tiene escalas diferentes, para algunos casos los lugares de salida o llegada pueden ser particularmente extensos (i.e. zonas agrícolas) y para otros ser bastante puntuales (i.e. sitios de recreación). Este punto es de particular relevancia, para la espacialización mediante SIG de los flujos.

Temporalidad: Dinámicas temporales de los flujos, de manera análoga al caso de las espacialidades, no todos los flujos poseen la misma escala, algunos se refieren a procesos bastante antiguos (i.e. comercio de bienes primarios), y otros a eventos muy recientes (i.e. consolidación de segundas residencias), igualmente algunos se tratan de procesos continuos, algunos cíclicos y otros esporádicos o contingentes.

Indicadores: Quizá uno de los retos más grandes de esta apuesta metodológica es la identificación de datos cuantitativos que nos permitan caracterizar el flujo. Esta idea se basa en la existencia de una gran cantidad de datos, de muy diversa índole, que se han producido sobre el territorio departamental en los últimos años. Sin embargo, mucho de esta información está basada en la idea de que la información se debe ligar a un territorio delimitado y antiguo (i.e. unidades políticas administrativas), y ninguno de ellos (con excepción del caso de la información sobre desplazamiento forzado) está levantado sobre la idea de la conectividad entre espacios territoriales. Como resultado mucho de los indicadores en este punto resultan ser aproximaciones más que información directa.

Interacciones: Partiendo de la idea que los flujos que se caracterizan, son la base sobre la cual se construye el territorio es de especial relevancia poder identificar los lugares en los cuales se conciben interacciones entre diferentes flujos y procesos.

Bienestar de las poblaciones: Dado que se trata de un ejercicio que tiene como fin proporcionar elementos que influyan en la política pública, la inclusión de una caracterización de la manera como un flujo (su expresión espacial y su tendencia) afectan de manera diferencial a las poblaciones involucradas permite tener herramientas de juicio para lograr definir la importancia de restringir, incentivar o no interferir sobre un flujo particular. El ejercicio de caracterización para cada uno de los flujos, alrededor de estas 7 temáticas, hace uso inicialmente de la información existente tanto de orden cualitativo como cuantitativo y la complementa con un ejercicio de campo que busca, fundamentalmente, indagar sobre el conocimiento de los actores territoriales involucrados en cada uno de ellos. El planteamiento bajo los ámbitos, deja ver la formación de espacialidades, dadas por la extensión de los flujos, una serie de redes que articulan los territorios y mantiene activa la producción de espacios. No obstante, los flujos no aparecen de la nada, tienen una temporalidad donde se ajustan y reorientan o se eliminan las redes que se crean para el tránsito de los flujos. En esa misma línea, se acepta que los flujos tienen una expresión espacial, por tanto, hay una serie de nodos que se articulan y una formación de jerarquías territoriales que obedecen a la intensidad de las relaciones mismas.

4 El caso del flujo de alimentos, relaciones que producen espacialidades regionales.

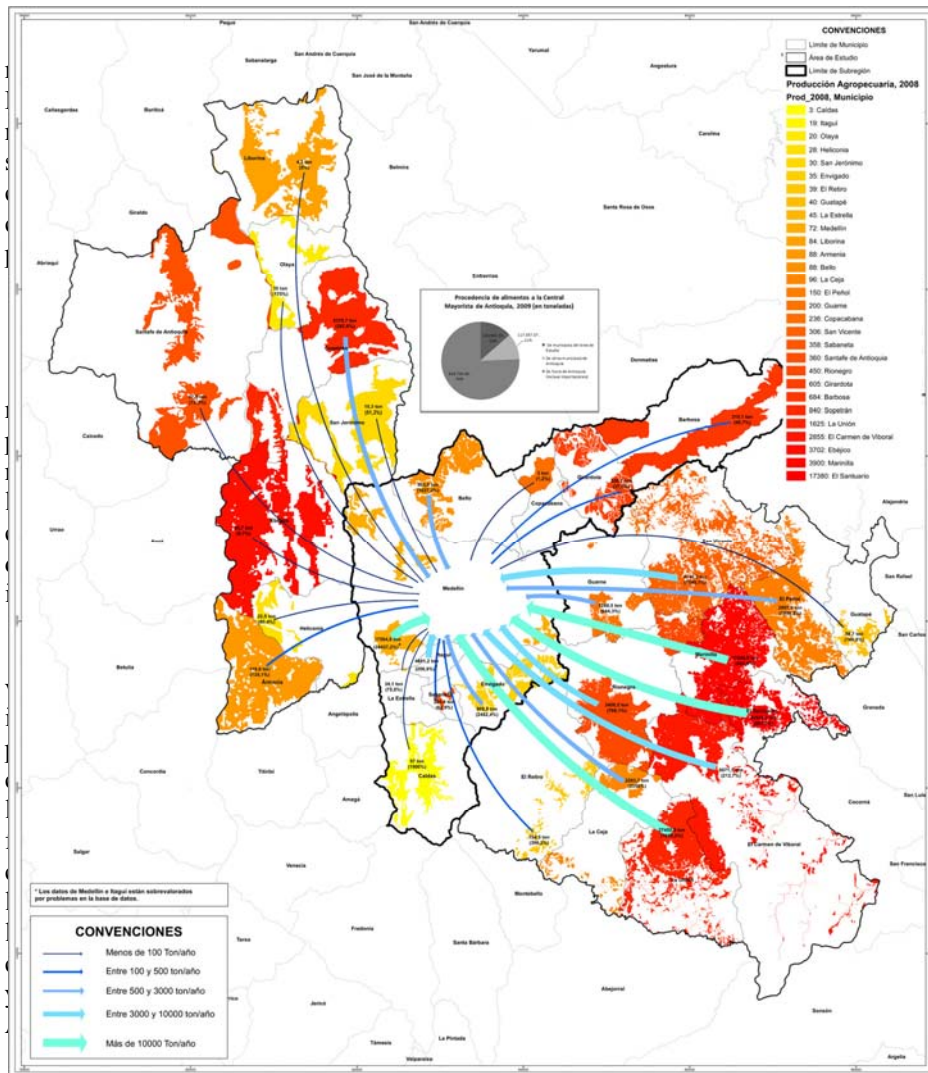
Si bien para el ejercicio se está trabajando (es un ejercicio en desarrollo) con flujos referidos a: alimentos, personas por dinámicas de violencia, personas en busca de acceso a servicios educativos y laborales, capitales en la conformación de nuevas dinámicas inmobiliarias, entre otros, para este caso interesa exponer un caso específico alrededor del flujo de alimentos frescos (verduras, frutas y hortalizas).

La funcionalidad del flujo se debe comprender como un proceso de mercado, la interacción permanente entre productores, comercializadores y consumidores; todos bajo un esquema de cooperación voluntaria buscan el mejor resultado posible. Así, es un proceso con naturaleza económica el que devela la espacialidad de las relaciones. Los productores, principalmente campesinos que viven en sus parcelas con sus familias, cultivan y venden a las plazas de mercado más cercanas. Los comerciantes, compran donde se encuentran los productores y llevan a las plazas o grandes hipermercados o tiendas de menor formato. Luego, llega a manos del consumidor final. Aquí, como aspecto metodológico procede el análisis de los agentes que intervienen en el proceso: productores, comercializadores y consumidores.

Partiendo del proceso de mercado, se ubican los lugares o nodos por donde pasan los alimentos. Los alimentos viajan por diferentes lugares: centros de acopio (almacenar grandes volúmenes y despachar al comprador), plazas de mercado (centros de comercialización de productos), otros puntos de mercado construidos históricamente (lugares que son conquistados por el ejercicio de comprar y vender, la práctica cotidiana lo llena de sentido, aunque no tenga denominación expresa de autoridades comerciales u otras legales). Ubicar los lugares, nombrarlos de acuerdo a la intensidad de los procesos de mercados, jerarquizar las funciones y las relaciones espaciales.

Por ejemplo, los lugares importantes en el flujo de alimentos son las Central Mayorista de Antioquia, las plazas de mercado de los municipios del El Santuario, Marinilla, La Unión, Rionegro, La Ceja y El Peñol. Desde El Santuario, en promedio, salen 303 toneladas de alimentos (verduras y hortalizas principalmente) hacia toda la subregión, el Área Metropolitana, municipios de la costa Atlántica colombiana, entre otras zonas del país; cumple función de centro de acopio y plaza mayorista, no obstante, los fines de semana se produce el mercado al detal para los habitantes del municipio.

En menor volumen, Marinilla provee alimentos para la zona, tiene un lugar que funciona más como centro de acopio para despachos que como zona de mercado. El municipio de La Unión, el mayor productor de papa de la zona, tiene un centro de acopio que opera los todos los miércoles y sábados, de acuerdo a los volúmenes de producción, influencia en la determinación de los precios de la papa a nivel nacional, en promedio semanal, se comerciaron 200 toneladas de papa.



El resultado de los procesos se observa en el mapa donde se cuantifica las relaciones de los lugares de producción con el principal socio comercial de los productores, a saber, la Central Mayorista de Antioquia. Las zonas de producción están dadas en las áreas pintadas, no se asigna toda la producción al polígono del municipio puesto que la producción agrícola procede en áreas específicas. En el mapa se observa la dinámica de relaciones entre la zona oriente y occidente con el valle de aburrá. Las cifras que aparecen al inicio de las flechas indican el volumen de producción enviada hacia la central mayorista de Antioquia, los porcentajes, entre paréntesis, muestran el total enviado a la central con respecto a la producción total del municipio; en los casos donde los porcentajes son mejores al 100% quiere decir que la producción local tienen otros destinos aparte del evidenciado en el mapa, es decir, la producción sale para otros lugares.

La zona de estudio provee el 13% de los alimentos que ingresan a la central mayorista; aunque, al discriminar por el grupo de alimentos de verduras y hortalizas, la zona de estudio abastece el 48% del total que ingresa a la central mayorista, principalmente producción proveniente de los municipios El Santuario, Marinilla, Rionegro y El Carmen de Viboral (todos del Valle de San Nicolás). Dicha especialización en la producción de hortalizas y verduras tiene reconocimiento a nivel nacional, a nivel regional es llamada la despensa agrícola de Medellín.

4.1. Los aspectos espaciales del flujo de alimentos

El modo de producción económica de los alimentos en los valles de aburrá, valles de San Nicolás y valle del río Cauca muestra en la característica espacial de las relaciones sociales; a través de las redes por donde transitan los alimentos se expresan las formas de articulación, las extensiones del mercado y las diferencias espaciales. Por medio de la infraestructura vial, fijo instalado en el territorio que posibilita la conexión entre de los flujos, los alimentos transita de un lugar a otro, se construye la espacialidad de los alimentos como un proceso de mercado. Personas con sus cultivos en fincas con menos de una hectárea, con explotación tradicional campesina, se conectan con los centros de acopio y plazas de mercado, la mayoría de las veces se encuentran con un comerciante o intermediario que actúa como la figura que dinamiza el mercado con procesos especulativos, comprando barato y vendiendo caro a otras escalas de comercio: otras plazas de mercado de Colombia, almacenes de cadena o grandes mayoristas. Se plantea la creación de espacialidades puesto que las relaciones de mercado de los alimentos condicionan la forma de ocupación del territorio, la forma de vida, los ritmos y tiempos de lo cotidiano, la definición y organización de los espacios.

En la base de la relación y como soporte a la actividad misma se encuentra la figura del campesino, el que hace sus las veces de cultivador de la tierra, manda el productor desde el punto de vista del mercado. En la zona de estudio son labradores de la tierra de forma artesanal, principalmente por la topografía de los terrenos (pendientes, erosiones donde difícilmente un tractor puede trabajar, exceptuando algunos municipios como La Unión con la producción de papa) y la carencia de capital disponible para invertir en parcelas que, en promedio, son de una hectárea. La inversión es familiar y los flujos de caja son destinados a la manutención de la familia, los excedentes de dinero que deja la cosecha, muchas veces no alcanzan para llevar un estándar promedio de vida del municipio de contexto. No existe cultura del ahorro para la inversión, se presenta más una tendencia a pedir asistencia del Estado para las inversiones, con el riesgo real, expresado por los funcionarios públicos del sector agropecuario, de generar dependencia de la provisión de semillas, capacitación, mejoramiento de cultivo y, en algunos casos, de materiales físicos como invernaderos o corrales para animales que se provee a través de los programas estatales.

En la mayoría de los casos, los productores acogen la recomendación de los asistentes técnicos del estado de tener un predio con policultivos, en un hectárea de tierra cultivar hasta 8 productos, dicha recomendación busca reducir los riesgos de precios de mercado, entre otros, dada la tendencia inherente de los productores a no programar las cosechas y sembrar el producto con mayor valor actual en el mercado, todo con la expectativa que el precio se mantenga en el largo plazo; en realidad, lo que sucede, en la siguiente cosecha, es que sale al mercado más producto del que están demandando realmente, por consiguiente, el precio cae automáticamente, con casos extremos donde el precio de comercialización cae por debajo del costo de producción, en este extremo, la cosecha se pierde en los cultivos, no se saca al mercado.

De nuevo, el círculo del mercado sigue, puesto que quienes han perdido un par de veces consecutivas, rempazan el cultivo con poco valor en el mercado, por otro que tenga un precio atractivo; así se activan las fuerzas de autorregulación de los precios de mercado. Dicha mecánica del mercado libre deja ver la tendencia a la sustitución de cultivos por aquellos con mejor precio en el mercado, caso particular, la sustitución de cultivos tradicionales por el cultivo de aguacate que viene dando la zona de oriente y algunos municipios del occidente, todo bajo la expectativa incentivada por el Gobierno central de la escasez de oferta nacional y, principalmente, internacional. Otro caso, lo sucedido con el café, la cosecha del 2010 alcanzó los valores más altos de los últimos años, los precios internacionales subieron, la ganancia que recibieron los caficultores motivó a que muchos de los productores recuperaran las plantaciones y plantaran semillas mejoradas para el 2011; para el café el precio de referencia es el resultado de los mercados internacionales, puesto que la mayor producción del país la comercia la Federación Nacional de Cafeteros de Colombia, agremiación de cafeteros que representa a más de 500 mil familias del país productoras de café.

“¿A cómo amaneció hoy?”, es la frase que se escucha en los mercados de los municipios, el productor, si no se entera de los precios antes de sacar la mercancía, llega a los puntos de acopio o comercio de los municipios para negociar la producción, al enterarse del precio puede medir el grado de escasez del producto y entablar negociación. Los precios base se dan en el Central Mayorista de Antioquia, con dicha referencia, de escasez o abundancia en plaza de mercado, se abren los mercados. Aporte importante para el proceso es el servicio de precios del sector agropecuario (Sipsa) que monitorea diariamente los mercados en 18 plazas del país y en municipios con movimientos importantes de producción, incluyen más de 700 productos divididos en frutas, verduras, hortalizas, tubérculos, carnes y pescados, granos, lácteos y otros productos. La información, de orden nacional, condiciona los procesos de negociación y comercialización que sostienen los productores a nivel local. El control de la información es la garantía de los comerciantes para especular con los precios, el poder de negociación la mantienen los comerciantes quienes se acercan a los mercados locales para comprar la producción de los campesinos y luego venderla a los grandes mayoristas o centros de distribución, normalmente con un margen de ganancia por la intermediación que supera el margen de ganancia del productor.

La ideología del mercado controla la ocupación y planeación espacial, pues la preocupación por las toneladas de producción y sus precios, los costos de producción y la localización geográfica de los lugares de comercio y consumo, incluyendo las redes y flujos, evidencian las prácticas sociales que producen el espacio. La producción, comercialización y consumo de productos indican los usos del suelo, la planeación espacial de la producción, al tiempo que esos lugares reciben una serie de capitales financieros y conocimientos de la producción que crean un marco para la actividad productiva; por ejemplo, los costos de producción en relación con los precios de venta, indican la decisión sobre la producción y los dispositivos que se soportan dicha producción. Hacen parte de la producción de espacio, la construcción espacio-temporal de las redes, flujos, lugares de comercio y consumo. Los productores normalmente crean su espacialidad en los límites de los mercados locales.

De la finca al mercado local, es la territorialidad física que despliegan la mayoría de los campesinos del área de estudio; pocos son los casos de población que ejerza las funciones de productores y comercializadores. El campesino cultiva, saca sus productos por vías que muchas veces no favorecen los costos de producción, la negocian con el comerciante (intermediario) y, así termina el proceso espacial del productor con los productos, la escala tiene una extensión local. Sin embargo, el proceso continúa, el comerciante los recibe y los destina hacia las plazas del país, centros de distribución o mercados internacionales; en la cadena pueden aparecer más de un intermediario pues su función es comprar y enviar a sus socios comerciales.

Una vez llega a los centros de distribución, se venden al consumidor final, en éste caso, distribuidos por todo el país y a nivel internacional. Hay una distribución espacial de los centros de producción, comercialización y consumo que evidencia la necesaria conectividad para una óptima función del sistema de mercado.

El comprador final determina la extensión del proceso como cadena de abastecimiento de alimentos, el punto final de la producción es la materialización del consumo, al llegar a manos del consumidor los productos han atravesado diferentes escalas de dominio administrativo, el proceso de mercado determina la escala cuando sale de los ámbitos locales, abarca los departamentales, nacionales y, en algunos casos, los internacionales. Las extensiones de los productores tienen un límite por asuntos de comercialización y disponibilidad de capital para completar la cadena.

Los campesinos tienen temor de comercializar en las plazas de mercado principales del departamento puesto que los distribuidores (comprador inicial) coluden para quebrarle los precios a un valor que puede estar por debajo de los costos de producción; son mafias que traban el mercado y le imprimen costos de intermediación al proceso y muchas percepciones negativas para comerciar directamente los productos que se producen.

Otro aspecto por el cual no llegan directamente a las plazas, es la disponibilidad de transporte para sus alimentos, el transporte de las veredas a los lugares de comercio local se hace en vehículos de servicio público, escaleras o “chiveros” que comunican las veredas con la zona urbana, algunos comerciantes se encargan del transporte desde el punto de cosecha, principalmente cuando hay escasez del producto que le interesa. También, influye en la espacialidad de los productores, la capacidad de negociar en las plazas, porque al tiempo deben estar pendientes de la cosecha, no tienen contactos en las plazas y el costo de oportunidad de conseguirlos es más alto que el costo de venderlo al intermediario; no invierten tiempo en comercialización, además, como lo argumentan: “somos campesinos productores no comerciantes”. Así, es verdad que los comerciantes o intermediarios imprimen costos totales a la cadena de comercialización, pero son necesarios para completarla en casos donde se hacen imposible la conexión directa entre los productores y consumidores, también sirven para disminuir el riesgo de negociación al que se enfrentan los campesinos, hasta pueden mejorar los rendimientos totales de la cadena cuando por medio de las negociaciones se sube el valor al producto.

Guardando las diferencias espaciales de volúmenes de producción y vocación económica de los municipios del área de estudio, los productos de la zona tienen como destino principal los centros de comercialización que se encuentran en el Área Metropolitana del departamento, la Central Mayorista de Antioquia, y la Plaza Minorista; ambas reciben y distribuyen alimentos para todo el país, incluyendo los 6 millones de personas que habitan en el departamento; no obstante, es la Central Mayorista la encargada de distribuir el 91% de los alimentos que ingresan a las plazas, la Minorista recibe su principal abastecimiento de la Central Mayorista, en menor medida de otros lugares, que incluye la zona de estudio. Para dimensionar el volumen de transacciones, en 2010, entre enero y septiembre, ingresaron al Área Metropolitana, contando las dos plazas, 911.794,86 toneladas de alimentos, eso equivale a que ingresen todos los días 663 camiones de 5 toneladas, durante los 275 días de los 9 meses a los que aluden los datos.

5 Conclusiones

El ejercicio metodológico, en construcción, que aquí se ha presentado constituye parte de una línea de trabajo de largo aliento en el Instituto de Estudios Regionales, INER, sobre la caracterización de dinámicas territoriales, y que ha adquirido un giro particular en la medida que diversos elementos de los estudios socioespaciales han proporcionado nuevas herramientas teórico-metodológicas.

Quizá el mayor esfuerzo, que esta propuesta implica, es lograr construir metodologías que permitan operacionalizar muchas de las apuestas teóricas de estos nuevos acercamientos, de manera que impliquen cambios en las maneras cómo se construyen los ejercicios territoriales, impactando no sólo las lecturas y perspectivas académicas sobre los territorios, sino la manera misma como construimos información que esté basada en una comprensión alternativa de los procesos sociales.

Esto, por supuesto, también debe impactar en las formas como se utilizan los sistemas de información geográfica en los ejercicios territoriales, tanto a nivel de herramienta de análisis, como en la configuración de nuevos estándares para la producción de la cartografía final.

Si queremos comprender un territorio debemos evitar casarnos con la idea que la base fundamental es encontrar una unidad territorial completa y continua, y sobre ella comprender los procesos sociales que ocurren. Una idea que todavía se encuentra muy viva en la manera como se realizan lecturas territoriales.

Por el contrario el reto es avanzar a metodologías que partan de los procesos y de sus anclajes territoriales, para identificar el espacio geográfico en el cual existen, esto implica que nos enfrentamos no a espacios contenidos, sino a espacios abiertos que delimitamos como instrumento heurístico, y que no constituyen espacios contiguos ni continuos a su interior, sino lugares, sitios o nodos que se articulan entre sí, conformando redes territoriales más que bloques.

Es sobre la intersección e interacción de las redes constituidas en diferentes tipos de procesos (i.e. comerciales, sociales, culturales, etc.), que las regiones, a la manera de Allen, comienzan a surgir. Esto implica, no que las regiones son tanto un punto de partida para los estudios territoriales, sino que constituyen, más bien, un punto de llegada del análisis.

BIBLIOGRAFÍA:

Allen, J; Doreen, M & Cochrane, A 1998, *Rethinking the region*. Ed Routledge, Londres

Jessop, B; Brenner, N & Jones, M 2008, *Theorizing sociospatial relations*. En *Environment and Planning D: Society and Space* Vol. XXVI, pp. 389-401.

Macleod, G & Jones, M 2007, *Territorial, Scalar, Networked, Connected: In What Sense a 'Regional World'?*. En *Regional Studies* Vol XXXX / N° 9 pp.1177-1191.

Massey, Doreen. 1994, *A Global Sense of Place*. In: *Space, Place and Gender*. University of Minnesota Pres, Minneapolis

Santos, M 2000, *Espacio y método*. Ed Ariel, Madrid

Anistia no Brasil: uma Questão a Ser Discutida

Jacqueline Lobo de Mesquita¹

¹ Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo, Brasil.

Resumo: Este trabalho tem por objetivo discutir o processo de anistia no Brasil a partir da lei nº 6964 de 9 de dezembro de 1981, na qual é abordado a situação e procedimentos em relação aos imigrantes, *indocumentados* ou irregulares. Analisar os desdobramentos que ocorreram ao processo até os dias atuais envolvendo direitos humanos, migrações e questionamentos acerca de uma *cidadania universal*, isto é, um conjunto de direitos básicos que deveriam ser associados ao homem, independente de sua classe social, cor, local de nascimento, entre outros, direitos estes já presente no conceito do *welfare state*.¹

Palavras Chave: Anistia – Imigração – Cidadania – Direitos Humanos

¹ O estado de bem estar social (Welfare- state), ou estado assistencial pode ser definido, a primeira análise como Estado que garante “tipos mínimos de renda, alimentação, saúde, habitação, educação, assegurados a todo o cidadão não como caridade mas como direito político. (H.L.Wilensky. 1975. In Bobbio Nobert 1986 pp 416)

1 Introdução

Este trabalho tem por objetivo discutir o processo de anistia no Brasil a partir da lei nº6964 de 9 de dezembro de 1981 na qual é abordado a situação e procedimentos em relação aos imigrantes, indocumentados ou irregulares. Analisar os desdobramentos que ocorreram ao processo até os dias atuais envolvendo direitos humanos, migrações e questionamentos acerca de uma cidadania universal, isto é, um conjunto de direitos básicos que deveriam ser associados ao homem, independente de sua classe social, cor, local de nascimento, entre outros.

O Brasil adotou em inúmeras vezes, o sistema de regularização migratória, essa regularização a princípio permitiu ao imigrante em situação irregular a requerer residência provisória com isenção. No total o processo de anistiamiento para imigrantes no Brasil registrou uma média de 147 mil pedidos (ver tabela abaixo) embora os números sejam expressivos, o número real de imigrantes em situação irregular é muito maior, estima-se que muitos imigrantes acabam não realizando sua regularização por desconfiança, pela quantidade de documentação a ser apresentada e os prazos para encaminhamentos da solicitação. Assim estudar o processo de anistiamiento é estudar o exercício de uma cidadania plena para a construção de um país multicultural, multi-étnico e solidário.

2 Direitos Humanos dos Migrantes

A declaração universal dos direitos humanos obteve suas raízes nas cartas de Direito dos Estados Unidos em 1776 e da Revolução Francesa em 1798. Surgiu com o objetivo de estabelecer direitos iguais a todos os seres humanos. Legalmente e universalmente todos os homens passam a ser considerados iguais e possuem os mesmos direitos, sendo a liberdade de locomoção aderida pela primeira vez a partir de 1948. (COHEN 2001) De acordo com Paolo Targioni :

A partir do século XX, o homem passa a ser uma preocupação do direito internacional e não mais somente dos estados nacionais. Tiveram que passar pela história da humanidade duas guerras mundiais para que o rígido conceito de soberania dos estados fosse derrubado, mas em 1948 enfim a ONU aprovou a declaração universal dos direitos humanos, [...]. (TARGIONI, 2007 pp.31)

A Constituição Brasileira de 1988 incorpora o espírito e a letra da declaração Universal, estando em conformidade com ela os documentos internacionais referidos, já integrados ao ordenamento nacional. Sendo assim, nossa Carta Magna contempla no artigo 5º inciso XV, a liberdade de locomoção em termos amplos, assegurando o seu exercício em tempo de paz a qualquer pessoa nacional ou estrangeiro, que poderá

permanecer em solo brasileiro ou dele sair com seus bens, nos termos da lei, o que leva a observação, de que caberá à lei concretizar o exercício desse direito ou fixar-lhe as restrições à liberdade de locomoção como, por exemplo, no estado de sitio art. 139 -1².

De acordo com Jose Gregori a conferencia mundial de Vienna³, firmou quatro conceitos básicos para caracterizar os direitos humanos nos dias atuais .Estao entre elas a reafirmação da universalidade dos direitos humanos, a indivisibilidade dos direitos humanos e conceitos de interdependência e inter-relação dos direitos humanos. O referido autor cita que:

[...] O Brasil foi o terceiro país a acatar a recomendação da Declaração de Vienna para que os países – membros elaborassem um Programa de medidas visando a proteção mais efetiva dos direitos humanos em seus países. (GREGORI, 1997-1998 pp.27)

O mundo sem fronteiras é parte da definição da globalização contanto não se aplica ao movimento de pessoas. Para Fredrik Barth antropólogo norueguês :

As fronteiras não são traçadas para separar diferenças, mas pelo contrario, é exatamente por que são traçadas fronteiras que de repente surgem as diferenças, que as percebemos e ficamos conscientes delas, alias, vamos procurando diferenças exatamente para legitimas as fronteiras. (TARGIONI, 2007. pp 32)

De acordo com as estimativas da ONU (NAÇÕES UNIDAS, 2003), a quantia de migrantes oficiais no mundo teria aumentado consideravelmente nas ultimas décadas, de 1960 a 2000, o número de pessoas que residiam em um país diferente do de nascimento passou de 76 para 176 milhões.

Migrantes sempre existiram ao longo da história, porém um fato relevante a ser considerado é que os mesmos nunca tiveram tantas restrições, tampouco sofreram tantas discriminações como as atuais (BASSEGIO, 2005). Estes não contam com mecanismos que assegurem seus direitos mínimos tal qual ocorre com os refugiados.

² Com a expressão “Estado de Sitio” se quer geralmente indicar um regime jurídico excepcional a que uma comunidade territorial é temporariamente sujeito em situação de perigo para a ordem pública, criado por determinação da autoridade estatal ao atribuir poderes extraordinários às autoridades públicas e ao estabelecer as adequadas restrições á liberdade dos cidadãos. (BOBBIO, 1986 pp 418)

³ Belisario dos Santos Jr acresce que: “A partir de seu caráter histórico, de sua dimensão internacional, incorporam-se os conceitos de universalidade e indivisibilidade enunciadas definitivamente na conferencia mundial de Vienna, em 1993. Os direitos Humanos são, portanto indivisíveis. Isto significa que eles devem ser cumpridos globalmente.” (SANTOS. Jr, 1998, pp.16)

Os migrantes entram muitas vezes pelas portas dos fundos dos Estados, e certamente acabam sendo marginalizados pelo sistema.

3 Cidadania Universal

A crescente interdependência, causada pela dinâmica atual da globalização, começa a evidenciar a conveniência e a necessidade de definir o que já passou a se denominar de cidadania universal. Cada vez mais emerge a necessidade de se reconhecer a toda pessoa humana um direito explícito da cidadania universal, pelo simples e fundamental fato de ser membro da família humana [...]. (Dom Demétrio Valentini - I Fórum Social das Migrações realizado em janeiro de 2005 em Porto Alegre)

Este conceito que revela um giro de 180° graus na idéia de cidadania, uma vez que este era associado à nacionalidade primordialmente, ou seja, falava-se de direitos básicos para nativos de determinados estados. Este conceito- cidadania universal- que parece bastante novo, na verdade já vem sendo abordado por diversos autores⁴. Estes debatem o conceito pré-estabelecido por Kant há mais de dois séculos ao propor o princípio de hospitalidade no direito cosmopolita⁵.

A todo ser humano na terra seria, segundo o autor, outorgado o direito de ir e vir, salvo em momentos de sitio. Em suma, o autor propôs um direito à hospitalidade e se pensarmos “Hospitalidade” - palavra que deriva do latim e tem significado de acolhimento - logo este não estaria de fato atrelado aos imigrantes, aos novos cidadãos que devem ser acolhidos conforme as normas do direito Internacional dos Direitos Humanos⁶.

Seguindo então o raciocínio do autor, esta Hospitalidade é um direito, não uma filantropia, tratando-se de um direito de circulação, que assiste a todos os homens em virtude do direito da propriedade comum da superfície esférica da terra, na qual ninguém, originariamente, tem mais direito que um outro a estar em um determinado local.

⁴ Norberto Bobbio, Hanna Arendt, Jurgen Haberman, Danilo Zolo Giuseppe Tosi, Ricardo Lobo entre outros

⁵ O autor acreditava que o único remédio ao estado de guerra entre as nações seria a criação de um estado universal dos povos 1793, posteriormente em 1796 passa a defender não mais um estado universal dos povos mas uma federação universal de estados livres. Em uma passagem da mesma obra Kant justifica esta mudança de enfoque, afirmando que a idéia de um estado mundial seria uma tese melhor, mas poderia parecer irrealista

⁶ Hanna ARENDT defende que algo mais fundamental que a liberdade e a justiça, que são os direitos do cidadão, esta em jogo quando deixa de ser natural que um homem pertença a comunidade em que nasceu, e quando o não pertencer a ela não é um ato da sua livre escolha. (Origens do Totalitarismo p.330)

Bauman também defende este direito da comunidade internacional. O autor dirá que “o direito internacional deixaria de ser a simples garantia de mutua existência das soberanias nacionais e se converteria em um verdadeiro direito da comunidade universal, exercido por instituições republicanas mundiais e ordenado ao redor dos direitos humanos”. (BAUMAN, 1997)

O direito de ir e vir presente na Declaração Universal dos Direitos do Homem, art. 1º visa que ninguém será arbitrariamente „des-patriado”, obrigado a ficar em seu Estado ou proibido de a este regressar. Conceitos que contemplam uma forma ímpar e ambígua acerca dos direitos humanos. Ambíguo, pois, conforme aludido acima foi pensada no continente que hoje mais agride a carta de Direito Humanos , a Europa que por muito defendeu os direitos da humanidade hoje fecha suas portas para imigrantes, não sendo incomum notícias vinculadas a mídia de pessoas sendo deportadas, proibidas de manifestar suas crenças, entre outros.” Nos últimos anos, boa parte dos países europeus tornou-se palco de movimentos anti-democráticos, que pregam a exclusão de imigrantes, rejeitam seus direitos e tentam reprimir seus costumes.”(LEITE, 2011)

4 Trajetória da anistia no Brasil

O relatório de 2009 da ONU, “Ultrapassar barreiras, mobilidade Humana e desenvolvimento humano”, estima que 200 milhões de pessoas, são migrantes internacionais. Migrantes embarcam em uma travessia, em busca de garantia mínima de mobilidade humana. Segundo Luis Bassegio (2005) “na maioria das vezes, os imigrantes são discriminados devido à cor, origem, e costumes, entretanto são necessários, para realizar os trabalhos “sujos, baixos, perigosos e indesejados” Segundo Hanna Arendt: “quanto mais um povo aprende a respeito de outro, menos quer reconhecê-lo como seu igual, e mais se afasta do ideal de humanidade” (ARENDR,1989, pp 267).Logo é possível dizer que o pré conceito é também um formador de barreiras,é uma maneira de demarcar um limite uma fronteira entre quem é nativo e quem é estrangeiro. À margem da globalização financeira, o indivíduo que não se adequou ou não conseguiu se encaixar neste processo em que é considerado “simples mercadoria” torna-se excedente populacional, descartáveis, sem utilidade.

O Brasil adotou por cinco vezes o sistema de regularização migratória, sendo a primeira em 1981, a segunda em 1988, a terceira em 1998, em seguida 2009 e agora a quinta em 2011. Essa regularização permite ao imigrante em situação irregular, de clandestinidade ou indocumentados, a requerer residência provisória com isenção.

Os projetos de lei, desde o primeiro texto de anistia, asseguram de certa forma a estadia de imigrantes em território Brasileiro. O projeto de lei 6.964, de 9 de dezembro de 1981 alterou as disposições da lei 6.815 de 19 de agosto de 1980, que

“define a situação jurídica do estrangeiro no Brasil, criando desta forma o Conselho Nacional de Imigração, e da outras providencias”(PL 6815/80). Sendo assim com esta lei, os imigrantes clandestinos poderiam regularizar/ legalizar sua permanência no Brasil por meio da naturalização. Ou seja, embora nossa história esteja direta e indiretamente ligada às migrações, já que esta pode ser considerada um fator importante para a formação do povo brasileiro, apenas em 1980 se criou um conselho nacional para as questões ligadas à migração.

Em 1998, o Governo Federal decretou uma anistia que permitia a regularização da situação dos estrangeiros clandestinos e, no ano que seguiu (1998/1999), cerca de 50 mil imigrantes foram cadastrados. Segundo o Ministério do trabalho, em 1999 foram concedidas 12.708 autorizações a trabalhadores estrangeiros. Com a carteira de trabalho assinada, o trabalhador passa a ter direitos à uma serie de direitos sociais, tais quais: férias remuneradas, 13º salário, descanso semanal remunerado, benefícios na aposentaria, entre outros. Este e outros direitos se validam no momento em que o imigrante que estava em situação irregular, regulariza sua situação. (Bassegio,2005)

No total o processo de anistiamto para imigrantes no Brasil registrou uma média de 147 mil pedidos (ver tabela abaixo) e, embora os números sejam expressivos, o número real de imigrantes em situação irregular é muito maior,uma vez que ,muitos imigrantes acabam por não realizarem sua regularização por desconfiança pela quantidade de documentação a ser apresentada e os prazos para encaminhamentos da solicitação.

Anistia aos estrangeiros indocumentados no Brasil	
Lei	Nº de imigrantes que requereram.
Lei nº6964, de 9 de dezembro de 1981	27.000
Lei nº7685, de 2 de dezembro de 1988	36.990
Lei nº9675/98, regulamentada pelo decreto nº2.2771/98	40.909
Lei nº 11.961/2009	Entre 43 e 45.00

Tabela 1: Anistia aos estrangeiros indocumentados no Brasil Milesi, 2003

Disso, têm-se os seguintes números em 2009, regularizados pela Anistia por nacionalidade: Bolivianos (16.881); Paraguaiois (4.135); Peruanos (4.642); Chineses (5.492); Coreanos (1.192); Outros (10.720). Pode-se notar através destes dados que o processo de anistiamto acomete todas as diversas nacionalidades, tendo como maior parcela dos pedidos de regulamentação os bolivianos que representam sozinho 43% dos pedidos. O que pode-se observar através destes dados é que embora o medo, a quantidade de documentação a ser apresentada e os fatores já anunciados acima, o processo de anistia através dos anos demonstra uma crescente em pedidos de regularização.Sendo assim, pode-se pensar que não apenas intelectuais e acadêmicos batalham por uma cidadania universal, estes migrantes que procuram este processo de

certa forma, também almejam uma cidadania que vá além de fronteiras pré estabelecidas.

A necessidade de se regularizar não esta ligada apenas a papeis, a regularização abre caminhos para que os imigrantes possam ser inseridos de fato no sistema, e uma vez regularizado o imigrante tem a oportunidade de melhores ofertas de trabalho, visto que, não são raras as notícias sobre oficinas de costura que empregam bolivianos, paraguaios, entre outros em forma de trabalho análogo a de escravo.

Problemas relacionados à condições de trabalho, ao acesso a saúde e à educação são direitos básicos que deveriam ser assegurado a todos, independente da condição social, ao país de origem ou outros fatores que possam interferir nos mesmos. Garantir que o imigrante possa se regularizar é assegurar para este a cidadania universal, que vai além de fronteiras entre países.

REFERENCIAS:

Arend, Hanna. *Origens do Totalitarismo*. Editora Companhia das Letras 2º ed,1989

Bauman, Zygmunt 1999, *Globalização as conseqüências humanas*. Edição Brasileira 1999.

Bassegio, Luiz 2005, *Travessia na Desordem Global- Fórum Social das Migrações*. Organizador Serviço Pastoral do Migrante- Coleção mundo possível. Paulinas, São Paulo

Bobbio, Nobert 1996, *Dicionário de Política*, N. Bobbio, N.Matteucci, G.Pasquino. Ed. Universidade de Brasília. 2º edição

Cohen 2001, *Direitos Humanos no Cotidiano: manual- 2º edição* –Ministerio da Justiça Secretaria de Estado dos Direitos Humanos, Brasília

Dom Demétrio Valentini - *I Fórum Social das Migrações* realizado em janeiro de 2005 em Porto Alegre

Gregori, Jose. *Cidadania Verso e Reverso*. Coordenador Julio Lerner . São Paulo Imprensa Oficial do Estado. 1997-1998

Kant, Immanuel 1992, *A Paz perpetua e outros opúsculos*. Edições 70

Leite, Paulo Moreira, disponível em:
<http://colunas.epoca.globo.com/paulomoreiraleite/2011/07/26/>. acessado em 11 de julho de 2011, 22:09.

Milesi, R. Regularização de Imigrantes no Brasil, pelo sistema de Registro Provisorio- Anistia de 1981, 1988, 1998, e 2009. in. www.migrante.org.br acesso em setembro de 2011.

Relatorio ONU 2009- Ultrapassar Barreiras – disponível em:
http://hdr.undp.org/en/media/HDR_2009_PT_Complete.pdf acessado em 22 de outubro de 2011.

Santos, Jr. 1998, *Verso e Reverso*. Coordenador Julio Lerner . São Paulo Imprensa Oficial do Estado.1997-1998, pp.16

Sprandel, M. O 2001, *Parlamento e as migrações internacionais*. In: migrações Internacionais: contribuições para Políticas – Brasil- 2000 CNPD. Brasília

Targioni, Paolo 2007, *Abandono dos direitos humanos na era da globalização*. In: Direitos Humanos, Segurança Pública e Comunicação. Org. Rosana Martins, Maria Goretti Pedroso, Tabajara Navazzi Pinto. Acadepol : São Paulo

Torres, Ricardo Lobo (Org). *Cidadania Multidimensional na Era dos Direitos*. In: Teoria dos Direitos Fundamentais

United Nation Population Division 1998, *World Population Monitoring*. United Nations ST/ESA/SER.A./169, New York

Zamberlan, Jurandi 2004, *O processo migratorio no Brasil e os desafios da mobilidade humana na Globalização*. Porto Alegre

Em busca do habitar e do espaço do lugar

Rakel Bozza Gomez¹

¹ Instituto de Arquitetura e Urbanismo – Universidade de São Paulo,
São Carlos, Brasil.

Resumo. A cidade do presente, resultado inédito de múltiplos e complexos contextos apresenta formas singulares na relação entre o homem e o seu espaço físico. Consciente deste cenário, o objetivo deste artigo é refletir como se dá a construção do habitar e do lugar na cidade do presente. Para empreender tal análise, se terá como pano de fundo o pensamento sobre construir e habitar de Heidegger conjugado com o conceito de lugar de outros autores.

Complementariamente a isto se buscará identificar as mudanças no comportamento do homem e de suas ferramentas técnicas que contribuíram à estas mudanças sociais. Como resultado, a idéia de coexistência entre o espaço dos lugares e os espaços virtuais leva a compreensão de uma nova forma de habitar o mundo. Este resultado provém de uma interpretação do conceito de lugar a luz da especificidade do momento atual, contribuindo assim com outras perspectivas para a compreensão de aspectos da produção da cidade do presente.

Palavras Chave: Habitar - Lugares - Não-lugares - Territoriantes - Objetos nômades

1 Introdução

Atualmente, assistimos a cada dia, contextos inéditos: novas formas de relacionamentos sociais, novos modos de vida, novas formas de organizações espaciais. Estes são alguns dos indícios de profundas mudanças na forma de como habitar e como viver no mundo, apresentando estreitas relações com os processos de globalização, reestruturação produtiva e novas tecnologias.

Este cenário de tal complexidade dificulta a compreensão de como as formas de habitar então se desenvolvendo no presente. Partindo do entendimento que o lugar liga-se de modo inexorável à realização da vida como condição e produto do estabelecimento das relações reais indispensáveis a ela, surge a pergunta: quais seriam os desdobramentos das novas formas de habitar na construção de lugares na cidade do presente?

No intuito de refletir sobre esta questão – e conseqüentemente sobre o habitar – este artigo procura lançar outras perspectivas de análise às bases teóricas conceituadas e estabelecidas. Para tanto, se utilizará da perspectiva filosófica de Heidegger para a compreensão do sentido de habitar e construir. Paralelamente, uma aproximação ao entendimento de lugar e não lugar do antropólogo Marc Augé possibilitará tencionar a compreensão destas palavras chaves.

Sabendo-se que o comportamento do indivíduo e as coisas com as quais se relaciona são importantes componentes do quadro social do presente, se analisará o conceito de territoriantes de Francesc Muñoz observando uma possível relação com a definição dos objetos nômades elaborada por Jaques Attali. Desta forma, espera-se abrir margens suficientes amplas para a elaboração de uma nova perspectiva sobre as construções de lugares no momento atual, contribuindo assim ao debate da compreensão de aspectos da produção da cidade do presente.

2 Uma aproximação dos Lugares de Heidegger aos Não-Lugares de Augé

O filósofo Heidegger (1954) afirma que o traço fundamental do habitar é o resguardo de quatro faces de uma quadratura em sua essência sendo: salvar a terra, acolher o céu, aguardar os deuses e conduzir os mortais. Habitando os mortais são na quadratura. O autor afirma que enquanto resguardo, o habitar preserva a quadratura naquilo junto a o que os mortais se demoram: as coisas. A demora junto às coisas é o único modo em que a demora própria da simplicidade das quatro faces alcança na quadratura uma plenitude consistente. Desta forma, no habitar, a quadratura se resguarda à medida que leva para as coisas o seu próprio vigor de essência, e as coisas apenas abrigam a quadratura quando deixadas como coisas em seu vigor. Habitar é construir (cultivar/edificar) desde que se preserve nas coisas a quadratura.

Vamos pensar no construir no sentido de coisa edificante. Desta coisa, que possui características próprias, integrando a quadratura de tal modo que lhe propicia estância e circunstancia, surge um lugar. Pensando na definição de Lefebvre de que espaço é o produto de uma relação (ou conjunto de relações)¹, é possível compreender que coisas que são lugares propiciam em sua relação, espaços. Heidegger afirma que este relacionamento lugar e espaço assim como o relacionamento lugar e homem que nele se demora residem na essência destas coisas assumidas como lugares.

A partir deste ponto aproximaremos ao entendimento de Auge (1994) a respeito dos lugares antropológicos: construção concreta e simbólica do espaço, que é simultaneamente princípio de sentido para aqueles que o habitam e princípio de inteligibilidade para quem o observa. Estes lugares têm três características em comum: se pretendem identitários, relacionais e históricos, cujo conteúdo é ao mesmo tempo espacial e social.

Completando sua reflexão, Augé referencia-se a Michael de Certeau, que vê no lugar, qualquer que seja ele, uma ordem segundo a qual elementos são distribuídos em relações de coexistência, definindo lugar como a configuração instantânea de posições, podendo-se dizer que em um mesmo lugar, podem coexistir elementos distintos e singulares, mas sobre os quais não se proíbe pensar nem as relações nem a identidade partilhada que lhes confere a ocupação de um lugar comum.

Agregando a isto, Augé afirma que o lugar é necessariamente histórico a partir do momento em que, conjugando identidade e relação, ele se define por uma estabilidade mínima². Por isto ele alerta sobre a dimensão materialmente temporal dos espaços dos lugares. O monumento (coisa edificada) pretende-se ser a expressão tangível de permanência ou de duração, permitindo pensar a continuidade das gerações.

Por isto é que o autor afirma que estranhamente, uma série de rupturas e descontinuidades no espaço (relações entre coisas-lugares diferentes) é que representa a continuidade do tempo, sendo esta presença do passado no presente a essência da modernidade relatada por Jean Starobinski.

¹ Lefebvre (2010:53) utiliza a palavra “produção” em seu amplo aspecto, uma vez que desenvolve a noção de espaço como produto social. Entendendo a cidade como a mediação das mediações, o autor afirma que se há uma produção da cidade e das relações sociais da cidade, é uma produção e reprodução de seres humanos, mais do que uma produção do objeto. Pode-se considerar então que se a cidade (espaço físico) é o produto das relações sociais e objetos, ela é uma obra, a ser associada mais com a obra de arte no sentido de *poiesis* do que com um simples produto material ou objeto de consumo imediato. Pensando a cidade este autor desenvolve mais profundamente em seu livro “A produção do Espaço” o conceito de que o espaço é o produto de relações.

² Por esta razão o autor afirma que aqueles que vivem em lugares podem reconhecer marcos que não tem que ser objetos de conhecimento. O lugar antropológico, para eles é histórico na exata proporção em que escapa à história com o ciência. Desta forma, o habitante do lugar antropológico não faz história, se não vive na história.

Baseando-se nas definições dada a lugar tanto por Heidegger quanto por Augé, se pode admitir que um espaço que não pode se definir nem como identitário, relacional ou histórico, ou desde outra perspectiva, o resultado das relações entre coisas que não preservem a quadratura Heideggeriana, pode ser definido como o espaço do não-lugar. Entretanto, conforme afirma o próprio Augé, esta classificação nunca existe como forma pura: lugares se recompõem em não-lugares, onde o primeiro nunca é completamente apagado e o segundo nunca se realiza totalmente, entendendo-se assim mais como uma relação de polaridades do que de contradições³.

Augé também afirma que os não-lugares são a medida da nossa época: aeroportos, estações de transporte, cadeias de hotéis, parques de lazer, etc., conectados a redes a cabo ou sem fio. É uma característica dos não-lugares serem constituídos em relação a certos fins, o que não isenta a possibilidade relacional aos indivíduos que os pratiquem. Esta possibilidade, afirma o autor, que geralmente ocorre apenas no momento presente, acaba por não conceder lugar a história e a memória coletiva.

Entretanto, se constata que os não-lugares estão se tornando cada vez mais “familiares” e comuns na prática de uma vida cotidiana. Cabe questionar então que tipo de relação seria esta que os não-lugares criam com o indivíduo, se isto pode representar outro tipo de construção identitária, relacional e (a) histórica ou pode significar um outro modo de habitar no mundo contrário ou não à filosofia Heideggeriana. Para tanto, seria necessário refletir sobre algumas mudanças do comportamento do indivíduo no momento presente, principalmente sobre aquela que Muñoz denomina como territorializante, e a sua relação com objetos-coisas construídas em seu momento contemporâneo.

3 Territoriantes e objetos nômades – fatos do momento presente.

Entre os anos de 60 e 70, Constant escreve textos referentes a uma nova expressão urbana de uma sociedade utopicamente livre. Dentre as muitas características do projeto que o autor chamou de “*Nova Babilônia*” apresenta a questão da automação

³ “Acrescentamos que existe evidentemente o não-lugar como lugar: ele nunca existe sob uma forma pura: lugares se recompõem nele; relações se reconstituem nele, as “astúcias milenares” da “invenção do cotidiano” e das “artes de fazer”, das quais Michel de Certeau propôs análises tão sutis, podem abrir nele um caminho para si e aí desenvolver suas estratégias. O lugar e o não lugar são, antes, polaridades fungidas: o primeiro nunca é completamente apagado e o segundo nunca se realiza totalmente – palimpsestos em que se reinscreve, sem cessar, o jogo embaralhado da identidade e relação (...)” (AUGÉ 1994:74)

do trabalho, *liberando* o indivíduo de atividades com horários e locais fixos, e conseqüentemente estabelecendo uma relação diferente entre o urbano e o habitar⁴.

Ainda que o projeto da Nova Babilônia tenha permanecido como um plano utópico, é importante frisar que a re-estruturação produtiva vivida intensamente nas últimas décadas, (resultado de um novo cenário econômico de capital financeiro, onde a mobilidade humana é uma decorrência bastante significativa), não só se observa mudanças nas formas de consumo como também no tipo de território – agora difuso e multiplicado⁵ - e no tipo de relação entre o homem e o espaço físico. Como observou Constant, a “*liberação*” do homem em relação ao tempo e ao espaço demandou uma relação diferente entre o urbano e o habitar na cidade do presente.

Muñoz (2008), afirma que a importância crescente das telecomunicações, sistemas de transporte e, sobretudo, nas formas de habitar caracterizaram o desenvolvimento das cidades desde o final do século XX. As cidades se converteram em um cenário chave para o intercâmbio de bens e mercadorias como também para a circulação dos fluxos de pessoas e informações sobre o território. Este autor afirma que os habitantes de uma cidade se movem pelo espaço de outras cidades e habitam um novo tipo de metrópole, onde a mobilidade e os diferentes usos do território em função do tempo explicam a nova vida urbana.

Além de ser observado um maior número de pessoas que circulam pelo território, também se registra um maior número de circulação por pessoa, que se justifica tanto por motivo de trabalho ou estudo, como também por lazer, consumo, passeio ou turismo. Isto significa fluxos, cada vez mais cotidianos, entre pontos do território cada vez mais distantes, onde o uso do automóvel ou avião se torna constante. Desta forma, afirma o autor, os conteúdos sociais e culturais das variáveis espaço e tempo são afetados por esta circulação constante e acelerada, onde o habitante tem uma percepção múltipla do seu entorno.

Muñoz indica que a população implicada no uso temporal do espaço, apesar de sua diversidade, pode ser dividida essencialmente entre habitantes – os que habitam os lugares- e territoriantes - os que habitam o território. O autor explica que o territoriante é um habitante ou residente de um lugar, mas ao mesmo tempo, é usuário e visitante de outros lugares. Isto significa que utilizam o território de distintas formas em função do momento do dia ou semana, e que devido as melhoras nos transportes e nas telecomunicações, podem desenvolver diferentes atividades em pontos diferentes

⁴ “*Se partimos desta liberdade do tempo e do espaço, deveríamos chegar a uma nova forma de urbanização. A mobilidade e a flutuação incessante da população, conseqüências lógicas desta nova liberdade, dão lugar a uma relação diferente entre o urbano e o habitat.*”(CONSTANT 2009:18)

⁵ Muñoz (2008:19) chama de cidade multiplicada o resultado da proliferação de formas urbanas híbridas na que confluem em três processos simultâneos: nova definição de centralidad es, multiplicação de fluxos e formas de mobilidade e novas maneiras de habitar tanto a cidade como o território. Este autor também caracteriza como concentração difusa as dinâmicas de crescimento da cidade e modelação do território.

do território de forma cotidiana. Habitam geografias variáveis em cidades de geometria também variáveis⁶.

Podemos então perceber que o autor não afirma que as pessoas (“os mortais”) deixam de habitar, podendo entender que exista a pre-ocupação (ainda que inconsciente) com o resguardo da quadratura heideggeriana. Observamos que entre outras coisas, o que muda neste caso é sua relação com os lugares, com as coisas e com sua demora junto a elas. Se, no construir -no sentido de edificar- do momento presente, se observa a proliferação de não-lugares, que conforme define Augé não são identitários, relacionais ou históricos, que tipo de coisas produzidas no presente se poderia pensar que resguardam o sentido de lugar?

Jaques Attali (2007) observa que, em todo o momento da história onde se identifica uma forte mudança na estruturação econômica, se incorporam ao mercado novos objetos de consumo. No final do século XX o surgimento do microprocessador e em sua decorrência, do computador em série, permitiu reduzir o custo de serviços comerciais e administrativos das empresas, além de possibilitar a industrialização de serviços de finanças, permitindo aos bancos uma exploração máxima das imperfeições do mercado.

Desta forma, o autor afirma que não se observou a consolidação de uma sociedade de serviços ou de uma sociedade pós-industrial, se não exatamente do contrário: se tratava do começo de uma industrialização de serviços e de transformá-los em novos produtos de consumo. Assim se consolida o que ele chama de objetos nômades: máquinas miniaturizadas capazes de reter, armazenar, tratar e transmitir informações – sons, imagens, dados – com grande velocidade.

Attali explica que definiu este nome porque, desde o princípio da história, se observou que os nômades sempre transportaram objetos que pudessem servir de ajuda em suas constantes viagens. Podemos dizer que os primeiros foram pedras talhadas ou talismãs (símbolos que invocassem o divino e/ou defesa pessoal), roupas, calçados, ferramentas, armas, jóias, relíquias, instrumentos de música, etc.. Com o tempo, se inventou o livro, primeiro objeto nômade produzido em série capaz de armazenar uma razoável quantidade de informação, preservando histórias, memórias, e identidades. Também podemos citar o relógio (marcador temporal), câmera de fotos (captura de imagens de acontecimentos em determinado tempo e espaço), rádio (transmissão de informação pelo espaço), etc, até surgir objetos capazes de reunir todas estas funções e reter todas as informações produzidas por ela.

⁶“O territoriante, por tanto, se define como territoriante entre lugares e não como habitante de um lugar e constitui o protótipo do habitante da cidade pos-industrial. Por isso que os territoriantes pertencem a uma cidade nova, composta de fragmentos de território onde vivem, trabalham, consomem ou passeiam. Os territoriantes habitam geografias variáveis em cidades de geometria também variáveis” (MUÑOZ 2008:27)

Em decorrência, surgem outras ferramentas significativas para o novo nomadismo, destacando-se a popularização do telefone móvel e da internet, criando-se assim uma rede de comunicação que contribui para a construção (no sentido de cultivar) de relacionamentos interpessoais. Assim, para os sedentários, se aproximam relatos e imagens de acontecimentos longínquos – os quais indiretamente podem participar - e para os nômades, maneiras de manter-se relacionados com os sedentários e com os outros nômades. É curioso observar que a capacidade de armazenamento de informação destas ferramentas se chama memória: a memória de uma “coisa” externa ao indivíduo, mas que não elimina ou substitui a sua própria, se não a expande – uma vez que é alimentada por ele - e a compartilha através de um espaço não-físico. Estas duas ferramentas permitiram que cada indivíduo, por primeira vez, tivesse uma localização não territorial (o número do celular e o e-mail) dentro de um imenso espaço virtual, não anulando com isto sua localização no espaço físico. Observa-se então a coexistência de dois tipos de espaços que de certa não deixam de relacionar-se (pois se auto-referenciam constantemente), criando novas possibilidades de ação individual e coletiva.

Seriam estes objetos nômades (coisas), conectados e com grande capacidade de guardar informações (memória), capazes de resguardar a quadratura heideggeriana? Se isso é possível, estaríamos falando então de um real “de scolamento” entre lugar e espaço físico? Em consequência, seria possível dizer que o territorialante habita em um não-lugar através destes objetos (coisas-lugares) nômades? O espaço virtual poderia ser o espaço entre lugares, habitado pelo territorialante?

4 Algumas conclusões

Observando que, de certa forma, um entendimento de habitar sempre esteve presente no desenvolvimento dos autores aqui apresentados, recordamos sua definição segundo Heidegger: habitar é construir desde que se preserve nas coisas a quadratura, e que a relação entre coisas-lugares propiciam espaços. Seria possível realizar uma interpretação desta frase baseando-se nas reflexões aqui apresentadas, com o objetivo de chegar a uma outra perspectiva do entendimento de lugar?

Primeiramente vamos re-pensar o sentido de construir. Heidegger em seu próprio texto, afirma que esta palavra possui dois modos possíveis de interpretação: um, no sentido de edificar, o qual vem sendo utilizado até então, e o outro é no sentido de proteger e cultivar. Heidegger afirma que ambos os modos de construir são contidos no sentido do habitar, ou seja, de estar sobre a terra, onde o construir permanece, para a experiência humana, aquilo que sempre é, o habitual.

Poderíamos então dizer que as relações humanas - principalmente com o seu outro - são construídas, em um sentido de cultivadas. Seguindo este raciocínio, o entendimento da definição de cultura como natureza cultivada pode significar o cultivo da própria natureza humana.

Outro aspecto para se re-pensar seria em relação à “coisas”. Se não estamos mais nos referindo ao sentido de edificar, posso entender como coisas objetos construídos que propiciam o cultivo das relações humanas. Estes, não necessariamente precisam ser fixos sobre um território, pois podem ser um objeto nômade. Neste sentido, um amuleto, um poema, uma pintura, um anel, podem ser entendidos como coisas habitáveis. Heidegger afirma que o traço fundamental do habitar é esse resguardo, que perpassa o habitar em toda a sua amplitude. Destas coisas, que possuem características próprias, integrando a quadratura de tal modo que lhe propicia estância e circunstancia, surge um lugar, tanto concreto quanto simbólico.

Também podemos re-pensar sobre o “demorar” junto às “coisas”. Apesar de observar uma sociedade onde o fluxo impõe constantemente a sua lógica, não temos uma especificação quantitativa de quanto seria este demorar junto às coisas. Apesar de se constatar uma redução do tempo nas práticas humanas, se pode entender que o “demorar” é uma variável, tempo justo e necessário para trazer o sentido de habitar junto às coisas. O homem, apesar de dinâmico, pode demorar-se junto a coisas que lhe parecem pertinentes neste sentido, ao tempo que lhe couber necessário.

Observamos que no momento atual, a importante ferramenta utilizada na sociedade são os objetos nômades. Principalmente os objetos que guardam todo o tipo de informação - fotos, poemas, pinturas, livros – podem ser entendido como um coisa – construída/produzida - que reúne mais umas tantas outras coisas, podendo ser tão habitável quanto qualquer uma destas coisas manejadas separadamente. Estas coisas que estão dentro deste objeto-coisa-armazenador também se relacionam entre si, mas não em um espaço físico e concreto, mas um espaço virtual que não deixa, neste sentido, de ser simbólico.

Sendo assim, atualmente, se constata um maior grau de “descolamento” entre as coisas habitáveis e o espaço físico. A relação entre habitante e lugar mediados por um espaço virtual proporcionado por objetos nômades abre a possibilidade de afirmar que o territorialante pode acessar lugares mesmo estando em não-lugares. A internet e o telefone móvel promovem outros tipos de relações, identidades e histórias mediadas por este espaço virtual. Entretanto, não podemos falar de uma total homogeneização de espaços de fluxos⁷ ou virtuais, ainda que haja uma predominância destes. Os espaços físicos dos lugares permanecem, já que se entende que o contato físico é inerente à experiência da vida humana. O que observamos na atualidade é uma coexistência antes nunca vivida de dois espaços utilizados em um mesmo tempo presente para assentar as bases do habitar.

⁷ Castells (1997:45) afirma que uma das principais características da sociedade atual (que ele denomina sociedade de rede) é a sua construção em torno de fluxos: fluxos de capital, fluxos de informação, fluxos de tecnologias, fluxos de interação organizativa, fluxos de imagens, sons e símbolos. Os fluxos, em sua perspectiva, não são só um elemento de organização social: é a expressão dos processos que dominam a vida econômica, política e simbólica do momento presente.

O caso do movimento 15-M/19-J ocorrido na Espanha em 2011 poderia ilustrar este raciocínio. Este movimento, que ao princípio não tinha nome e não foi planejado previamente, surge de uma articulação política entre vários usuários de redes sociais indignados com as condições econômicas e políticas vividas em seu país. Esta indignação perpassou a rede e chegou ao espaço dos lugares. O movimento, ao longo do seu processo, definiu diretrizes para sua marcha, símbolos e signos de identificação, reconhecíveis tanto no espaço virtual quanto no espaço físico, criando uma rede de relações entre as várias pessoas e cidades espanholas.

O movimento explodiu ocupando o espaço público da cidade, que foi tomado dia 15 de maio (justificando assim o nome 15-M), e reuniu cerca de 20 mil pessoas na praça central de Madrid – a Praça do Sol. Houve centenas de acampados nesta praça que através de assembléias participativas neste local, em outras praças de bairros madrilenhos, e também por meio eletrônico, fortaleceram as articulações para uma nova mobilização no espaço físico dos lugares. Em 19 de junho (mobilização decorrente da 15-M) 42 mil pessoas voltaram a se reunir em Madrid. Articulado através das redes sociais e com informações registradas em tempo real via twitter, foi possível acompanhar a manifestação tanto Madrid quanto em outros países cujos cidadãos espanhóis protestavam em frente aos seus consulados. Durante a marcha, pode-se dizer que a dinâmica social ocorreu ao mesmo tempo no espaço físico dos lugares e no espaço virtual dos fluxos, e a “demora junto às coisas” permaneceu além do que gostaria as administrações públicas.

Entretanto, isto não é garantia alguma que todos os que estão utilizando os dois espaços, ou pelo menos um deles, realmente estejam habitando o lugar. Isto porque a crise da habitação, já anunciada por Heidegger, se faz presente até hoje independente da proliferação de não-lugares ou espaços de fluxos. Conforme afirma este autor, a crise propriamente dita do habitar consiste em que os mortais precisam sempre buscar a essência do habitar; em que os mortais devem primeiro aprender a habitar. Heidegger afirma que o desenraizamento – que se pode entender aqui como uma contínua circulação do indivíduo, não se fixando em um único lugar, aproximando-se do conceito de territorialante – é o único apelo que convoca os mortais a habitar.



Fig. 1. Madrid – 15-M - (jornal ElPais “La manifestación de ‘indignados’ reúne a varios miles de personas en toda España” 15.05.2011)



Fig. 2. Praça Netuno- Madrid -19-J (jornal ElPais fotogaleria “Los indignados salen a la calle” 19.06.2011)

Baseando no desfecho dado por este autor a seu texto, pode-se acreditar que realmente, de outro modo – e utilizando as ferramentas disponíveis no presente - os mortais poderiam corresponder a este apelo , conduzindo o habitar a partir de si mesmo até a plenitude de sua essência. Isto somente será possível “*construindo a partir do habitar e pensando em direção do habitar*”. Desta forma, a mobilização política e a busca democrática, já seria em si, um importante passo neste sentido.

REFERENCIAS:

Augé, M., 1994, *Não-Lugares: Introdução a uma antropología da supermodernidade*. Parirus, (Campinas, SP)

Attali, J.,2007, *Breve história del futuro* (Une breve historie de l`avenir), Paidós, Barcelona

Castells, M., 1997, *La era de la información – La sociedad Red, tomo 1*, Alianza Editorial, Madrid

Constant, 2009, *La Nueva Babilonia*, Gustavo Gili, Barcelona

Heidegger, M.,1951,“*Construir, Habitar, Pensar*”. [Bauen, Wohnen, Denken] conferência pronunciada por ocasião da "Segunda Reunião de Darmstadt", publicada em *Vortäge und Aufsätze*, G. Neske, Pfullingen, 1954. Tradução de Marcia Sá Cavalcante Schuback in pagina web <
http://www.proureb.fau.ufrj.br/jkos/p2/heidegger_construir,%20habitar,%20pensar.pdf
> acesso 11.06.11

Lefebvre, H. 2010, *O Direito à Cidade*, Centaruro Editora, São Paulo

_____ 2000, *La production de L'espace*, Editions Anthropos,Paris

Muñoz, F.,2008,*Urbanoización.Paisajes comunes,lugares globales*, Gustavo Gili, Barcelona

FIGURAS

Fig. 1 . Madrid – 15-M - “*Los indignados salem a La cale*” in página web El Pais.com-foto galeria, 19/06/2011, acesso 19.06.2011
<http://www.elpais.com/fotogaleria/espana/indignados/salen/calle/elpgal/20110619elpepunac_1/Zes/1 >

Fig . 2 . . Praça Netuno- Madrid -19-J - “*La manifestación de 'indignados' reúne a varios miles de personas en toda España*” in página web El Pais.com, 15/05/2011, acesso 15.05.2011
<http://www.elpais.com/articulo/espana/manifestacion/indignados/reune/varios/miles/personas/toda/Espana/elpeputec/20110515elpepunac_12/Tes>

Relatos, trayectorias y estrategias habitacionales en el espacio barrial de las villas (favelas) de la Ciudad de Buenos Aires

María Cristina Cravino 1

1Universidad Nacional de General Sarmiento, Argentina

Resumen. El trabajo presentará las reflexiones teóricas surgidas a partir de comprender las estrategias habitacionales y trayectorias de vida de los habitantes de asentamientos informales de la Ciudad de Buenos Aires. Planteará los usos y sentidos de la vivienda en la ciudad en el marco de condiciones estructurales restrictivas. En particular intentará explicar la percepción de los habitantes del significado de vivir en barrios estigmatizados y considerados culpables de la violencia urbana. También nos interesa hacer un contrapunto con las percepciones de la vivienda y las relacionadas a la ciudad en su conjunto. Se expondrá a partir del análisis de historias de vida a las relaciones entre estrategias habitacionales y proyectos de vida de los diversos grupos de habitantes: migrantes de la ciudad, del interior del país y de países limítrofes y los sentidos que le otorgan a la ciudad formal e informal.

Palabras clave: Asentamientos informales - Trayectorias de vida - Trayectorias habitacionales - Estrategias habitacionales - Barrio

1 Introducción

El trabajo presentará las reflexiones teóricas surgidas a partir de comprender las estrategias habitacionales y trayectorias de vida de los habitantes de asentamientos informales de la Ciudad de Buenos Aires. Planteará los usos y sentidos de la vivencia en la ciudad en el marco de condiciones estructurales restrictivas. En particular intentará explicar la percepción de los habitantes del significado de vivir en barrios estigmatizados y considerados culpables de la violencia urbana. Al mismo tiempo las percepciones de la vivienda y la ciudad en su conjunto. Sostenemos que a diferencia de lo que encontramos en el análisis de las percepciones de habitantes de vivienda de interés social unifamiliares en barrios nuevos, donde los pobladores valorizaban decrecientemente la vivienda, el barrio y el entorno, en las villas los vecinos valorizan más la localización central, luego el barrio y finalmente la vivienda. Se expondrá a partir del análisis de historias de vida las relaciones entre estrategias habitacionales y proyectos de vida de los diversos grupos de habitantes: migrantes de la ciudad, del interior del país y de países limítrofes y los sentidos que le otorgan a la ciudad formal e informal.

Estos **espacios barriales** delimitados, a la vez unidos y separados de la ciudad formal constituyen lugares que obligan a pensar en las estrategias habitacionales que deben desplegar los sujetos y sus unidades domésticas para suplir la falta de un acceso a la ciudad formal. Su situación de “gueto” debe ser re-discutida. Los sujetos realizan cotidianamente recorridos que los llevan a relacionarse con la ciudad formal. *La frontera que los une o separa de la ciudad formal está social y políticamente construida, es algo más que una tipología urbana.* La presencia o ausencia del Estado es un elemento central, que nos obliga a vincular la cuestión del acceso a la ciudad y la formación y crecimiento de los asentamientos informales.

Intentamos sortear la siguiente dicotomía: a) la ciudad, como artefacto económico o físico pensada sin sujetos y b) los sujetos escindidos de la ciudad (tomando a la ciudad como mero soporte físico). Como afirma Signorelli, en su propuesta de construir una antropología de la ciudad, esta es una tarea por realizar, por lo que aquí solo podremos aportar un grano de arena en esta línea de trabajo.

Por esta razón, vincularemos las trayectorias de los sujetos, con su contexto y con sus condiciones estructurales para encontrar las pistas que nos ayuden a entender las facetas objetivas y subjetivas de las formas de acceso a la ciudad informal (las villas de la ciudad), a sus barrios y a sus viviendas.

2 Vivienda, estrategias y trayectorias de vida

Deseamos conjugar dos dispositivos teórico-metodológicos: *trayectorias* y *estrategias habitacionales*. El primero permite la reconstrucción por medio de entrevistas de las circunstancias significativas que consideran los sujetos sobre sus propias vidas (Grimberg et al, 1998), al mismo tiempo que revelan sus modos de vida y sus opciones habitacionales a través del tiempo. Con el segundo se está considerando que las decisiones residenciales involucran a todos las personas del grupo doméstico y aún cuando algunas opciones son elegidas por sólo algunos de sus miembros se está evaluando los proyectos (implícitos o explícitos) de todos los integrantes.

No compartiríamos la idea de que quienes viven en las villas sólo despliegan estrategias para el día a día, aún aquellos que están en las peores condiciones de vida tienen capacidad de agencia (Giddens, 1995) y por lo tanto, tienen capacidad para reflexionar sobre sus prácticas y modificarlas, mientras en algunos casos despliegan acciones colectivas en pos de mejorar su situación en torno ciertas reivindicaciones que fueron variando en el tiempo. Consideramos que si bien el foco va a estar centrado en los aspectos de las estrategias de las unidades domésticas vinculadas al hábitat, estos no pueden ser comprendidos sin una mirada holística de lo que sucede con ese grupo respecto a su situación laboral, legal, su composición, su ciclo de conformación de la unidad doméstica, sus representaciones sociales, etc. (Gutiérrez, 1998).

Adoptamos el término *estrategias de reproducción de las unidades domésticas*, para enfatizar dos ejes: por un lado, aquél que se refiere a los aspectos reproductivos en un sentido amplio (Margulis-Turian, 1986) y por el otro, a la reproducción ampliada de la vida en particular (Coraggio, 1994; Borsotti, 1981). Se considera que una parte de estas estrategias son *concientemente decididas*, dentro de un diagrama de opciones fuertemente restringido, particularmente por las condiciones materiales de vida (Prseworski, 1982). Partiendo de esta premisa, por medio de entrevistas a los sujetos de estudio, las trayectorias pueden ser *reconstruidas de dos formas*: por un lado, a partir de la *recuperación que hacen los mismos sujetos de la propia "historia" de sus prácticas y motivaciones*. Por otro lado, también la *perspectiva del investigador* permite relacionar hechos, opiniones, omisiones, forma comunicativa de la narración y por lo tanto interpretar las estrategias.

Por tanto, las *estrategias se reconstruyen* a partir de los relatos de los entrevistados, tal como narran, lógicamente en una estructura que busca lograr coherencia y significación a una sucesión de hechos. Es central aclarar que consideramos que cuando los sujetos presentan su historia no se están refiriendo a una "historia objetiva" de su pasado, sino un relato en tiempo presente por medio de paradigmas indiciales (Guinsburg, 1994), huellas en su memoria. No se pretende buscar la veracidad de los dichos de los entrevistados, sino resaltar los nudos de significados que ellos mismos plantean respecto sus vidas, los aspectos que por ellos desean subrayar y reconstruir entonces las múltiples opciones, aunque limitadas, entre

las que tomaron decisiones en cada momento, en particular respecto a su situación habitacional. Las miradas de la ciudad y de las relaciones establecidas en el barrio son aspectos en el que se colocó también nuestra descripción densa (Geertz, 1997). Esto no significa que las estrategias se constituyan en un plan coherente, integrado y a corto, mediano o largo plazo de los sujetos o de las unidades domésticas. Más bien, por el contrario existe una combinación de aspiraciones a mediano y largo plazo con decisiones día a día que pueden ser reconstruidas por el investigador como una “estrategia”, en el sentido de un *conjunto de prácticas y decisiones ligadas entre sí* (Borsotti, 1981).¹

3 Las percepciones de la vivienda

Como la *vivienda* es la mayor inversión que realizan las unidades domésticas, la decisión dónde y cómo habitar es particularmente pensada con detenimiento, aunque cruzadas muchas veces por la necesidad de tomar decisiones urgentes ante situaciones que exigen resolverse rápidamente (como se pudo observar claramente en los relatos seleccionados). En la evaluación de qué hacer, dónde vivir se incluye fuertemente como plantea Abramo (2003) el acceso al trabajo, a las redes de parientes, amigos o co-terráneos (más la presencia de iglesias o prácticas de religiosidad popular, lugares donde comer las comidas típicas, participar de las fiestas patronales, etc.) y se puede agregar el acceso a planes sociales, que en la Capital Federal adquiere gran densidad. En lo cotidiano las decisiones están centradas (o mediadas) en la capacidad de pago de la opción elegida. También es el bien, en que se piensa más al momento de la *herencia o la sucesión* (Vasconcelo Weber, 2005).

La *vivienda* entonces no es sólo un lugar de albergue y una localización en la ciudad (central o periférica) es también el lugar de las *relaciones sociales*, en primer lugar de la unidad doméstica u “hogar”, es decir, aquellos que en términos generales comparten una “olla en común”. También es el espacio que hace accesible múltiples tipos de relaciones y redes sociales (Lomnitz, 1973). La vivienda es *también el bien que da más prestigio* (Bourdieu, 1999, 2001). En las conversaciones y entrevistas permanentemente se hacía referencia a la cantidad de pisos de ciertas casas, de su material, su calidad, su superficie, su ubicación. Surgían permanentemente hipótesis de cómo llegaron a construirla de tal forma o tal otra. Desde algunas posiciones, los que tenían las mejores casas eran sospechados de obtener el dinero para construirla de formas económicas ilegales, en otras posiciones, aquellos que no “progresaban” en la construcción de su vivienda era porque compartían cierta “cultura de la pobreza” (al estilo Lewis), desde las “teorizaciones” populares que explicaban las peores

¹Velho (1999) postula su concepto de “negociación de la realidad” para enfatizar la interacción de los sujetos entre sus proyectos y un “campo de posibilidades”, que derivan por tanto en una permanente “metamorfosis” (Velho, op.cit: 29).

condiciones de algunos². Aquellos que permanecían en alquiler durante mucho tiempo eran la confirmación de su desinterés en progresar como familia. Aquellos que contaban con varias propiedades eran portadores de un status devaluado por ser “oportunistas” o “especuladores”. Los que poseían viviendas de buena calidad hacían referencia a la “envidia” de sus vecinos. No obstante esto se da en el marco de una jerarquía interna dentro del barrio, porque poseer una vivienda en la villa o alquilar en la misma no es fuente de prestigio como habitante de la ciudad. En este sentido, aquellos que vivían en el llamado “Barrio nuevo” de la villa 21-24 no se sentían parte de la villa y buscaban por medio del acceso a la propiedad de la tierra, diferenciarse definitivamente de los “villeros” vecinos, ya que ahora ellos no se consideraban bajo esta categoría. La vivienda que está ubicada sobre una calle no tiene el mismo valor social ni económico que aquella que está tras un largo y angosto pasillo. Es decir, la estructura del mercado inmobiliario informal tiene fuertes vinculaciones con la estructura o estratificación social intra villa, aunque al igual que en la ciudad en general no son la transcripción *vis a vis* de una sobre la otra. Muchos de los que viven en los departamentos dentro del predio de la villa, para los que fueron relocalizados para la apertura de calles, ya no consideran tampoco que fueran parte del barrio y su condición de vecinos que pagan impuestos los coloca tras una frontera en la que buscan diferenciarse de sus antiguos vecinos de la villa. La vivienda entonces, es sin duda el objeto de consumo que más marca la distinción (Bourdieu, 2000). En términos de Abramo (2003) sería la posesión de un “capital locacional”.

4 Percepciones del barrio

Por lo que encontramos en el trabajo de campo, los miembros de la familia que más se frecuentan son aquellos que se encuentran en el barrio (si es que están allí), los amigos que más se visitan son aquellos que viven cerca (dentro de la villa). La Iglesia en la que se practica la religión tiene que estar a corta distancia o dentro del barrio y así sucesivamente. Aquí se construyen los circuitos de acceso a los programas sociales y para obtenerlos es indispensable contar con una vivienda en el barrio, en la villa. Por el contrario, la casa también puede ser el refugio ante las relaciones sociales desplegadas en el barrio (consideradas como externalidades negativas en términos económicos). En muchas entrevistas, sobre todo las mujeres nos relataban su estrategia de que sus hijos sólo cruzaran el portal de sus casas para las actividades indispensables como ir a la escuela o hacer unas compras, y su “encierro” los protegía de las relaciones sociales de sus pares en el barrio, a quienes sus madres consideraban “mala junta” o simplemente “el peligro” ante las “cosas que pasan”.

Sin embargo, vivir en la villa no es una condición estática, es formar parte de un proceso, donde las condiciones pueden cambiar rápidamente o lentamente. Una

² Esta visión también es compartida por muchos funcionarios o técnicos que trabajan en las villas.

manzana puede convertirse en peligrosa, puede ser afectada por la apertura de una calle, puede densificarse rápidamente, etc. El barrio mismo cambia, pueden mejorar los servicios de infraestructura o pueden empeorar. La organización barrial puede ser favorable a algunas prácticas o sancionar otras. Puede facilitar el acceso a mejores condiciones como un departamento o un lote dentro del barrio o una casa unifamiliar. Por el contrario, en otros casos o momentos, un puntero puede tener una política agresiva contra aquellos que se le oponen y esto expresarse violentamente y afectar las condiciones habitacionales de los vecinos. El barrio puede permitir acceder a formas de empleo local como la costura, la feria, abrir pequeños comercios, la venta de droga o puede cerrar las puertas al empleo formal. Ingresar a vivir en una villa también es participar de las expectativas de mejoras realizadas por los propios vecinos y por los programas gubernamentales.

5 Espacio barrial y ciudad

Los habitantes de las villas pasaron por *muchos lugares y formas de habitar la ciudad antes de ir a vivir a la villa*. Casi todos tuvieron una primera impresión desagradable de la villa o la ciudad. La más fuerte fue sin duda la de una entrevistada, que provenía de una familia de clase media boliviana y tenía fuertes aspiraciones de ascenso social por medio de sus estudios universitarios, que sólo llegó a iniciar. La primera imagen de Buenos Aires no era la esperada, sino la que se mostraba por televisión, la postal del Obelisco, la que contaban los parientes que visitaban sus lugares, que omitían los aspectos no agradables de la vida en esta ciudad. Una entrevistada reiteradamente comparó la pobreza de su país, Bolivia, con la de la Argentina y por ejemplo, para ella el consumo de droga era propio de los sectores altos, sin embargo en Buenos Aires, aparecía en los barrios de personas con pocos recursos (junto a la violencia). También todos relataron la *reciprocidad cotidiana* en la villa, sin remarcarla, para sobrellevar momentos difíciles. En el relato de una entrevistada de origen paraguayo, es donde más fuertemente se observó cómo las condiciones de vida, de empleo y de alojamiento fueron motivo de muchos de los peores momentos de su vida: la pérdida de embarazos y el robo de todas las pertenencias. Muchos *cambiaron de casas dentro del barrio buscando mejores condiciones habitacionales y/o emprendieron mejoras en sus viviendas*. Esta tarea en ningún caso está terminada. En sus trayectorias nos mostraron el funcionamiento de los submercados, el alquiler de cuartos, la compra de un lote o una vivienda y las valorizaciones de los mismos y sus actores. Se evidenció la diferenciación que se establece entre inquilinos y propietarios, donde los primeros tienen que rotar permanentemente porque por un lado buscan mejores condiciones y porque los locadores no quieren que permanezcan mucho tiempo en esa condición y de esa forma es más difícil desalojarlos. Por otra parte, en un contexto no muy claro, ya que se

caracterizan por frecuentes idas y venidas se encontraron fuertes disputas presentes en los programas de urbanización³.

La *política barrial* apareció como uno de los elementos más complejos. Junto a las densas redes de solidaridad o de canalización de recursos estatales, aparece la sospecha de quienes participan como mediadores. No hay uno que no sea sospechado, claramente ninguno. Los delegados son mediadores polémicos. Se encontraron muchos estilos de representación, algunos referentes abren las decisiones a la participación de los vecinos y otros sostienen que si los eligieron como representantes son ellos los que pueden tomar decisiones, y en algunos casos incluso, toman por su cuenta medidas de control de la vida cotidiana de sus vecinos (cómo construyen, si hacen ruido, si tienen conflictos con otros vecinos, etc.). Algunos solicitan “colaboración” (en dinero) por su tarea, otros no. Como los recursos son diversos todos son sospechados y el rumor es el principal canal de difamación, de cuestionamiento de la reputación de los delegados. Se construyen mitos, algunos muy difícilmente creíbles sobre cómo son utilizados en provecho de los delegados los recursos, sin embargo operan como elementos de división interna. La identidad política de los delegados es diversa, y muchas veces cambiante, y esto no parece ser el elemento central de la reputación, sino el acceso a los recursos que esa posición política trae derivada. Entonces, la política más que una cuestión ideológica aparece construida como un medio de canalización de recursos monetarios, bienes y servicios hacia el barrio (y hacia los propios representantes según el sentido común de los villeros). Estos mecanismos de distribución de recursos en manos de una estructura política fueron indagados por Auyero (2001), quien demostró la complejidad de los procesos de clientelismo político y la necesidad de alejarse de miradas mecanicistas, estereotipadas bajo la frase “favores por votos”. Los proyectos o programas en los que están involucrados los barrios parecen ser una cuestión de las tareas especializadas de los delegados y los vecinos suelen ignorarlos o les llegan en la condición difusa de rumor.

En este *espacio barrial* ni la idea de la fragmentación ni la de unidad como paradigmas dicotómicos en los discursos de los entrevistados se cristalizan como idea central. Ambas conviven con matices, de acuerdo al tópico abordado. La idea de alejarse o acercarse al estereotipo de villero o de villa parece central para entender los relatos. En muchos casos, la idea era mostrar que en la villa no se vive como se supone. Para esta negociación discursiva se apela a los “pobres dignos” e “indignos”, marcados como un “nosotros” y “ellos”, donde ambos pueden convivir y donde, por lo general, “pagan justos por pecadores”. Dos son los elementos que explican la presencia de los pobres indignos de acuerdo al discurso de los entrevistados: a) por un lado, “la llegada de la droga”, en particular asociada un tipo de migración particular, en algunos por los bolivianos, en otros en los peruanos (aunque para otros los argentinos no escapan a esta actividad de acuerdo a los entrevistados) y el robo; y b) cierta “cultura de la pobreza”, explicada por medio de dos tipos de argumentos. A su vez, la variable que mide o separa aquellos que tienen o no cultura de la pobreza, en el

³ Otro tópico que surge recurrentemente en los relatos es cómo ellos mismos o sus familiares ante situaciones económicamente difíciles tuvieron problemas de salud, que aquí no trataremos.

discurso de muchos entrevistados se vinculó a la posición que toman los adultos respecto a la educación de sus hijos y ocuparse sobre qué tipo de actividades están realizando los adolescentes o jóvenes.

Resulta llamativo que los procesos de *segregación* no aparezcan como elemento en su discurso. La ciudad como un todo o como entorno no parece ser tematizada por los habitantes de estos barrios. En los únicos que lo encontramos fue en el caso de los cartoneros, que relataban la actitud de solidaridad o de rechazo que provocaba su paso por diferentes zonas de la ciudad. **Los vecinos de la villa parecen tener su vida autocentrada en el barrio**, aún cuando trabajen fuera de éste. Existe una frontera delimitada: el adentro y el afuera aún más fuerte simbólicamente que físicamente. Entonces se da un dispositivo de desplazamiento de la diferenciación social hacia el interior del barrio. Entonces el *espacio barrial* aparece en una primera imagen como unificador, por la condición habitacional que comparten, como una marca en su identidad, pero poniendo la lupa en las relaciones sociales se encuentran una serie de redes superpuestas o excluyentes que difícilmente alcanzan a toda la villa. Sostenemos que los programas sociales, son el elemento por excelencia de *fragmentación*: la llegada de recursos de forma discrecional en muchos casos, fomenta la sospecha de unos contra otros. En algunos casos se cooptan (o compran) delegados o representantes y esto diferencia a los mediadores de acuerdo a las alianzas que establecen con el oficialismo (o en otros muestran la competencia de los agencias o agentes estatales por disputar la interlocución con los habitantes de las villas). En segundo lugar, los prejuicios que estereotipan los comportamientos de los sujetos por nacionalidades diferencian entre sí a los habitantes. Asociado a esto la clasificación interna de “pobres dignos” e “indignos opera como una forma de apropiarse de un mejor status dentro del barrio, ya que todos quieren presentarse e identificarse con los primeros y siempre son los otros los que aspiran al progreso personal o familiar. Una entrevistada expresó esta imagen contradictoria de unidad y fragmentación: reivindica la sociabilidad barrial, por sus redes familiares y de vecinos, pero rechaza a ciertos vecinos que no cumplen con la idea de “progreso y sacrificio”.

Entonces, entre esta imagen de *unidad y fragmentación* como “campo de posibilidad” de la vida barrial, cada sujeto construye su proyecto. Este proyecto tiene mucha vinculación con las redes en las cuáles están inscriptos los agentes, los proveen de potencialidades, posibilidades al mismo tiempo que restricciones.

Claramente, la idea de que la villa es el lugar de la pobreza no sintetiza, de ninguna manera, la trayectoria o los proyectos de los sujetos que allí la viven, no sólo por la estratificación social que existe en ella, sino por cómo se ven a sí mismo los villeros. En particular, para entender las trayectorias y las estrategias existe un nudo comprensivo: *la creencia o no en un posible ascenso social*. Creemos que esta es una divisoria de aguas, aún cuando puede haber situaciones intermedias. De ninguna manera esto puede ser transcripto a pobres “dignos” e “indignos” porque en esta última taxonomía la decisión de inscribirse a cada uno de estos grupos depende de una toma de posición de los sujetos o de las unidades domésticas. La creencia o no en un posible ascenso social se vincula a una trayectoria de ascenso o de descenso en su

mayoría. Se notó que algunas unidades domésticas apuestan a un ascenso social, aún cuando no puedan acceder a éste y otras por el contrario, muestran que no consideran posible mejorar su condición. El primer caso lo encontramos particularmente entre los inmigrantes de países limítrofes, para lo cuales acceder a Buenos Aires, aunque sea en el “patio trasero”, es un progreso en sí mismo respecto a la calidad de vida y acceso a dos servicios básicos, que en su país pareciera más restringido: educación y salud (particularmente en algunos casos con padecimientos de enfermedades que requieren de constante atención o control). Sin embargo, muchos de los migrantes de países limítrofes accedieron en sus lugares a educación y los motivos pueden ser personales, buscan nuevos horizontes o huir de situaciones familiares conflictivas. Esto lo vimos particularmente entre los migrantes más jóvenes (20-30 años aproximadamente).

6 Conclusiones

Se pudo encontrar muy diferentes orígenes entre los habitantes de las villas, al igual que sus percepciones. No obstante la centralidad, las redes sociales barriales son las más valorizadas, mientras que la vivienda es fuente de prestigio interno pero también de constantes esfuerzos de mejoramiento o ampliación. Por ejemplo, entre los grupos de argentinos encontramos una gran variedad de situaciones: algunos, los que provienen de otros lugares del Área Metropolitana ya parten de condiciones de vida muy deterioradas: baja educación, problemas de nutrición en algunos y ausencia de una trayectoria laboral continua, sino por el contrario su acceso al mercado laboral fue discontinuo y de baja calificación. Algunas uniones se dan cuando la pareja no alcanza los 18 años, con lo cual muchas mujeres no tuvieron tiempo de desarrollar un oficio porque fueron madres a los 14, 15 o 16 años, por ejemplo. Otros siguen llegando del interior del país, mientras la mayor parte de su familia queda allí. Algunos de estos creen en el ascenso social y otro ya no. Por último, entre los que nacieron o vinieron de chicos a las villas se muestra una brecha muy fuerte: algunos buscan particularmente por medio de la educación una salida y otros ya no la encuentran. Sobre estos últimos se expresa una fuerte crítica de los que todavía no apuestan al futuro, son el chivo expiatorio de los males del barrio, culpabilizando particularmente a los padres. Esto muestra cómo *la educación, mucho más que el trabajo es la vía para “medir” el proyecto de una unidad doméstica, de acuerdo a los propios entrevistados*. Dentro del trabajo ya no importan tanto, pareciera, el tipo de ocupación que se desempeña, sólo interesa si se practica algún tipo de tarea, aunque más no sea de subsistencia como el cartoneo (reciclado informal urbano), aunque para muchos de los que hacen esta última tarea ya es considerada una especialización o profesionalización en sí misma.

Muchos de los entrevistados probaron diferentes opciones de vivir en la ciudad: en el mercado formal de alquiler, pero implicaba una sangría de dinero o no se podía sostener, otros conocieron los inconvenientes de vivir en una vivienda tomada (donde

además no es fácil obtener planes asistenciales del Estado) o las dificultades de acceder a un trabajo, particularmente por la distancia de vivir en la periferia de la Ciudad.

A su vez, los que llegan a la villa traen con sí una trayectoria habitacional, y prácticas habitacionales de diferente tipo, con la excepción de los que viven allí de niños, que en la Capital son una proporción muy pequeña por los procesos de erradicación que sufrieron en el último gobierno militar. Estas trayectorias son nodales para comprender las evaluaciones que hacen los agentes de su barrio, sus vecinos, su situación pasada, presente y futura.

Se optó por el término trayectorias en lugar de historias de vida, porque da una idea menos lineal: una trayectoria puede ir en un sentido o en otro, volver sobre sus propios pasos, puede hacerse por tramos, pero desde el punto de vista metodológico son técnicas similares (lo mismo que el método biográfico). La idea de trayectoria muestra además, particularmente, su sentido espacial, la ocupación de un lugar y los desplazamientos dentro de este espacio. El entrevistado y entrevistador comparten el postulado del “sentido de la existencia narrada”. En este relato, el entrevistado tiende a convertirse en el “ideólogo de la propia vida”, seleccionando las palabras y los hechos en función de un propósito global, estableciendo entre éstos conexiones que permitan justificar su existencia y darle coherencia, linealidad que no se ajustan a la realidad. En este acto cuenta con la complicidad del entrevistador.

Bourdieu (1997) encuentran en el habitus un unificador de las prácticas y las representaciones que puede ser aprehendido en estos relatos totalizantes.⁴ Justamente este habitus es individual y social al mismo tiempo (Bourdieu-Wacquant, 2000). Una advertencia de este autor es que los relatos de vida tienden a parecer más a “historias oficiales” o “presentaciones públicas” que los intercambios íntimos entre personas cercanas, porque la misma situación de investigación influye en el contenido y la forma del discurso de los sujetos, sin embargo este discurso puede deslizarse (de acuerdo al oficio del investigador) hacia versiones más cercanas a la confidencia. Siguiendo a Bourdieu (1997) el objetivo de la historia de vida, no son ellas en sí mismas, esto sería un absurdo, sino que es relevante aprehender los estados sucesivos del campo social en los que los sujetos se mueven (“superficie social”), trazando su trayectoria⁵.

⁴ Este autor plantea que la sociedad cuenta con dispositivos que sirven a la totalización del Yo, en particular el nombre propio, que otorga una identidad social constante y duradera, aun en todos los campos sociales.

⁵ Coincidimos con Sautu (2004:23) cuando plantea que “*el relato que hace la persona no es sólo una descripción de sucesos sino también una selección y evaluación de la realidad*”. Esta interpretación de la realidad está filtrada por las creencias, actitudes y valores de los entrevistados (Sautu, 2004), al igual que las estrategias o prácticas que adoptan. Por lo tanto, en términos de Bourdieu emerge el contexto incorporado por medio del habitus y el campo en el que se mueven. Entonces, intentamos conjuntamente establecer las trayectorias de vida y movilidad residencial de los sujetos y reconstruir sus estrategias habitacionales a lo largo de su vida. Estas trayectorias tienen un aspecto individual, único de la historia e identidad de las personas a las que entrevistamos e implica valorizaciones diferenciales entre Vivienda, barrio y

BIBLIOGRAFÍA:

Abramo, P, 2003, *A cidade da informalidade*, Sette Letras-Faperj-Lincoln Institute, Río de Janeiro

Auyero, J, 2001, *La política de los pobres. Las prácticas clientelistas del peronismo*, Editorial Manantial, Buenos Aires

Bourdieu, P, 1997, *Razones prácticas*, Anagrama, Barcelona

_____ 2000, *La distinción*, Editorial Taurus, Madrid

Bourdieu, P & Wacquant; L, 2000, *Respuestas por una antropología reflexiva*, Editorial Grijalbo, México

Coraggio, J.L, 1999, *Política social y economía del trabajo. Alternativas a la política neoliberal para la ciudad*, Miño y Dávila editores, Buenos Aires

De Vasconcelos Weber, A, 2002, *A transmissão patrimonial em favelas*. En Revista Antropolítica. Revista contemporánea de antropología e ciencia política N° 12/13, 1-2 semestre 2002 Niteroi

Elias, N & Scotso, J, 2000, *Os estabelecidos e os outsiders*, Jorge Zahar Editor, Río de Janeiro

Giddens, A, 1984, *La constitución de la sociedad*, Amorrortu, Buenos Aires

Guinzburg, C, 1994 *Hitos, emblemas, indicios*, Gedisa, Barcelona

Goffman, I, 1970, *Estigma*, Amorrortu, Madrid

Gutiérrez, A, 1998, *Estrategia habitacional, familia y organización doméstica*. En. Cuadernos de Antropología Social N° 10. Facultad de Filosofía y Letras. UB A, Buenos Aires

Grimberg, M, 1999) *Modos y trayectorias de vida, una aproximación a las relaciones de género*. En: Neufeld, M.R, 1999, (comp.) *Antropología social y política*. EUDEBA, Buenos Aires

Lewis, O, 1972, *Antropología de la pobreza*, Fondo de cultura económica, México

Lomnitz, L, 1975, *Como sobreviven los marginados*, Siglo XXI, México

ciudad. Ante mejor localización, como significa vivir en la ciudad capital en una villa, pero en peores condiciones habitacionales que la periferia se valoriza el acceso a trabajo y las redes barriales y viceversa en los barrios periféricos de interés social.

Magulis, M et al, 1981, *Fuerza de trabajo y estrategias de supervivencia en una población de origen migratorio: colonias populares de Reynosa*. En: Demografía y economía Vol. XV N° 3, El Colegio de México, México

Przeworki, A, 1984, *Teoría sociológica y el estudio de la población: reflexiones sobre el trabajo de la Comisión y Desarrollo de CLACSO*. En: Reflexiones teórico-metodológicas sobre investigaciones de población, El Colegio de México, México

Sautu, R, 2004, *El método biográfico. La reconstrucción de la sociedad a partir del testimonio de los actores*, Editorial Lumiere, Buenos Aires

Velho, G. 1999, *Projeto e metamorfose. Antropologia das sociedades complexas*, Jorge Zahar Editor, Río de Janeiro

Foucault e a governamentalidade

Nelson Matos de Noronha¹

¹ Doutor em Filosofia pela UNCAMP, Professor do Departamento de Filosofia da UFAM

Resumen. Com a análise das epistémês, em *As Palavras e as Coisas*, Michel Foucault mostrou que ainda pensamos na dimensão metafísica de um sono antropológico. A partir dos anos 70, em seus cursos no Collège de France, esse diagnóstico resultará de uma série de análises dos discursos sobre a história. Algo como uma “introdução na política” parece ter sido empreendido nas pesquisas foucaultianas sobre a história das teorias políticas que emergiram no pensamento ocidental, desde o final da Idade Média até o século XIX. Em nosso artigo, analisaremos a tese do filósofo e historiador francês a propósito dos discursos sobre o nascimento do Estado desenvolvido em um de seus cursos proferidos no Collège de France, em 1976, o qual foi publicado postumamente sob o título de *Em Defesa da Sociedade*.

Armado dos instrumentos metodológicos forjados pelas suas *Arqueologia do Saber* e a *Genealogia do Poder*, Foucault irá por à prova a hipótese de que o funcionamento da sociedade civil pode ser explicado mediante o esquema teórico do enfrentamento das forças como princípio e como motor do poder político. Para tanto, ele se valerá da análise histórica dos discursos onde se narra o surgimento do Estado moderno, o fracionamento de suas populações em “raças”, “estados” e “classes” e o aparecimento e funcionamento das instituições sociais. Assim, o Leviatã não surgirá mais como o discurso fundador da moderna filosofia política. Ele será apenas mais um entre os discursos pelos quais as forças políticas procuraram legitimar, constituir ou denunciar o desequilíbrio decorrente da guerra e da extensão de seus efeitos durante a paz. No outro lado, poderemos encontrar documentos que, apesar de serem pouco citados na história do pensamento político, merecem ser revisitados por se posicionarem no momento de irrupção de uma série de discursos onde as questões da Soberania, da Dominação e do Governo são discutidas no cenário de uma evolução de acontecimentos iniciados justamente pela guerra e marcados pela continuação e a intensificação dos efeitos da guerra depois de sua pacificação.

Palabras Clave. Foucault, Estado, Classes, Governo.

1 Introdução

Com a análise das *epistémês*, em *As Palavras e as Coisas*, Foucault mostrou que ainda pensamos na dimensão metafísica de um sono antropológico. A partir dos anos 70, em seus cursos no *Collège de France*, esse diagnóstico resultará de uma série de análises dos discursos sobre a história. Algo como uma “introdução na política” parece ter sido compreendido nas pesquisas foucaultianas sobre a história das teorias políticas que emergiram no pensamento ocidental, desde o final da Idade Média até o século XIX. Digo “introdução” para ressaltar o fato de que esses estudos apareceram, como diz o próprio autor, de modo fragmentário, repetitivo e descontínuo¹. Além disso, e, sobretudo, eles introduziram uma nova maneira de abordar os discursos e a história. A seu ver, essas pesquisas se desenvolveram em um período em que vigoraram “uma friabilidade geral dos solos” e “uma imensa e prolífica criticabilidade das coisas, das instituições, das práticas e dos discursos”¹. Foucault tentava mostrar que estava sintonizado com esse tempo cuja paisagem intelectual pode ser ilustrada por eventos, como a *Daseinanalyse*, e a Antipsiquiatria, e livros, como *A Função do Orgasmo*, de W. Reich, e *O Anti-Édipo*, de Deleuze e Guattari.

As críticas que, desde os anos 60 até os anos 80 do século XX, foram lançadas contra as instituições, as práticas e os discursos teriam inibido as teorias totalitárias, isto é, aquelas teorias envolventes e globais que até aquele momento eram utilizadas na sistematização dos discursos e na determinação de um regime comum aos saberes. Contra essas teorias totalizadoras, os Cursos no *Collège de France* buscaram unir-se ao que Foucault chamou de “revoltas de saber” ou “insurreição dos saberes sujeitos”. Abaixo da superficialidade das críticas contra o conhecimento oficial, podemos encontrar um movimento que visava à liberação de conteúdos históricos sepultados ou mascarados pelas sistematizações formais. A aliança aí buscada se justificava como uma tática para fazer reaparecerem os eventos pelos quais se deram as clivagens históricas das sujeições, dos enfrentamentos e das lutas. Por isso, além de eleger, como *corpus* de sua investigação, fragmentos de uma discursividade local, dispersa e descontínua, a crítica foucaultiana lançou mão de outro recurso: a erudição ou o “conhecimento das sociedades secretas, como a franco-maçonaria da erudição inútil”. Assim, ligavam-se nessas pesquisas, o saber “inútil” oriundo da freqüentação e das buscas febris em arquivos, escrituras e livros que teriam permanecido adormecidos, durante séculos, nas prateleiras das bibliotecas, e os saberes que foram desqualificados por não atenderem aos critérios de cientificidade, mas que, doravante, mediante a crítica histórica que Foucault vai denominar “genealogia”, poderão emergir e dar provas de sua eficácia e relevância.

De um lado, tais escolhas davam curso à precaução de método já adotada no período da “arqueologia”, a saber: tomar os discursos como acontecimentos, isto é, como documentos historicamente situados, condicionados por circunstâncias técnicas, políticas e morais e, portanto, destinados a desaparecerem junto com essas circunstâncias. De outro lado, essas escolhas visavam à promoção de uma reviravolta

na maneira de pensar a política. No lugar de procurar responder à pergunta “O que é o poder?”, tal como fizeram os filósofos do século XVIII, de onde nasceram as concepções jurídica e liberal do poder político, e os teóricos marxistas, de onde emergiu a tese de uma funcionalidade econômica do poder, Foucault não analisa o poder nem como um direito nem como tendo um papel essencialmente destinado a fazer funcionar a economia. Ele o faz adotando como princípio de método o pressuposto de que “o poder não se dá nem se troca, nem se retoma, mas que ele só se exerce e só existe em ato”ⁱⁱ. Assim, em relação às teorias políticas em vigor, suas pesquisas promoveram um deslocamento na direção de um interesse pelos mecanismos de poder, os efeitos que dele decorrem, os mecanismos, os dispositivos que utiliza em suas relações e os diferentes níveis em que estas ocorrem na sociedade.

Com esse deslocamento teórico, a análise empreendida por Foucault também permitirá o descentramento da pesquisa sobre o poder que, até então, girava em torno do Estado, da Soberania e dos Governantes. Se o poder não se constitui somente como objeto de troca nem somente como regulador das funções econômicas, é porque ele é, sobretudo, uma relação de força. Por isso, nós não o encontraremos ocupando um lugar fixo e definitivo no aparelho estatal, pois ele se dispersa, por toda a sociedade, na linguagem, nas instituições e nos corpos dos indivíduos. Da mesma forma, outra inversão tornou-se requerida a partir dessa mudança de perspectiva: a substituição da hipótese de que o poder se exerce eminentemente como força repressora pela concepção do poder como enfrentamento e, em última análise como guerra, posto que, na perspectiva de Foucault, precisamos inverter a proposição de Clausewitz e dizer que “a política é a guerra continuada por outros meios”ⁱⁱⁱ.

Finalmente, a adoção de novos pressupostos teóricos e de novos procedimentos metodológicos decorreu da crítica às noções de “contrato”, como matriz do poder político, e de “repressão” como modalidade de demarcação dos mecanismos e efeitos do poder. Para lograr uma explicação do poder como relação de forças, a genealogia adotará um novo esquema onde a repressão não será mais concebida como abuso, mas sim como a simples continuação de um desequilíbrio inerente à oposição entre luta e dominação^{iv}.

Armado desses novos instrumentos, Foucault irá por à prova a hipótese de que o funcionamento da sociedade civil pode ser explicado mediante esse esquema teórico do enfrentamento das forças como princípio e como motor do poder político. Para tanto, ele se valerá novamente da análise histórica dos discursos onde se narram o surgimento do Estado moderno, o fracionamento de suas populações em “raças”, “estados” e “classes” e o aparecimento e funcionamento das instituições sociais. Assim, o *Leviatã* não surgirá mais como o discurso fundador da moderna filosofia política. Ele será apenas mais um entre os discursos pelos quais as forças políticas procuraram legitimar, constituir ou denunciar o desequilíbrio decorrente da guerra e da extensão de seus efeitos durante a paz. O livro de Hobbes juntamente com *O Príncipe*, de Maquiavel, teria representado a instauração de um pensamento político dos vencedores – a burguesia. Eles constituiriam as matrizes das concepções de soberania, como traço fundamental do direito de gládio do Estado, e de contrato, como fundamento da legitimidade do soberano ao exercício desse poder.

Maquiavel e Hobbes situar-se-iam ao lado dos teóricos que tentaram eliminar da fundamentação teórica do poder e do governo as análises históricas. No caso de Maquiavel, as análises das relações de força que opõem o príncipe a seus súditos reduziram-se a cálculos e estratégias visando à conservação da dominação. A história seria, então, somente o lugar onde se colheriam os exemplos ilustrativos desses cálculos. Em Hobbes, a preocupação com a eliminação do historicismo teve como finalidade apagar, do momento originário do Estado, as diferenciações entre os grupos sociais e fixar a igualdade entre os indivíduos como traço fundamental do estado de guerra de todos contra todos que irá conduzir ao contrato social. Teria sido esta a razão pela qual Hobbes fez referência a algumas tribos que vivem nas florestas da América naquele regime belicoso que constitui, em sua plenitude, o estado de natureza^v.

No outro lado, poderemos encontrar documentos que, apesar de serem pouco citados na história do pensamento político, merecem ser revisitados por se posicionarem no momento de irrupção de uma série de discursos onde as questões da Soberania, da Dominação e do Governo são discutidas no cenário de uma evolução de acontecimentos iniciados justamente pela guerra e marcados pela continuação e a intensificação dos efeitos da guerra depois de sua pacificação. Na esteira das obras de Boulainvilliers, Sieyès, Monlosier e Augustin de Thierry constituíram-se, para Foucault, as condições para o surgimento de uma filosofia da história totalizante da qual a dialética assumirá sua forma mais recente. Aqui se constituirá um campo do pensamento político que, em contraposição aos de Maquiavel e Hobbes, podemos chamar de história dos vencidos. Porém, em respeito às constantes reviravoltas que marcaram sua evolução, talvez seja mais adequado, nomeá-lo como discursos conspiradores, pois seu mote recorrente foi a derrubada dos governantes e das instituições. É nele que se podem encontrar as matrizes dos conceitos de “nação”, “raça”, “classe” e todas as demais categorias pelas quais a filosofia política pôde denunciar as hierarquias, as dissensões que cindem a sociedade e ameaçam a existência do Estado e o funcionamento de suas instituições. Surgidos, inicialmente, entre os defensores da monarquia, tais discursos foram apropriados pelos revolucionários. O que explicou este aparente paradoxo foi o fato de que o que se colocava em jogo era onde se poderia encontrar, entre as divisões da sociedade, aquele segmento dotado de maior capacidade para promover a totalização das funções do Estado bem como a unificação da multiplicidade de interesses da sociedade, ou, em outras palavras, a unificação da nação.

A reativação desse campo discursivo que parece ter sido obnubilado pela dialética e pela teoria jurídica nos leva a reatar a pesquisa genealógica e a arqueologia. Por um lado, ela nos reconduz à reflexão sobre a concepção metodológica dos discursos como acontecimentos: a partir do século XVIII, o saber histórico, anteriormente rechaçado pela teoria política clássica, irá se transformar em arma discursiva e será utilizado por todos os partidos segundo as circunstâncias do momento. O que dispensará a tese corrente de que a eficácia dos discursos depende diretamente de seu funcionamento ideológico. Por outro lado, a reativação desse saber nos abre a possibilidade de compreender como seus discursos tornaram-se dispositivos de poder na medida em

que puderam ser utilizados como táticas para investir um partido ou uma classe social naquela posição de agente totalizador da história^{vi}.

Foucault alcançará, na análise desse campo discursivo das formas de investimento político das segmentações da sociedade nas estruturas do Estado, o mesmo resultado ao qual chegou em *As Palavras e as Coisas*: o saber histórico que emergiu no pensamento ocidental, a partir do final do século XVIII, possui com a biologia, a economia política e a filologia uma relação de continuidade. O que agora permite tal conclusão é o delineamento de um processo que, com a Revolução Francesa, vai recorrer ao discurso histórico como uma de suas táticas mais eficazes no campo de batalha. Ao recorrer a essa tática, buscou-se a generalização de um determinado ponto de vista para investi-lo como saber universal e com o forma de unificação da multiplicidade dos indivíduos na unidade da “nação”, da “classe social” ou da “raça”. Mediante a unidade da língua, visou-se à constituição da nacionalidade; mediante a comunidade de interesses econômicos, visou-se à unificação política dos indivíduos sob uma classe; mediante a especificação de seus traços biológicos, procurou-se definir a raça como fenômeno central da política.

Contudo, essa coincidência de resultados não é relevante somente do ponto de vista epistemológico. Veremos que ela também terá conseqüências no campo da teoria política. O que nos permitirá avaliar essas conseqüências será a reflexão sobre o papel que o bárbaro exerceu nos discursos históricos cuja tradição foi inaugurada por Boulainvilliers no início do século XVIII. Em contraposição ao papel destinado ao selvagem nos argumentos dos contratualistas do Direito Natural, o discurso historicista reservará ao bárbaro a tarefa de recuperar, na memória da nação, o estado das relações políticas no momento que antecedeu à usurpação estrangeira pela qual se instituíram as desigualdades políticas em vigor. Assim, através desse personagem, diferentes atores políticos se lançarão na luta pela obtenção da prerrogativa de reativar a constituição original da nação. Nesta perspectiva, esses discursos se recusarão a pensar suas relações políticas em termos de soberania, legitimidade ou direito natural, pois o que se lhes apresenta como pertinente para a conquista de seus objetivos é a apropriação de um saber que deverá lhes qualificar para o efetivo exercício do poder, a despeito das leis e das desigualdades econômicas. No bárbaro parecem residir os elementos dos quais nascerão, conforme os deslocamentos e os usos que esses atores farão do discurso histórico: a nação, encarnada politicamente no monarca e fisicamente em uma parcela da nobreza; o terceiro estado, a partir da recuperação dos direitos e das liberdades das comunas; a raça, quando, no curso da Revolução, esse discurso histórico reativará, em seu primeiro ato, a tese inicial de Boulainvilliers de que a invasão franco-germânica se encontra na origem das desigualdades econômicas e políticas do povo francês.

2 O esquema “guerra -repressão” e o surgimento da sociedade civil

Até aqui, vimos o desdobramento do discurso histórico na luta pela conquista do poder. Resta-os, ainda, mostrar como Foucault pôs à prova a hipótese de que o esquema “guerra-repressão” é pertinente para entendermos o surgimento e o funcionamento da sociedade civil. Acreditamos que isso se deu em dois momentos, no curso ministrado no ano letivo de 1975-1976 do *Collège de France*: o primeiro, por ocasião da análise do surgimento do Direito Natural, no século XVIII, como o discurso pelo qual a burguesia passou a refutar a história como fonte dos direitos da soberania. Tratava-se, aí, de mostrar um movimento tático da burguesia destinado a eliminar, mediante um discurso fundado na natureza, a dualidade instaurada no seio da sociedade pela concepção historicista. Movimento requerido pela necessidade de pacificação das relações políticas em favor do reconhecimento da burguesia como aquela classe social qualificada para a execução daquelas atividades fundamentais para a existência da nação cuja síntese encontramos na troca.

O segundo momento em que Foucault pôs à prova sua hipótese encontra-se na análise das inversões que o discurso histórico sofreu a partir da época da Revolução. Trata-se do processo através do qual ao discurso histórico atribuiu-se a tarefa de promover um tipo de totalização histórica dos acontecimentos e da identificação da sociedade ao Estado. Processo pelo qual o discurso histórico irá abandonar aquela história cíclica onde o passado constituía a meta a ser reconquistada em favor de uma filosofia da história orientada, a partir da análise do presente, para o futuro como coroamento de uma evolução inexorável da razão.

Nesses dois momentos, encontram-se, também, os mecanismos utilizados na guerra permanente que se tem travado na fabricação daquelas formas de uni-ficação da sociedade de que falamos anteriormente. O problema da soberania e da legitimidade, mediante a constituição de uma estrutura jurídica fundada no Direito Natural corresponderia ao momento em que o discurso histórico atuava em favor de um organismo estatal identificado com a nação. A partir de seus estudos do século XVIII e XIX, Foucault encontrará um duplo movimento através dos quais outros mecanismos serão inseridos como dispositivos destinados a produzir os efeitos políticos e econômicos requeridos pela ascensão definitiva da burguesia ao controle do Estado e de suas instituições. Tais mecanismos serão: a) as instituições de controle disciplinar que atuarão no adestramento, na punição e no conhecimento dos indivíduos visando à produção de um conjunto de cidadãos politicamente dóceis e economicamente úteis ao Estado; b) as instituições de controle da população que formarão o que Foucault chamou de “Biopoder” e que atuarão no conhecimento e no controle dos fenômenos gerais de natalidade, mortalidade e saúde pública.

O trabalho efetuado pela disciplina e pelo biopoder parece corresponder ao movimento pelo qual, no nível dos discursos, se promoveu uma filtragem e uma

reinterpretação do papel do bárbaro na configuração sociedade e na sua identificação ao Estado. Diferentemente do selvagem, o bárbaro possui uma história e a altivez requerida para efetuar os atos de conquista e rebeldia pelos quais a nação surgiu ou se insurgiu contra os invasores, adquiriu sua unidade política e estabeleceu sua identidade lingüística, econômica e biológica. O que se pretenderá com esta filtragem na qual se expurgará a violência, o crime, a crueldade e a vilania do bárbaro invasor descrito por Boulainvilliers, será a sua identificação com o burguês. Ao mesmo tempo, esta filtragem parece conduzir ao surgimento de um novo tipo de discurso que será utilizado como tática no desenvolvimento de uma modalidade de relação de poder cuja emergência se encontra no século XVIII e sua forma mais aguda encontra-se na atualidade: a governamentalidade.

Ora, de fato, ao submeter sua hipótese à prova da história, Foucault descreveu diversos dispositivos de poder pelos quais se tornou evidente não apenas que é possível, mas que é real, que a sociedade civil tenha se constituído, na civilização ocidental, mediante relações belicosas que se estenderam, para além das batalhas, nas instituições e nas práticas do cotidiano. Esse trabalho lhe permitiu propor a liberdade de utilização dos discursos fora dos limites de esquemas consagrados pelo trabalho daquele sono antropológico denunciado em *As Palavras e as Coisas*.

Assim, ao esquema teórico que reunia e opunha a repressão e o direito ou a economia, Foucault substituiu, no pensamento político, uma teoria pela qual se poderão compreender as problematizações decorrentes daquela dualidade constituinte da Nação, do Estado e da Sociedade. A redução da problemática das relações entre o Estado e a Sociedade ao modo como o uso da força pode ser considerado abusivo ou legítimo mostrou-se insuficiente para esclarecer como o poder se constitui, se conserva, se fortalece ou declina. Para tanto, foi preciso investigar a razão de ser do Estado a partir de sua preocupação com os perigos que o ameaçam e com a execução das finalidades que o justificam e o movem. Seguindo esta trilha, Foucault pôde mostrar a continuidade que ligou e transformou as preocupações dos teóricos do Direito Natural e da Economia Política^{vii}. Os primeiros detiveram-se sobre a emergência do problema da Soberania envolvendo a dominação sobre o território e as coisas bem como sobre os indivíduos com vistas à sua sujeição e disciplina; a segunda juntou a essa preocupação, a questão da gestão dos fenômenos de massa, como a natalidade, a mortalidade, a morbidez, a aptidão para o trabalho ou disposição para a guerra.

Surge, assim, não uma dialética como lei geral da história, mas uma análise histórica mais modesta e mais aguda onde, na descrição da passagem de uma arte de governar – aquela que, entre o final da Idade Média até o século XVI, alimentou o debate entre Maquiavel e o anti-maquiavelismo – a uma ciência do governo ou ciência política – aquela cujo aparecimento se deu no século XVIII, com a junção da Teoria Jurídica e da Economia Política – encontram-se as razões que efetivamente determinaram a evolução dos regimes de governo e das formas que as relações políticas assumiram no Estado contemporâneo. Assim também puderam explicar-se as modificações que se operaram nos discursos que atuaram como instrumentos táticos nas estratégias pelas quais a governamentalização da Sociedade e do Estado

logrou colonizar as relações de poder nas sociedades contemporâneas. Por um lado, a teoria jurídica e a economia política teriam atuado como discursos visando à totalização da história e da política pela transformação da burguesia e do operariado em atores políticos universais, o que teria justificado suas atuações durante as revoluções dos séculos XVIII e XIX. Por outro lado, urdia-se, desde então, outra arena cuja eficácia política será notabilizada no século XX: o discurso das raças. Este será o discurso que justificará o Estado como o ator político mais eminente, pois, mais do que o indivíduo e mais do que a classe social, ele atuará em nome do povo e da nação. Além disso, sua atuação será balizada menos pela preocupação com a defesa do território e pela administração das coisas do que pela administração daquilo que, na população, representa o bem mais valioso, do ponto de vista político e do ponto de vista econômico: a vida.

3 Uma aposta filosófica e um ato político

Sabe-se da ojeriza com que Foucault encarava a relação entre a atividade filosófica e a ação política. O que não nos impede de ver nessas reflexões um ato político de grande abrangência, de forte intensidade e de lucidez gritante. Elas também produzem seus efeitos políticos na medida em que delas podemos fazer o uso que bem entendermos. Mas acredito que um de seus efeitos mais interessantes tem sido justamente esse: o de nos liberar de uma crença em uma ligação indissociável entre o conhecimento da natureza do homem e a definição de metas políticas moralmente justificáveis. Até mesmo a eleição da vida como medida para a avaliação das práticas e das instituições políticas pode nos enredar em uma nova mística. A ação política eficaz requer este exercício de uma radical liberdade do pensar. Da inquietação do pensamento contemporâneo em torno da pergunta: “O que estão os fazendo de nós mesmos?”, somos convidados por Foucault a outra interrogação: como, mediante a compreensão dos dispositivos da governamentalidade, isto é, das formas de gestão de nossa mobilidade, de nossos gestos, de nossos desejos e prazeres, de nossas aptidões e de nossos fracassos, como indivíduos e com o coletividades, podemos ampliar os limites de nossa liberdade?

REFERÊNCIAS:

- Foucault, M. 2008, *Aula de 1º. De fevereiro de 1978*. In Segurança, Território. População Curso dado no *Collège de France*; tradução de Eduardo Brandão; Martins Fontes; pp.117-154. São Paulo.
- Foucault, M. 1999, *Em Defesa da Sociedade* Curso no *Collège de France* (1975-1976); tradução de Maria Ermantina Galvão; Martins Fontes, São Paulo.

Cidade Contemporânea, Cidade do Empresariamento: aspectos da produção socio-espacial do urbano

Alves, Manoel Rodrigues; Rizek, Cibele Saliba¹

¹ Universidade de São Paulo, Instituto de Arquitetura e Urbanismo, Brasil.

Resumo. Descrevendo processos que impactam a conformação atual dos espaços urbanos, suas continuidades, transformações e dimensões sócio culturais, em particular do Brasil, este texto investiga dimensões da produção e reprodução da cidade contemporânea (brasileira) a partir de relações e práticas que possam caracterizar espacialidades e fenômenos urbanos novos e/ou redefinidos, em seus contextos e relações. Tal enfoque, que compreende problemáticas da cultura e da cidade, pode ser nucleado por um conjunto de indagações, mais do que conceitos ou dimensões operacionalizáveis, em seu contraponto com as dimensões privadas enquanto filtros e horizontes críticos que permitam detectar linhas de força, tensões, ambigüidades, deslizamentos que talvez possam desenhar tendências, tendo como referência o pensamento de três autores: Lefebvre, Harvey e Soja.

Palavras Chave: Chaves de leitura - Conformações sócio-espaciais - Empresariamento do espaço urbano - Espacialidades

We can only learn about our lived times and spaces in increments, never satisfied with existing levels of knowledge but constantly moving on, almost like philosophical nomads, to search for the new, to push the frontiers of knowledge and understandings forward, and hope for the unexpected”
(Edward Soja, 20)

1 Cidade Contemporânea, Cidade do Empresariamento

A cidade contemporânea, como fenômeno cultural, responde a parâmetros que assinalam características próprias de uma época de transição. Nela, embora o espaço da cidade seja produto e reproduzidor das dinâmicas que regem o seu tempo, a experiência da vida urbana, a relação de pertencimento ao espaço urbano, à sua cidade, persiste em meio a um conjunto de transformações que incidem nas dimensões técnicas e tecnológicas, nos aspectos sociais e ambientais, na desvalorização do espectro de ação do Estado, na desconfiança nos sistemas institucionais, na concentração de renda e disfunções de atividades, no empobrecimento dos sistemas simbólicos, na polarização social e retração das formas de vida coletiva, instrumentalização dos espaços de ação e redução do valor do público. Essa cidade, de fragmentações reais e aparentes, apresenta novas espacialidades e sociabilidades atreladas ao sistema econômico-produtivo, de onde emergem novas situações urbanas, e onde as relações sócio-espaciais anteriores exigem ser reinterpretadas.

A cidade que emerge na contemporaneidade é constituída de textualidades e morfologias inéditas, que operam em um contexto sócio-cultural diferenciado, conformando micro-geografias de um cotidiano denso e de novas formas de apropriação. Estas territorialidades e espacialidades urbanas nos desafiam nas tensões entre domínios, legalidades, usos e práticas urbanas. De fato, a cidade(s) enquanto construção de elementos textuais e não textuais, morfológicos e não morfológicos, interrogam as interpretações, os modos de uso e apropriações da paisagem e do território urbano e aportam novas interpretações na relação entre tecidos urbanos e sociais, comportamentos e construções conceituais.

Além disso, num cenário de globalização da economia e da informatização da sociedade, nossas cidades não escapam a certas tendências próprias da mundialização das práticas do habitar urbano e da inadequação das lógicas de sentido como constitutivas do fato urbano que caracteriza a condição contemporânea da vida. Fenômenos tão díspares como a ampliação dos meios massivos de comunicação, a generalização das formas de consumo programado, o declínio dos papéis tradicionais do Estado, a

debilidade dos sistemas de representação política e, em geral, a ação convergente de dispositivos de disciplinarização social provocam um declínio significativo do sentido de primazia do espaço urbano, do espaço público¹ em particular. Simultaneamente, observam-se estratégias hegemônicas de um urbanismo mundializado orientadas à produção de uma composição social artificialmente enobrecida.

Conduzindo a estruturas urbanas de segregação social severa, essas estratégias, via de regra, promovem uma significativa reorganização do espaço urbano, uma vez que implementam transformações do território urbano que resultam de lógicas de acumulação flexível que estruturam cultura, economia e sociedade, de tal modo que os diversos âmbitos da vida e da experiência social são intermediados por lógicas atreladas ao consumo². Os lugares da vida urbana, suas simulações e simulacros, atingem diversas escalas e modificam a relação dos habitantes - postos como meros usuários, meros receptadores dos espaços da cidade e não como praticantes do urbano. Nessa exacerbação contemporânea de lógicas regidas pelo consumo, em que diferentes relações coletivas são intermediadas por interesses privados, ato intensificador da esfera individual, o que se observa atualmente é que a realidade do espaço vivido e construído socialmente acaba por se restringir a outras ancoragens, nem exatamente públicas ou privadas, que abrigam em suas práticas novas formas de sociabilidade, novas configurações referentes às mudanças estruturais nas dimensões do indivíduo, da noção de cidade e de suas relações sócio-espaciais. Nesse contexto, parece-nos que pensar a urbanidade³ no presente compreende um desdobramento, um deslocamento, dos lugares de onde é possível pensar e interpretar o fato urbano, aceitando que a atribuição de sentido e de significado não são nem constitutivas nem prévias aos fenômenos urbanos⁴.

¹ Para Arroyo [Arroyo, J, 2011], a noção de espaço público apresenta uma queda de seu valor simbólico, não mais se constituindo como a contraparte física substantiva de uma sociedade civil entendida como sujeito da cidade.

² Para Foster, a alteração do espaço conforme a imagem da *commodity*; não só marca e *commodity* aparecem unificados, mas freqüentemente o fazem *commodity* e espaço. [Foster, T, 2002]

³ Urbanidade entendida como um determinado tipo de relação social que, agente de definição de processos sócio-espaciais e caracterizada pela mobilidade e por equilíbrio precário nas relações humanas, ocorre no urbano, no ambiente urbano (não necessariamente na cidade)

⁴ Delgado argumenta que vivenciamos espaços de uma *anti-cidade*, uma configuração sócio-espacial que desativa as qualidades que tipificam tanto a cidade enquanto morfologia como o urbano enquanto estilo de viver – uma dissolução do urbano em mera urbanização. Para ele, a anticidade e atual se caracteriza pela renúncia da diversificação funcional e humana de espaços tematizados que levam a dissolução do urbano, a urbanização de submissão a imperativos de distintas ideologias urbanísticas. [Delgado, M, 2008].

Desde o momento em que a urbanidade sofre deslizamentos e deslocamentos com respeito às formações sócio-produtivas mais estáveis fundadas no Estado do Bem-Estar, na economia de base industrial e na sociedade de classes, a noção de cidade vem perdendo sua universalidade já que passa crescentemente pelo crivo de subjetividades (do sujeito urbano⁵) mais tênues e mais frágeis do que as surgidas sob o paradigma da modernidade.

O resultado é uma condição de urbanidade na qual, em um tempo dilatado, coexistem uma temporalidade descompassada - caracterizada pela compressão dos processos sociais e simbólicos de uso apropriação, percepção e demarcação sócio-espacial - e uma espacialidade segmentada, com respeito a cidade consolidada tradicional. Nela (cidade tradicional), observavam-se vínculos com um tempo e um espaço contínuos, resultado de uma sociedade estruturada por relações de produção e de poder, que, desde suas próprias contradições, construiu uma noção unitária de sociedade civil, de cidadania e de sujeito coletivo da cidade. Já na cidade contemporânea, sob a égide de relações próprias do capitalismo tardio, mais do que dualidades e centralidades explicativas, constata-se deslocamentos materiais e simbólicos de um lugar comum para as representações e os imaginários sociais do sentido do urbano.

Como responder a esses processos de novas mobilidades e configurações sócio-espaciais? Quais as chaves de leitura que permitem compreendê-lo, percebendo as linhas de continuidade e as linhas de força que desenham suas transformações mais recentes? Qual o seu contexto e particularidades no Brasil? O que é o Brasil urbano e como é possível conferir-lhe inteligibilidade?

Permanências e alterações, novas chaves de leitura, práticas e representações que deslizam e se reconfiguram se apresentam como questões dessa reflexão e dizem respeito a algumas das novidades analíticas e empíricas trazidas pelas dimensões contemporâneas da produção da cidade que estão reconfigurando as abordagens e perguntas clássicas que permitiam compreender o Brasil urbano, bem como marcando novos pontos de inflexão que talvez permitam uma maior clareza das configurações contemporâneas da cidade brasileira bem como dos novos fenômenos, atores e configurações espaciais que permitem caracterizar seus espaços.

⁵ Mas quem é esse sujeito praticante do urbano, desterritorializado, em conflito consigo mesmo ao mesmo tempo em que cioso da necessidade de conviver com os outros? Para Arroyo, o cidadão é um sujeito desvirtuado social e politicamente, recortado em sua capacidade de gestar sua própria vontade e conforme a consciência social da vida coletiva; para ele, o homem urbano contemporâneo não mais é sujeito de suas próprias ações, mas sim condicionado por regulamentações e regras. [Arroyo. J, pg. 15].

Diante do que permeia e do que se rompe, diante de redes finanças, deslizamentos e mudanças, novos e velhos usos de práticas e de valores parecem embaralhar a gramática ‘clássica’ da vida urbana no redesenho das relações espaciais e sociais e seus vínculos, quer com a cidade, quer com o urbano. Nesse cenário, na impossibilidade de distinguir sujeitos ou atores, culturas autóctones e dimensões midiáticas – nas quais a visualidade se consolida como elemento mediador entre paisagem e geografia, entre cidade e território, entre indivíduo e espaço, tornando-se o meio de reprodução que reduz o sentido dos contextos e das relações do cotidiano à condição de aparências e imaterialidade –, que formas, processos e atores podem apontar novas tessituras urbanas e de inserção produtiva? quais são os eixos de tensão e de disputa? quais os desdobramentos da reprodução e acumulação do capital na determinação dos processos sócio espaciais? quais os conteúdos concretos da problemática sócio espacial contemporânea?

Dois possibilidades de leitura da cidade e de sua constituição recente parecem ser eixos de uma nova aglutinação e articulação de processos, demandando novos modos de reflexão, reconfigurações e modulações das representações clássicas sobre a cidade, sobre os processos de conformação e configuração da cidade, suas novas espacialidades e modelos de urbanização e sobre as formas de sociabilidade que conformam o solo de relações sócio-espaciais.

Trata-se, por um lado, de novos processos de conformação e configuração da cidade no qual se constata processos político-econômicos e práticas sócio-espaciais voltadas quase sempre ao desenvolvimento de mercados locais conectados, de forma mais ou menos precária, a internacionalização e a terceirização da economia mundial e, por outro, dos novos processos financeiros do empresariamento da produção do urbano e dos modos pelos quais a vida urbana vem sendo pautada pelas novas combinações entre legalidades e ilegalismos, pelas “dobras entre o legal e o ilegal”, em especial, mas não apenas, nos territórios destinados à moradia e à vida das camadas populares. Autores como Harvey procuram caracterizar as facções do capital que interferem na produção e no uso do ambiente construído. A questão, nos termos de suas modulações contemporâneas, seria pensar como todo esse esquema pode se concentrar apenas em uma empresa e quais seriam os desdobramentos de sua atuação na produção, não só de habitação, mas da cidade como um todo. Abramo destaca o retorno da “mão inoxidável do mercado” na cidade neoliberal, na qual, o mecanismo de coordenação das decisões de uso do solo está nas mãos do próprio mercado – diferentemente do período fordista, quando havia alguma mediação do Estado nessas decisões. O mercado estaria, assim, na coordenação da produção das materialidades urbanas tanto pelo processo de privatizações de empresas públicas urbanas como pela hegemonia do capital privado na produção das materialidades residenciais e comerciais. Entretanto, para que o mercado tome essas decisões quanto à produção da cidade neoliberal, ele requer

necessariamente recursos públicos e aparatos jurídicos e institucionais que sustentem sua atuação.

Esse processo, essas transformações, enfraquecem a identidade urbana e secundarizam a dialética tecido urbano / tecido social. No caso brasileiro, com seus próprios códigos, justificativas, comportamentos funcionalizados e militarização, condicionam uma ampla série de atividades que integram o tecido urbano da vida coletiva contemporânea.

Pensar a cidade contemporânea ao sul do Equador ao mesmo tempo em que implica apontar alguns dos pontos de inflexão em práticas e ideias que produzem e reproduzem a cidade e as concepções relativas à compreensão de seus processos de produção, nos propõe alguns desafios. O primeiro é a identificação das pistas que nos conduzem a permanências e transformações tanto do ponto de vista das relações econômicas e sociais, quanto do ponto de vista das alterações que tiveram lugar entre essas relações e a constituição e destituição de formas espaciais, contornos no e do espaço que dão forma e visibilidade a essas dimensões. Assim, se algumas categorias permitiam descrever rapidamente a cidade fabril do passado, talvez seja necessário um esforço descritivo, que dê conta das tramas e tessituras contemporâneas que se desenham na cidade e, ao mesmo tempo, que são desenhadas pela cidade.

2 Aspectos do Empresariamento Urbano no Brasil

No caso brasileiro, se ao longo do século XX é possível pensar a construção da cidade como questão social; nesse quadro, podemos usar como uma hipótese-guia, observada a ruptura dos paradigmas formais de conformação do espaço urbano dos anos 90, a idéia de que se alteraram os modos de integração da população urbana, que deslizaram de um imaginário constituído pela dinâmica da modernização e da formação de classes por meio da inserção social através do trabalho assalariado para uma outra dinâmica que vincula empresariamento (protagonismo do mercado e do consumo) e informalidade, porosidades, liminaridades entre legalidade e ilegalismos que permeiam práticas, intervenções urbanas e relações com a cidade e suas conformações espaciais. Assim em múltiplas situações urbanas, uma forte redefinição de atores e personagens, assim como novas relações entre, por exemplo, mercado, Estado e cidade, ou ainda entre atores e modos de regulação da produção da cidade estariam configurados diversamente dos modos clássicos – compatíveis com os horizontes de integração, desenvolvimento, industrialização e urbanização modernas. Haveria então aí, alguns importantes deslizamentos, novos significados que remodelam espaços, tempos, movimentos, políticas nas cidades do Brasil contemporâneo, borrando algumas das noções pelas quais as cidades foram descritas, analisadas e pensadas.

Assim, além das intervenções urbanas homogeneizadoras e supostamente isentas do ponto de vista de suas determinações e implicações políticas, tal como as intervenções em áreas centrais das nossas cidades, parece-nos que alguns outros exemplos podem auxiliar a elucidar esses desafios.

O primeiro diz respeito às novas relações entre desigualdades sociais, formas e modos de consumo. O crescimento das formas de consumo e de endividamento, em um solo social e urbano de visível precariedade parece embaralhar os antigos sinais que tornavam as desigualdades legíveis⁶. De fato, o endividamento e a financeirização da pobreza, a especulação imobiliária, do espaço urbano e do uso do solo, a regularização da irregularidade urbana, a generalização das concepções mercantis e mercadorização do mundo, no contraponto à lógica dos direitos e da cidadania, promovem a desvalorização de esferas da vida pública - quer seja em função do empreendedorismo e do empreendedorismo de si, ou do empreendedorismo e empresariamento.

⁶ Segundo Leda Paulani, explorando os dados do último censo, a pobreza diminuiu mais intensamente do que a desigualdade nos últimos 8 anos no Brasil.

Outro sintoma parece ser o embaralhamento entre circuitos legais e ilegais, legítimos e ilegítimos de circulação de riqueza e mercadorias; a passagem de um campo a outro, suas formas de legitimação, as articulações entre formas e equipamentos de poder diversas entre si, talvez tenham dado uma nova fisionomia para muitos dos bairros populares das grandes cidades brasileiras. Alguns desses aspectos ainda podem ser identificados pela presença e ausência do Estado, isto é pelos contornos de uma outra presença do Estado, tanto nos programas sociais de diversos formatos, como nos meandros e nos caminhos, nos equipamentos e formas de gestão e acomodação da pobreza em suas modulações e matizes, por vezes criados por esses equipamentos espacializados por meio de públicos-alvo. Sintomas e pistas do novo? Quais as permanências e quais as transformações que devem ser mapeadas em novos parâmetros descritivos? Como armar essas dimensões descritivas tornando-as capazes de ancorar e desenhar os vínculos entre processos sócio-econômicos e políticos de um lado e territórios, de outro? Explosão da dinâmica centro/periferia? Como classificar? Como se imbricam territórios cuja nomeação se embaralhou, cujo uso se caracteriza mais pelos fluxos de bens, pessoas e práticas do que pelo que se assenta de modo mais permanente?

Em seminário recente sobre as periferias urbanas das grandes cidades (ANPOCS 2011), um conjunto significativo de textos parecia formular com alguma perplexidade uma pergunta: o que são as periferias urbanas das grandes cidades brasileiras hoje? Como vivem suas populações? Que relações - em grande medida explodidas ou fortemente moduladas - seria possível identificar entre centralidades e periferias, já que um termo requer e coloca em pauta o outro já que são categorias relacionais identificadas a partir de parâmetros que se circunscrevem a partir de outros contextos espaciais e temporais (a cidade fabril, por exemplo)? Quais continuidades e quais transformações? Que conflitos são hoje estruturantes e qual é sua natureza? Quais são as novas formas de pacificação/gestão/repressão?

São Paulo e Rio de Janeiro em suas favelas e territórios marcados pelo que se convencionou chamar - tanto na linguagem acadêmica quanto no crivo das categorias nativas - periferias testemunham novas tessituras: a presença do tráfico e de seus padrões ou donos, bem como dos mercados de proteção e dos acordos com as forças repressivas, a nova legitimidade construída em torno da presença dessas forças repressivas que configuram modos mais ou menos eloqüentes de militarização do espaço e da gestão urbanas, as igrejas pentecostais e neopentecostais e suas teologias da prosperidade revestidas do empreendedorismo, os programas de redução da pobreza ou da sua transformação em demanda ou em fragmentos identificados como públicos-alvo face a uma oferta composta por ONGs, OSCIPs, Estado, programas culturais de todos os tipos e finalmente borramentos, tranbordamentos que fracionam as fronteiras entre cada uma dessas novas configurações.

Novos campos de força se esboçam entre a militarização e um conjunto de mediações morais no tratamento da pobreza devidamente contabilizada, moralizada, cercada de condicionalidades, fortemente despolitizada (racionalizam-se os programas e as ações de combate à pobreza, na chave da gestão empresarial e eficiente, moralmente investida, a partir da concepção que implica os pobres na sua própria pobreza, bem como nas formas pelas quais devem combatê-la, a partir das categorias construídas pelos próprios programas de atenção ou atendimento e/ou geração de renda, práticas culturais) no contraponto aos territórios e territorializações construídas pelos movimentos sociais dos anos oitenta (na chave da linguagem dos direitos da cidadania). Assim, por meio de um conjunto de novas formas de intervenção social, esses processos redefinem territórios, rotulam, criam e/ou acionam dispositivos de hierarquização e de fragmentação, por meio de deslizamentos e recomposições de programas e práticas. O exemplo das práticas culturais e artísticas que se espalham por programas, incentivos, formas de expressão pelas periferias urbanas, parece indicar que as categorias pelas quais as periferias são nomeadas e reconhecidas bem como representadas para e pelos seus próprios habitantes está em disputa. Novas formas de produção cultural e artística são provenientes de programas de combate à pobreza e à inclusão, mas também de coletivos que lutam por transformações, que disputam modos de encenar a vida, suas condições, o cotidiano dessas populações e suas expressões estéticas.

Graffiti, arte de rua, cinema e vídeo, música, dança, literatura – cada uma dessas atividades acaba se constituindo como um campo de ação e de práticas, com suas próprias tensões e conflitos internos e externos. Formas com desdobramentos em processos sócio-espaciais de apropriação e uso do espaço urbano. Todas essas tessituras conformam o leque de presenças e ausências tanto do Estado como dos equipamentos públicos e suas clivagens. O que se apóia e o que se financia ou não em cada uma dessas práticas? Como se enredam financiamentos públicos, privados e empreendedorismos de todos os tipos, por um lado, assim como resistências e confrontos por outro? Todo um conjunto de aglutinações precisaria ser alvo de novas questões – trata-se por um lado das velhas associações populares e de seus relatos financiados, transformados em parceiros ou contrapartidas por fundações empresariais ou de cunho religioso de forte apelo empresarial. Por outro lado, trata-se de uma nova forma de organização, em especial de jovens, que se apresenta como um conjunto de “coletivos” e suas atividades, em especial no que vem se convencendo chamar de “cultura da periferia”. As convergências e divergências entre esses dois modos de organização, entre esses dois dispositivos poderia ser um dos grandes eixos pelos quais o que há de novo pode ser investigado, perscrutado.

Outra dimensão em que algumas transformações já se fazem notar claramente dizem respeito às disputas em torno da regulação de uso da cidade. Novas regulações que cruzam legalidades e ilegalismos de um outro modo, articulando códigos morais, desvios, compromissos com a lógica econômica hegemônica, novos mercados de produção, operações de pacificação ou operação delegada (“bico legal”) instalando zonas cinzentas, vácuos normativos, linguagens e saberes da rua. Em realidade, novas formas repressivas e novos discursos de legitimação que compreendem a população de rua, a militarização dos equipamentos públicos e das formas de assistência, políticas de saúde/droga, criminalização e condicionalidades. Esboça-se aqui uma idéia de uma nova ordem de ideologias securitárias como forma de legitimação: de um lado, medo, insegurança e criminalização da pobreza; de outro, a criação de uma demanda popular associada a essa ordem moral de busca de legitimação – se já, mais uma vez, em relação a “pobres porém limpinhos” ou em operações de limpeza urbana. Aqui também fronteiras são borradas, novas tangências ganham um novo lugar, um conjunto de práticas transbordam para além de seus campos e limites, legalidades e ilegalidades se combinam em novos padrões, em novos híbridos⁷ difíceis de discernir.

Quando se pensa as periferias urbanas ou as franjas das cidades – as chamadas hiperperiferias ou fronteiras urbanas, ganham destaque os novos modos de acesso ao consumo e os programas de combate à pobreza. Esse território redividido e reagrupado segundo públicos alvo dos programas sociais e seus intermediários – Programas de Assistência Familiar e Programas de Saúde, Associações Populares e Centros de Assistência (vinculados às igrejas pentecostais ou não), poderiam ser pensados como laboratórios de práticas que combinam trabalho voluntário e trabalho precário ou precarizado, trabalho de artistas como contrapartida de programas de financiamento, elementos que se articulam em carreiras morais com forte incidência de gênero. Sobretudo as mulheres são alvo e público desses experimentos do cuidado e da redução da pobreza tendo como protagonistas, muitas vezes, os próprios pobres, devidamente moralizados e agenciados. A periferia dos direitos, da pobreza como negócio, em que dois lados da cultura se associam: um, da alta cultura, como captação para investimento na pobreza; outro, empresariado por dentro e por fora pelos próprios atores, e/ou por seus parceiros, denota a associação de facetas do empresariamento e do empreendedorismo no desdobramento da forma empresa e seus mecanismos de racionalização e financeirização.

⁷ Híbridizações, processos híbridos como questão a ser pensada não apenas do ponto de vista de sua produção, mas do ponto de vista de sua recepção e contínua elaboração.

Novos programas sociais, novos padrões de consumo, práticas culturais que se dividem entre as perspectivas de constituição autônoma de coletivos e a gestão cultural da pobreza pelas fundações empresariais em parceria com o Estado, a combinação entre a presença do tráfico, suas práticas, códigos e negócios e os mercados de proteção, entre o tráfico e as igrejas pentecostais e neo pentecostais, o discurso do empreendedorismo e do empreendedorismo social, justificado e legitimado moralmente, formas de assistência modernizadas e racionalizadas, que se transformam em práticas empresariais, lavagem de dinheiro e intermediação moral associadas fazem cada vez mais das periferias territórios muito distantes daqueles descritos pela gramática que as diferenciava e se parava dos centros urbanos. Especulação, segmento econômico como eixo de uma nova lucratividade e empresariamento da pobreza, de financeirização da produção e acesso à moradia e à cidade – especulação essa que, cada vez mais, compreende programas e políticas públicas como o ‘Programa Minha Casa, Minha Vida’.

Armando e desarmando os lugares hierarquicamente dispostos, para além de novos modos de descrição, identificação e compreensão do que é novo, as populações desses territórios periféricos talvez nos coloquem como desafio ir além desse patamar, em busca de dimensões teóricas que permitam qualificar as transformações, continuidades, borramentos e transbordamentos, relações sócio espaciais, tessituras e dimensões que hoje conformam e são conformadas por esses territórios em transformação e em tensão.

3 Considerações Finais

Registrando algumas considerações quanto a aspectos de processos que impactam a conformação atual dos espaços urbanos, suas continuidades, transformações e dimensões sócio culturais, em particular do Brasil, buscamos neste texto investigar dimensões da produção e reprodução da cidade contemporânea (brasileira) a partir de relações e tangências que possam caracterizar espacialidades e fenômenos urbanos novos e/ou redefinidos, em seus contextos e relações. Tal enfoque, que compreende problemáticas da cultura e da cidade, pode ser nucleado por um conjunto de indagações, mais do que conceitos ou dimensões operacionalizáveis, em seu contraponto com as dimensões privadas enquanto filtros e horizontes críticos que permitam detectar linhas de força, tensões, ambigüidades, deslizamentos que talvez possam desenhar tendências a partir da justaposição, interpenetração e conexões. Mas que cidade é essa de tanto e do tão pouco?

Uma vez que o ambiente urbano resulta de formas singulares da relação entre o homem e seu espaço físico, espaços de representação das relações humanas, traços caóticos de confluência de pluralidades que percorrem a

multiplicidade de culturas e modos de vida, que regem e participam dos acontecimentos, entendemos que a coexistência dos distintos espaços que configuram a cidade do presente demanda a compreensão de uma nova forma de habitar o mundo⁸.

Nesse cenário, no momento em que as cidades se convertem em cenário chave do intercâmbio de bens e do fluxo de pessoas e informações sobre o território, entendendo a realização da vida como condição e produto do estabelecimento de relações reais indispensáveis, em que se observa o comportamento do estranhamento simmeliano de uma sociedade contemporânea que deseja “tudo” a todo o momento, como enfrentar o simulacro de espaços da liquidez na construção social dessas formas urbanas? Como se pode pensar na produção do espaço urbano tendo como referência a noção de justiça espacial e através de que processos? Como esses processos integram-se, ou não, a processos de urbanização no Brasil? É possível apontar algum efeito desses processos na estrutura urbana das cidades brasileiras? É possível apontar tendências do desenvolvimento sócio-espacial na implementação de políticas públicas nas cidades brasileiras?

Sugerimos para tal reflexão o emprego de três autores: Henri Lefèbvre, para o qual, no espaço social, a lógica do valor real das representações sociais, que pode ser transformada em objetos ideológicos, em abstrações em forma de símbolos, se faz presente na produção de um espaço social em que conhecimento e poder se combinam em uma organização hierárquica voltada ao lucro e empregada para o controle e dominação social; David Harvey, para quem a (sub)urbanização produz injustiça social e barreiras espaciais (a cesso ao mercado de trabalho, urbanizações nas franjas urbanas e outros), assim como os processos espaciais de transformação orientam-se pela eficácia econômica e são dominados pela associação crescimento do capital econômico privado – portanto, pela transformação de políticas públicas do Estado pós-moderno em estruturas econômicas mais flexíveis e complexas de acumulação flexível; e Edward Soja, para o qual, compreendendo que o social forma o espacial assim como o espacial conforma o social, a ruptura de estruturas urbanas opressoras do capital podem ser quebradas através de coalisões, de coletivos, sociais na criação de um novo espaço de sócio-espacial. Para Soja, o “direito à cidade”, a revolução urbana, é possível apenas quando a discussão ampla e aberta dos processos urbanos condicionar o desenvolvimento espacial e econômico; quando os menos favorecidos romperem o controle social do espaço de modo a obter melhores condições de

⁸ Heidegger afirma que o traço fundamental do habitar é o resguardo que perpassa o habitar em toda a sua amplitude, de tal modo que lhe propicia estância e circunstância, caracterizando um lugar, tanto o concreto quanto simbólico. Certeau vê no lugar a configuração instantânea de posições, uma ordem de elementos distribuídos em relações de coexistência (para Augè, pontos de identificação coletiva flutuantes decorrentes da individualização de referências). Muñoz identifica habitantes de uma cidade onde mobilidade e diferentes usos do território explicam uma nova vida urbana de territoriantes entre lugares.

acesso aos serviços públicos e evitar processos dominantes de segregação espacial.

REFERENCIAS:

Abramo, P 2009, *A cidade com-fusa: mercado e a produção da estrutura urbana nas grandes cidades latino-americanas*. In Anais 13^a ANPUR, Florianópolis (CD-ROM).

Arroyo, J 2011, *Espacio Público: entre afirmaciones y desplazamientos*, Ediciones UNL, Santa Fe

Connor, S 1996, *Cultura Posmoderna: introducción a las teorías de la contemporaneidad*, Akal Ediciones, Madrid

Dagnino, E 2002, *Sociedade Civil e Espaços Públicos no Brasil*, Paz e Terra, São Paulo

Delgado, M 2008, *El Animal Público: hacia una antropología de los espacios urbanos*, Editorial Anagrama, Barcelona

Ferreira, J S W 2007, *O Mito da Cidade Global: o papel da ideología na produção do espaço urbano*, Vozes, Petrópolis

Foster, H 2002, *Design and Crime and other Diatribes*, Verso, London

Harvey, D 2003, *The New Imperialism*, Oxford University Press, Oxford

_____ 2003, *Spaces of Hope*, Edinburgh University Press, Edinburgh

Ingold, T 2011, *The Perception of the Environment: essays on livelihood, dwelling and skill*, Routledge, Oxon

Latour, B 2005, *Reassembling the Social: an introduction to actor-network theory*, Oxford University Press, Oxford

Lefèbvre, H 1991, *The Production of Space*, Basil Blackwell Press, Oxford

Santos, M 1993, *A Urbanização Brasileira*, Edusp, São Paulo

Soja, E 2010, *Seeking Spatial Justice*, Minneapolis University Press, Minneapolis

Solà-Morales, I 2002, *Territórios*, Gustavo Gilli, Barcelona

Villaça, F 2001, *Espaço Intra-Urbano no Brasil*, Studio Nobel, São Paulo

Espacios negativos: contra y anti como partículas reveladoras en el espacio.

Carlos Tapia Martín¹,

¹ Universidad de Sevilla, España. Escuela Técnica Superior de Arquitectura. Departamento de Historia, Teoría y Composición Arquitectónicas. Grupo de Investigación OUT_Arquías.

Resumen. En el último congreso Rese, celebrado en Sevilla, España, a raíz de la apertura argumental que Ulrich Oslender introdujo con su revisión del concepto de *contraespacio* en Lefebvre, se dejó constancia de la oportunidad de continuar esta vía exploratoria como una de las líneas donde convergieran los distintos investigadores de la red de estudios socioespaciales. El texto que aquí se presenta es una aportación generalista para poner en marcha este empeño. Desde mediados del Siglo XIX a nuestros días, el “Negativ e Denken” será revisitado para generar múltiples posiciones que puedan ser acogidas por otros investigadores y debatidas en los distintos encuentros que se han de producir.

Palabras Clave: Espacio, negatividad, contradicción, antiarquitectura.

1 Introducción.

Antes de llegar a centrar el foco de este escrito en los términos “contraespacio” y las partículas “anti” y “contra”, por una cuestión de precisión, por un lado, y de coherencia con el ámbito temático de este Congreso, por otro, hemos de introducir aclaratoriamente el plano de consistencia de nuestras argumentaciones. Si el conjunto de aportaciones que se compilan en este libro se centra en “Ciudades, Fronteras y Movilidad Humana”, es porque existe un diagnóstico previo que nos invita a reflexionar y tomar partido de las condiciones que hemos registrado. El marco de conocimiento que recorre nuestros supuestos se ve matizado por su orientación dentro del pensamiento arquitectónico y es ahí donde debe situarse la aportación. De esta manera, pensamiento arquitectónico y condiciones de frontera pueden ser reunidos desde muy distintos posicionamientos, desde los tecnológicos (apoyo a los ordenamientos, siendo confundida esta apoyatura a menudo con fines en sí mismos), infraestructurales (redes, y sus límites), hasta los disciplinares (autismo, consciente o no, con respecto al sentido complejo de la realidad). Faltarían los aspectos sociales, plenamente culturales, pero entendemos que junto al arte, son variables que se mantienen estables o, quizá en suspensión ideológica, en el transfondo de todo lo que pueda aquí decirse. Con ello, se advierte de rastreo más que una connotación extraída, que llegaría tras de ello y no se debe esperar para este breve ensayo. No obstante, nuestra contribución pretende recoger sensibilidades de todas las enunciadas, en sus márgenes, como más adelante veremos, para ubicarlas en un “DenkRaum”, o espacialización del pensamiento. Lo que ello implica es que el uso del término alemán nos retrotrae a un momento temporal en concreto como punto de partida, mediados del Siglo XIX, pero desde una perspectiva de presente. Y la lectura -término éste de especial relevancia- de esta temporalidad, mediante pensamiento arquitectónico contemporáneo, dará a la temática de este encuentro un sentido pleno. Hacer arquitectura hoy es una acción de frontera, en la frontera, donde se torna imposible hacer y romper barreras, si no es en la relación permanente entre un interior y un exterior que es más bien una lucha de opuestos, un establecimiento de dualidades, un lugar donde Spinoza diría “*omnis determinatio est negatio*”, en el que el entrelazado de sus límites y la contradicción de sus apariciones son su carta de presentación. Este pensamiento, que es Hegeliano visto en negación desde Derrida, pero es de Fichte y Schelling desde la misma perspectiva que construye sobre ellos el propio Hegel, de lógicas negacionistas -del absoluto- nos haría partícipes de una condición metafísica improductiva, pero que será contrarrestada por las distintas ejemplificaciones que presentaremos y muchas otras más registrables que se enunciarán en futuras contribuciones.

2 Negación.

"Cada cosa, en todas las épocas, camina junto a su contraria".

Las mil y una noches.

Citado por Morin en el libro "La vía para el futuro de la humanidad". 2011.

Negar. Del agotamiento y clausura por negación han prosperado desarrollos que han sido asimismo proyectos y programáticas ideológicas epocales. Existe en ello una contradicción a priori que debe ser enmarcada, para que el posicionamiento tomado en nuestra investigación no decaiga en una especulación infundada. La contradicción provendría del retirado del sentido negativo en tanto que toda acción en marcha establecería una direccionalidad, una fijación de objetivos, con su correspondiente marchamo de positividad, aún en lecturas a posteriori. La separación entre una forma u otra de acción puede ser detectada en múltiples frentes y tiempos. Si Morin, en la cita del encabezamiento de este apartado encuentra en ella una clave para la cesura de un mundo sistematizado por las lógicas unívocas de la máquina-capital, no puede entenderse simplemente con ello que se extrae una sabiduría ancestral salvífica. Iría su afirmación más allá cuando la reiteramos en distintos momentos y distintas circunstancias. Si afinamos nuestro enfoque de lo sucedido más cercanamente y desde perspectivas científicas, cabría recordar que Mandelbrot afirmaba que contar con el contrasentido en el método científico, además del talento del investigador, garantizaba un resultado óptimo al tener una de las herramientas más poderosas argumentales (Morin, 1977:328). Si nombramos la preocupación entre realidad trascendente y aparente de Slavo Zizek en *Órganos sin Cuerpo* (2006:71), la dualidad contradicción/antinomía, que ya había sido introducida en la cuestión postmoderna por Jameson en 1995, nos facilita un referente anterior, la positividad y negatividad en el pensamiento de Hegel, que encontraremos a su vez, por derivación en Deleuze.

Y es que podríamos estar circulando en los alrededores de la acepción husserliana de *epoché*, en el sentido de no suspensión del juicio o de una escéptica, o de relato del estar entre lo positivo y lo negativo, sino de puesta entre paréntesis no sólo de las corrientes diversas sobre la realidad, al lado también de la propia realidad. El paréntesis, al decir etimológico de Félix Duque (2001:7), como *Paréntaxis*, es una interposición o intercalación que, sin embargo, manteniendo contenido un sentido interior, luego lo exporta al exterior. Podría decirse también que significa este rodeo en la exteriorización, que no es sólo neutralizar la dominancia de alguna vía, sino que se trataría de enfrentarse a ella, pero sin alejarla de los propios fines. Así lo podemos comprobar en los magníficos libros de Fernando Zalamea y, en especial en su texto *Razones de la Frontera, Fronteras de la Razón*. En él, y por él, puede asumirse sin sombra de duda cómo toda comprensión, intuición, creación, sobreviene por el pulso pendular que va de la razón a la sinrazón, de lo positivo a lo negativo¹. Nuestra investigación que sigue los pasos de la trayectoria marcada desde hace años por el matemático y filósofo colombiano, se presenta aquí más marcadamente volcada a la exploración *hiperbólica* de la negatividad, aunque es o no debe hacer presuponer una incoherencia de planteamiento, sino una intensificación de carácter exploratorio, cuyas conclusiones aún es pronto para poder ser definitivamente aseveradas, pero que quizá

¹ En términos paradigmáticos, el planteamiento pendular positivo/negativo no puede someterse a un juicio apresurado. Sloterdijk (2011, 142) tratando con las vías de la información como substitutivas del *espíritu objetivo* de otras épocas, como manera de comprender y acercarse al mundo, ofrece una prolongación del brazo aristotélico como prótesis para el *tertium non datur*, en forma de, para lo humano, una ontología bivalente, o incluso polivalente, que “pueda articular la idea de que hay negaciones afirmadas y afirmaciones negadas realmente existentes”.

podrían intuirse ya si las tratamos como contravenenos (*Nihil contra venenum nisi venenum ipse*/Nada mejor contra el veneno que el veneno mismo).

Este argumento de inclinación desequilibrante es el que proporciona el filósofo Roberto Espósito cuando explicita el procedimiento de revisión de su tesis fundamental, a saber, el entrecruzamiento del *communitas* con el *immunitas* (para nuestra hipótesis: en el espacio), que provee negatividad, o aclara lo que niega el/lo común, bien como dispensa, bien como privilegio (Espósito, 2005:14). La comunidad es inseparable de la inmunidad: “la vida sólo puede ser protegida de lo que la niega mediante una negación ulterior” (Espósito, 2005:28). Por ello presuponemos esta descompensación como motivo de estudio y adelantamos como clave conclusiva que es factible hacer un recorrido particularmente desde mediados del Siglo XIX hasta nuestros días, significativamente concretando posiciones en el Siglo XX, que pueden ayudar a comprender los procesos sociales desde sentido del Espacio y que podría ser una especificidad de la Red RESE donde sus investigadores pongan a disposición de la comunidad internacional unos fundamentos que no han sido suficientemente abarcados ni aclarados.

Gegenraum. Pero, ¿qué se puede decir del espacio en negativo? Espósito abarca más que la propia categoría de espacio para lo oportuno de las partículas negativas como reveladoras, desveladoras. Lo negativo alcanza un carácter de productividad que por sí mismo inmuniza lo que niega, por lo que en términos antropológicos, los vislumbres del “no” en Heidegger y Adorno lo que hacen emerger no son roturas o articulaciones continuistas del humanismo, sino justamente su reverso (2005:120). Si Foucault intuye que es el punto ciego² en el saber lo que permite pensar sobre el Humanismo, y ello no se había realizado en todo su existir, será la asunción de lo negativo como única vía para salvar al hombre de esa misma negatividad.

Uno de los desafíos más acuciantes para ser acometido se encuentra, así lo estimo, en la revisión del sentido de lo negativo situado en la reflexión de ciudad, en lo que se refiere esencialmente a las aportaciones que se hicieron a finales de la década de 1960 y con especial hincapié en el ámbito arquitectónico. Por citar un ejemplo, que luego cerraremos un tanto en falso por las rectificaciones de pensadores como Sloterdijk, merece ser recordado el trabajo de Massimo Cacciari y Manfredo Tafuri en la escuela de arquitectura de Venecia. Los extensos comentarios de ensayistas tan lúcidos como Liernur (2003) o la arquitecta argentina afincada en el norte de Italia, Mercedes Daguerre (1985), despejan ese panorama del que debe tanto, sin ir más lejos desde mi posición, la escuela de arquitectura de Sevilla, en España. Tanto Cacciari como Tafuri, además de Toni Negri, Asor Rosa y Tronti, cabezas vivibles de la revista *Contra piano* “revista que no puede dar indicaciones positivas sino sólo incentivos para el rechazo y la negación” (Quetglas, 1979) muestran que la interpretación “negativa” que debía ser

² Para tener una definición común de referente, diremos que el *antihumanismo*, en consonancia con tesis estructuralistas, y en su temporalidad ponemos el acento de su ímpetu epocal lanzado hacia nuestros días, erradica al sujeto de la narración y la explicación, y reemplaza la pregunta por la científicidad por la de las condiciones de producción de los discursos —ni verdaderos, ni falsos— de los objetos.

ofrecida en las páginas de la revista italiana se basa en un marxismo radical, que consideraba al socialismo “como una etapa sólo alcanzable a partir del máximo desarrollo de las fuerzas productivas del capitalismo” (Liernur, 2003: 25). Naturalmente, cualquier lector de la época reconocerá no sólo la inserción de los trabajos de Simmel en el pensamiento descrito, sino también algunas concesiones todavía elocuentes de la dialéctica negativa de T. W. Adorno. Sin embargo, el cierre en falso que anunciábamos llega aquí de la mano de Sloterdijk (2011), que retira la efectividad del discurso adorniano, aunque aún nos interesen los puntos de arranque de su “Dialéctica Negativa”. Si la dialéctica hegeliana es, de partida, una *dialéctica positiva*, en contraposición, Adorno propone una dialéctica negativa, a través de la cual afirmará que no todo lo real es totalmente racional. Ese irracionalismo será el estudiado por Acciari para la metrópoli en estos años cuyos titulares se disputaban palabras como lucha, barricada o utopía³.

En este punto, un sentimiento de prudencia se acerca en nuestro discurso. Si entendiéramos que, en un momento que calificaríamos como histórico, de todos los posibles con que demarcaríamos el trecho de una época, el agotamiento podría escenificarse por las reacciones contra el *statu quo*, las negaciones orquestadas de la *weltanschauung*, el registro se convertiría en un anhelo incontenible de desarticulación y nihilismo, que se escapa a nuestras pretensiones para este estudio. A modo de aclaración, dejamos aquí la misma que elige Sloterdijk para arracimar el negativismo de Adorno y el escepticismo radical de Derrida, elegida desde el siempre controvertido Habermas: “la crítica de los orígenes, de los originales, de las primeridades lleva emparejado un cierto fanatismo, cual es el de señalar en todas partes lo meramente producido, imitado, secundario” (Sloterdijk, 2011: 173).

Desde San Agustín, el ser busca desesperadamente la no-verdad, situarse en negativo. El santo de Hipona, comprende la historia universal (Sloterdijk, 2011: 44) con un punto que desata esa búsqueda: la mirada de Satanás en el espejo y encontrarse a sí mismo como un ser denodadamente bello, y como un ser bello que es capaz de capitalizar su propia imagen desligada de ser en el ser de su Señor. El infierno así concebido, sería el primero de los contraespacios, la anti-esfera por excelencia (Sloterdijk, 1999, 526), el lugar en el que perversión y conversión serían los reversos mutuos que complementan el Mundo. Su validez de siglos podría ser aclarada por los estudios de Freud sobre el espacio. En el libro de Didi-Huberman “Ser cráneo”, se cita al padre del psicoanálisis con esta frase: “puede que la *espacialidad* sea la proyección de la extensión del aparato psíquico. Al parecer no hay otra derivación. En vez de las condiciones a priori del aparato psíquico según Kant, la psique es extendida. No se sabe nada”⁴. Con esta idea continuaremos en el apartado siguiente, donde será explicitado el sentido geométrico del espacio y de su reverso.

³ Sin embargo, se rechaza la posibilidad de construir una utopía positiva, en términos modernos, porque no es posible determinar el futuro. En cambio, lo que sí es posible es establecer cómo “no debe ser”, cosa que es alcanzable, para poder *criticar* el presente o al menos, así se definía la teoría crítica adorniana, antes de paliar por no ser capaces de evitar unos ciertos “sentimientos utópicos” metafísicos (Sloterdijk, 2011: 172).

⁴ Cfr. Freud, S. (1938) Resultados, ideas, problemas. trad. dirigida por J. Laplanche. Resultados, ideas, problemas. II, 1921-1938, Paris, PUF, 1985, p. 288.

Geometrías proyectivas para el espacio. Aunque hay condiciones para hablar de contraespacios desde hace 2500 años, sólo citaremos brevemente alguna clave intencional servil para el discurso general. Mejor trataremos las geometrías desde el momento álgido de representaciones matemáticas del mundo, citando algunas de las más convincentes manifestaciones registrables sobre la noción de contraespacio.

Para los griegos, como ha dicho Enmanuel Lizcano en el Segundo Congreso RESE, el punto, la línea y la superficie no *están en* el espacio, sino que surgen armadas precisamente **contra el espacio**, es decir, para evitar que emerja el espacio. Lizcano continúa diciendo: “la aparición de esas figuras geométricas deben ser entendidas como los límites o bordes de los cuerpos, es decir, aquello que los contiene o mantiene siendo ellos mismos, impidiendo que se des-borden y se aniquilen como tales cuerpos singulares, disolviéndose en un espacio ilimitado que, para aquellas gentes, era impensable”. Instigado por estas razones, cabría pensar que aunaríamos supuestos al colocarlos junto a las *Antilogías* atribuidas a Protágoras, por ser mencionadas en El Sofista de Platón, en lo relativo al arte del contradecir: una cierta capacidad orientada al cuestionamiento de todas las cosas, haciendo de lo más débil lo más fuerte.

Desde esta hipótesis, el *gegenraum* o contraespacio, puede ser descrito en múltiples condiciones y confinamientos hasta nuestros días⁵. Si miramos desde el arte, las *contraconstrucciones* De Stijl arquitectónicas y pictóricas, o los *contrarrelieves* en Vladimir Tatlin, inauguran con el siglo XX el trasvase pendular de lo positivo a lo negativo y viceversa. En términos de Renato Poggioli, especialista italiano en crítica literaria y literatura rusa, se percibiría aquí un anticipo de lo que será la dualidad *ante art/anti art* postmoderna, donde los factores propios de la ante-creación, significativamente negativos, anuncian nuevos pasos para una creatividad positiva (Zurbrugg, 1993:1). Pero nada es por sí mismo y siempre aparecen causas amalgamadas. Si podemos dar intensidad al arte concretando espacios desde su negatividad, es porque valoramos y constatamos en este sentido los trabajos de Robert Morris (*AntiForm*) o de Robert Smithson (*Anti-Travel. Non Site Pine Barrens*, 1968), o incluso el texto de Rosalind Krauss, “*Antivision*”, publicado en la revista *October*, 36, de 1986, que no desarrollaremos más hondamente aquí. En cambio, sí mencionaremos algo más las condiciones geométricas del espacio calado por otras perspectivas, como ya habíamos anunciado. Por ejemplo, conectar un astrónomo y matemático como Louis Locher-Ernst (1903-1962) con un artista como Joseph Beuys (1921-1986), puede ser factible desde los quiasmos con los que hoy toda intelección debe ser debatida, y no siempre es comprendida en este modo, como al hablar del Heidegger que epitomiza el tiempo, cuando a su vez es una conceptualización del espacio, del ser-ahí, en un lugar, como aclara el último capítulo de la recopilación de textos sobre Heidegger, titulado “Sin Salvación” (Sloterdijk, 2011). Los entrelazamientos de ambos personajes se concretan en la *Teosofía*, tercera vía político religiosa para el antiguo piloto derribado de la Luftwaffe, geométrico-religioso para el director matemático del *Goetheanum*, autor del libro “La matemáticas como preparación previa para el conocimiento espiritual”. La Antroposofía de Rudolph Steiner crea un lecho de fondo para ambos, por la que rezuma importancia la

⁵ Ver Tapia, C. (2011) *Reversos del espacio público: contraespacios*.

geometría proyectiva y la aproximación matemática a la idea del contraespacio para entender el cosmos con fundamento espiritual. En sus exposiciones, Locher desarrolla el aspecto matemático en forma de geometría polar-euclidiana y deja la puerta abierta para que otros investigadores encuentren correlaciones con la naturaleza. Dentro del escepticismo que promueven las corrientes sectarias religiosas u ocultistas como fundamento de convicciones existenciales, cabe señalar que como objeto de estudio, habría aquí un manantial caudaloso que registrar. Bien sea por los empujes que estos autores han dado a otros, que se encuadran en el ortodoxo rigor científico, como por la vía contraria, los cambios que la ciencia está asumiendo en su método y en sus formas de búsqueda. Así pues, si hace años podríamos ver con cierta suspicacia o mera metafORIZACIÓN el sentido de las palabras de Lovelock⁶ acerca de la Tierra Gaia, en estos días se puede leer en la prensa especializada el inmenso experimento basado en el recorrido del *dimetilsulfuro*, a escala planetaria, para comprobar que la tierra no es un cuerpo inerte que dio paso a la vida, sino todo lo contrario, es la vida del planeta que reúne a lo orgánico y lo inorgánico, y es lo que da definición a la vida terrestre. Este asunto ya ha sido trazado por científicos con anterioridad a Lovelock, y de derivación antroposófica o teosófica en el grupo de Steiner, usando a los geómetras proyectivos más destacados como referente desde la mitad del XIX. Esta es la razón para intensificar nuestra descripción de los vinculados a este tema en esos años que amplifican la noción de negatividad. En otro artículo hemos señalado la correlación de *mundos otros* (Ersatz World) en el físico David Lewis y sus *counterfactuals*. Con sus elaborados manejos matemáticos en los años 70, se da luz a lo que con anterioridad habían calculado o imaginado como germen de vida, por ejemplo, Ernst Lehrs en su capítulo XII “Space and Counter-Space”, conectando las cuestiones del espacio-tiempo einsteiniano con una multitud de planos proyectivos en el cosmos que alcanzan la cuarta dimensión⁷. Importante será asimismo señalar la revisión que en esas fechas (1957) hace Louis Locher-Ernst de los trabajos de Michel Chasles (1793-1880), insigne matemático que estudia el Principio de Dualidad, en textos como [*Aperçu historique sur l'origine et le développement des méthodes en géométrie 1^a ed., 1837, p. 408*] yendo más allá de lo esperable e introduciendo plusvalías de comprensión del mundo al presentarse sus *Gegenraum* (Contraespacios) como articuladores de las ciencias físicas.

En todos ellos es relevante su inspiración en Goethe y la dimensión polar de las cosas de la naturaleza, concentrable en distintas otras dimensiones. No es extraño que matemáticos como el francés Jean-Victor Poncelet (1788, 1867), heredero del sillón que deja Laplace en la Academia de las Ciencias y autor del Principio de Dualidad⁸ vieran en el literato artista y físico un campo de concurrencias ineludible. Figóls Giné en su libro de corte antroposófico “Cosmos y Gea” explica físicamente qué es un contraespacio

⁶ “...los organismos y el material de su entorno evolucionando como un único sistema acoplado, del cual emerge la prolongada autorregulación del clima y la química en un estado habitable sea cual sea la biota actual”. - Lovelock J. (2003) *The living Earth*. Nature 426, 769-770.

⁷ Es obligado citar aunque sea en el margen los trabajos pioneros del artillero y matemático Esprit Jouffret sobre las 4 dimensiones proyectadas en un plano. Ver su *Tratado elemental de geometría en cuatro dimensiones*, 1903.

⁸ Principio de Dualidad: Todo enunciado de geometría proyectiva plana permanece válido si se sustituyen los puntos por rectas, las rectas por puntos, la concurrencia de rectas por la colineación de puntos, etc. y viceversa.

desde el principio de polaridad: es un espacio opuesto al físico, “que viene determinado por la invariancia de un punto en un infinito único”. Si el espacio físico es un infinito en un exterior, su contraespacio será un infinito en un interior. Por ello es evidente que las matemáticas euclidianas aquí no sirven y el despegue de estas geometrías proyectivas se producirá al amparo de los desarrollos de las nuevas matemáticas, las no-euclidianas.

Nuestra intención no es ser aún exhaustivos ni llegar a formular problematizaciones, que las podemos encontrar, sin duda, sobre estos argumentos, sino ahondar en las posibilidades del empleo de las condiciones de negatividad en nuestros días, y siempre apegados a la comprensión del espacio. El texto de Figóls aporta muchos datos alrededor de lo que supuso el entorno de Rudolf Steiner y él mismo, pero también deja muchos indicios sin armar y requerirá de una mayor correlación y conocimientos, sobre todo en biología, para poder aseverar fehacientemente su utilidad en el marco de los procesos socio-espaciales. Existen otros matemáticos y físicos en las décadas de los 60, 70 y 80 como George Adams von Kaufmann, Lawrence Edwards o Nick Thomas, que podrían ser desarrollados para comprender cabalmente las capacidades de los contraespacios en sentido matemático y matemático-antroposófico. En todo caso, se hace necesario mantener presente un aspecto más que hay trascender en cualquier derivación que podamos tomar: fue Lévi-Strauss el primero en advertir, introduciendo un cierto relativismo más cultural que puramente científico, que la *asociación por contrariedad*, es una organización taxonómica universal que permite poner en orden los reinos vegetal, animal y social (Debray, 2004: 51). En el capítulo *Finale*, de “El Hombre Desnudo”, libro que analiza Debray, Lévi-Strauss habla de la filosofía contemporánea como pose en el llamado Humanismo, por la que dejar ver claramente una exclusión por lo místico para lo científico, y que no alcanza tal escisión, por oponer una alternativa comprensiva, en la mezcla misticismo-música (Lévy-Strauss, 2001:583). Esa *homeostasis*, dicha esta palabra en el sentido de Cannon (1929), en clave psicológica, ha aparecido en distintos momentos de la historia reciente, y no tan reciente. Considerado un arte espurio por historiadores del arte tan relevantes como Panofsky, los iconos bizantinos abrirían la puerta al estudio de lo religioso con la ciencia en los trabajos de Pavel Florenski, sobre la denominada *perspectiva invertida*. La “*Umgekehrte Perspektive*”, llamada así en los mismos años que Florenski (sobre 1907) por Oskar Wulff (Gentil, 2011:167) y que luego hizo de ella una más amplia divulgación Rudolf Arnheim, y una bellísima disertación Zalamea en el texto citado con anterioridad.

En cierta manera, ya podemos adelantar algo de lo que sí ha sido importante en lo social, en el planteamiento urbano, en la arquitectura, de la mano de Henri Lefebvre. Diríamos que en el término *contraespacio* en el filósofo francés, subyace un empleo justo para lo social pero autónomo de otros frentes que ya eran conocidos, y que podría ser otro foco de interés para la red RESE una genealogía conceptual⁹. La continuidad de

⁹ Ver Lefebvre, H. (1970) *Lógica formal Lógica Dialéctica*. Siglo XXI: Madrid. (1946-47). Se pone aquí esta referencia al tratar con dialécticas, de suyo lógicas contradictorias, con base en los textos kantianos. Ello implica una anticipación suficiente como para manejar lo negativo y ser apoyatura para los contraespacios de “La producción del espacio”. No puede faltar el mencionar la gran cantidad de revisiones y actualizaciones del filósofo marxista francés que se están dando en distintos frentes. Citaremos a la revista Urban de septiembre 2011 a febrero 2012 N°02 Espectros

una teorización sobre la base del espacio, posterior a Lefebvre y sobre los contraespacios¹⁰, es fértil de la mano de Foucault, y es de mayor accesibilidad, está relatada en muy diversos foros y por ello no entramos más en detalle aquí, pero diríamos que es, junto con los textos de Bataille, insertos bajo presión en la literatura -y en la arquitectura, como destaca Hollier en su libro “Against Architecture”-, las dos grandes trayectorias que garantizan más productividad para futuras investigaciones, además de la abierta por Oslender para RESE II y que cuenta con una línea específica¹¹, que denominaríamos *contralaboratorios*, en el sentido del Bauman que es comentado por Agamben en “Archipiélagos de excepción”. Agamben (2008, 107-115), en el debate transcrito en el texto de Bauman, explica lo que son los contralaboratorios: “laboratorios territoriales de la contemporaneidad, en los negativos y en los positivos lugares en los que se ensayan las nuevas condiciones de la habitabilidad, de la biohabitabilidad”. La vida excepcional, positivando su negatividad da lugar a claras demarcaciones que deben ser punto de mira de las exploraciones de RESE en el medio plazo.

Este fue el asunto que ocupó de Oslender en 2009. Para el geógrafo político de origen alemán, el marco vital excepcional de los grupos negros en Colombia desafía la presión del capitalismo contemporáneo derivando hacia la producción, en términos de Lefebvre de “espacio abstracto”, donde las leyes del intercambio de mercaderías (*commodities*¹² en inglés) como pensamiento económico dominante han llevado a una *comodificación* de la vida social, pero que estas comunidades han logrado un situarse *ad marginem* o, más concretamente, crear un *contraespacio* a esa presión. En este sentido, será de especial notabilidad incorporar a este discurso los trabajos de Nancy Lee Peluso, y sus *counter-mappings*, que permiten por sí mismos luchar contra las estructuras de poder dominante, y así hemos podido vislumbrarlo en las investigaciones del nodo de RESE en la Universidad de Antioquia y por el interés señalado por el profesor Piazzini.

de Lefebvre/Specters of Lefebvre, como una fuente, quizá no exhaustiva, sí muy completa para ser tenida en cuenta.

¹⁰ Ver Lefebvre, H. (1961) The production of Space. Capítulo Contradictory Space, pág 292.

¹¹ Véase, a modo de estudio de caso, entre muchos otros: *Why the Black Kids Sit Together at the Stairs: The Role of Identity-Affirming Counter-Spaces in a Predominantly White High School*. Dorinda J. Carter. The Journal of Negro Education, Vol. 76, No. 4 (Fall, 2007), pp. 542-554. Pero también, y en el repaso que hace Bauman, los trabajos de Heinrich Klotz, Michel de Certeau, George Perec, Jacques Derrida, Peter Sloterdijk, Massimo Cacciari, Giacomo Marramao, Immanuel Wallenstein, Tiqqum, Andreas Huyssens, Patrizia Mello, Vilém Flusser, Boris Groys, Hommi Bhabha, Calvino, Ilya Kabakov o Dam Spencer, donde todos ellos conforman los límites provisionales de un territorio en el que emergen cuando menos, las propuestas sobre una *nueva espacialidad*.

¹² La mercancía (en inglés, commodity) en economía es cualquier producto destinado a uso comercial. Al hablar de mercancía, generalmente se hace énfasis en productos genéricos, básicos y sin mayor diferenciación entre sus variedades. Hoy en día son considerados como *commodities* muchos activos financieros siempre y cuando no sean considerados como valores / securities, tales como las divisas, las tasas de interés o de referencia, los índices bursátiles, etc. (Definiciones dadas por Enrique Vila-Matas al diario El País).

Pero aún diríamos más, si el pensamiento del Siglo XX puede conducirse por la senda de lo *ex negativo*¹³, será por los preciados escritos de Nietzsche¹⁴ y Kierkegaard, que tanto han servido para esos años donde Cacciari¹⁵ ha trabajado el Negative Denken. Pero no nos vamos a resistir a dar breves apuntes de posibilidades de estudio de lo negativo en la filosofía. Heráclito establece el juego de opuestos en el devenir, es decir, la noción de que todo lo que es, lo es también en su contrario. Esto puede ser nombrado con otro término, la *Enantiodromía*¹⁶. Más en nuestros años, pero no por ello con mayor precisión que los términos heraclitanos, el filósofo Slavo Žižek da la razón a su compañero Alain Badiou al rechazar éste la *anti-filosofía* lacaniana. Žižek se pregunta si el verdadero sentido de la filosofía proviene de los hiatos e intersticios abiertos por desplazamientos “patológicos” en el edificio de lo social. Estos estragos que son causados por el derrumbe de la construcción del pensamiento por el empuje –traumático dirá Žižek- del psicoanálisis. Más que cerrar el hiato, lo que se propone para la filosofía, es un enfrentamiento de opuestos. Ciertamente que el duro libro “Órganos sin cuerpo” no acomoda nuestros supuestos desde las mismas trazas, pero corren en paralelo, y sus miradas cruzadas nos invitan a acrecentar las posibilidades de lo negativo, en las distintas acepciones que hasta ahora se han ido desgranando aquí.

Las exploraciones que en estos momentos estamos realizando para poder dar consistencia a nuestras hipótesis se centran en estas posiciones, que se expondrán en futuros encuentros de la red:

- a. **Contrapoder.** Resistencia, insurrección y poder constituyente representan la figura trinitaria de la esencia única del contrapoder, según Negri¹⁷ y el propio Manuel Castells¹⁸.
- b. **Antitrago.** Actividad antagonística doble (o plural), productora de objetos a considerar como resultados de una colaboración negativa, que ninguno de los adversarios reconoce como suyos. Jean Paul Sartre¹⁹ y Manuel de Landa²⁰.

¹³ Se denomina *Erisofía* la forma de pensamiento que considera que todo lo existente tiene su contrario, que trata de destruirlo a costa de su propia existencia. Materia y Antimateria sería una extensión física de esta misma reflexión.

¹⁴ Milan Kundera, en su libro *Los testamentos traicionados* llega a decir:

“Por su rechazo del sistema, Nietzsche cambia a fondo la manera de filosofar: tal como lo definió Hannah Arendt, el pensamiento de Nietzsche es un pensamiento experimental. Su primer impulso es el de correr lo que está inmovilizado, socavar sistemas comúnmente aceptados, abrir brechas para aventurarse en lo desconocido; el filósofo del porvenir será un experimentador, dice Nietzsche; libre de ir en distintas direcciones que pueden, en rigor, oponerse”.

¹⁵ Ver, *The Unpolitical: on the radical critique of political reason*. Fordham Univ. Press. 2009

¹⁶ Del griego *enantios*, contrario, opuesto, y *dromos*, carrera. Correr en sentido contrario. Puede entenderse mejor si decimos: de la vida nace la muerte, de la juventud, la vejez.

¹⁷ *Guías. Cinco lecciones en torno a Imperio*, Antonio Negri, Ed. Paidós.

¹⁸ *Communication, Power and Counter-power in the Network Society*. Manuel Castells. International Journal of Communication 1 (2007), 238-266

¹⁹ Jean Paul Sartre. TOMO II de la Crítica de la Razón Dialéctica. Losada. 1960.

²⁰ Mercados y antimercados en la economía mundial, Manuel de Landa. En, *Tecnociencia y cibercultura. La interrelación entre cultura, tecnología y ciencia*. Paidós: Barcelona. 1998.

- c. **Antiarquitectura.** Es la resistencia económica, estratégica, s obria a la resistencia sólida de la pétreo fort aleza que alberga y legitim a un habitar nostálgico, teleológico, y fascinado por la belleza²¹. Deconstrucción.

Sobre este último aspecto, que era el punto fundacional de los objetivos que declaramos al inicio, daremos una mayor clarificación en el apartado siguiente. No obstante, volvemos a limitarnos a acondicionar el campo, para encontrar diálogos con otros investigadores, dado que no es posible una extensión mayor en este lugar.

3. Contraespacios y arquitectura.

“No se puede desarrollar una arquitectura no-euclidiana sin entrar en el espacio-tiempo”.
Paul Virilio y Sylvère Lotringer, *Amanecer Crepuscular*, 2003. pág. 43.

A modo sincopado de cierre y capítulo, que recoja en uno las condiciones de lo dicho hasta ahora pero en el seno de la acción arquitectónica, citaremos el artículo clave, a nuestro juicio, y el de numerosos historiadores de la arquitectura²², que se nutriría de todo lo dicho con anterioridad y permite su revisión concretar comprensiones con intenciones postreras.

El artículo se titula “Espacio y Antiespacio” en su versión posterior Argentina, aunque su original fue publicado en 1980. Su autor, S. Kent Peterson, denomina al antiespacio como un espacio fluido, continuo, abierto, abstracto, indiferenciado y dinámico (1980:88-113). Sobre este texto (Montaner, 2002) construye un capítulo de su libro, aunque no acabamos de entender las razones por las que llega a titular lo que no se describe más prolijamente en su interior. Aquí se encuentra una disquisición bien conocida en la diferencia en el Siglo XX de las nociones de lugar y espacio, como ya había indicado Solá-Morales en su “Topografía de la Arquitectura Contemporánea”, sin ir más lejos, pero que en el caso de Montaner (2002:50) se ajusta a nombrar el artículo y a una coda final: “El lugar y el no lugar –como el espacio y antiespacio- son polaridades límite. El espacio casi nunca es delimitadamente perfecto de la misma manera que el antiespacio casi nunca es infinitamente puro. (...) En nuestra condición presente, espacios, antiespacios, lugares y no lugares se entrelazan, complementan, interpenetran y conviven”.

Desde nuestros supuestos, podemos exigir ir más allá. Podríamos estudiar de nuevo las propuestas de Luigi Figini para el lugar de la *anti-city* en el seno la misma ciudad, buscando nuevas formas de vida colectiva, siguiendo a Le Corbusier y creando una casa (1934-35)²³ de gran interés para ser objeto de estudio. No sólo porque Kent Peterson entronca con la Geometría Proyectiva, y desarrolla una propuesta para su propia obra arquitectónica –aunque más dudosa que su teorización-, sino porque encontramos desde esa casa hasta nuestros días, múltiples condiciones que refuerzan

²¹ Definición de Deconstrucción, aplicable a la arquitectura del filósofo Patricio Peñalver.

²² Ver Montaner, J. M. (2002) *La modernidad superada: ensayos sobre arquitectura contemporánea*. Gustavo Gili: Barcelona.

²³ Publicada en *Domus* 99/Marzo 1936.

nuestras hipótesis y permiten comprender procesos no desvelables de otro modo. Kent Peterson comienza su artículo con la frase: “La forma en que se supone que existe es el marco de nuestra percepción del mundo. El espacio como idea es el calificador intangible de nuestra visión de las formas, de la ubicación, de la dimensión, y establece la medida relativa entre las cosas físicas”.

Explorar al arquitecto Figgini, a Cedric Price en su Fun Palace, a Lebbeus Woods con su antijerárquica antiarquitectura, o las exploraciones deconstructivas de Salinger, los manifiestos contramatéricos para la arquitectura, la planta imaginada por Nabokov para el apartamento de Gregorio Samsa, o comprender porqué la Bienal de Arquitectura de Rotterdam del 2011 tenía por título Anti-Site, son retos que podemos y debemos acometer en el seno de RESE.

En todo caso, es de aplicación la máxima de Fabrice Zimmer²⁴ al rescatar a Baudrillard que en la sociedad de nuestro tiempo, todo lo que está "contra" acaba por asegurar la permanencia del "por". Lo había dicho Baudrillard en “Estrategias fatales” a propósito del *Dead point*: un punto muerto “en el que todo sistema franquea este límite sutil de reversibilidad, de contradicción, de puesta en discusión, para entrar viviente en la no-contradicción, en su propia contemplación extrema, en el éxtasis...”

No es éxtasis lo que se ha de buscar en las partículas negativas, sino verdaderas reveladores del sentido del Espacio.

3 Referencias

Altshiller CourtSource, N. (Review) *Raum und Gegenraum. Einführung in die neuere Geometrie*. By Louis Locher-Ernst. Philosophisch-Anthroposophischer Verlag am Goetheanum, Dornach, Switzerland. The American Mathematical Monthly, Vol. 65, No. 8 (Oct., 1958), p. 644

Bauman, Z. (2008) Archipiélagos de excepción. Katz: Buenos Aires.

Bricmont, J./Debray R. (2004) A la sombra de la Ilustración. Debate entre un filósofo y un científico. Paidós: Barcelona.

Cacciari, M. "Sulla genesi del pensiero negativo", en Contropiano 1, 1969 + *Pensiero negativo e razionalizzazione*. 1973 + *Krisis, Saggio sulla crisi del pensiero negativo da Nietzsche a Wittgenstein*. 1976

Daguerre, M./ Lupo G. *Entrevista con Massimo Cacciari*. Revista Materiales 5, PEHCH-CESCA, Buenos Aires, marzo de 1985. Número especial sobre la actividad del Departamento de Historia de la Arquitectura de Venecia.

Fígols Giné, F. (2007) *Cosmos y gea: Fundamentos de una nueva teoría de la evolución*. Kairós: Barcelona.

²⁴ Entrevista a Sloterdijk por Fabrice Zimmer, publicada en *Magazine Littéraire*, mayo de 2000.

- Florenski, P. (2005) *La perspectiva invertida*. Ed. Felipe Pereda. Trad. Xenia Egórova. Madrid Siruela
- Gentil Baldrich, J. M. (2011) Sobre la supuesta perspectiva antigua (y algunas consecuencias modernas). IUACC: Sevilla.
- Hollier, D. (1992) *Against Architecture: The Writings of Georges Bataille*. MIT Press.
- Kent Peterson, S. Classical vs. Modern Space Making, "Space and Anti-Space", *The Harvard Architecture Review: Beyond the Modern Movement*, vol. 1, spring 1980, (Cambridge: MIT Press, 1980), pp. 89-113.
- Lehrs, E. (1950) *Man or Matter. Introduction to a Spiritual Understanding of Nature on the Basis of Goethe's Method of Training Observation and Thought*. The Project Gutenberg eBook [EBook #5641] 2004.
- Lévy-Strauss, C. (2001) *El Hombre Desnudo*. Siglo XXI: Madrid.
- Liernur, J. F. (2003) *Acerca de la actualidad del concepto simmeliano de metrópolis*. *Estudios Sociológicos*, num. enero-abril, pp. 89-103.
- Oslender, U. (2011), La búsqueda por un contra-espacio: ¿Hacia territorialidades alternativas o cooptación por el poder dominante? En, *El territorio como Demo: demo(a)grafías, demo(a)cracias y epi-demias*, Universidad Internacional de Andalucía, Sevilla.
- Pasqualotto, G. (1981) *Pensiero negativo e civiltà borghese*. Guida Editore: Napoli.
- Perniola, M. (1977) *Georges Bataille e il negativo*. Feltrinelli: Milano.
- Quetglas i Riusech, Josep. "Un fantasma recorre Europa". Carrer de la ciutat, nº 7, 1979. Ediciones del Cotal, S.A. Barcelona.
- Sloterdijk, P. (2011). *Sin salvación. Tras las huellas de Heidegger*. Akal: Madrid
- Sloterdijk, P. (1999) *Esferas II*. Siruela: Madrid
- Tapia, C. (2011) *Reversos del espacio público: contraespacios* En, *Planos de (Inter)Sección: Materiales para un Diálogo entre Filosofía y Arquitectura*. Luis Arenas & Uriel Fogué (eds.). Lampreave: Madrid.
- Zalamea Traba, F. (2011) *La figura y la torsión. Pasado y presente de una visión ondulada del mundo*. Valencia: Edicions. Alfons el Magnànim.
- Zalamea Traba, F. (2010) *Razón de la frontera y fronteras de la razón*. Bogotá: Editorial Universidad Nacional – Obra Selecta.
- Zurbrugg, N. (1993) *The parameters of postmodernism*. Carbondale and Edwardsville: Southern Illinois University Press.

La frontera del miedo global: proteger para ser

Natália De' Carli Humanes¹

¹ Grupo de Investigación OUT_Arquías, Universidad de Sevilla, España

Resumen. La liberalización relativa de las fronteras nacionales a través de los procesos de globalización (internacionalización, migración, difusión de los medios de comunicación), ha propiciado que todo el mundo sienta su identidad cada vez más amenazada frente al poder global. Estos dispositivos globalizadores destacan por su capacidad de construir nuevas configuraciones culturales, que muy difícilmente pueden ser comprendidas o asimiladas en un solo territorio nacional. Ya no es posible entender la globalidad sin una mirada cosmopolita, sin la distinción entre lo interior y lo exterior, entre nosotros y ellos y mediante los flujos asociados al riesgo global. Por otro lado, estamos asistiendo al colapso de la sociedad de riesgo desde que, a través de una lógica transnacional cosmopolita, los temores y miedos han derribado las fronteras y los muros de los territorios nacionales a un ritmo y alcance considerable. Así, en el intento de reflexionar sobre los territorios del miedo en los espacios globales encontramos el poder de la tecnología como refuerzo de nuevas herramientas de vigilancia y control sin fronteras que siguen siendo incapaces de ordenar o controlar la convivencia humana, los temores individuales, los riesgos globales y la vida pública. En este sentido, frente a la paradoja de la identidad cosmopolita, que unifica el mundo tanto como lo fragmenta, lo divide y lo destruye, a la vez que funda nuevas solidaridades y conexiones transnacionales.

Palabras Clave: Frontera - Globalización - Miedo - Identidad -
Cosmopolitismo

1 La identidad cosmopolita trans nacional en la sociedad de riesgo global

La frontera puede definirse como una línea de separación y de contacto entre dos estados (Lacoste 1995). Para que exista una frontera debe, necesariamente, existir una discontinuidad o ruptura entre dos modos de organización del espacio, entre dos o más sociedades en algunos casos antagónicas. La discontinuidad que es lo que caracteriza a toda frontera; puede que no solamente sea territorial, si no económica, lingüística y hasta religiosa, que pueden o no coincidir con la frontera geográfica.

La liberalización relativa de las fronteras nacionales a través de los procesos de globalización (internacionalización, migración, difusión de los medios de comunicación), ha propiciado que todo el mundo sienta su identidad cada vez más amenazada frente al poder global. Estos dispositivos globalizadores que están modificando las fronteras nacionales destacan por su capacidad de construir nuevas configuraciones culturales, que muy difícilmente pueden ser comprendidas o asimiladas en un solo territorio nacional (Ortiz, 1998).

Estas identidades territoriales denominadas por Beck como “neonacionalistas” difieren de las identidades nacionalistas fascistas que se produjeron en el siglo XX, pues no se orientan a campañas militares de conquista ideológica más allá de sus propias fronteras, sino que se caracterizan como un “nacionalismo introvertido” que se encuentran a la defensiva frente a la invasión del mundo global (Beck, 2003a).

Beck su discurso sobre la identidad cosmopolita¹ y afirma que ya no es posible entender la globalidad sin una mirada amplificada y diversa, sin la distinción entre lo interior y lo exterior, entre nosotros y ellos y mediante los flujos culturales asociados a los procesos de globalización. También nos dice que todavía, en la actualidad, hay una tendencia por limitar lo propio frente a lo extraño para que se mantengan la identidad, la política, la comunidad, la sociedad y la democracia, y titula esta acción como la teoría de la identidad excluyente (Beck, 2003a).

El paradigma de la teoría territorial de la identidad, vinculada a estas actitudes nacionales de cierre, de defensa y protección de sí mismas es denominado por Beck como la prisión de la propia identidad y afirma que:

“no se debe separar y organizar a las personas unas contra otras para que sean conscientes de sí mismas y puedan actuar políticamente” (Beck, 2003a:3).

¹ Norbert Bilbeny, en la misma línea de Beck (2003), habla de una condición cosmopolita que ya no puede ser negada en ningún lugar del planeta. Hoy se trata de un discurso apriori o trascendental que exige otra mentalidad. Véase BILBENY, Norbert. *La identidad cosmopolita: Los límites del patriotismo en la era global*. Barcelona: Ed. Kairos. 2007: 44.

En el caso específico de la identidad cosmopolita, Beck nos habla de la ampliación de los espacios de integración transnacionalizados, cuando a través de los medios de comunicación nos aproximamos a imágenes conmovedoras que nos generan una compasión cosmopolita y que nos llevan a posicionarnos y a actuar frente a las problemáticas globales tras ver como niños y civiles sufren y mueren injustamente en África, Irak, Palestina o Israel. Pero el autor deja muy claro que es una actitud equivocada la de suponer que esta empatía cosmopolita llegue a sustituir a la empatía nacional.

Esta empatía cosmopolita es descrita por las frases de Wideman y Preston:

“Os veo, 100 hombres Negros (...) Os veo encarcelados. Os veo enjaulados. Os veo domados. Veo vuestro dolor. Os veo luchando. Os veo en alerta. Veo lo que queréis. Veo lo que necesitáis. Os veo rechazados. Veo vuestra Sangre. Veo vuestra Enfermedad. Te veo, hermano. Te veo sobrio. Te veo amado. Veo tu paz. Veo tu hogar. Te veo escuchar. Veo tu amor. Te veo en él. Te veo. Te veo. Te veo. Me veo...Definitivamente, quiero ser tú” (Wideman;Preston, 1995: 21)

Los autores expresan mediante estos versos el sentimiento de ponerse en el lugar del otro, de sentir por el otro, de sufrir como el otro, y hasta querer ser el otro, porque se conmueven, sienten compasión y sufren la injusticia, aunque después se olviden, se conformen y se acomoden frente a la situación.

Así, en la raíz de la globalización política, económica, o cultural, la propia realidad se ha vuelto cosmopolita (Alvarez Diaz, 2008). Así, ante estas circunstancias, Beck plantea la adopción de esta nueva mirada cosmopolita con un sentido global donde no existan fronteras. Reivindica:

"una mirada cotidiana, históricamente despierta y reflexiva, una mirada dialógica a las ambivalencias que existen en el entorno caracterizado por las diferenciaciones en el proceso de desaparición y las contradicciones culturales. No sólo nos muestra los “desgarramientos”, sino también las posibilidades de conformar la propia vida y la convivencia en la mezcla cultural. Es al mismo tiempo una mirada escéptica, sin ilusiones y crítica consigo misma” (Beck, 2003:12).

De esta forma, en la concepción cosmopolita descrita por Beck, *“nuestra propia vida se convierte en un espacio de nuevas experiencias que se vinculan a la globalización”*, así que es necesario reconocer las múltiples identidades que coexisten en cada uno de nosotros. La mirada cosmopolita posee un:

“sentido del mundo, es lúcida y busca establecer un diálogo con las numerosas ambivalencias que se dan en la época actual, que se caracteriza por las diferenciaciones en vías de

desaparición y las contradicciones culturales” (Alfieri, 2006:2).

Ya no se pueden analizar los fenómenos que se están desarrollando en el mundo actual con una mirada nacional, ya que estos son, en esencia, fenómenos cosmopolitas: los peligros de la gripe A, el cambio climático y la nueva competencia global en el mercado laboral, entre otros riesgos globales.

En este sentido Delanty dice que:

“hablar de cosmopolitismo es hacer referencia a la transformación de la autocomprensión como resultado de un compromiso con otros sobre temas de relevancia global. El cosmopolitismo está, por tanto, involucrado en la identificación de procesos de autotransformación originados en el contexto del encuentro con otros” (Delanty, 2008:37).

Se refleja en el pensamiento de Delanty como ya no se pueden intentar resolver aisladamente los problemas de una nación, ya que estos adquirieron dimensiones globales, rompieron las barreras y límites territoriales hasta el punto de que para resolverlos es necesario un diálogo y una acción global. Este diálogo y acción global se tienen que desarrollar a través de formas de cooperación política positivas en una dirección cosmopolita, es decir, se han de desarrollar más allá de las preocupaciones económicas y de seguridad para poder tratar las injusticias globales. Por eso, el cosmopolitismo no puede ser interpretado como un producto directo de la globalización, sino más bien como el resultado de las relaciones de tensión y de las dinámicas transformadoras del encuentro entre lo local y lo global.

Delanty nos propone un *cosmopolitismo crítico*, que consiste en la reacción y articulación de modos comunicativos de apertura mundial en los que las sociedades experimenten una autotransformación donde se configuren nuevas formas culturales y espacios para el discurso que conduzcan hacia un cambio en el mundo social.

Por su parte, Ghalioun utiliza el término *cosmopolítica* para hablar de nuestro mundo contemporáneo, y sostiene que la cosmopolítica supone, la superación de la visión nacionalista deviene de la condición de toda aproximación que quiera ser eficaz en la lucha contra los peligros ecológicos, el terrorismo, la inseguridad y el desarrollo económico (Ghalioun, 2008:112). Por esta razón, la cosmopolítica, en Ghalioun, es sinónimo de esta aproximación global percibida como condición del establecimiento de una estrategia planetaria.

Pero, ¿a qué se debe este *boom* del cosmopolitismo y esta necesidad de la cosmopolítica? ¿Cómo es que de repente nos hemos dado cuenta de que todos vivimos en el mismo planeta y que podemos y debemos compartir los espacios? Sin duda, el desarrollo de la tecnología de la imagen nos ha abierto una ventana que nos ha dispuesto en la posibilidad de verlo casi todo y ponernos en el lugar de los otros;

pero también el desarrollo de los medios de comunicación nos ha facilitado una movilidad mundial hasta ahora desconocida.

Según Beck, nos encontramos en un momento de *cosmopolitismo forzado*, donde se diluyen las fronteras nacionales. Lo lejano y lo distante se está convirtiendo en lo inclusivo, y la vida cotidiana se está haciendo más amplia. La gente busca encontrar un sentido a su propia vida en el intercambio e influencia con personas de otras partes del mundo.

En estas relaciones que configuran la cultura global, las diásporas, los diferentes movimientos transnacionales en los cuales las identidades y culturas se acaban mezclando y representan el cosmopolitismo diverso e híbrido descrito por Urry. Este autor sostiene que la movilidad se expresa en procesos diferentes como la modernidad reflexiva y la complejidad global, donde personas, mercancías, tecnologías y culturas son móviles, y ya no son sólo flujos, sino relaciones en red organizadas como nuevos tipos de espacios y procesos temporales. En este sentido, la movilidad y la hibridación aparecen como las características principales del cosmopolitismo (Urry, 2002).

En este sentido, Beck destacará que este momento cosmopolita puede construir un sistema basado en el reconocimiento de la dignidad del otro y de la diversidad cultural. Sin embargo, lo que le asusta es que en el siglo XXI los principios fundamentales de la modernidad, como la racionalidad, la democracia y la libertad se están convirtiendo en algo opcional. Están siendo cuestionados y retados y deben ser renegociados. Por ello nos dice que:

“estaría bien si la racionalidad vigilante mantuviera realmente las cosas bajo vigilancia; estaría bien si realmente sólo el consumo y el humanismo nos aterrorizaran; estaría bien si la posibilidad de colapso de nuestros sistemas pudiera restaurarse con reformas en el marco de los estados-nación y con "ofensivas de innovación tecnológica"; estaría bien si las fórmulas repetidas de más mercado, más tecnología, más crecimiento, más flexibilidad pudieran aliviar a los corazones intranquilos. Pero hay muchas más cosas en juego. Es la tentación y el horror del anti-modernismo; el miedo a que el tejido de nuestras dependencias materiales y obligaciones morales pueda rasgarse, y a que el sensible sistema operativo de la sociedad del riesgo mundial pueda colapsarse” (Beck, 2008:7).

El colapso de la sociedad del riesgo ya está ocurriendo, cuando los temores y miedos en una lógica transnacional cosmopolita derribaron las fronteras y los muros de los territorios nacionales y avanzaron en una velocidad hacia todos, por todas partes. Estamos vinculados a una tenue red de interrelaciones y riesgos globales, y dependemos de las predicciones o soluciones de los riesgos calculables para, por lo menos, vivir una incertidumbre para los riesgos impredecibles. Aun así, delimitar el

espacio o el territorio del miedo en este escenario de riesgo global ya se torna imposible. El ciudadano cosmopolita se enfrenta al miedo en su solitaria introspección, pero lo comparte socialmente con otros ciudadanos, próximos o lejanos.

Si quisiéramos identificar cual es la identidad del espacio en la sociedad de riesgo global, empezariamos por describir el espacio global que ya une y articula a todos en esta red de flujos. Sin duda, los medios de comunicación, Internet, el no-lugar caracterizado por la movilidad de personas y mercancías, y el mercado financiero global aparecen como espacio identitario de la sociedad de riesgo global, que unifica los miedos a la vez que segrega las personas. Por eso, identificar los espacios identitarios de la sociedad actual nos lleva a reflexionar sobre cuál es el territorio del miedo en esos espacios globales. ¿Hacia dónde va? ¿Dónde empieza y donde termina? ¿Cómo reacciona el ciudadano cosmopolita ante el miedo?

En estas preguntas esenciales se mezclan datos contradictorios a la teoría de identidad cosmopolita y a la sociedad de riesgo global. No obstante, sus respuestas son fundamentales, aunque no completamente definitivas para comprender el miedo y como este dialoga, condiciona y define nuestra actuación en los espacios de las ciudades globales.

Según Castells los territorios nacionales se desintegraron en contacto con las nuevas tecnologías de la información y de la comunicación y, en lugar de ser capaces de dominarlas, estas ahora controlan y dominan con su poder las interconexiones y la descentralización, socavando realmente la lógica centralizadora de las instituciones nacionales. Así, en el intento de responder y reflexionar sobre los territorios del miedo en los espacios globales, encontramos el poder de la tecnología como refuerzo de nuevas herramientas de vigilancia y control sin fronteras.

En este sentido, frente a la paradoja de la identidad cosmopolita, que unifica el mundo tanto como lo fragmenta, lo divide y lo destruye – de la misma manera que funda nuevas solidaridades y conexiones transnacionales – la búsqueda del entendimiento de los espacios identitarios globales no podría consistir en un retorno forzado hacia el pasado nacional, y aun menos a un cierre defensivo mediante nuevas fronteras globales. Así que los límites del territorio del miedo en esos espacios globales acompañan la lógica de la identidad cosmopolita: sin límites trazados, sin lugar determinado, sin comienzo ni final - el ser humano mediante esta identidad adquieren alas y raíces al mismo tiempo que la destruyen. Cuando los Estados-nación son ya incapaces de ordenar o controlar la convivencia humana, o los temores individuales, o los riesgos globales y la vida pública, recomponer por sí mismo un mosaico identitario y sus lazos queda en manos de las personas, lo que a su vez genera un panorama de individualización segmentada del mundo actual (BECK, 2003).

Así que en la constelación postnacional es importante definir y fijar las oposiciones, diferencias y fronteras en el conocimiento de la semejanza fundamental de los otros – a los que nos aproximamos cada día más - sujetos a la velocidad

cosmopolita de los flujos identitarios (Beck, 2003). En este sentido, las fronteras con los otros dejan de ser oscurecidas o bloqueadas, haciéndose cada vez más transparentes – ora por la velocidad de información, ora por la vigilancia.

En este ámbito, para que la identidad cosmopolita se legitime como paradigma de la sociedad de riesgo es necesario que la ciudadanía alcance también una dimensión mundial, para que la integración, interconexión e interrelación del mundo o su unificación no signifiquen marginalización o exclusión a escala planetaria. Hay que hacer posible un proceso de igualación progresiva y consciente de las tecnologías de información y comunicación en un impulso de democratización de la vida internacional que tenga en cuenta los riesgos, temores e incertidumbres globales. Una reconstrucción desde la base, acerca de quien controla los aparatos de dominación para redemocratizarlos, redistribuirlos y homogeneizarlos en su diversidad.

A falta de tal programa, es de temer que esta identidad cosmopolita alcance dimensiones utópicas en el escenario intelectual mundial, pero que no llegue a aportar nada más que una alienación sensible ante los problemas de los pueblos y naciones víctimas de la cosmopolitización impuesta por una lógica de poder y dominación económica y comercial que destruye, fragmenta y excluye a los que no son capaces de defenderse.

BIBLIOGRAFÍA:

Alfieri, Carlos 2006, *Entrevista a Ulrich Beck: "Mi cosmopolitismo es realista, autocrítico, incluso escéptico"*. Revista Occidente. N° 296. En. <<http://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=1367870>> pagina consultada el 11.10.2009

Alvarez Diaz, Enrique 2008, *Fronteras: transitoriedad y dinámicas interculturales*. Revista CIDOB D'AFERS Internacionals, N° 82-83, pp.185-190

Beck, Ulrich 1998, *La sociedad del riesgo: hacia una nueva modernidad* [1986]. Paidós, Barcelona.

_____ 2003, *La mirada cosmopolita o la guerra es la paz*. Paidós, Barcelona.

_____ 2003, *La cuestión de la identidad*. El país 11 de noviembre de 2003 En: <<http://www.scribd.com/doc/18653838/Beck-Ulrich-La-Cuestion-de-La-Identidad>> pagina consultada el 28.09.2009

Bilbeny, Norbert 2007, *La identidad cosmopolita: Los límites del patriotismo en la era global* 44, Editorial Kairos, Barcelona.

Castells, Miguel 1998, *La era de la información. Economía, sociedad y cultura. Vol.2 El poder de la identidad*, Alianza, Madrid.

Delanty, Gerard 2008, *La imaginación cosmopolita*. Revista CIDOB D'AFERS Internacionals, N° 82-83, pp. 35-49

Ghalioun, Burhan 2003, *La utopía cosmopolítica*. Revista CIDOB D'AFERS Internacionals, N° 82-83, Septiembre, pp. 109-116

Lacoste, Yves 1995, *Préambule*. En: Grimson, Alejandro. (Org.) (2000), *Fronteras Nacionales e Identidades* La Crujía, Buenos Aires.

Ortiz, M. Laura Velasco 1998, *Identidad cultural y territorio: una reflexión en torno a las comunidades transnacionales entre México y Estados Unidos*. Región y Sociedad. Vol. IX. N°15. pp, 105-130.

Urry, John 2002, *Global Complexity*. Polity Press, Cambridge.

Wideman, Daniel; Preston, Rohan 1995, *Soulfires: Young Black Men on Love and Violence* Penguin Books, Toronto.

Movilidad e Incertidumbre de las Fronteras: Sobre la Separación y la Unión en las Sociedades Contemporáneas

Mariano Pérez Humanes¹

¹ Escuela de Arquitectura, Universidad de Sevilla, España

Resumen. La frontera más que un obstáculo o un hecho físico, más que una división espacial y territorial, pertenece a la esencia misma del separar y unir a los humanos: la vida en común o la vida sin los otros es lo que no nos jugamos. A finales de los años ochenta del siglo pasado, la desregularización de las relaciones sociales, la decadencia del estado-nación y la libre circulación en buena parte del territorio mundial parecían augurar un mundo globalizado donde las fronteras estatales dejarían de tener sentido en poco tiempo. Entrados ya en siglo XXI estamos constatando un modo completamente diferente de estar y concebir la vida en el planeta. Un permanente estado de incertidumbre se ha generalizado y va inseparablemente unido a una acelerada destrucción-construcción de fronteras y a la desaparición-aparición de viejas-nuevas formas de vida. Desde esta perspectiva intentaremos reflexionar sobre algunos procesos socioespaciales donde la separación y la unión se convierten en acciones claves.

Palabras Clave: Fronteras - Movilidad - Procesos Socioespaciales - Espacios de Excepción - Formas de Vida

“La generación de europeos a la que pertenezco creció en un mundo de fronteras fijas, de límites glaciares: congelados, parecía que para toda la eternidad, por la guerra fría. Ahora, en la época del deshielo, los límites se funden, se deslizan, se sumergen y reemergen por todas partes.”
(Víctor Burgin: 2004, 165)

“Esta sociedad, que suprime la distancia geográfica, concentra una distancia interior a modo de separación espectacular.”
(Guy Debord, 1999:144)

1 Ergotopianos y Dionisiacos: las fronteras en los espacios de trabajo y en los espacios de ocio¹

Peter Sloterdijk en su texto *Esferas III*, dedicado a las espumas, pone toda su atención en el modo en el que los hombres acaban constituyendo grupos, comunidades o sociedades. Sobre todo, se interesa por los vínculos que se establecen entre los individuos y sus relaciones en el espacio. En su primer capítulo, *Insulamientos*², nos ofrece una teoría de las cápsulas, de las islas e inverna deros, a través de un modelo antropoespacial de desarrollo completo donde el espacio del hombre, la antroposfera, aparece como un espacio de nueve dimensiones (topos) que interactúan entre sí y donde los grupos se desarrollan³.

Aquí sólo nos vamos a ocupar de desarrollar las relaciones que se establecen en el ergotopo y su actualización en las ciudades contemporáneas. Para ello, intentaremos formular algunas aproximaciones y diagnósticos sobre el concepto de comunidad y sobre el papel que la arquitectura y otras disciplinas están jugando en la promoción o desactivación de estos procesos socioespaciales.

¹ Esta es sólo la primera parte de un ensayo más extenso que se completa con dos capítulos más: 2. *Estigmatizados e Integrados: las fronteras en los espacios públicos* y 3. *Ciudadanos y Apátridas: las fronteras en los espacios de excepción*.

² Después de ocuparse de lo que él denomina islas absolutas e islas atmosféricas acaba centrándose en las islas antropógenas. En su exploración sobre el misterio topológico de este insulamiento acaba afirmando que “el hecho humano surge de un fenómeno de aislamiento, en el que el papel del aislador sigue inacabado todavía.” (Sloterdijk, 2006: 275)

³ Las nueve dimensiones o topos son: quirotopo, fonotopo, uterotopo, termotopo, erototopo, alethotopo, thanatotopo, nomotopo y ergotopo, que será el espacio en el que nos vamos a centrar en este ensayo. Véase Sloterdijk, 2006:275-381

El término ergotopo proviene de ergo (obra, trabajo) y topo (lugar). Por tanto, es el lugar del trabajo, aquel espacio donde se realiza una obra en común. Según Peter Sloterdijk es “el espacio en el que se reparte cooperativamente el peso de las tareas” y para ello, “sus habitantes, los ergotopianos, están unidos en comunidades de esfuerzo.”⁴

Para profundizar algo más recurriremos a otros dos conceptos: la *communitas* y la *inmunitas*. “La *communitas* se caracteriza por la libre circulación del *munus*⁵-en su doble aspecto de don y de veneno, de contacto y contagio.” (Espósito, 2009) Los miembros de la comunidad comparten y poseen el *munus*, se intercambian la *munia*, los regalos. El *munus* los vincula pero también los compromete. Por esta razón, en la comunidad no hay espacio para la distancia, sus miembros están siempre abiertos al contacto, o mejor, en continuo contacto. En la comunidad los individuos están tan juntos que podríamos decir que se disponen unos sobre otros. Pero es, precisamente, porque el *munus* está circulando libremente, por lo que los miembros de la comunidad acaban dependiendo del propio *munus*.

En cambio la *inmunitas* es aquello que desactiva el *munus*, lo que detiene el intercambio. Así al derogar el *munus* se reconstruyen nuevos confines protectores hacia el exterior del grupo y entre sus propios miembros. Inmunizarse supone marcar distancia, poner barreras, y esa tarea ha sido la preferida de la arquitectura. Desde que existen, los arquitectos no han hecho otra cosa que delimitar, acotar y trazar fronteras⁶

⁴ Sloterdijk, 2006:315-316

⁵ El término *munus* está compuesto etimológicamente de la raíz mei- (dar a cambio) y del sufijo -nus, que lo dota de cierto carácter social. El *munus* entra en juego como objeto de intercambio que, según muchos autores, es casi siempre compensatorio. En nuestro entorno más próximo existe la frase de “hoy por mí, mañana por ti”, para indicar que aquello que se realiza será cobrado en el futuro. Pero es Marcel Mauss quien en su Ensayo sobre el don de 1923 (véase Mauss, 2009) nos advierte que las ofrendas y los regalos no tienen un trasfondo altruista y desinteresado sino que se manejan socialmente como mecanismos de dominación.

Aquí no sólo estamos ante el refrán de “nadie nada por nada”, sino que esos intercambios surgen como lo que se ha venido en llamar “los favores”, donde la devolución se convierte en obligatoria. Así los dones no son nunca gratuitos sino que se convierten en una continua obligación de hacer regalos, costumbre que ha perdurado en nuestras sociedades posmodernas y que, en el mundo occidental, tiene en las fiestas de Navidad su máxima expresión social.

⁶ “Ya la sociedad antigua atribuía a la frontera una función fundamental de ordenación frente a un mundo dado originariamente en común y por tanto destinado al caos y a la violencia recíproca. El único modo de circunscribirla, si no de abolirla, parecía el de trazar fronteras resistentes, cavar fosos insuperables, entre un espacio y el otro. El lingüista Emile Benveniste recordó la relevancia simbólica de esta actividad de demarcación de fronteras, identificando en ella el papel más antiguo del rex: el de regere fines, el de trazar confines rectos e intraspasables entre una tierra y otra. Fines y limes son las palabras mediante las que los antiguos romanos se referían a esta necesidad primaria de limitación del espacio, hasta el punto incluso de hacer del «término» un dios, el dios Terminus.” (Espósito, 2009)

Por tanto, si aquel que pertenece al ergotopo, a estas comunidades de esfuerzo, está envuelto en obligaciones y tributos, pero es miembro de la comunidad; a quien se dispensa de estas imposiciones es, en sentido preciso, *immune, sin obligaciones, sin trabajo, un liberado*. Existe una canción popular extremeña que recoge expresamente esta situación. Dice así:

*¿No trabajas tu Simón?
Le pregunta la tía Eustoquia,
yo no soy de la pirroquia,
los que trabajan lo son.*

El ergotopo nos está ayudando a entender uno de los modos de vinculación entre los humanos, a través del trabajo. Pero la resistencia al mismo ha hecho surgir una primera cuestión al respecto. ¿En qué lugar queremos desarrollar nuestro trabajo y qué tipo de vínculos queremos mantener con él? ¿Queremos pertenecer a un ergotopo, a una comunidad de esfuerzo, con todas las obligaciones que ello conlleva o preferimos estar liberados⁷?

Cuando vemos a una comunidad trabajando el vínculo que proporciona el esfuerzo común salta a la vista. Generalmente, el trabajo en equipo se realiza con un mismo modo de vestir, de llevar el sombrero (cuando se lleva), una misma manera de disponer el cuerpo, de ensuciarse (si es un trabajo *sucio*) o de acomodarse (si es un trabajo *limpio*). Así, trabajando, se forman parte de un ergotopo y ello entrelaza de un modo u otro a los humanos. En los trabajos físicos los trabajadores se rozan, se tocan y se huelen unos a otros. La tarea exige que no haya distancia entre ellos: el munus está activado. El esfuerzo aúna a los ergotopianos en una comunión, en una lucha por la supervivencia. Podríamos decir que todo ello hace evidente la obra común que están realizando.

Pero si esa evidencia parece aflorar como la lógica del trabajo, ya no parece tan claro que personas que no están necesitadas, se unan del mismo modo en una comunidad de esfuerzo. Entonces, ¿por qué lo hacen? ¿Por qué continúan compartiendo un mismo espacio y manteniendo esa *philoponía*, ese amor al esfuerzo?

Donde más claramente vemos esto es en los deportes colectivos donde el esfuerzo por el equipo es comparable a la de un duro trabajo. No obstante, Peter Sloterdijk nos dice que “cuando el esfuerzo se desliga del grupo y se convierte en asunto de individuos extraordinariamente dotados, surge el atletismo.” En estos casos, “el sentido del esfuerzo y su clasificación en lo real se transforma ostensiblemente: cuando los rivales se enfrentan mutuamente, lo que les importa ya no es una obra de necesidad

⁷ No deja de ser curioso que es este el término que se utiliza para designar al trabajador representante de los trabajadores y que los sindicatos acaban denominando trabajador liberado o simplemente, liberado. También Sloterdijk hace hincapié en esta idea de extensión de la no-cooperación cuando se pregunta: “¿se puede decir ya que la <sociedad> moderna constituye un colectivo de traidores al colectivo? (Sloterdijk, 2006: 409)

común de su grupo; el agón deportivo no es una guerra, ni una cosecha, ni la construcción de una muralla. Más bien es el sentido de representación y superación de sus rendimientos el que se coloca en este caso en primer plano, aunque a menudo las ciudades (y en esto las naciones modernas hacen igual) consideren a sus atletas como delegados suyos e interpreten sus éxitos como hechos colectivos.”⁸ (Sloterdijk, 2006:318) En este sentido, asistimos a una división del colectivo ergotópico que tiene en el estadio deportivo su expresión más plausible: *deportistas tensos*, sincronizando sus esfuerzos y *espectadores relativamente distendidos*, proyectándose en el esfuerzo de sus ídolos.

En el camino de la representación y espectacularización del esfuerzo los Juegos Olímpicos de Berlín de 1936, últimos juegos celebrados antes de la Gran Guerra, ocuparon un papel trascendental ya que constituyeron el acto de espacialización más completo del espectáculo moderno. Las palabras de Guy Debord en *La Sociedad del Espectáculo* cuando nos dice que “la exterioridad del espectáculo en relación con el hombre activo se hace manifiesta en el hecho de que sus propios gestos dejan de ser suyos, para convertirse en los gestos de otro que los representa para él;”⁹ nos están hablando de esa actitud pasiva del espectador frente al espectáculo. Ya somos conscientes con él de que “el espectáculo no debe identificarse con la simple mirada, ni siquiera combinada con la escucha. Es más bien aquello que escapa a la actividad de los hombres, a su reconsideración y a la corrección de sus obras. Es lo contrario del diálogo. El espectáculo se constituye allí donde hay representación independiente.”¹⁰ Y así, “una parte del mundo se representa ante el mundo, apareciendo como algo superior al mundo”¹¹. Aislada y separada del mundo pero, sin duda, incuestionable¹².

Todo ello puede ya observarse en las imágenes de los Juegos Olímpicos de Berlín donde triunfó la más estricta racionalización del espacio del hombre, donde una comunidad impuso sus reglas al resto de comunidades.¹³ Casi setenta y cinco años

⁸ En los últimos tiempos nos hemos acostumbrados a ver como los campeones de las más diversas disciplinas deportivas son recibidos en sus ciudades natales como auténticos héroes y son todos declarados hijos adoptivos.

⁹ Debord, 1999:49

¹⁰ Debord, 1999:43

¹¹ Debord, 1999:49

¹² Niklas Luhmann en *La realidad de los medios de masa*, refiriéndose al fenómeno del entretenimiento nos dice que “los espectadores están incluidos como terceros excluidos –como ‘parásitos’, en el sentido de Michel Serres.” (...) “Esto significa que los medios de masas mismos son parásitos de segundo orden. Parásitos que parasitan en la parasitez de los espectadores.” Ante ellos, “se aprende a observar a los observadores –y sobre todo en vista del modo en que reaccionan a las situaciones, por consiguiente a la manera en que ellos mismos se observan. Allí, en calidad de observadores de segundo orden, se es más astuto, pero también se está menos comprometido que aquel a quien se observa.” (...) “el que actúa entiende su acción a partir de la situación, el observador, en cambio, tiende a atribuir la acción a ciertas cualidades del actor.” (Luhmann, 2000:88-89) y por lo tanto, o lo idolatra o lo aborrece, en cualquier caso, casi nunca se siente responsable directo de la acción.

¹³ Al respecto es interesante el ensayo de Hermann Schitz titulado *Adolf Hitler in der Geschichte*, Bonn, 1999, donde “se retrata a Hitler como artista de instalaciones y director de

más tarde el Love Parade de Berlín, convoca a una masa informe y diversa alrededor de diferentes camiones-musicales. En este acto festivo-musical se ha optado por la liberación del deseo frente a la no realización del esfuerzo. Un colectivo que con forma de colectivo comparte el espacio berlinés todos los años en un fin de semana de julio donde la mezcla y la contaminación se convierten ahora en las únicas normas¹⁴.

No obstante, y salvando las enormes distancias de estos dos ejemplos en el espacio berlinés, no podemos negar que las comunidades aún continúan esforzándose y constituyéndose en comunidades de esfuerzo. Por esta razón, la pregunta que nos hacemos ahora es: ¿Por qué se esfuerzan las comunidades? ¿Qué hay en ellas para que se ponga en marcha la cooperación? Y, sobre todo, ¿en qué momento esa cooperación es máxima? Peter Sloterdijk afirma -de la mano de Heiner Mühlmann, autor del libro *Naturaleza de las Culturas*- que en un principio las razones por las que los individuos se esforzaban en las tareas comunes eran absolutamente familiares (con la aceptación de su carácter totalitario-informal) y generalmente se fundaban en la evidencia de la situación y en las costumbres. Pero, aunque todo ello comenzó con los dictados de la tradición y con ritos de iniciación, poco a poco fueron consolidándose las categorías sociales y esas reglas de lo social se fueron imponiendo como órdenes que había que aceptar y que se incrustaban en la propia opinión pública.

Sloterdijk va a argumentar además que en “el ergotopo domina la síntesis social por estrés”, o dicho de otro modo, que lo que hace que los individuos cooperen en las tareas de la comunidad son los casos críticos, esos momentos o situaciones en las que el grupo se juega a vida o muerte. Evidentemente, es la creación de un peligro máximo la que juega en todo ello un papel crucial. Da igual cómo surge ese peligro, e incluso, da igual que sea real o imaginario, porque como dice el propio Sloterdijk las culturas “crean la realidad en la que creen, y creen en la realidad que ellas producen”.¹⁵ De este modo, la creación de un enemigo, de aquello que se reconoce, sin concepto, sin reflexión, como objeto de un desafío necesario y de un enfrentamiento inevitable; hace que la guerra se imponga en toda línea como el fin primordial cultural de los pueblos.¹⁶ Por tanto, el objetivo que se trazan los grupos es eliminar esos momentos de estrés, es decir, reducir al máximo los casos críticos, y salir victoriosos de las guerras contra los diversos enemigos.

El planteamiento de Sloterdijk reflexiona en primer lugar sobre la capacidad de cohesión de lo social que poseen esos momentos críticos y de máximo estrés. “El secreto de la coherencia del grupo estresado por el esfuerzo consiste en su capacidad de no desmoronarse, incluso sometido a la presión más alta.”¹⁷ En estos momentos el grupo responde ergotópicamente, repartiendo las tareas y aceptando su ejecución, y

escena comunitario, cuyo talento consistió en la escenificación de situaciones (capciosas) incluyentes de naturaleza comunitario-popular” (Sloterdijk, 2006:693)

¹⁴ Véase Pérez Humanes, Mariano, 2003:173-175.

¹⁵ Sloterdijk, 2006:323.

¹⁶ Véase Sloterdijk, 2006:322-323.

¹⁷ Sloterdijk, 2006: 320

ergonómicamente, adaptando sus cuerpos al medio. Así, la capacidad de sincronizar sus esfuerzos se vuelve máxima y acaba convirtiendo al grupo en una unidad efectiva de supervivencia. Esto nos recuerda el planteamiento que Walter Benjamin hacía del juego en su ensayo *Tener buena mano*: el juego, nos decía Benjamin, “es en realidad un peligro creado artificialmente, y el acto de jugar es poner a prueba –hasta cierto punto blasfemamente- nuestra sangre fría, pues en el peligro el cuerpo sabe salir adelante sin contar con la cabeza. Es más tarde, al dar el suspiro de alivio, cuando buscamos una explicación a lo que hemos hecho, porque, mientras actuamos, nos adelantamos a nuestra razón, y el juego está proscrito precisamente porque provoca inconscientemente lo mejor y más preciso de nuestro organismo.” (Benjamin, 1997:103-104)

Ese peligro creado artificialmente que ve Benjamin en el juego y que proporciona en el individuo una respuesta inconsciente de lo mejor de nuestro organismo, es lo que Sloterdijk denomina *estado de excepción* en la formación de las comunidades de esfuerzo. Para él, “el estado de excepción no es la forma secularizada del milagro, sino la forma politizada de una situación estándar biológica, situación a la que los cuerpos... responden con un programa innato, endocrinológicamente dirigido, de extrema liberación de energía y solidarización sintónica;”¹⁸ y que, por tanto, el grupo resuelve sincronizadamente y solidariamente. En este sentido, “el grupo se va configurando así mismo, en un proceso al menos trifásico, hasta convertirse en sujeto de la gran cultura con un proyecto territorial, temporal o imperial”.¹⁹

Todo ello se acaba representando y no sólo en los rituales del triunfo sino también en los de la derrota donde se explicita la revancha o la reconstrucción. En los desfiles militares todavía permanece esa forma de expresar el espíritu bélico de cada comunidad. Pero hoy día estas representaciones se han trasladado al deporte²⁰ o al baile donde la coreografía juega un papel fundamental. Basta recordar a las bailarinas berlinesas de los años 30 de la República de Weimar, a las Roquetas del Radio City Music Hall de New York o contemplar la versión más contemporánea de las nadadoras de gimnasia rítmica, para comprobar que no sólo visten de igual modo sino que se funden en un hipercuerpo con una clara respuesta ergotopiana. Constituyen, sin duda, una comunidad de esfuerzo a la que se le puede aplicar, sin miedo a equivocarnos, las palabras de Sloterdijk en su descripción del funcionamiento del ergotopo: “responden con un programa innato, endocrinológicamente dirigido, de extrema liberación de energía y solidarización sintónica.” (Sloterdijk, 2006:320).

¹⁸ Sloterdijk, 2006:320

¹⁹ No nos detendremos en las tres fases que Sloterdijk destaca de este proceso, ya que se puede seguir perfectamente en su libro *Esferas III*. Aquí sólo las nombraremos: 1ª: Fase de Pre-Estrés (formación de la unidad cooper ante: paranoia del enemigo); 2ª: Fase de Mayor Estrés (fusión en un hiper cuerpo y respuesta psicomecánica de cooperación) y 3ª: Fase Post-Estrés (valoración de lo ocurrido: decorum)

²⁰ Véase el equipo nacional de rugby de Nueva Zelanda denominado All Black, que antes de cada partido realizan la danza maorí, una especie de danza de guerra. Elías Canetti nos dice que “Ver a trescientas cincuenta personas saltando, sacando la lengua y girando los ojos a la vez debe de dar una impresión de unidad insuperable.” (Canetti, 2002: 28)

También nos sirven las palabras de Elías Canetti cuando en *Masa y Poder* nos dice “Todo aquello que en un hombre puede moverse adquiere vida propia, cada pierna o cada brazo vive como para sí solo. Los distintos miembros acaban coincidiendo todos. Están muy próximos entre sí, y con frecuencia descansan unos sobre otros. A su equivalencia se añade así su densidad; densidad e igualdad se vuelven una única y misma cosa. Y ante nosotros baila finalmente una sola criatura de cincuenta cabezas, cien piernas y cien brazos que actúan todos exactamente de la misma manera o con la misma intención. En su excitación extrema, estos hombres se sienten realmente un sólo ser.” (Canetti, 2002: 26)

En estas palabras llama la atención el énfasis que Elías Canetti pone en lo característico de estas formaciones: su *densidad* e *igualdad*, su condición de convertirse en una *única cosa*, una *sola criatura*, un *solo ser*. El ergotopo es la expresión máxima de la unidad, todos juntos forman un único cuerpo que funciona sincronizadamente y esto ha trascendido como imagen y ha estado incrustado en el ideal de perfección moderno. Tendremos que saltar a los años setenta para observar una ruptura de estos comportamientos ergotopianos, al menos en la danza. Los ensayos de ruptura de la armonía en Arnold Schönberg y John Cage, entre otros, quedan ya muy lejos pero no se han olvidado. Será Giorgio Agamben el que nos haga recapacitar sobre la extrañeza que le produjo el spot publicitario de *Collants Dim* en su campaña de los setenta. Al intentar responderse sobre lo que ocurre en ese audiovisual Agamben nos dice que el truco consistía en grabar independientemente a cada modelo y montarlas unas junto a otras bajo una misma banda sonora. Así, nos dice, que el cuerpo nos aparece “perfectamente comunicable, íntegramente iluminado”, (Agamben, 1996: 33) E ilusoriamente relacionado, añadimos nosotros; porque las imágenes individualizadas y yuxtapuestas nos muestran ya una nueva situación.

Pero no parece que estemos aquí ante la representación de un ergotopo, ni que esto sea una comunidad de esfuerzo. Cada bailarina tiene sentido en sí misma y no parece compartir con el resto más que su disposición, o mejor, su yuxtaposición. Coexisten en su máxima separación, sobreexpuestas como en un escaparate o en un cartel. Curiosamente, eso es lo que está ocurriendo en la ciudad. Los individuos aparecen juntos compartiendo el mismo espacio, aunque ya ni siquiera se miran. Es posible que la aceleración de la vida urbana haya contribuido a la proliferación de este fenómeno, del mismo modo que algunas imágenes de la ciudad²¹ han dilatado nuestra visión y nos han ayudado a comprender cómo se encuentran los individuos en los nuevos ámbitos urbanos: los ciudadanos, convertidos en *Collants Dim*, nos hemos acostumbrado a bailar como transeúntes inmersos en un flujo ininterrumpido donde la independencia y el anonimato son las características propias de nuestra época²². El individuo se funde así con otros individuos que apenas conoce, forma parte de esa

²¹ Véase Pérez Humanes, 2008.

²² Este fenómeno de la diferencia y la individualidad se ha llevado a todos los aspectos de la vida donde la moda ha ocupado un papel importantísimo. Recuérdese que una especie de *remake* de las *Collants Dim* se vivió con la creación del grupo musical femenino Spice Girls.

yuxtaposición conjunta, de ese collage donde otros objetos e imágenes compiten con él por el espacio de la ciudad.

Sin embargo, ya no podemos aceptar que estos dos modos de producirse en los espacios cierren las posibilidades de relación entre los humanos, como tampoco podemos resignarnos a que nuestra sociedad se haya visto abocada a esa insignificancia del individuo, a su aislamiento o la simple coexistencia con los otros y con las cosas. Nos resistimos a pensar que frente al comportamiento cooperativo en el ergotopo sólo existe la alternativa de ese estado zombi del ciudadano que deambula sin destino por la gran ciudad; que hoy solamente es posible elegir entre dos caminos contrapuestos: la máxima unidad del hipercuerpo ergotopiano o la separación y la desactivación de las relaciones humanas. Existen otros modos de unión entre los hombres más allá de la comunidad creada alrededor del trabajo, porque, como defiende Maffesoli, “la causalidad o el utilitarismo no pueden explicar por sí solos la propensión a asociarse.” (Maffesoli, 2004: 101)

Hay que explorar por tanto esos espacios del ocio y del disfrute donde cada vez más gente se une y comparte sus cosas, sus deseos, sus ilusiones y, sobre todo, su tiempo. Pero, no se trata de un simple traslado del colectivo ergotopiano a los nuevos fenómenos de empatía (religiosos, musicales, deportivos u otras nuevas tribus). Hay razones más que suficientes para pensar que estamos ante un salto dimensional en la concepción de los modos en los que se reúnen los individuos, ante nuevos colectivos dionisiacos donde los afectos y la corporeidad en las diversas situaciones²³ priman por encima de cualquier otro tipo de relación. Desde esta renovada estetización de la vida el hecho de experimentar con otros una emoción conlleva el lujo de compartir vibraciones comunes. “No olvidemos que el lujo nos recuerda que, al lado de la simple funcionalidad, es importante que haya dislocaciones [luxées]. La luxación de la vida se inscribe en el vasto perímetro de un homo ludens tan necesario, si no más, que un homo faber.” (Maffesoli, 2009:91)

Parece que se nos ha olvidado que en ese compartir los sentimientos, en esa *convivialidad* que consiste en darse calor, está la verdadera argamasa que hace que los mortales continuemos reuniéndonos. Poco importa ya que esa reunión sea virtual o actual. Las diversas maneras de reunirse -sea a través de la red (la reunión de los internautas es virtual pero nunca falsa) sea en los espacios residuales de la gran ciudad-, están propiciando una nueva socialidad de la que todavía desconocemos sus límites. En estos momentos de renovado fervor casi religioso ya no se necesita un lugar específicamente diseñado para llevar a cabo las ceremonias de encuentro. Por ello, y a pesar de las inhumanas condiciones espaciales “las grandes ciudades se han convertido en campañas en las que los barrios, los guetos, las parroquias, los territorios y las diversas tribus que lo habitan han sustituido a las aldeas,

²³ Adam Smith decía que “la simpatía no surge sobre todo los afectos, sino más bien de la situación, que es la que produce los afectos” (Adam Smith, *The Theory of Moral Sentiments*, 1759, citado según la traducción alemana, Leipzig, 1926, tomo 1, p.9. Citado por Luhmann, 2000:89)

ayuntamientos, comunas y municipios de antaño. Pero como es necesario reunirse alrededor de una figura tutelar, el santo patrón que se venera y festeja es sustituido por el gurú, la celebridad local, el equipo de fútbol o la secta de modestas dimensiones.” (Maffesoli, 2004: 102)

Estas comunidades dionisiacas se extienden a lo largo del planeta y no responden a un único fin ni a un único dios. La diversidad de sus componentes, su proliferación en cualquier lugar y la multiplicidad de sus objetivos refuerzan la incertidumbre y las posibilidades de su propia existencia. “Concentraciones mundiales de la juventud, peregrinaciones a Santiago de Compostela o a Chartres, fiestas rituales hindúes a orillas del Ganges, cultos de posesión afrobrasileños, fiestas marianas diseminadas por el mundo, celebraciones de Halloween, y demás comidas del Ramadan son miríadas las manifestaciones de este orden cuya relevancia es imposible negar.

En cada uno de estos casos, el pretexto doctrinal tiene poca importancia. Ante todo, se trata de vibrar en compañía. De entrar en comunión y, eventualmente, en trance. La religiosidad ambiente debe entenderse en uno de los sentidos etimológicos que se atribuyen a esa palabra: el deseo, el placer, de estar *religado* al otro. Ya sea este otro el grupo, la naturaleza o la divinidad. Religancia fundamental, que relega el individualismo a la categoría del pasado moderno.” (Maffesoli, 2009: 61)

Pero si queda clara esta observación de Maffesoli sobre el componente dionisiaco²⁴ que poseen estas manifestaciones tan diversas, donde el goce y lo festivo se hace cada vez más presente; las últimas manifestaciones producidas en el norte de África, incluido el movimiento del 15-M de los indignados españoles, nos hablan, salvando las diferencias y los objetivos, de una pluralidad donde es difícil identificar una única postura política y una única dirección. En estos verdaderos movimientos de masa, “la masa es esa misma cosa que se basta a sí misma, que no se proyecta, no se finaliza, no se *politiza*’, sino que vive el torbellino de sus afectos y de sus múltiples experiencias. Por eso es la causa y el efecto de la disolución del sujeto. En mi jerga, yo diría que es dionisiaca, confusional. (...) Cada uno participa de este ‘nosotros’ global. (...) está hecha de ‘nosotros’ y de proximidad.” (Maffesoli, 2004: 136) Estamos, pues, ante una nueva potencialidad de los colectivos humanos y de la religancia de las personas y las cosas. Porque estas manifestaciones ya no se hacen “a partir de la nada por el solo y único intelecto del todopoderoso, se *hacen* a partir de un real primario donde los afectos, las emociones, los instintos tienen su parte. Todo ello traduce un orden, pero un orden movedido, un orden que «implica» todos los estratos del individuo y de la comunidad.” (Maffesoli, 2008: 15) Un orden nuevo, abierto a la pluralidad de los individuos y de la comunidad que viene o que puede venir.

²⁴ Como dice Maffesoli, “Dionisio es un dios ctónico, terrestre, dios enraizado, dios del goce. Él simboliza el consentimiento a la vida.” (Maffesoli, 2008: 12) Pero sobre todo es “un Dios con cien nombres. Metáfora, si la hay, de la pluralidad existente en el seno de cada uno de nosotros. Cristalización de sus múltiples potencialidades buscando expresarse.” (Maffesoli, 2008:26)

BIBLIOGRAFÍA:

- Agamben, Giorgio 1996, *La Comunidad que Viene* Pre-textos, Valencia
- _____ 2004, *Estado de Excepción* Ariadna Hidalgo, Buenos Aires
- _____ 2006, *Homo Sacer. El Poder Soberano y la Nuda Vida* Pre-Textos, Valencia
- Bauman, Zigmunt 2004, *Modernidad Líquida* F.C.E., Buenos Aires
- _____ 2006, *Confianza y Temor en la Ciudad. Vivir con Extranjeros*. Barcelona: Arcadia
- _____ 2008, *Archipiélago de Excepciones + Comentarios de Giorgio Agamben y Debate Final* Katz Editores, Barcelona
- Benjamin, Walter 1997, “*Tener Buena Mano*”, en *Historias y Relatos* pp. 96-106, Península, Barcelona
- Burgin, Víctor 2004, *Ensayos* Gustavo Gili, Barcelona.
- Canetti, Elías 20 02, *Masa y Poder* Círculo de Lectores. Galaxia Gutemberg, Barcelona.
- Debord, Guy 1999, *La Sociedad del Espectáculo* Pre-Textos, Valencia.
- Espósito, Roberto 2009, “*Comunidad y Violencia*” Revista Minerva, N° 12.
- Luhmann, Niklas 2000, *La Realidad de los Medios de Masas* Anthropos, Barcelona.
- Maffesoli, Michel 2004, *El Tiempo de las Tribus. El Ocaso del Individualismo en las Sociedades Posmodernas Siglo XXI*, México
- _____ 2008, *La Comunidad Localizada. Variaciones sobre las Sensibilidades Posmodernas*, Revista de Estudios Avanzados 6(9) pp. 7-30
- _____ 2009, *Iconologías. Nuestras Idolatrías Posmodernas* Península, Barcelona.
- Mauss, Marcel 1971, *Ensayo sobre el Don. Razón y Forma del Cambio en las Sociedades Primitivas [1923]* Tecnos, Madrid
- Pérez Humanes, Mariano 2003, *Sociedad y Autorepresentación: la Imagen de lo Global*, Revista de Historia y Teoría de la Arquitectura, 4-5, Departamento de HTCA. Universidad de Sevilla, Sevilla

_____ (2008) *La Imagen Poética de la Ciudad Contemporánea: entre la Ausencia y el Vacío*. Revista República de las Letras, Nº 108 julio-agosto, 2008, pp. 71-98 ACE, Madrid

Sloterdijk, Peter 1999, *Patria y Globalización*, Spiegel Spezial (junio de 1999)

_____ 2003; 2004 y 2006, *Esferas I; II y III* Siruela, Madrid

Los espacios subversivos. Refugios y oposiciones frente al poder establecido

Marta López Marcos¹

Investigadora en formación, dpto. HTCA, Universidad de Sevilla, España

Resumen. En los años 70 Henri Lefebvre caracterizaba el espacio como algo moldeable política e ideológicamente, nunca neutral y siempre intencionado. Este pensamiento, que deriva parcialmente de una ruptura con la espacialidad euclidiana que venía gestándose desde hacía tiempo, se hace hoy aún más evidente con la instrumentalización política y económica del territorio y el espacio público. Si el ciudadano no puede despegarse físicamente de esta imposición, quizás el único margen de maniobra que le queda para significarse y moldear el espacio con sus propias manos sea el reverso del espacio público. Durante el siglo XX es posible encontrar ejemplos que desde otras disciplinas preceden esta voluntad de convulsionar las bases de lo políticamente correcto y mostrar visiones alternativas. El recorrido por el pensamiento político de Lefebvre, desde su posición heterodoxa frente al marxismo como telón de fondo, servirá como base teórica para el análisis de realidades específicas. Desde un contexto político y social muy concreto como la República Popular de Polonia en los 50 y la perspectiva artística y arquitectónica de Stanisław Zamecznik, Oskar Hansen o Lech Tomaszewski, se buscará a través de una serie de conexiones y paréntesis desde la percepción del arte el diálogo con una realidad espacio-temporal diferente, la de la China actual, que representa al mismo tiempo la contradicción e integración entre unas raíces políticas comunes con la antigua Unión Soviética y el capitalismo más salvaje del siglo XXI.

Palabras Clave: Contraespacio - Socialismo - Arte espacial - Soportes de intermediación - Arquitectura

Antes incluso de que Lefebvre hablara expresamente en *Reflexiones sobre la política del espacio* de éste como algo inseparable de las ideologías y, por tanto, cambiante y maleable, el filósofo alemán Herbert Marcuse ya había retratado en *El hombre unidimensional* a una sociedad moderna oprimida por su propio bienestar, por unas necesidades ficticias creadas desde su interior en favor del capital y de quienes ostentan el poder económico. Toda la estructura está maquillada bajo esa *conciencia feliz* (según Marcuse: la creencia de que lo real es racional y el sistema social establecido produce los bienes) que camufla todo viso de culpabilidad y error en el sistema y desplaza el pensamiento negativo de la propia sociedad. Esto conlleva a una situación más que forzada, en la que el ser humano se diluye en un sistema global y múltiple que ha hecho del mundo en el que se mueve un producto más, un escenario prefabricado a base de imágenes y objetos de consumo fácilmente digeribles por su razón anestesiada. Ya no hay por tanto más espacio abstracto e inocente, como el concebido por la geometría euclidiana, sino espacio instrumentalizado a favor de unas u otras corrientes.

Frente a este panorama desolador, es inevitable que sea el propio ser humano, ya sea como individuo o colectivo, el que tome las riendas para construir su propio espacio desde una posición crítica y, lo que resulta más complicado, luchar por mantener su autenticidad y sentido durante el mayor tiempo posible ante el sistema predominante, que tiende a fagocitar cualquier reducto que amenace su hegemonía.

Cuando en el pasado Congreso RESE Ulrich Oslender hablaba, entre otros aspectos, de la organización territorial por parte de las FARC dentro de Colombia, se planteaba una búsqueda de, en términos de Lefebvre, un contraespacio, un alterespacio, positivando la negatividad, desde el ámbito geopolítico, al organizarse como un territorio subversivo y contrapuesto al oficial, pero igualmente existente y además desplegado en su reverso, puesto que no es pensable que éste exista sin aquél.

Esta territorialización alternativa se contrapone a un poder ya establecido, y aunque naturalmente sus consecuencias político-sociales puedan ser éticamente discutibles, ilustra de manera muy clara la tesis lefebvriana del espacio como producto. En el mismo sentido, no puede dejarse sin relacionar el concepto de *contrapoder* que desarrollan Hardt y Negri, que se resume en tres componentes: resistencia, insurrección y poder constituyente¹.

¹ Las tesis de Hardt y Negri han sido criticadas en varias ocasiones por A. Boron, entre otras cosas por hacer inconscientemente suyas tesis neoliberales en su argumentación sobre el capitalismo.

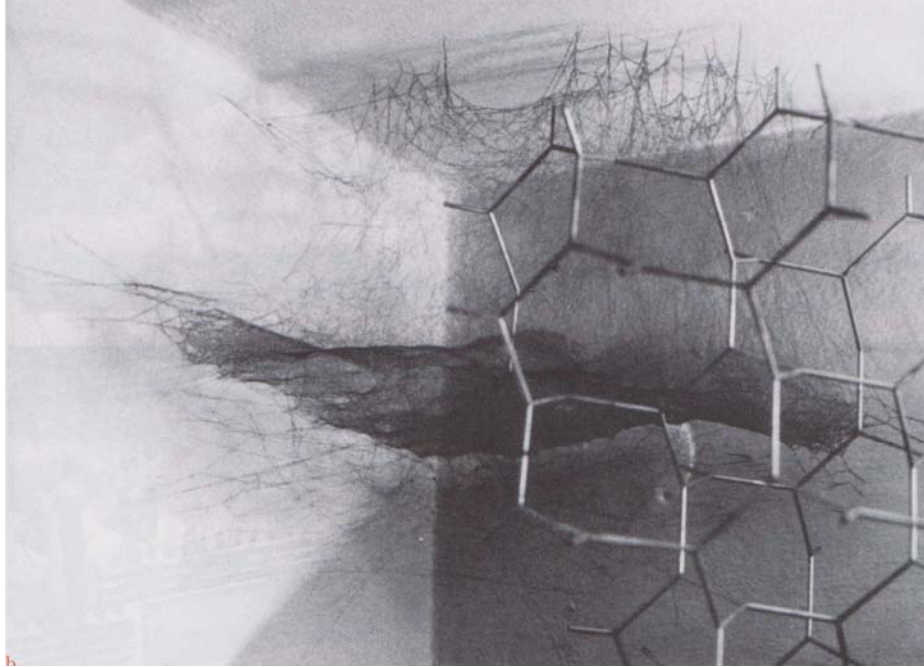


Fig. 1. *Netting- experimento con tela de araña, Lech Tomaszewski, años 70*
(AgnieszkaPutowska- Tomaszewska)²

°Más allá de consideraciones políticas, la búsqueda de un contraespacio puede realizarse a través de vías muy numerosas, entre ellas por la arquitectura, que podría definirse de forma general como la construcción del espacio mismo. Sin embargo, ya se ha comprobado que la arquitectura y el urbanismo son fácilmente manipulables, y por tanto, es complicado imaginar, más en un momento histórico como el actual, que desde ambos pueda llevarse a cabo una propuesta alternativa y consistente frente a la ciudad contemporánea, que ha perdido el sentido (García Canclini, 1989). La arquitectura, que tradicionalmente ha sido la disciplina que ha abordado la construcción del espacio, padece hoy de cierta indeterminación y tiende en muchas ocasiones a convertirse en una herramienta en manos del poder establecido. Esto no quiere decir que la arquitectura sea irrelevante para la búsqueda de una espacialidad alternativa, pero lo que parece evidente es que ésta debe emprenderse desde la transdisciplinariedad y puntos de vista plurales. Como Sloterdijk apunta en el tercer volumen de sus *Esferas*, la morfología del espacio humano ya no corresponde paradójicamente- al globo único y central, sino a la espuma frágil, múltiple y efímera.

² Las imágenes 1, 4 y 5 aparecen en la publicación de la exposición *Space Between Us* que tuvo lugar en el pabellón de la asociación de Arquitectos de Polonia del 7 de octubre al 7 de noviembre de 2010.

Por este motivo, es lógico que las rupturas con el espacio establecido aparezcan, desde una escala más reducida, en terrenos más abiertos y ambiguos, más alejados en definitiva de la mano del poder y por consiguiente, mucho más cercanos al propio ser humano.

Resultaría absurdo intentar exponer en un texto de estas características la metodología e intentos que desde disciplinas como el arte, la filosofía o las matemáticas han surgido para dar respuestas a esta problemática, ya que su número y complejidad son inabarcables. De este modo, únicamente se hará referencia a una serie de realidades concretas y acotadas cercanas a la nuestra, situadas todas ellas en una temporalidad consecutiva y en escenarios políticos derivados de una misma raíz ideológica, aunque con diferencias muy notables. Así podrá establecerse una comparación desde una perspectiva histórica que da pie a posteriores incursiones de mayor profundidad y a continuar indagando en la generación de espacios subversivos desde una perspectiva multifocal como antídoto contra la instrumentalización disciplinar por parte del poder establecido.

Como ya se ha dicho, el espacio pierde su inocencia desde el momento en el que se asocia a una ideología cualquiera. Pero antes de poder siquiera plantearse una escisión de los vínculos entre espacio y sistema dominante, fue necesaria una ruptura previa con las imposiciones y cadenas que recaían sobre el espacio como tal y su percepción. Foucault (1967) señala a Galileo como uno de los hitos principales en la *desacralización* del espacio³, pero también añade que aún hay trabajo por hacer, falta una *desacralización práctica*. La predominancia de la geometría euclidiana en el espacio de la edad moderna, que Lefebvre argumenta en *La producción del espacio*, desemboca en una tendencia a la percepción pasiva del mundo sensible por parte del individuo. La representación perspectiva, el espacio cartesiano y el auge de la geometría pura son algunas de las consecuencias que más tiempo ha costado disolver y despegar del espacio contemporáneo.

En este sentido, el arte de las vanguardias fue, si no el primero, sí el principal abanderado de la nueva espacialidad, por supuesto junto a toda la carga y desarrollo teóricos que lo precedían. En Europa aparecen a principios de siglo XX nuevos laboratorios de experimentación a varios niveles, impulsados por la necesidad de explorar y conocer las posibilidades del espacio ocultas hasta entonces. Surgen así escuelas como la *Bauhaus* alemana e infinidad de corrientes que dejan a un lado el espacio sensible para centrarse en otras cuestiones espaciales, como la forma pura, el color, la perspectiva y las dimensiones.

³ En su conferencia *Des espaces autres* Foucault pone de manifiesto la existencia no cuestionada de numerosos preceptos y conceptos generales relativos al espacio, algo que ya fue superado durante el siglo XIX con el ámbito de la temporalidad.



Fig. 2. Pintura mural en la Iglesia de Santa Sofía, Ohrid, Macedonia (Marta López 2011)

Desde la recién nacida Unión Soviética, el VKhUTEMAS planteó la transformación del perfil de artista antiguo desde la revisión y la ruptura con las formas de representación anteriores. Es en este contexto, aunque saltando de la Facultad de Bellas Artes a la vecina de Artes Gráficas, integradora de tradición y vanguardia, donde aparece *La perspectiva invertida* (1920) del ruso Pável Florenski, como una de las aportaciones teóricas más clarificadoras de esta nueva búsqueda de la ruptura con las imposiciones espaciales, en este caso, con la construcción perspectiva como elemento imprescindible para la expresión artística. Florenski, desde una revisión de la historia del arte partiendo de la iconografía bizantina y una argumentación matemático- lógica, *deconstruye* los preceptos de la ley perspectiva, que no es más que una herramienta y un modo de representación, que puede ser alterado con total validez, como incluso hicieron algunos grandes maestros. La perspectiva es para él un engaño, puesto que no muestra la imagen verdadera de las cosas, sino que grafía una visión sensible y parcial de las mismas. Estas reflexiones son simultáneas a la aparición de nuevas formas de expresión como el cubismo, que precisamente retomaba esa perspectiva múltiple, y no monofocal, que Florenski destaca en la tradición del icono ortodoxo.

Pocos años después, tras la guerra y la radicalización de los sistemas políticos, las cosas toman un rumbo diferente al que cabría esperar. Pasada la efervescencia creativa y rupturista en la Rusia del VKhUTEMAS, el mismo Florenski, que antes había participado muy activamente de la vida académica e intelectual del estado a pesar de sus discrepancias con el mismo, acabaría recluido en un gulag desde 1933 hasta su muerte, cuatro años después. La arquitectura y el arte oficiales del régimen estalinista vuelven durante un periodo de tiempo relativamente breve a la imagen clásica, tradicionalista y evocadora de los grandes imperios, algo similar a lo que ocurría con las dictaduras occidentales. Sin embargo, a medida que la Unión Soviética va perdiendo progresivamente peso en el este de Europa, la arquitectura institucional dejaría de identificarse necesariamente con el canon clásico. Un claro ejemplo de ello es la recién establecida República Popular de Polonia (1945-1989), que tras la muerte de Iósif Stalin inicia un proceso de distanciamiento del culto hacia la persona del dictador. Como era de esperar, tras años de censura y auge del realismo socialista como corriente artística oficial y única, los nuevos estados se apropiarian esta vez de la cáscara de ese nuevo arte que venía desarrollándose desde finales del XIX para emplearla como imagen, como emblema de modernidad y progreso ante el resto del mundo. Pero a pesar de que esta respuesta pueda resultar lógica, lo cierto es que una vez más se pervierte la autenticidad de lo subversivo.



Fig. 3. *Palacio de la Cultura y la Ciencia, Varsovia (Marta López 2010)*



Fig. 4. Estudio de un espacio integrado, 2ª Exhibición Nacional de Arte Moderno, Varsovia 1957, Hansen, Fangor y Zamecznik (Museo de la Academia de Bellas Artes de Varsovia)

Ante este uso indiscriminado del arte y la arquitectura como instrumentos propagandísticos, que transforman el lenguaje de la modernidad en un mero recurso retórico vacío de su contenido original, algunos de los arquitectos más significativos de la RPP de los años 50 y 60 no concentran sus esfuerzos en esta tendencia, ahora oficial, sino que buscan su refugio precisamente en el arte, en lo efímero, donde tienen la posibilidad de seguir experimentando y proponiendo una nueva espacialidad al margen de la arquitectura del poder, que alejada de tal propósito, se dedica a construir monumentos espaciales para ensalzar la supuesta voluntad de cambio y avance por parte del nuevo orden. Aun contando con la aprobación y no persecución del régimen, resulta significativo saber que los grandes proyectos de estos arquitectos nunca llegaron a construirse, debido a la imposibilidad de ejecutar ningún proyecto público que no respondiera a los intereses del estado. Los miembros más significativos de este grupo, Stanisław Zamecznik, Oskar Hansen y Wojciech Fangor, junto a otros como Lech Tomaszewski, siguieron una línea de trabajo que consistía fundamentalmente en explorar las posibilidades del espacio percibido por el sujeto, rompiendo con la tradición anterior y buscando una interacción entre el objeto y el individuo en el campo del espacio expositivo. En este caso, siguiendo con el lenguaje lefebvrino, se dilata el campo de la práctica espacial, dejando a un lado la representación oficial del espacio. En las exposiciones organizadas por Fangor y Zamecznik, *Studium przestrzeni* y *Kolor w przestrzeni* (Estudio del espacio y Color en el espacio, en 1958 y 1959 respectivamente) se realiza un intento sin precedentes en el que las obras de arte ocupan el espacio de forma diferente y convulsa, apelando al espectador y buscando su implicación perceptiva, consiguiendo trasladar la preocupación por la percepción del espacio a una sala de museo.

Previamente se había ido un paso más allá en *Studiumprzestrzenizintegrowanej* (*Estudio del espacio integrado*, 1957), donde también participa Hansen y se establece una vinculación entre la obra y el interior y el exterior de la galería, con elementos que gravitan en el espacio. También se realizaron incursiones en otros campos; Lech Tomaszewski, por ejemplo, realizó una serie de estudios topológicos y publicó un artículo titulado *Non-orientable surfaces* en 1963, vinculándose al movimiento situacionista⁴. Debido a la aparente mimesis del lenguaje usado por el grupo y del imaginario artístico generado por el estado, es difícil saber, en un primer momento, si este arte espacial no formaba parte de la artillería propagandística de la República. Más que una verdadera oposición al espacio controlado por el poder, lo que generan estos artistas es una especie de refugio en el que seguir trabajando por recuperar aquello que el poder político ha vaciado.



Fig. 5. *Color in Space*, Amsterdam 1959, Fangor y Zamecznik (Colección Piotr Zamecznik)

⁴ Tomaszewski, L. 1963 'Non-Orientable Surfaces', *The Situationist Times*, nº 5, p.



Fig. 6. *Mao's Guilt*, escultura en bronce (Hermanos Gao 2009)

Una vez disuelta la Unión Soviética en 1991 y frente a los estados abiertamente capitalistas de la actualidad, la República Popular China, con su peculiar sistema cercano al socialismo de mercado, se presenta como la evolución inmediata de los regímenes comunistas del siglo pasado (a pesar de sus diferencias ideológicas con el comunismo soviético, no hay que olvidar que en sus orígenes estuvieron fuertemente vinculados) localizados en la vorágine capitalista contemporánea. Pero al igual que en el caso polaco, aparece hoy una urgente necesidad de presentar una imagen de progreso y modernidad al resto del planeta. La arquitectura desmesurada de las grandes ciudades devora poco a poco pequeños espacios de vida tradicional colectiva, en detrimento de la historia y el patrimonio y creando una impresión a través del imaginario *high-tech* que poco tiene que ver con la realidad. Tras unos años de desdén hacia el arte contemporáneo, el gobierno chino ha reconocido hace relativamente poco el efecto positivo que éste puede tener sobre su imagen global (Wu, 2008) y la principal consecuencia ha sido la concesión de un respiro a los jóvenes artistas por parte de la censura. Es normal pasear por las galerías de Moganshan Lu en Shanghai y encontrar obras estridentes y coloristas, siguiendo las tendencias del *pop art*, que representan lo que parecen ser parodias y críticas abiertas al régimen. No obstante, nadie amenaza la permanencia de estos artistas en sus talleres, puesto que parecen nosuperar la dosis de subversión permitida por el estado. Sin embargo, otros artistas han tenido más problemas al pasarse de la raya, como los escurridizos hermanos Gao, que se refugian en exposiciones clandestinas y obras tan

“sofisticadas” como *La culpa de Mao*, una estatua del dirigente en actitud de súplica al que se le puede retirar la cabeza para evitar ser reconocido. Apoyándose en una estética realista y literal, presente desde siempre en la cultura y el arte chinos, e instalándose en el emergente *star system* favorecido por el propio régimen, los Gao (plagiados hasta la saciedad por otros jóvenes artistas de su país) distorsionan la imagen del reverenciado líder, lo que casi equivale a distorsionar las bases ideológicas del estado chino.

Queda claro que a lo largo del siglo XX la frontera entre lo transgresor y lo políticamente correcto se difumina cada vez más⁵. Naturalmente, un sistema fuerte necesita que incluso sus enemigos estén dentro de su círculo de acción. Parece arriesgado afirmar que es posible posicionarse frente al poder establecido desde el arte y generar espacios de resistencia desde el mismo, sobre todo reconociendo que el propio arte es domesticado en la mayoría de las ocasiones y reducido a un valor intercambiable o a una imagen corporativa en el peor de los casos. Es posible que refugiarse en el reverso del sistema, piratear su propio ideario para denunciarlo, y ridiculizarlo si es necesario, sea una de las pocas vías por explotar en el arte contemporáneo para rescatar su autenticidad y sentido, o quizás al contrario, olvidarse de todo ello y comenzar de nuevo, replanteando sus raíces y bases teóricas y disciplinares, como hiciera Florenski, cuestionando los límites impuestos en el espacio representativo. En todo caso, el problema del espacio como producto del poder y la necesidad emergente de una desinstrumentalización estética a nivel global se presentan como algunas de las cuestiones más complejas de nuestro tiempo, en el que la esperanza de vida de cualquier elemento subversivo, sea cual sea su origen, se podría estimar en poco más de un par de meses; tiempo suficiente para ser engullido por el sistema imperante. Probablemente puede interpretarse esta inminencia como un síntoma de alteración temporal, y que la volatilidad y la contingencia, dimensiones que ya han sido referentes en el arte a lo largo de diversas etapas de cambio, sean aspectos a reconsiderar en la espacialidad contemporánea, pudiendo trasladarse desde el plano teórico-artístico a la acción, al espacio tangible y público. Se reanuda de esta manera aquella *desacralización práctica* de la que hablaba Foucault, que parece haber quedado estancada en las últimas décadas bajo la fuerte presión de los gobiernos y los mercados sobre todas las dimensiones humanas. Estamos en condiciones de preguntarnos si, hoy por hoy, un *flashmob* puede ser una obra de arte como lo puede ser un cuadro. Aceptar, por tanto, la condición inestable y efímera de aquello que se desintegra nada más nacer sea tal vez un paso más para la generación y búsqueda de esos espacios alternativos.

⁵ La famosa contracultura, cuyo nacimiento anunció Roszak en 1969, pasa de formarse como el reverso de la cultura oficial a convertirse casi en una parte de la misma.

REFERENCIAS:

Boron, A. 2006, *Poder, "contra-poder" y "antipoder."* Notas sobre un extravío teórico político en el pensamiento crítico contemporáneo, Revista Alternativa, n°24, ICAL, Instituto de Ciencias Alejandro Lipschutz

Foucault, M. 1984 [1967], *De los espacios otros (Des espaces autres)*, Conferencia publicada en el Cercle des études architecturales, 14 de marzo de 1967, publicada en Architecture, Mouvement, Continuité, n°5, octubre de 1984. Traducida por Pablo Blitstein y Tadeo Lima.

Fudala, T. y Zamecznik, M. 2010, *Space between us*, publicación sobre la exposición organizada por el Museo de Arte Moderno de Varsovia y 0047, Oslo

García Canclini, N. 1990, *Culturas Híbridas. Estrategias para entrar y salir de la Modernidad*, Grijalbo, México D.F.

Hardt, M. y Negri, A. 2002, *La multitud contra el Imperio*, OSAL (Buenos Aires), vol. III, n°7, pp. 159-166

Lefebvre, H. 1976, *Reflections on the Politics of Space*, Antipode, vol. VIII, n°2, pp. 30-37; traducido por Michael J. Enders

_____ 1981 [1974], *The production of space*. Oxford: Anthropos.

Marcuse, H. 1993[1954], *El hombre unidimensional*, Planeta D. Agostini, Barcelona

Oslender, U. 2000, *Espacializando resistencia: perspectivas de "espacio" y "lugar" en las investigaciones de movimientos sociales*, en E. Restrepo & M.V. Uribe (eds) *Antropologías transeúntes*, ICANH, Bogotá, pp.191-221

_____ 2010, *La búsqueda por un contra-espacio: ¿Hacia territorialidades alternativas oco-optación por el poder dominante?*, Universidad Internacional de Andalucía, Sevilla

Rozzak, T. 1981[1969], *El nacimiento de una contracultura*, 7ª edición, editorial Kairós, Barcelona

Wu, F. 2008, citada en 'Arte y política en China: La nueva revolución cultural' en *El Comercio*, 26 de octubre, Perú. Visto el 12 de agosto de 2011 <<http://elcomercio.pe/ediciononline/html/2008-10-26/arte-y-politica-china-nuevarevolucion-cultural.html>>

BIBLIOGRAFÍA:

- Arendt, H. 1997 [1995], *¿Qué es política?*, Ediciones Paidós, Barcelona
- Bachelard, G. 2000 [1957], *La Poética del Espacio*, Fondo de cultura económica, Buenos Aires
- Buci-Gluksmann, C. 2006, *Estética de lo efímero*, Arena Libros, Madrid
- COMPOSITE. 2005, *Sobre la situación actual de la arquitectura: genealogías, diagnósticos e interpretación*, Universidad de Sevilla, Sevilla
- Cosgrove, D. 1985, *Prospect, Perspective and the Evolution of the Landscape Idea*, Transactions of the Institute of British Geographers, New Series, vol. X, nº1, pp. 45-62
- Derrida, J. 1995 [1991], *Dar (el) tiempo*, Paidós Básica, Madrid
- Jackson, P. 1998, *¿Nuevas geografías culturales?*, University of Sheffield. Department of Geography, Sheffield
- Lewis, D. 1973, *Counterfactuals*, Harvard U P., Massachussets
- Nancy, J-L. 2000, *La Comunidad Inoperante*, Libros Arces-Lom, Santiago de Chile

Lugares, utopías y paisajes de la desestabilización sobremoderna

Jesús Oliva Serrano¹

¹Departamento de Sociología, Universidad Pública de Navarra, España

Resumen. Algunos de los procesos que configuran las sociedades del último cambio de siglo (hipermovilidad, compresión espacio-temporal, turismo de masas, telecomunicaciones, etc.) están transformando también la naturaleza de nuestras relaciones socioespaciales. Si consideramos la historia de estas relaciones como una actividad incesante de significación de lugares y diferenciación de espacios (los sentidos del habitar y de la pertenencia, su representación imaginaria, su papel en nuestra seguridad ontológica, etc.) buena parte de ellas aparecen hoy afectadas y reconstruidas sobre unas bases progresivamente ampliadas y cambiantes. Estas mutaciones pueden ser analizadas en diferentes manifestaciones y escalas: desde la necesidad reciente de imaginar otras categorías explicativas para estos procesos (*edge city*, *glocalización*, *translocal*, etc) a las propias prácticas espaciales cotidianas (multiresidencialidad, *commuting* de larga distancia, etc) o la política territorial (*city marketing*, *rural branding*, etc). Reflexionamos aquí brevemente sobre todos estos cambios y sus consecuencias en relación con nuestra experiencia dialéctica con los lugares.

Palabras clave: Urbanización - Relaciones socio-espaciales - Políticas territoriales

Durante el pasado siglo, el proceso de *modernización fordista* (Harvey, 1989) asociado con las revoluciones productivas (agraria, industrial) así como las fuentes de energía barata (petróleo) y el proceso de urbanización ha multiplicado la población planetaria, que apenas empezaba a superar los primeros mil millones de habitantes al comienzo del mismo y hoy suma más de 6 mil millones (la mitad de ellos residiendo ya en áreas urbanizadas). Esta transformación puede ser interpretada como un proceso de urbanización general pues la proliferación de las ciudades, concentrando población y servicios, como explica un informe reciente de Naciones Unidas, ha jugado un papel decisivo en su resultado (ONU, 2010). Como contrapartida, otros desafíos, que adquieren un calibre proporcionado a esta ingente reorganización socioespacial afloran para su sostenibilidad social, económica y medioambiental (pobreza, contaminación, etc.).

Por otro lado, la fase última de toda esta *modernización fordista* ha dado paso a una nueva desestabilización, favorecida por la creciente distorsión entre las viejas formas políticas localizadas y un capitalismo financiero global, que encarna de manera paradójica la idea de la “cabina sin piloto” con la que Bauman (2001) resume la experiencia de esta modernidad tardía carente de cartografías y proyecto. Los poderes emanados del nuevo *espacio de los flujos* (Castells, 1996) (capitales, élites, información) parecen someter al viejo espacio de los lugares (regiones, ciudades, etc.) a una distorsión indomable y ciega. La *compresión espacio-temporal* (Harvey, 1989) favorecida por los avances tecnológicos en el transporte y las comunicaciones han dotado a estos poderes, basados en la erosión del espacio, con unas ventajas eficazmente administradas por un nuevo capitalismo global que, sin embargo, nunca resuelve sus contradicciones ni problemas. Solo los desplaza de un sitio a otro alimentando un proceso continuo de *acumulación por desposesión* (Harvey, 1989) (deslocalización productiva, explotación laboral, apropiación de recursos, etc.).

A pesar de que bajo estas relaciones desiguales de poder los flujos no solo se conforman con los poderosos y lo valioso (inversiones, turistas, etc.) sino también con los grupos desempoderados (inmigrantes laborales, refugiados, desplazados), los sectores delictivos (narcotráfico) y con todo lo sobrante (como la basura tecnológica o los residuos contaminantes), el resultado sigue siendo el mismo. El viejo espacio de los lugares ha sido subvertido por una lógica en la que regiones, ciudades y lugares compiten, bien para conectarse a la suerte de los nodos afortunados y atraer los recursos (*city marketing*, *rural branding*, etc.) o bien para evitar padecer la precarización de los espacios redundantes.

Nuestras relaciones socioespaciales aparecen reconfiguradas por estos procesos de manera determinante. Como también son modificadas por la propia transustanciación post-panóptica (Virilio, 1988, 2006) de los espacios sobremodernos (videovigilancia, edificios inteligentes, *check-points* del tránsito, *bypasses*, etc.). En muchos de ellos se desata una guerra desigual, alimentada por el terror que tiene a las ciudades como objetivo, las rebeliones periódicas de las periferias (desde Londres o París al Magreb), la tensión social que se agazapa en las ciudades socialmente dualizadas o la segregación y dispersión urbana (Comisión Europea, 2006; ONU, 2010). Las nuevas formas de organización socio-técnica de nuestras relaciones socioespaciales, como

han mostrado Graham y Marvin (2001), suponen una erosión general del compromiso colectivo que sustentaba a la vieja ciudad *fordista*. No sorprende por tanto que los ensayos de las guerras del futuro, realizados literalmente en escenarios que reproducen la urbanización de baja densidad de las megalópolis occidentales (Graham, 2009), aporten nuevas estrategias de intervención y control del espacio urbano trasladables a cualquier ciudad (desde Río de Janeiro a Los Angeles).

Pero además, nuestra experiencia socioespacial adquiere una dimensión nueva también como consecuencia de la proliferación de esos *no-lugares* con los que Augé (1992) caracteriza la sobre modernidad. Espacios para la circulación (como las estaciones o autopistas), falsas utopías que replican la densidad metropolitana en cualquier intersticio periurbano (como los centros comerciales o los parques temáticos), otras formas de la ciudad *genérica* (Koolhaas, 1997) o de las ciertas representaciones *postrurales* (aldeas metropolitanas, pueblos de ocio, etc.). En conjunto, todas estas materializaciones de unos espacios sin historia conforman un territorio en creciente simbiosis con los viejos lugares que propone unos sentidos y formas de relación diferentes. Las nuevas *economías de signos y espacios* y el impacto que el *post-turismo* ejerce en estas elaboraciones ha sido puesto de manifiesto por diferentes autores (Lash y Urry, 1994; Urry, 1990, 1995).

Y si los indicios de la mudanza que apuntamos se evidencian en los crecientes problemas de la gobernanza territorializada (como en el desbordamiento de los poderes locales por ciertos procesos o la violencia) también los encontramos expuestos, y de forma paradigmática, en las nuevas categorías desarrolladas para explorarla. Así, al mismo tiempo que algunos conceptos tradicionalmente empleados para diferenciar nuestras relaciones socioespaciales (como la dicotomía rural-urbana) parecen convertirse cada vez más en una suerte de categorías “zombies” (aún activas pero progresivamente descentradas respecto a la realidad que representan), otros nuevos son propuestos bajo las formas de un oximoron (glocal, ciudad-borde, multiresidencialidad, turista residente) o fórmulas compuestas (post-ciudad, translocal, transnacional, etc.) para superar o ir más allá de las limitaciones antiguas.

En resumen, los procesos que hemos perfilado sugieren la necesidad de prestar una mayor atención a la forma como nos relacionamos con unos lugares y espacios sometidos a una transformación radical. Y para hacer esta incursión, en un territorio que se nos presenta todavía con la ambigüedad de lo que solo conocemos parcialmente, debemos arriesgar otras categorías y metáforas que permitan interpretarlo con solvencia. Por ejemplo, las formas de catastróficas de esta sobre modernidad, como los grupos sin lugar ni espacio desplazados por la guerra y el hambre en el Cuerno de África, los lugares arrasados por las incertidumbres climáticas y de la modernidad (como Fukushima) o los espacios fracasados (como la ciudad reducida de Detroit).

BIBLIOGRAFÍA:

- Castells, M. (1996): *The Rise of the Network Society*. Cambridge MA, Blackwell
- COMISION EUROPEA 2006, *Urban Sprawl. The ignored challenge*, EEA Report nº 10, Bruselas
- Graham, S. 2009, *The urban 'battlespace'*, en *Theory, Culture and Society*, 26 (7 8), pp. 278-288
- Graham, S. y Marvin, S. 2001, *Splintering Urbanism. Networked Infrastructures, Technological Mobilities and Urban Condition*, Routledge, Londres
- Harvey, D. 1989, *The Condition of Posmodernity. An enquiry into the origins of cultural change*, Basil Blackwell, Oxford
- Koolhaas, R. 1997, *The Generic City*, en *Domus*, 791, pp. 3-12
- Lash, S. y Urry, J. 1994, *Economies of sign and space*, Routledge, Londres
- ONU 2010, *Cities for All. Bridging the Urban Divide*, UN-Habitat, Nueva York
- Urry, J. 1990, *The Tourist Gaze: Leisure and Travel in Contemporary Society*, Sage, Londres
- _____ 1995, *Consuming Places*, Routledge, Londres
- Virilio, P. 1988, *Estética de la desaparición*, Anagrama, Barcelona
- _____ 2006, *Ciudad pánico*, Libros del Zorzal, Buenos Aires

La visibilización del conocimiento. Mapeado conceptual de redes de investigación.

Carmen Guerra de Hoyos¹ y David Soria Pedraza²

¹ Profesora del dpto. HTCA, Universidad de Sevilla, España

² David Soria Pedraza. Arquitecto.

Resumen. Una de las dificultades del trabajo en redes interdisciplinarias de investigación viene por la diversidad de las aportaciones y su pertenencia a campos de conocimiento y presupuestos metodológicos distintos. El mapa que se plantea sobre la red de estudios socioespaciales, desde el análisis de las publicaciones que compilan los diferentes encuentros, quiere ayudar a la comprensión de su campo de estudio, visibilizando las relaciones entre conceptos y áreas temáticas, pero también delatando las carencias, las superposiciones, y calibrando, en la medida de lo posible, cuáles han sido hasta ahora los polos de interés expuestos en los diferentes encuentros.

Palabras Clave: Mapas, Redes, Conocimiento, Gestión, Complejidad

1 Introducción. De lo leído a lo visto

Si tuviésemos que escoger alguna de las características que definirían en profundidad el momento cultural en el que estamos, deberíamos destacar la sobreabundancia de información. Es en nuestros días cuando esta condición hace que el acceso a datos de nueva creación o de cualquier momento temporal, sea tan inmediato que, al integrarse en los modos de incorporar y producir conocimiento, los transforma en dimensiones todavía poco previsible.

No vamos a entrar en cómo inciden, las nuevas condiciones de acceso al conocimiento, en la formación o en la docencia, aunque es una de las cuestiones básicas a reflexionar en la teoría y la praxis de la transmisión del conocimiento, pero nos gustaría examinar cómo, en un campo de investigación interdisciplinar concreto, el de los estudios socioespaciales, la densidad y la acumulación de datos, información, reflexiones, e investigaciones, puede requerir una implementación añadida para optimizar la operatividad de las sinergias y las convergencias entre líneas de investigación dentro de una red.

Hay que reconocer que la realización de mapas y esquemas conceptuales es una herramienta que ha surgido con fuerza en los últimos años en una multiplicidad de áreas de conocimiento. Probablemente cualquier lector disponga de algunos ejemplos recientes de aplicación de lo gráfico a la visibilización de lo conceptual. Sin embargo, hasta ahora no disponemos, ni hemos tenido noticia, de precedentes en mapas de redes de investigación, aunque entendemos que es una necesidad intrínseca a las relaciones de esta red, sobre todo en aquellas, cuyo corte interdisciplinar e internacional produce una considerable variabilidad de los aportes realizados por los investigadores. En ese sentido, nuestra lectura, realizada desde la materialización de la red que suponen las publicaciones fruto de los sucesivos encuentros, es un planteamiento innovador, que esperamos sea de utilidad para el conjunto de investigadores que, a la postre, es la finalidad de este trabajo.

Quizás sea un ámbito como el arquitectónico, con una importante carga de lo visual y lo gráfico, el necesario como punto de partida de esta reflexión, pues lo que se pone en marcha es la transformación de lo teórico, lo conceptual, a un soporte visual, donde se hagan visibles las temáticas, y las interacciones entre conceptos. Parece claro que las imágenes, como los textos, están abiertas a la interpretación, y en este acercamiento que proponemos, pretendemos abrir el mapeado realizado al análisis y la comprensión e interpretación colectiva o personal de los investigadores interesados. Nuestra lectura, quiere ser una más entre las posibles, que, aunque disponga de la perspectiva que le otorga la elaboración y la construcción metodológica, también tiene las zonas ciegas que le imprime su propio campo de conocimiento.

Este trabajo surge también como respuesta explícita a las preguntas y propuestas formuladas en la última sesión del que había sido, hasta el presente encuentro, el último congreso RESE en Sevilla en 2009, por las que se planteaba la inquietud de que, una vez constituida y consolidada la red de estudios, debían comenzar a producirse proyectos de investigación y trabajos conjuntos por diferentes nodos, algo que empezó a considerarse en ese mismo marco, pero para ello hacía falta una conciencia de temáticas o líneas que pudieran hacer converger productivamente las investigaciones realizadas. De esta necesidad se parte para resolver la dificultad de encontrar, gestionar y, en definitiva, hacer operativas las concomitancias entre discursos, autores y temáticas de investigación. Donde este mapa y esta comunicación pretenden ofrecer a la red RESE un punto de apoyo que densifique y consolide la investigación conjunta.

2 Proceso metodológico: encuentros y cautelas

Al plantear un mapa de la red de estudios socioespaciales, el primer prejuicio de partida es que es una propuesta ciertamente ambiciosa, no solo por la amplitud de la red, en cuanto a nodos y a miembros, sino porque una instancia tal como una red de investigación tiene una componente que podríamos llamar de evanescencia, puesto que tras las instituciones, habría que localizar en las actividades y los currículums de los investigadores la materia real que alimenta el conocimiento de la red. Registrar ese suelo, se revelaba una tarea imposible para el marco del trabajo que planteábamos, y aunque somos conscientes que dicho suelo es probablemente la red más real, teníamos que encontrar un campo acotado y claro, sobre el que poder realizar ese mapa.

Al fin y al cabo la red no sólo está constituida por miembros y nodos, sino por sus encuentros en forma de seminarios o congresos, y la existencia de un trabajo sostenido de publicación y registro de estos encuentros. Hacemos uso de estos documentos como testimonios de lo que son amplias carreras de investigación, currículos y publicaciones de los miembros de la red, entendiendo que suponen ya una cierta voluntad por parte de la propia red RESE de acotar las áreas de conocimiento en las que se focaliza. Por tanto, el trabajo que presentamos es fundamentalmente un mapa de los libros fruto de los encuentros, jornadas y seminarios realizados dentro de la red desde 2006, aunque la formación institucional de la misma se realiza en el encuentro de Medellín en 2007. En un arco temporal de cuatro años tienen lugar cuatro encuentros, dos en Medellín (2006 y 2007) y dos en Sevilla, (2008 y 2009), con participación de miembros de la red, y con publicación posterior, que se toman como base de realización del mapa. Estos documentos son “(Des)territorialidades y (No)lugares, procesos de configuración y transformación social del espacio”(2006), con trece textos, “Geopolíticas: espacios de poder y poder de los espacios” (2007) con nueve textos, “El presente de los procesos socioespaciales. Soportes para lo común y lo identitario”(2008) con cinco textos y “El

territorio como Demo: demo(a)grafías, demo(a)cracias y epi-demias”(2009), con quince textos¹.



Fig.1. Portada del mapa. Autor: David Soria Pedraza

La segunda componente determinante en este trabajo es que surge de la colaboración entre un alumno de último año de licenciatura de arquitectura, David Soria Pedraza, que consigue una beca del Ministerio de Educación y Ciencia de España, para realizar un trabajo de inicio a la investigación, tutorado por la doctora Carmen Guerra de Hoyos. La coincidencia de esta beca con la celebración del congreso del 2009 en Sevilla, organizado por el grupo de investigación al que pertenece la tutora², hace que el alumno consiga una cercanía con la temática de la red, y que confluyan los intereses de ambos en encontrar una herramienta que permita responder a la necesidad de visibilizar los campos conceptuales tratados para encontrar las convergencias posibles.

Dentro del grupo de investigación se han realizado algunos mapas, de diferente contenido, en el periodo de los últimos tres años, y se ha utilizado el mapeado conceptual como herramienta de aprendizaje y de docencia tanto en grado como en posgrado, pero esta propuesta tenía como objetivos concretos conseguir una visibilización del campo de contenidos de la red para sus propios investigadores, al mismo tiempo que permitir el acceso temático a la información generada en los encuentros, de manera que se hiciese más fluido el acceso a los mismos, sobre todo teniendo en cuenta que algunos de ellos tienen formato digital y son accesibles desde la red al completo.

¹ Ver referencia bibliográfica final para el resto de datos de cada publicación.

² Outarquías HUM 853. <http://outarquias.wordpress.com>

El modo de trabajo establecido para la realización del mapeado es bastante simple: se estableció una rutina de trabajo, por la que se elaboraban fichas de cada texto (comunicaciones, ponencias) de los libros, realizando un resumen, si el texto no lo incorporaba, y escogiendo una serie de palabras clave, de conceptos que resultaran sintéticos de los intereses del discurso. Una vez analizada cada publicación, se realizaba un repaso y síntesis de los términos elegidos, para acotar el arco semántico o encontrar conceptos marco de diferentes términos.

En ocasiones se han reflejado en el mapa términos parecidos, situados en proximidad unos de otros, porque los contenidos de los discursos atienden a problemáticas de fondo casi enfrentadas. Por ejemplo se han situado un conjunto de definiciones espaciales aparentemente parecidas como “nuevas especialidades”, “no lugares”, “otras organizaciones del territorio”, u “organización del territorio”, porque los discursos que las sustentan atienden a posiciones radicalmente diferentes: entre “nuevas especialidades” y “no lugares”, hay un salto tecnológico y productivo, entre “nuevas y especialidades” y “otras organizaciones”, diferentes conceptos culturales, entre “organizaciones” y “otras organizaciones” diferentes concepciones políticas....

El criterio, por tanto, ha sido mantener la variabilidad terminológica allí donde los matices de las palabras nos permiten reflejar la riqueza de las posiciones mantenidas, y converger en términos marco, allí donde los discursos permitían una afinidad de fondo de las temáticas.

Una vez establecido el campo terminológico donde íbamos a movernos, había que encontrar una organización gráfica que permitiese leerlos conjuntamente. Aunque hicimos algunos intentos de realizar el mapa en tres dimensiones, resultaba bastante compleja su lectura, y preferimos optar por una herramienta que fuese clara y sencilla, más que por una visualización que requiriese manejar una herramienta de acceso más complicada al usuario. Así optamos por organizar los conceptos en dos dimensiones, y como desde un primer análisis del listado de palabras se decantaban tres temáticas de fondo, como tres polos respecto a los que organizar los términos: lo social/cultural, lo político/económico y lo físico/territorial, se organizó el mapa situando estos tres polos como punto de partida de la situación de los términos.

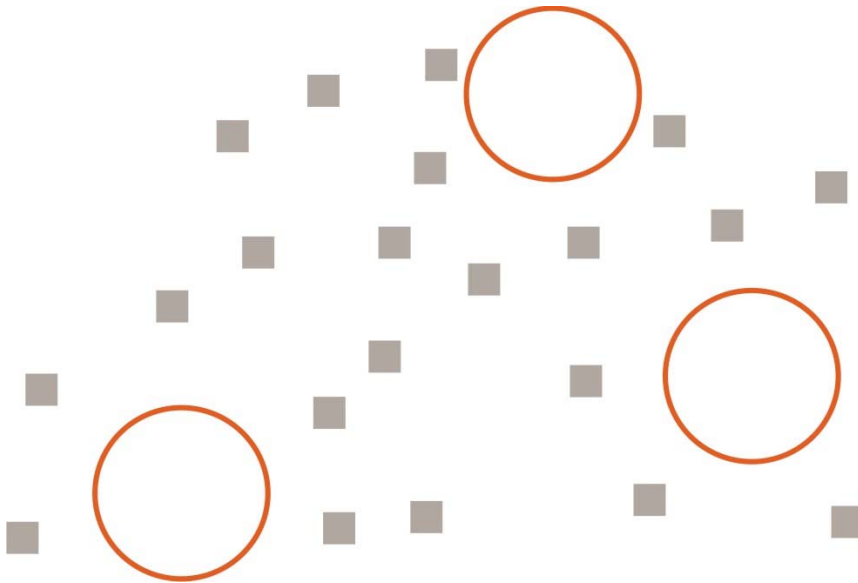


Fig.2. Organización de conceptos (David Soria Pedraza)

Estos tres campos, deliberadamente amplios, organizan la estructura del mapa, en principio de una manera regular, aunque, como señalaremos en el análisis de los resultados, no está reglamentariamente colmatado el espacio, surgiendo zonas de una densidad de términos mucho mayor que otras. Pero justamente eso es lo que íbamos buscando, el encuentro de esas zonas que agrupan más intervenciones y más preocupación de los investigadores.

A partir de cada término se accede a un listado de los textos, de todos los libros, que lo recogen (fig 3). Desde ese listado se puede acceder a una ficha básica con información de cada uno de ellos (fig 4) y que incluye el resto de términos que aborda ese mismo texto, y desde ellos puede volverse al mapa general o entrar en cada concepto.

más pequeños entre 1 y 4 textos. Así se permite una valoración intuitiva de la repercusión de cada temática, sin tener que salir de esa misma pantalla. El formato final, mediante una aplicación flash, con acceso desde la red, permite un acceso fácil desde una pantalla inicial de presentación, con los datos generales del trabajo, por la que se entra en el mapa, y desde ahí ya se pueden realizar recorridos diferentes en función de los intereses de los usuarios.

La situación de cada término en el espacio acotado por los campos temáticos se iba efectuando por ajustes con el resto de los términos y por afinidad o cercanía a algunos. Así, como se ha explicado antes, surgían zonas donde se agrupaban conjuntos de palabras semánticamente similares, y la ubicación intenta reflejar algunos de esos matices de sus significados. En algunos casos, esa cercanía se produce en una zona de proximidad circular, en otros, y forzados por la ubicación de otras palabras, las afinidades crean algunas líneas más extensas, como sucede con los términos “colonialismo”, “desplazamientos forzados”, “desterritorialización”, “territorialización”, “migración”, “etnicidad” y “movilidad”, o el eje formado por “violencia”, “guerra”, “desplazamientos forzados” y “apropiación del espacio”.



Fig.5. Afinidades y circularidades (David Soria Pedraza)

3 Explorando el nuevo territorio. Reconocimiento de límites y problemáticas

Cuando, dentro de los distintos trabajos de mapeado que se realizan en el grupo de investigación, se llega a la fase del análisis del mapa, normalmente se realiza un estudio muy detallado del mismo, se procura ahondar en los contenidos y las coincidencias encontradas porque en ese análisis se pretende que el investigador en aprendizaje refuerce su propia formación. En este caso, realizar un análisis para exponerlo ante un conjunto de investigadores experimentados conlleva una serie de riesgos que no conviene desdeñar.

El primero de ellos viene por que lo que se está planteando es una herramienta de debate en la red, es decir que los investigadores interesados realicen su propia comprensión y análisis del mapa, como medio de relacionarse o enfrentarse a posturas diferenciales de la suya. Desde esa perspectiva, realizar un análisis propio, más allá del que supone la propia elección y situación de los términos, es bastante aventurado, porque parece que quiere convertirse en “la lectura” que debe hacerse. Lejos de eso, el debate que se produzca con seguridad pondrá en crisis nuestra propia lectura, algo que servirá sin duda para profundizar en el conocimiento mismo de la red, pudiendo redescubrir y “mover” las áreas de conocimiento para crear una revisión del mismo.

Pese a los riesgos, la comunicación está enfocada a proponer una lectura propia del mapa que, si se quiere, sirva para comenzar el debate, y explicitar nuestra propia posición. Para ello, intentaremos hacerla no de un modo exhaustivo y casi científico, lo que nos colocaría en una situación diferencial y de autoridad respecto al lector o al usuario primerizo, sino aproximándonos a lo que puede hacer cualquiera con el mapa, observarlo cuidadosamente y educir cuestiones, dejando esa posibilidad de profundización, abierta, o pendiente de lo que se produzca en el debate público del trabajo que se colgará en la web del grupo de investigación Outarquias, durante la realización del congreso.

Miremos, en primer lugar, la apariencia misma del gráfico. Pese a la equidad de distribución del espacio entre los tres polos de atracción, hay dos polos que están mucho más densos en conceptos que el tercero. Evidentemente hay menos términos relacionados con el campo político/económico que con el resto, aunque habría que matizar que, algunos de los términos cercanos, tienen bastantes textos asociados, concretamente “estado nación” (9 aportaciones), “geopolítica”(5) y “producción-improducción” (5). Parece entonces que, frente a la multiplicidad y riqueza de matices que presentan los términos asociados a lo social/cultural y lo físico/territorial, en lo político/económico, hay pocos campos de debate pero razonablemente claros en su formulación y el interés que presentan

Si miramos el polo de lo social/cultural, podemos encontrar varias cuestiones, en primer lugar que no hay demasiadas afinidades entre los términos, hay una dispersión de contenidos apreciable. Esos contenidos además están muy poco segregados, es decir, hay muchos términos con pocos textos asociados y sólo términos como

“identidad”(17 aportaciones), “exclusión” (11), “aceleración” (5), “movilidad”(8), “comunidad”(6), “imaginario”(6) o “tecnología”(6), superan la barrera de los 5 textos asociados. Esto parece indicar que hay una aparente heterogeneidad de los intereses y las perspectivas, aunque una recurrencia en la aproximación a este polo que, con claridad, es el que presenta un mayor número de términos diferentes.

Respecto al tercer polo, lo físico /territorial, la situación es bien distinta, la coincidencia temática es apreciable, fundamentalmente en torno a una acción, la transformación, ya sea del espacio mismo o del territorio. Aquí abundan los matices entre los términos, pero además con bastante insistencia en los mismos, puesto hay un grupo de términos apreciable entre los 5 y los 12 textos asociados. La recurrencia de la transformación espacial, y las posibilidades o las problemáticas que ofrece, parece una temática clave en este grupo de conceptos, y acompaña a la constatación de la transformación radical y acelerada de los entornos en los que habitamos, por lo que parece natural la convergencia en esta preocupación desde perspectivas muy diferentes que reflejan la variabilidad territorial y espacial desde donde se proponen las investigaciones de la red RESE. Durante los 4 años de congresos se ha intentado aprehender estas transformaciones bien para situarnos como sociedad en un medio espacial o para vislumbrar la dirección del movimiento espacial en que estamos inmersos.

Hay un conjunto casi continuo de aportaciones conceptuales entre el polo social/cultural y el físico /territorial. El espacio entre los dos está recorrido por un continuum de términos con pocos registros de textos cada uno, exceptuando los de “migración”, y “etnicidad”, que se sitúan en el escalón de 6 aportaciones. Los espacios intermedios entre estos dos polos y el polo político/económico están también ocupados, aunque con menor densidad de conceptos, y considerando que las aportaciones se sitúan más lejanas a este último polo, de hecho hay una cierta discontinuidad de ambas ocupaciones, aunque en ambas líneas hay sendas temáticas con claro interés como son los términos “fronteras” (7 aportaciones), “colonialismo” (6), “globalización”(10) y “biopolítica”(8). Entra dentro de la lógica del estudio que, el tercer congreso RESE tenga como temática principal el tema de las fronteras, entendiendo que su ampliación temática vendrá a reforzar probablemente esa zona del mapa que, a nuestro entender, está todavía por desarrollar. Aunque hay que hacer notar que incluso ocupando una posición centrada en el mapa, no es de las temáticas que convoca más aportaciones de textos en los seminarios celebrados hasta ahora.

Asimismo, la zona central del triángulo delimitado por los tres polos temáticos, está también bastante poco densificada de conceptos, apenas se aproximan a esta situación el término “violencia” (8 aportaciones) que, como señalábamos antes, en su afinidad temática, se extiende en curva hacia la zona intermedia de ambos polos inferiores acercándose primero al polo físico/territorial, y finalmente al polo social/cultural.

En cuanto a otro tipo de valoraciones, como la reiteración de las temáticas en los diferentes encuentros, de los 89 términos recogidos, hay seis que se recogen en los cuatro encuentros: “identidad” (17 aportaciones), “exclusión” (12), “globalización”

(10) “movilidad” (8), “colonialismo” (6) y “desterritorialización” (6). En ellos la regularidad de las aportaciones es apreciable, sobre todo en los primeros, con un número mayor de textos en los que se tratan.

También es significativo observar los conceptos recogidos al menos en tres de los encuentros, un total de 16 términos “estado-nación” (9 aportaciones), “biopolítica” (8), “violencia” (8), “atmósferas” (7), “fronteras” (7), “imaginario” (6), “tecnología” (6), “comunidad” (6), “desplazamientos forzados” (6), “virtualidad” (5), “no lugares” (5), “nuevas espacialidades” (5), “infraestructuras” (5), “geopolítica” (5), “controlado/salvaje” (4) y “especialización del conocimiento” (4). Pero salvo los primeros, con un reparto más regular de las aportaciones en los encuentros, se tiende a una polarización de la mayoría de las aportaciones en uno de los congresos y un punteo pequeño de aportaciones en el resto.

El resto de términos, un total de 67, se distribuyen entre uno (24) y dos congresos (43) y la práctica mayoría de los mismos no tiene un número significativo de aportaciones ni presenta regularidad en las parejas de encuentros en los que se sitúan, pero entre ellos queremos reseñar la existencia de términos emergentes, que entendemos que responden a inquietudes que tendrán sobradas posibilidades de desarrollo en el futuro inmediato. Términos como “nuevas subjetividades” (1), “inmunidad” (2), “representación social” (1), “contraespacios” (2), “flujos sociales” (3) o “salud urbana” (2), con pocas aportaciones, se están abriendo paso en las reflexiones teóricas, por lo que entendemos que la producción investigadora los incorporará con rapidez.

4 Conclusiones provisionales. Propuestas para un debate

Comenzaremos por lanzar algunas de las cuestiones que nos inquietan después de haber realizado esta primera aproximación al mapa de la red. A la inquietud de partida por encontrar temáticas sobre las que realizar las convergencias se le podría dar ya una primera respuesta, puesto que entendemos que cuando se produce una recurrencia de términos similares, existe una preocupación amplia por ese campo temático. En el mapa encontramos varias, de hecho hemos mencionado con anterioridad la proliferación de términos que recogen las transformaciones del espacio y el territorio, pero también hay un sector de términos convergentes en torno a la violencia, los desplazamientos forzados, la movilidad, las migraciones y la desterritorialización. Esta última línea de interés puede entenderse como el reflejo de la conflictiva realidad social y económica en los suelos de generación de las investigaciones, o bien el interés manifiesto de los investigadores en hacerse cargo de los conflictos de la realidad fundamentalmente iberoamericana.

Entendemos además, que entra dentro de la potencialidad de algunos de los términos establecer más convergencias de las aparentes, pongamos por caso el término “globalización”, con un rango de 10 aportaciones, que podría encontrar sinergias con bastantes términos a unque más alejados, como “desterritorialización”,

“identidad”, “cultura”, “imaginario”, “nuevas espacialidades”, “movilidad”, “exclusión”, o “tecnología”, como probablemente se apreciaría si se hicieran visibles los conceptos asociados a los textos que tratan esta temática. Entendemos que eso también pasa con el término “fronteras”, aunque en menor medida que con “globalización”, pudiéndose encontrar también bastantes afinidades con otros términos como “geopolítica”, “biopolítica”, “identidad”, “resistencia”, o “regiones”, entre otros.

No obstante la posibilidad real de encontrar esas temáticas de convergencia no debe enmascarar una lectura de lo realizado hasta ahora, que hace visible que hay un predominio de la componente socio/cultural sobre las demás, pero sobre todo, se hace evidente la falta de información e investigación sobre el campo político/económico, como si este debate fuera considerado secundario, o dependiente de los otros dos campos. Consideramos que obviamente es una carencia a resolver, bien mediante la incorporación de investigadores de áreas de conocimiento específicas, o mediante el acercamiento de los investigadores actuales a estas temáticas, porque parece importante que el conocimiento sobre la cultura o el territorio se involucre y comprometa en su repercusión política y económica, sin la que tememos que la producción del conocimiento se desvincule de la transformación de la realidad.

Sería deseable además que empezasen a resolverse las carencias en el espacio central, es decir, que se introdujesen conceptos en las investigaciones que mediasen entre los tres campos temáticos, puesto que ese debería ser el objetivo de una red interdisciplinar e internacional: trascender las limitaciones de las áreas tradicionales de conocimiento para encontrar un suelo intermedio y real, que integre los campos conceptuales para dejar los mínimos vacíos en una red continua y salir de las reducciones habituales en los estudios centrados en lo disciplinar. Entendemos que este objetivo debería producirse progresivamente, pero siempre que seamos conscientes de esa carencia en la red.

BIBLIOGRAFÍA:

Piazzini y Montoya 2007 [2006], *(Des)territorialidades y (No)lugares, procesos de configuración y transformación social del espacio*, La carreta social, Medellín

_____ 2008 [2007], *Geopolíticas: espacios de poder y poder de los espacios*, La carreta social, Medellín

Guerra, Pérez y Tapia 2009 [2008], *El presente de los procesos socioespaciales. Soportes para lo común y lo identitario*, Universidad Internacional de Andalucía, Sevilla

_____ 2011 [2009], *El territorio como Demo: demo(a)grafías, demo(a)cracias y epi-demias*, Universidad Internacional de Andalucía, Sevilla